

DAN KROKOS

AS ESTRELAS NEGRAS



V&R

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



AS
ESTRELAS
NEGRAS

Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Natália Chagas Máximo
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Bóris Fatigati e Juliana Bormio de Sousa
Diagramação: Adriana Lazarini Sales
Ilustração de capa: Eduardo Schaal

Título original: *The Black Stars*

© 2014 Dan Krokos
© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel. / Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-906-4

1ª edição, 2015

Impressão e acabamento: Intergraf
Impresso no Brasil • Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura juvenil 028.5

Krokos, Dan

As estrelas negras / Dan Krokos ; tradução Luciano Vieira Machado. -- São Paulo : Vergara & Riba Editoras, 2015. -- (Ladrões de planeta)

Título original: *The black stars*

ISBN 978-85-7683-906-4

1. Ficção científica - Literatura juvenil I. Título. II. Série.

15-05576 CDD-028.5

AS
ESTRELAS
NEGRAS

DAN KROKOS

Tradução: Luciano Vieira Machado



Para Suzie, Joanna e Janet, que nunca deixaram de acreditar em mim

Visitei muitos sistemas solares através de nossa galáxia. A maioria das estrelas é benigna e tem a felicidade de cintilar por um bilhão de anos. Algumas dessas estrelas têm planetas. E alguns deles permitem a existência de vida. Mas há algumas estrelas na galáxia que não são benignas. Essas estrelas têm planetas que permitem a existência de vida, mas um tipo de vida que não é propensa a viver e deixar viver. Esses sistemas solares concentram-se em extinguir a vida. Eles destroem, mesmo quando criam. Não por serem necessariamente maus: talvez essa seja simplesmente a natureza deles. Todos estamos familiarizados com esse tipo de estrelas. Passei a chamá-las de Estrelas Negras.

– Capitão Joshua Reynolds, do Comando Espacial Terrestre, em sua autobiografia *Eu vi as estrelas*.

MASON STARK NÃO CONSEGUIA LIMITAR-SE a cuidar da própria vida. Esse problema tinha resultado em sete ações disciplinares desde que havia chegado à Academia II, há três meses. Como seu amigo Tom Renner gentilmente havia observado, de acordo com o regulamento do Comando Espacial Terrestre, Mason seria expulso se fosse alvo de uma oitava ação disciplinar.

Mason se tornaria um civil e seria obrigado a deixar a Academia e seus amigos para sempre.

Claro que isso não o fez mudar de atitude.

Seis das sete infrações estavam relacionadas a conflitos com outros cadetes. O período de formação na Academia II era de seis anos, exatamente o mesmo da Academia que frequentei. Os cadetes dos primeiros anos tinham treze anos, como Mason, ou estavam prestes a completá-los. Os cadetes dos últimos anos tinham dezoito ou estavam prestes a chegar a essa idade. Eles eram grandes. E inteligentes.

E também invejosos.

Porque Mason e seus amigos tinham evitado o pior. Ou, pelo menos, conseguiram uma espécie de acordo frágil de paz entre os tremistas e os humanos. Eles eram o grupo mais famoso de todos os mundos. Naves espaciais, cuja função era fazer reportagens, ficavam estacionadas permanentemente em baixa órbita sobre Marte, onde se situavam as Academias I e II, aos pés dos Montes Eólios, uma montanha próxima ao equador. Os repórteres não tinham permissão para aterrissar, mas conseguiam tirar fotos a partir da órbita. No primeiro mês, as manchetes traziam histórias com fotografias aéreas das Academias I e II, que se distanciavam uma da outra por apenas poucos quilômetros, acompanhadas de manchetes como

JOVENS HERÓIS COMEÇAM O PRIMEIRO ANO NA ACADEMIA II

ou

MASON STARK VAI SER CAPITÃO DE ALGUMA NAVE?

Os boatos não tinham nada a ver, claro. Mason Stark não ia ser capitão de nave nenhuma. Ainda era um estudante, e tinha muito o que aprender sobre comando – ele era o primeiro a reconhecer isso. Mas a humanidade precisava desesperadamente de heróis. E acontece que Mason e os amigos dele eram os

que estavam mais à mão. O que, em sua opinião, não era nada satisfatório. Como ele manteria a lenda em que já tinha se transformado? Ainda não havia completado nem catorze anos, mas já existiam filmes e livros sobre as proezas da *Egito*.

Sendo assim, Mason não era lá muito bem-vindo à Academia II. Respeitado sim, mas não bem-vindo. Não importava quem tinha começado as seis brigas que acarretaram seis de sete ações disciplinares, ou quem havia dado um fim a elas – o diretor Oleg não permitia lutas fora das aulas de combate e ponto final. Mason achava que tinha se livrado do velho, mas o diretor fora promovido para a Academia II na mesma época do ingresso de Mason.

Às treze horas de uma sexta-feira, Mason foi informado de que sofreria sua oitava ação disciplinar. Ele estava no ginásio de esportes, usado pelas Academias I e II. O ginásio era um amplo cilindro com vinte andares de altura, exatamente entre as duas Academias. Os cadetes estavam fazendo um percurso de três minutos através de um túnel em uma montanha para chegar a ele. Cada andar tinha características diferentes para atender a necessidades diversas.

Mason acabara de entrar na sala de treinamento, no oitavo andar. Ele ainda estava suado depois da aula de Técnicas de Combate Avançado III, por isso fazia sentido dar uma corridinha antes de tomar uma chuveirada e encontrar-se com Tom, Stellan e Jeremy no refeitório. O trajeto totalizava uns quatrocentos metros contando toda a circunferência do cilindro.

Ele estava fazendo exercícios de alongamento quando ouviu um tumulto vindo do outro lado da academia de ginástica. Teve a impressão de ouvir alguém gritar, mas Mason não conseguia ver nada através do amontoado de equipamentos. Ele parou, apurou os ouvidos, até ouvir um barulho familiar: alguém tinha ligado uma almofada de resistência. Em seguida, ouviu um risinho – na verdade, quase uma gargalhada, e por sinal meio forçada.

Mason avançou, a passos suaves, por entre os equipamentos. Metade da academia de ginástica se constituía de equipamentos para exercícios – dezenas de máquinas idênticas que poderiam assumir qualquer configuração para exercitar todos os grupos de músculos. A outra metade era espaço aberto, e o piso era forrado com almofadas de resistência. Elas criavam campos de força que propiciavam resistência, assim os cadetes podiam se exercitar sem usar máquinas. Ninguém as usava. Elas faziam com que seus cabelos ficassem em pé o dia inteiro, e seu uso excessivo provocava bolhas

na pele. O simples fato de que alguém estivesse usando uma das máquinas já representava um sinal de alerta.

Naquele momento, as palavras de Tom chegaram até ele:

– Se aprontar mais uma, você está fora. Será que dá para usar a cabeça, só pra variar?

Mason retrucou:

– Acha mesmo que me expulsariam? Depois de tudo de bom que fizemos?

Ao que Tom replicou:

– E você acha que aqui eles se importam com isso?

– Somos valiosos demais para o ComET. O que é melhor para o recrutamento que a *Egito*?

Coçando o queixo, Tom refletiu a respeito.

– Quer mesmo descobrir até que ponto eles falam sério?

Mason não queria. Talvez não o expulsassem de modo ostensivo, apenas o confinassem numa sala por um ou dois anos. Quem poderia saber com certeza?

Não importava. Os pés de Mason já cruzavam o ginásio, e logo ele alcançou a metade exata do local, o ponto em que os equipamentos se encontravam com a linha de almofadas.

Nada mais nada menos que seis cadetes mais velhos estavam aglomerados em volta da almofada mais próxima. As listras nas mangas indicavam que metade deles estava no quinto ano; a outra metade, no sexto ano. Mason encontrava-se de novo no primeiro ano. Mas ele reconhecia aqueles panacas. Duas semanas atrás, tinha encontrado seu armário completamente cheio de antibiofluido. O gel de cor creme se derramara em seus pés, uma onda gelatinosa que havia estragado suas calças e botas. A notícia havia se espalhado rapidamente, e todos sabiam quem tinha feito aquilo: Marcus Jones, um garoto do sexto ano. Ele era um forte candidato ao comando quando terminasse o último ano e passasse a integrar o Comando Espacial Terrestre com a patente de oficial. Marcus era de uma maldade que Mason não conseguia entender. Era cruel pelo simples gosto da crueldade. Mas também era inteligente, obediente e respeitoso... para com os superiores.

Ninguém jamais delataria Marcus. Mason tampouco podia fazer isso, pois seria considerado uma traição aos seus colegas cadetes. Mas, como uma vez Marcus tinha quebrado o punho de Kevan Desoto, um pequeno cadete que falava demais, Mason achou que devia fazer alguma coisa. Então, invadiu o computador central, encontrou a cena gravada pelas câmeras de segurança,

que mostravam Marcus jogando Kevan no chão, e enviou as imagens para as telas do refeitório durante o almoço. Não estava delatando Marcus – havia uma gravação. Mason apenas a mostrara a todo mundo.

Pelo fato de ter entrado num sistema reservado, o diretor Oleg aplicara a Mason sua sétima ação disciplinar. A punição de Marcus não tinha sido divulgada.

Agora, próximo da almofada, os cadetes mais velhos rodeavam um rapaz com um lado do corpo preso pelo campo de força, joelhos encostados no peito. O cadete era alto, mas primeiranista como Mason, com cabelos loiros esbranquiçados e membros fracos. Era Stellan, um de seus melhores amigos, um dos cadetes que o ajudaram a estabelecer o novo clima de paz reinante. Um tripulante da nave *Egito*.

A raiva atingiu Mason como um raio, e com a mesma intensidade de calor. Manteve-se imóvel ali enquanto sua pulsação acelerava, e um dispositivo fixado à manga de sua camisa começou a zumbir, advertindo-o de que controlasse o ritmo de seus sinais vitais. Considerava-se que os cadetes deviam ser treinados para manter o controle em qualquer situação. *Cabeça lúcida é cabeça viva*, diziam.

Mason quis dar aos cadetes uma mostra de como agir corretamente. Mas queria manter a mente lúcida. Stellan gostaria disso. O amigo sempre lhe dissera para usar palavras, não os punhos.

Os cadetes soltavam risinhos enquanto Stellan lutava para se livrar do campo de força. Ele não conseguia se mover nem um centímetro, mas seus olhos podiam enxergar. Eles se voltaram para Mason, e os cadetes seguiram seu olhar, virando o corpo.

– *Steak!* – saudou Marcus alegremente. “Steak” era o apelido estúpido que tinham lhe dado. Mason não sabia direito por que, mas imaginava que fosse uma brincadeira com seu sobrenome, Stark. – Que bom que você pôde se reunir a nós. Aqui não tem câmeras de vigilância, você sabia?

Mason avançou alguns passos, percorrendo metade da distância. Três dos estudantes do quinto ano recuaram, mas depois pareceram se recompor e endireitaram o corpo, os ombros empinados, o peito estufado.

– Por favor, desativem o campo de força – pediu Mason.

Aquela era a única chance deles. Havia pedido com delicadeza. Tinha dito até “por favor”.

Marcus o olhou com seus olhos brilhantes e inteligentes. Em uníssono, os cadetes se puseram a rir. O riso soou forçado, como antes.

– Mason, vá embora... – disse Stellan, esforçando-se para conseguir falar. Era claro que o campo de força era muito forte, e que ele estava com dificuldade de respirar.

– Um dos Cinco Fabulosos – falou Marcus. – Estamos honrados com sua presença – ele fez uma leve reverência zombeteira, e os outros o imitaram.

Marcus tinha cabelos pretos encaracolados, um pouco compridos demais para os padrões do ComET (um centímetro apenas, talvez), algo que Mason supunha ser permitido a ele por ser uma estrela em ascensão.

Os Cinco Fabulosos era o nome que a mídia inventara para designar Mason, Tom, Merrin, Jeremy e Stellan. Merrin Solace era a melhor amiga de Mason desde antes da Academia I, embora não a tivesse visto nem falado com ela desde aquele dia, na estação espacial tremista, em que o tratado tinha sido assinado. Mas ele pensava nela o tempo todo. Ela estava em Skars, o mundo dos tremistas, com seu pai, o rei dos tremistas.

Mason disse mais uma vez:

– Por favor, desativem o campo de força.

– Senão... o quê? – indagou Marcus.

Mason não respondeu nada.

Marcus esperou, depois esfregou as mãos.

– Vou dizer uma coisa pra você: dê o fora daqui; do contrário, vai ficar como ele. Que tal, herói?

– Por favor, Mason – pediu Stellan. – Você será expulso. O que é mais importante? Deixe que eu me viro.

Foi como se uma lâmpada se apagasse acima da cabeça de Marcus. Seus olhos se esbugalharam, depois se estreitaram, e ele abriu um sorriso perverso.

– Ah, espere aí. Você sofreu sete punições, não foi? – ele não esperou pela resposta. – Isso aí, sete. Eu tenho acompanhado. Por que acha que já está na sétima, Steak? Acha que foi por minha causa?

Marcus odiava Mason porque ele era um concorrente direto, embora fosse muito mais novo, e isso antes de Mason humilhá-lo mostrando seu ato covarde para toda a escola.

“Agora ele está ainda mais perigoso”, pensou Mason, mas não disse nada em voz alta. Às vezes, era melhor assim. O mecanismo ainda vibrava contra o seu braço, mas com menos intensidade. Procurava manter uma aparência de frieza, embora fervilhasse por dentro.

– Acho que *foi* por minha causa. E eu acho que você *deve* querer dar o fora daqui imediatamente, a menos que deseje se tornar um civil antes do jantar.

Sem dúvida, Marcus tinha razão. Mas Mason estava pouco ligando para isso. Só se importava com o que era certo. E deixar Stellan pra trás não era certo.

Mason fez com que suas luvas do Rhadgast escorregassem pelo antebraço para cobrir as mãos. Um Rhadgast lhe dera o par de luvas faiscantes de eletricidade na estação espacial tremista, além de tê-lo convidado para entrar na escola deles, se Mason quisesse saber a verdade sobre seus pais, os quais, além de Merrin, eram a única coisa que ocupava seus pensamentos.

Suas luvas tinham sido confiscadas quase de imediato. Os cientistas do ComET queriam estudar suas propriedades. As luvas se revelaram sem utilidade; quando usadas, não se ajustavam nem às mãos nem aos braços, e estavam descarregadas. Logo apareceu uma matéria na mídia:

MASON STARK FOI VISTO SEM AS LUVAS QUE GANHOU DO RHADGAST

Com o subtítulo:

O QUE SIGNIFICA ESSE GESTO PARA A PAZ?

Prontamente lhe devolveram as luvas e permitiram a entrada de fotógrafos na Academia II para fotografá-lo com elas. Depois, Mason recebeu ordens de manter as luvas no armário o tempo todo, instrução, é óbvio, que ele não seguiu.

Toda noite ele treinava com elas por uma hora, como faria com uma arma cujo uso quisesse dominar. Deitava na cama com as luvas, sentindo seu contato. Mas era só isso; não tinha conseguido atrair nenhuma eletricidade para a superfície. As luvas readquiriam vida quando ele as colocava, mas tivera o cuidado de não contar isso a ninguém, exceto para o seu grupo. Depois de semanas de treino, havia se tornado capaz de controlar a forma das luvas. Conseguia tirá-las das mãos e manipulá-las de forma que lhe cobrissem os antebraços do punho ao cotovelo. Sob a camisa preta de mangas compridas (uniforme padrão do ComET, com calças pretas e botas pretas), ninguém conseguia ver as luvas. Mas ele estava sempre com elas. Elas faziam Mason se sentir mais seguro, de certa maneira, e eram um lembrete permanente de seu objetivo: voltar a encontrar o Rhadgast.

Marcus ficou boquiaberto quando viu que as mãos de Mason estavam cobertas com o material arroxeadado, uma espécie de borracha colante. Elas pareciam azul-arroxeadas sob a luz crua da academia de ginástica.

– Elas funcionam... – murmurou um dos garotos do quinto ano.

Marcus engoliu em seco, mas logo se recompôs.

– Você não se atreveria.

Não, Mason não o faria. Atacar um cadete com as luvas dadas pelo Rhadgast acarretaria sua expulsão do Comando Espacial Terrestre. Além disso, ele não queria nem imaginar como a história seria distorcida, ou que consequências teria para um acordo de paz que desde o início havia se mostrado muito instável.

Assim, em vez disso, Mason apontou o indicador para a almofada de Stellan e disparou uma minúscula descarga de eletricidade com a ponta do dedo. A descarga avançou em meio à aglomeração de cadetes, atingindo a almofada. Esta sibilou, estalou e então se deslocou, o mesmo acontecendo com as outras almofadas da sala. O silêncio era de certo modo ensurdecido, após o que ouviu-se o ruído abafado da força percorrendo os circuitos em velocidade, e depois apenas alguns poucos cadetes ofegando um pouco alto demais.

Cruel ou não, Marcus não deixava de ser inteligente. Ele engoliu em seco.

– Tenho testemunhas, *Steak*. Sua situação é esta: eu sofri três punições. Você sofreu sete. Acabou.

Stellan ergueu-se da almofada e sacudiu a poeira das roupas. Seus cabelos estavam espetados, e ele não sorria. Parecia triste.

Marcus fez menção de falar outra coisa, mas Mason simplesmente apontou para o peito dele e disse:

– Fora daqui – com toda a autoridade que conseguiu expressar.

Marcus sustentou o olhar de Mason por mais um instante de desafio, depois falou:

– Vamos embora.

Foram andando devagar, sem perder o ar arrogante. Marcus lançou um último olhar por sobre o ombro, e Mason notou uma fagulha percorrer o olho que estava visível. “Fiz um inimigo eterno.” Então, eles se foram.

Mason soltou o ar expirando vigorosamente. Marcus não iria delatá-lo, pois podia ser punido também.

Stellan ficou de pé, e Mason ergueu as luvas até voltarem a cobrir os antebraços. Mason estendeu a mão para apertar a do amigo, mas Stellan lhe deu um abraço.

– Você se arriscou um bocado – disse ele.

– Somos uma equipe – respondeu Mason, como se isso explicasse tudo.

E de fato explicava.

Stellan abriu um sorriso.

– Como está o meu cabelo?

Pela primeira vez, Mason se permitiu um riso forçado.

– Já estive em melhores condições.

– Droga. Você vai ter que me ajudar a dar um jeito nele. Vou conversar com Juniper Mass no jantar. Ela ficou olhando para mim no portão IV hoje.

Eles se dirigiram à saída, e foi então que Mason viu Marcus e seu grupo sendo algemados por uma equipe de segurança, que devia ter vigiado toda a ação por uma câmera escondida. Marcus tentava se livrar da enrascada, apontando para Mason e Stellan. Os cinco guardas de segurança não tinham um ar muito amistoso.

Mason estava olhando para as outras duas saídas da academia de ginástica – escapar era uma ideia viável, já que ainda não tinham sido vistos, mas para onde fugiriam? –, porém logo em seguida ouviu uma voz atrás dele:

– Mason Stark, você está numa séria enrascada.

MASON SE VIROU DEVAGAR. O comandante Lockwood avançava em sua direção, de cara feia.

– Já entendi, Patrick, obrigado – disse o comandante para o segurança que se dirigia a eles.

Lockwood não era uma má pessoa – para falar a verdade, enquanto estavam juntos na nave *Egito*, ele tinha sido o único oficial a dar alguma informação aos cadetes. Mas ele também era alguém bem fácil de se irritar, com um rosto de ave de rapina, agora ainda mais marcante por causa das cicatrizes. Lockwood quase morrera na *Egito*, vítima de várias queimaduras provenientes de armas de energia dos tremistas, foi o raciocínio rápido dos cadetes que o manteve com vida. Posteriormente, o comandante havia solicitado para ser transferido à Academia II a fim de continuar a trabalhar com os cadetes. Ele dava lições para Mason e seu grupo sobre Combate Espacial Avançado II, treinamento que se concentrava nos combatentes menores da frota do ComET.

– Senhor – disse Mason, colocando-se em posição de sentido.

Lockwood passou a olhá-lo de cima a baixo, um procedimento difícil, agora que Mason tinha quase a mesma altura que ele.

– Filho, pode imaginar quanto vai custar o conserto dessas almofadas?

– Não, senhor.

– Senhor – principiou Stellan –, posso explicar. Eles...

– Cadete, você está dispensado – disse Lockwood.

Stellan fez menção de abrir a boca novamente.

– A palavra que usei foi dispensado, Stellan. Eu não disse *Por favor, eu o convido a continuar discutindo o assunto comigo*.

– Desculpe, senhor – respondeu Stellan, lançando depois um olhar furtivo a Mason, que lhe fez um minúsculo aceno de cabeça.

Stellan foi embora, e Lockwood voltou a olhar para Mason.

– Você disparou uma arma de energia tremista no recinto da escola. Pode ao menos *imaginar* a punição que corresponde a uma falta desse calibre?

Mason agora suava; o suor chegava a escorrer por suas costas. Ele queria dizer "Por favor, não me dispense", mas em vez disso falou:

– Não, senhor.

– Não há uma punição estabelecida para um caso desses, porque ninguém até agora imaginou que isso pudesse acontecer. A ideia de uma arma tremista sendo disparada no recinto da escola é um pensamento insano, não acha?

– Insano, senhor. Sem a menor dúvida.

Lockwood tragou uma bela porção de ar pelo nariz, depois o soltou com a mesma lentidão. Mason não conseguia desgrudar os olhos da pele rosada do pescoço dele. Apenas seis meses antes, estava negra, e Lockwood encontrava-se no leito de morte, passando o comando da *Egito* para Mason.

– Venha comigo – disse Lockwood.

Dessa vez, Mason obedeceu. Lockwood conduziu-o para fora da academia de ginástica por uma saída lateral.

– Olhos voltados para frente! – berrou Lockwood, quando surpreendeu Mason olhando para trás para observar Marcus e os camaradas dele, conduzidos por outra saída.

Assim que deixaram a academia de ginástica, Mason esbarrou num cadete logo depois da porta.

– Desculpe... Tom!

Tom Renner estava de braços cruzados, o cenho franzido. Só ele conseguia fechar a cara daquela maneira.

– Quem tinha razão, Stark? Eu disse que você não podia arranjar mais uma confusão. Sete punições. Ainda assim, tinha que arrumar uma oitava antes de terminar o primeiro ano, não é?

Mason não teve como argumentar.

– O que você está fazendo aqui?

Tom deu de ombros.

– Fui convocado para vir aqui pelo nosso velho camarada Lockwood.

– Como? – indagou Lockwood.

– Senhor, quis dizer que fui convocado pelo comandante Lockwood, senhor – respondeu Tom.

A atitude de Tom em relação às regras tinha se tornado um tanto frouxa depois dos últimos acontecimentos com a *Egito*.

Lockwood resmungou alguma coisa incompreensível enquanto percorriam o corredor circular que os levaria aos túneis e à sala do diretor, onde Mason seria expulso sem demora da Academia II e do Comando Espacial Terrestre.

Mas por que Lockwood tinha convocado os dois?

– De que se trata, senhor? – perguntou Mason a Lockwood.

– Não cabe a mim dizer.

Se Tom estava ali, havia uma boa chance de que Mason não fosse diretamente para a sala do diretor.

– Eles vão me expulsar? – perguntou Mason.

– Acho que você devia ter pensado nisso antes de danificar equipamentos da escola – respondeu Lockwood, deixando as coisas nesse pé por um instante, enquanto Mason continuava a suar. Depois acrescentou: – Mas não acho que o ComET seja tolo o bastante para abrir mão de sua maior ferramenta de propaganda desde o início da guerra.

Mason não gostou nada daquilo. Tinha sido abordado por vários chefes de recrutamento que queriam usá-lo em novos anúncios. Se é que havia algo que não existia no ComET, era carência de solicitações para entrar nele, mas queriam sempre atrair os melhores e os mais brilhantes. As realizações de Mason, em tão tenra idade, diziam, eram uma verdadeira propaganda para a Academia I. Mason tinha explicado gentilmente que não poderia ter realizado nada sem sua equipe, mas eles não se importavam com isso. Queriam um rosto e uma voz para exibir nos anúncios. Mason levantou o rosto e viu que Lockwood o encarava.

– Não foi o que eu quis dizer – falou Lockwood, a voz mais calma. – Você é mais do que isso, Stark – acrescentou. E, como se só então se lembrasse de que Mason estava numa enrascada, ordenou: – Siga em frente.

Eles seguiram o caminho de volta à Academia II, que era parcialmente construída no interior da montanha. O coração de Mason começou a disparar quando pegaram o elevador para o andar superior, onde se localizavam os escritórios da administração. “É, vamos conversar com o diretor.”

– Fez alguma coisa errada? – Mason perguntou a Tom.

Tom respondeu com uma careta.

– Tenha dó. Por acaso, você não me conhece?

– Teve aquela vez que você...

Tom deu um cutucão nas costelas dele, e Mason se calou. Lockwood levantou uma das sobrancelhas marcada com cicatrizes, mas não comentou nada.

O comandante levou-os para um escritório situado ao fundo. Mason já havia entrado lá. Era o novo escritório do diretor Oleg, que tinha uma ampla e panorâmica vista para o Planeta Vermelho. Lockwood trocou um aperto de mãos com os dois. Parecia perturbado por alguma coisa, sem conseguir encará-los.

– Rapazes – disse ele –, seja lá o que acontecer, foi uma honra conhecê-los.

Oh-oh.

Lockwood se afastou.

– Com certeza você também fez alguma coisa errada – disse Mason para Tom.

O amigo lhe deu um soco no ombro. Mason pensou em revidar, mas aí estariam aprontando uma em pleno corredor do andar da administração.

– Não fiz nada – respondeu Tom. – Vamos depressa com isso. Dentro de vinte minutos vou ter aula – acrescentou.

Sua atitude em relação às regras podia estar mais frouxa, mas não com relação às aulas.

Mason bateu à porta.

– Entre – disse uma voz lá de dentro.

Não era a voz do diretor Oleg.

Mason abriu a porta. Sentado atrás da mesa do diretor estava o almirante Shahbazian.

MASON NÃO VIRA MAIS O almirante Shahbazian desde que ambos haviam estado a bordo da estação espacial *Vontade* para assinar o tratado. Na ocasião, fora horrível falar com ele e, julgando pela expressão de seu rosto, não havia a menor indicação de que aquela conversa fosse ser um pouco melhor. Observando-o bem, tinha-se a impressão de estar na superfície de Marte naquele instante, sem um traje espacial.

– Senhor – disseram Mason e Tom em coro, para saudá-lo.

Aquele homem estava à frente de *todo* o Comando Espacial Terrestre.

– Sentem-se – respondeu o almirante com rispidez.

Os dois se sentaram nas cadeiras diante de Shahbazian. Mason não conseguia deixar de pensar nele como Shá. Sentiu uma comichão no fundo da garganta: o início de uma risada.

– Sabem por que eu os chamei aqui hoje? – perguntou o almirante.

Mason não tinha a menor ideia de por que estava ali. Com certeza aquela era a pergunta mais idiota que já ouvira na vida.

– Deixem-me ir direto ao ponto – continuou Shahbazian. – O que tenho a lhes dizer está muito além do que se classifica como altamente confidencial. Entendem o que significa isso? Significa que, se passarem essa informação adiante, ficarão presos. Por toda a vida.

Mason engoliu em seco. Depois lembrou-se de que tinha feito parte da equipe que salvara a estação espacial *Olimpo* de ser devorada por uma das naves dos Bestiais. Sendo assim, o almirante não podia mais ser tão assustador.

Certo?

– Fiz uma pergunta direta a vocês.

– Sim, senhor – disse Mason.

– Entendi, senhor – acrescentou Tom.

O almirante Shahbazian esperou por um instante dramático, depois concordou balançando a cabeça.

– Muito bem.

Uma tempestade começava lá fora, a melancólica paisagem avermelhada indistinta, maculada por uma poeira fina.

– Um dos nossos espões descobriu uma informação confidencial de que os

tremistas estão trabalhando numa espécie de projeto secreto. A natureza desse projeto não é nuclear, mas acredito que tenha a ver com o desenvolvimento de algum tipo de arma. Normalmente não haveria meios de verificarmos isso, mas o setor de Inteligência tem certeza de que esse projeto está sendo desenvolvido *dentro* da escola dos Rhadgasts, em Skars. Precisamos descobrir se eles pretendem violar o tratado.

– Até agora os tremistas se mostraram muito dispostos a colaborar – disse Mason. Em seguida, como se tivesse pensado melhor em suas palavras, acrescentou: – Senhor.

Tom lhe deu um chute na perna.

Era verdade. Tremistas e humanos vinham se portando muito bem, considerando-se as circunstâncias. A Terra tinha sido roubada pelos tremistas e transportada para o sistema solar deles, para orbitar o Sol tremista, que chamavam, na língua deles, de Renshas. A Terra se adaptara, em boa parte, pois os cálculos tinham sido perfeitos. A atividade sísmica e o sistema de marés não tinham voltado ao normal, mas era porque ambos os planetas sofriam agora com o efeito das respectivas forças de gravidade. A presença de Skars mais do que compensara a falta da Lua. No entanto, os rumores de que Skars não tinha se adaptado completamente à Terra correspondiam à verdade.

Vista da superfície da Terra, Skars parecia uma minúscula bola de gude brilhando no céu noturno, aparentemente menor que a Lua da Terra, que já voltara a fazer parte do sistema solar. O mesmo acontecia com a Terra, se vista da superfície de Skars. Nos dois planetas, tremistas e humanos trabalhavam em conjunto para construir um novo portal que permitisse à Terra voltar a seu sistema solar de origem. Infelizmente, ainda estavam a *anos* de distância de terem sucesso.

Não se admitiam tremistas na Terra, e humanos não eram admitidos em Skars, mas as duas raças se encontravam, conversavam, faziam intercâmbio e aprendiam uma sobre a outra na maior estação espacial da humanidade, a *Olimpo*, e na maior estação espacial tremista, a *Vontade*. Ambas as estações situavam-se a meio caminho entre os dois planetas, próximo ao canteiro de obras onde atualmente vinha sendo construído o novo portal. Tratava-se de uma delimitação não oficial no espaço, e, até aquele momento, os dois a haviam respeitado. Falava-se até de visitas ao planeta um do outro nas próximas semanas.

Apesar disso tudo, havia certa tensão. Os dois planetas tinham estado em

guerra durante muito tempo. Pouco importava que tivessem ancestrais comuns e se originado do mesmo planeta. Muitas vidas foram perdidas, em ambos os lados.

O almirante parecia estar à beira de um derrame cerebral.

– E como sabe que estão cooperando, Stark? Em que informação você se baseia?

– Nada específico, senhor, é só uma observação geral. Desculpe-me. Mas posso perguntar de que informação o senhor dispõe? Ela é confiável? – perguntou ele, tendo o cuidado de manter um tom neutro.

– É confiável – respondeu Shahbazian. – Mas não posso lhe dizer de onde procede. Não torne a perguntar – acrescentou, espalmando as mãos na mesa com impaciência. Mason se perguntou como teria conseguido chegar àquele alto posto no ComET com aquela atitude. – Stark, você tem um convite para a escola dos Rhadgasts. Suas ordens são que vá para lá na condição de aluno. Uma vez na escola, você nos manterá informados de tudo o que vir, por intermédio *disto* – ele ergueu um pequeno disco de plástico preto. – Este aparelho de comunicação está sincronizado, por métodos quânticos, a um que carrego comigo o tempo todo. É indetectável. Quando estiver lá, investigue qualquer coisa estranha com que se deparar. Se descobrir a prova de um projeto ou arma que viole o tratado, deve me comunicar imediatamente.

Mason mal podia acreditar em sua sorte. *Venha nos procurar se quiser conhecer a verdade sobre seus pais*, o Rhadgast tinha dito a ele, enquanto colocava as luvas roxas nas mãos de Mason. “Vou procurar vocês”, Mason pensou naquele momento.

Não perguntou o que aconteceria se fosse pego ou se o tratado fosse por água abaixo enquanto estivesse em Skars. Estava pouco ligando. Ou, melhor: estava excitado demais com as possibilidades à sua frente para se preocupar com os riscos. Estava disposto a tudo, portanto, os riscos não importavam.

– Ei, senhor? – disse Tom. O almirante voltou seu olhar sombrio para Tom. – Por que estou aqui?

– Porque você vai com ele – respondeu o almirante.

TOM COMEÇOU A FALAR ALGO que saiu como um ruído incompreensível, pois Shahbazian o interrompeu.

– Entrei em contato com o próprio rei tremista. Expressei minha preocupação em enviar Mason sozinho a um mundo novo e estranho, e ele discutiu com os Rhadgasts. Um comitê decidiu que Mason poderia levar apenas um membro da equipe que ajudou a salvar a *Vontade*. E eu o escolhi, Tom.

Tom empalideceu.

– Por que eu? Por que não Jeremy Cane? Ele luta melhor do que eu.

Mason olhou para o amigo. Tom não era do tipo que recua diante de um desafio, mas fazia pouco tempo que sua mãe, a capitã Renner, tinha morrido nas mãos dos tremistas. Tom queria manter boas relações com os tremistas, como era seu dever... mas trabalhar lado a lado com eles não seria demais?

Shahbazian não se mostrou aborrecido por Tom ter se esquecido de usar o termo senhor.

– Porque não preciso de um combatente, cadete Renner. Preciso de alguém com astúcia e miolos; alguém que se manterá firme dentro das linhas inimigas.

Mason não sabia dizer se aquilo era ou não um insulto ao amigo deles, Jeremy, um dos cadetes mais inteligentes e corajosos que conhecia. Para dizer o mínimo.

– E quanto aos nossos estudos? – perguntou Tom, que gostava da escola quase tanto quanto Stellan, e pretendia apresentar notas excelentes nos seis anos seguintes. O que lhe garantiria o grau de oficial. Tom olhou para Mason quase em estado de pânico. – E se ficarmos lá durante meses? Ou anos! Não vamos conseguir nos formar.

Shahbazian abriu um sorriso, ou quase chegou a isso: os cantos de sua boca tremeram quase de forma sincronizada.

– Filho – disse ele num tom diferente, mais gentil –, estou à frente de toda esta coisa aqui, e não pretendo fazer com que isso prejudique seu futuro no ComET. Sei que vão correr um risco incrível. Serão os primeiros a entrar lá desde que tudo isso começou. Não quero enviar cadetes para Skars. Claro que não. Mas esta é nossa única opção. E, sendo o melhor que o ComET tem a

oferecer, vamos correr esse risco.

– Eles mataram minha mãe, senhor – disse Tom.

Mason já desconfiava de que esse era o nó da questão, e não aquela tolice sobre aulas. Shahbazian ficou em silêncio por um instante. Depois assentiu.

– Eu sei, Thomas. Mas os dois vão ter que cumprir seu dever, deixando de lado qualquer sentimento pessoal, vocês dois entenderam?

– Sim, senhor – responderam Mason e Tom em uníssono.

– Ótimo – falou Shahbazian, recostando-se na cadeira do diretor Oleg. – Fico contente que concorde – principiou ele. A cadeira era antiga e, rangendo, quase deslizou sob seu corpo. Ele apoiou vigorosamente as mãos na mesa para se firmar, lançando um olhar ríspido para os rapazes, como se fossem os responsáveis. Mason resfolegou, mas, sem saber como, manteve o semblante sereno. – A nave de vocês parte em trinta minutos – apressou-se em dizer. – Estão dispensados. Espero o primeiro comunicado ainda esta noite.

Mason e Tom levantaram-se ao mesmo tempo e dirigiram-se à porta.

– Rapazes – chamou Shahbazian.

Os dois se viraram. O almirante jogou para cada um deles um disco quântico de comunicação. Mason apanhou o seu e o enfiou no compartimento secreto do salto da bota. Tom fez o mesmo.

– Boa sorte – disse Shahbazian. – E muito cuidado...

– **NÃO VENHA ME DIZER** que não está nem um pouco entusiasmado – disse Mason, assim que se encontraram no corredor. – Nem mesmo *um pouquinho* entusiasmado. Desafio você a dizer isso.

– Oh, estou entusiasmado sim – respondeu Tom. – Passei a vida sonhando em visitar a terra dos tremistas sem segurança nenhuma, esperando entrar na *escola dos Rhadgasts*. Mason, já se esqueceu de que uma vez *vários* Rhadgasts tentaram nos matar? Espere... Foi muito mais que uma vez!

Mason não tinha esquecido. Lembrava-se do rosto inexpressivo deles, no qual pulsava uma luz arroxeadada. Em certa época, tinha pensado até que os Rhadgasts eram espécies de feiticeiros. Até hoje, eram uma lenda no ComET. Mason nunca iria esquecer a primeira vez que vira um deles no compartimento com gravidade zero a bordo da *Egito*. O Rhadgast voara pelo ar como um tubarão nada na água, disparando descargas elétricas com suas luvas, a roupa negra se agitando ao redor dele como se o tecido ganhasse vida.

A lembrança gelou a espinha de Mason, e, por um instante, ele se perguntou se alguém iria informar sua irmã, a tenente-comandante Susan Stark, de sua missão. Afastou aquele pensamento diante da chegada de sua escolta.

Os seis membros da guarda os conduziram à área de decolagem, onde tomariam um ônibus espacial para uma das maiores naves em órbita. Eles não tiveram permissão para ter acesso aos próprios armários nem para falar com nenhum aluno com quem cruzassem no corredor. A ausência de ambos seria notada, claro, mas aquilo não era problema de Mason. Oleg podia dizer que os dois rapazes tinham sido expulsos, ou suspensos temporariamente, por quanto tempo a missão exigisse. As punições de Mason serviriam de justificativa. Ou quem sabe adotariam uma estratégia diferente e divulgassem a missão como um novo passo rumo a uma paz duradoura. De todo modo, aquela não era uma questão para Mason se preocupar.

Cinco minutos depois, estavam confinados num ônibus espacial. Quinze minutos depois, encontravam-se numa alta órbita acima de Marte, em uma nave (idêntica à que Mason tivera nas mãos por um breve tempo) chamada *Bolívia*. Trinta minutos depois, estavam no novo espaço terrestre, um quarto do percurso através da galáxia. Uma hora após terem deixado a sala do diretor Oleg, encontravam-se a bordo de um dos ônibus espaciais da nave *Bolívia*, em direção à *Vontade*. Como a *Olimpo*, a *Vontade* era um anel que formava um tubo. Mas, ao contrário da *Olimpo*, tinha muitos anéis no interior um do outro. No centro, dentro do menor anel, havia uma área que continha uma floresta artificial, que Mason imaginou ser semelhante à superfície de Skars. “Acho que logo vou descobrir isso”, pensou ele.

A tripulação do ônibus espacial de Mason era composta de dois membros do serviço de Inteligência do ComET. Mas não eram analistas de informações normais, nem vasculhadores de dados numéricos. Eram espões de verdade, conhecidos como os Reynolds, nome que lhes fora atribuído em homenagem ao famoso capitão Joshua Reynolds. Assim como os tremistas, os Reynolds sempre usavam máscaras para esconder sua identidade. As máscaras nada tinham de especial, salvo por duas lentes circulares diante dos olhos, que apresentavam um leve brilho róseo.

Não falaram com nenhum dos dois cadetes durante toda a viagem do *Bolívia* para a estação *Vontade*. O ônibus espacial aproximou-se devagar da estação *Vontade*, para que os tremistas tivessem tempo de examinar a nave a fim de garantir que não estava cheia de explosivos. A estação *Vontade* ainda

estava sendo submetida a consertos, para reparar os danos do choque com a nave dos Bestiais, embora o trabalho já estivesse em fase de encerramento. Apenas algumas poucas seções estavam abertas para o espaço, os pavimentos expostos, com minúsculos trabalhadores movimentando-se devagar nelas, parecendo formigas consertando uma colmeia.

Por fim, o ônibus espacial se conectou à estação *Vontade* com um rangido, quando a pressão do ar de ambos os lados se equalizou. A porta traseira do ônibus se abriu, revelando um grupo de quatro Rhadgasts.

O coração de Mason disparou. Tom lhes lançou um olhar repleto de pânico. Os dois Reynolds também ficaram tensos nos respectivos assentos, olhando para trás por sobre os ombros. Os Rhadgasts permaneceram imóveis, apenas esperando. Dois deles usavam luvas roxas e máscaras, além do traje negro, mas os outros dois usavam máscaras vermelho-escuras, cor de sangue coagulado. Elas fizeram Mason se lembrar da poderosa armadura do rei tremista. Mason nunca vira um Rhadgast em trajes vermelhos antes – sequer sabia que existiam.

“Vamos ver um monte desses caras”, disse Mason consigo mesmo. O último Rhadgast em que pusera os olhos tinha sido aquele que vira a bordo da estação *Vontade* e que lhe dera as luvas. Sua reação naquele momento havia sido involuntária, só isso. As duas máscaras com cintilações arroxeadas levaram Mason de volta à *Egito*, e à gravidade, onde tinha arriscado a vida para salvar os colegas cadetes. “Em que você se meteu, Stark?”

– Podem ir – disse o piloto Reynold com voz estridente através dos alto-falantes de seu capacete.

As lentes circulares de seus olhos emitiram por um breve instante uma luz branca.

Mason e Tom desafivelaram os cintos com dedos entorpecidos, o tempo todo de olho no Rhadgast. Passaram para a estação *Vontade*, e a porta do ônibus espacial se fechou atrás deles. Sim, humanos e tremistas ainda tinham um longo caminho a percorrer.

O Rhadgast mais próximo, um dos vermelhos, acabou falando:

– Salve, jovens rhadjens.

– Salve – respondeu Mason.

Tom se limitou a lhe lançar um olhar inexpressivo. Mason queria lembrá-lo de que tinham deparado com muitos Rhadgasts ao longo do caminho, e sempre haviam vencido. Por isso, a escola dos Rhadgasts devia ser moleza. Mas Mason sabia que não seria assim.

O Rhadgast vermelho tirou a máscara com as duas mãos. O lacre rompeu-se com um ruído, e o rosto dele se revelou. O rosto era humano, embora pálido e quase translúcido. Mason viu as veias roxas em seu pescoço, que se ramificavam pelas faces. O cabelo era comprido e de um vermelho vivo, e um sorriso fácil abriu-se em seu rosto. Ele estendeu a mão.

– Como é que os humanos fazem isso? Um aperto de mãos, é assim que chamam? – acrescentou. Mason ia apertar a mão dele, mas o Rhadgast fez com que recuasse. – Esperem... Se vão ficar conosco, é melhor aprender como nos cumprimentamos – ele fechou o punho e estendeu o braço.

Mason tocou-o levemente com o seu.

– Às vezes fazemos isso também – disse Mason, e teria até esboçado um sorriso, não fossem os outros três Rhadgasts que apareceram perto deles.

As sobrancelhas do Rhadgast vermelho se arquearam.

– Talvez tenhamos mais do que semelhanças em comum. O que acha? Meu nome é Reckful. Eu sou do Sangue. Antes que os conduzamos à presença do rei, temos de tirar as suas luvas.

O Rhadgast roxo mais próximo bufou desdenhosamente e murmurou alguma coisa na língua tremista. Reckful franziu o cenho para ele, mas não disse nada.

As luvas de Mason estavam expostas agora.

– Como notou que eu estava usando elas?

O Rhadgast vermelho limitou-se a sorrir.

Tom, de súbito, perguntou:

– Desculpe, o rei está aqui?

Mason e Tom já tinham se encontrado com o rei antes, e nem sempre fora uma experiência agradável. Na verdade, nunca fora agradável.

– Reck – falou um dos Rhadgasts roxos.

– Sei, sei, estamos atrasados. As luvas, por favor.

Mason as tirou com hesitação, resistindo ao ter que cortar a ligação das luvas com sua mente. Os antebraços pareceram-lhe nus, as mãos coçaram, e seu cérebro pareceu ter perdido um pedaço. Agora que tinham sido retiradas, haviam se expandido, voltando ao tamanho normal. Ele as estendeu para Reckful, mas um dos Rhadgasts roxos tomou-as da mão dele.

– Elas nos pertencem – disse o Rhadgast roxo, a máscara brilhando mais intensamente.

Por que motivo, Mason não fazia ideia, mas o brilho lhe deu a impressão de ser tão agressivo, que teve vontade de socar o estômago do Rhadgast ou

sair correndo.

– Vamos manter os bons modos – disse Reckful, mas o Rhadgast o ignorou. – Venham – disse ele a Mason e Tom.

O grupo entrou num corredor, passando por uma série de portas de segurança bem grossas, cujo objetivo era dificultar o avanço do inimigo através do galpão de desembarque (na quase inacreditável situação em que um humano conseguisse desembarcar na *Vontade* sem ter sido convidado), e Tom lançou um olhar a Mason, como se dissesse: “Bem, agora não há mais jeito de voltar!”.

O interior da *Vontade* fez Mason se lembrar da *Falcão* do rei. Em vez de metal frio e do plástico, comuns em uma nave do ComET, a estação *Vontade* parecia ter vida. O chão dava a impressão de ser de pedra, e as paredes reluziam, por isso a luz vinha de toda parte. Não cruzaram com ninguém no caminho para a área central, mas Mason imaginou que o trajeto tivesse sido liberado para garantir que nenhum tremista cruzasse com o grupo e ficasse agitado com a presença de humanos. Até aquele momento, encontros entre tremistas e humanos a bordo de ambas as estações eram cuidadosamente regulados e limitados a áreas específicas.

Mason e Tom, na companhia do Rhadgast, andaram numa série de carros que os levaram cada vez mais para o interior da estação *Vontade*. Reckful tinha recolocado a máscara e não dissera nem mais uma palavra, mas tinha feito um aceno de cabeça para Mason quando notara que este o encarava. Mason tinha um milhão de perguntas para fazer, mas não sabia nem por onde começar, ou melhor, se devia começar. Rhadgasts não pareciam ser muito dados a conversas.

Ficar frente a frente com Rhadgasts tinha sido um choque, mas Mason lembrou-se de que, de certo modo, eles não eram diferentes dos Reynolds. Estava indo para Skars para se tornar um deles, portanto já era hora de parar de temê-los.

Só que aquela calma renovada, mantida a custo, foi rompida pouco depois, quando o veículo enfim parou e a porta se abriu.

Merrin Solace estava do outro lado.

POR UM TEMPO, MASON ESQUECEU-SE de onde se encontrava, abraçou Merrin com entusiasmo, levantando-a do chão. Prescreveram um giro completo, ambos rindo. Ele a colocou no chão logo depois, o rosto e as orelhas em brasa. O rosto de Merrin apresentava um tom um pouco arroxeadado, e Mason torceu para que ela não ficasse envergonhada. Seus olhos roxos brilhavam, e o cabelo, da mesma cor, estava preso num rabo de cavalo, porém muito mais curto do que antes. Ela parecia mais velha, embora só tivessem se passado seis meses.

– Olá...

Mason não tinha ideia do que dizer a ela, embora tivesse imaginado aquele momento muitas vezes.

Estavam no limiar da área central, com a luxuriante floresta verde-azulada estendendo-se diante deles. Através da clara redoma acima, Mason via a Terra e Skars, em lados opostos, ambos brilhando à luz de Renshas.

– Olá pra você também – respondeu Merrin.

Ela não demonstrou perturbação quando os quatro Rhadgasts saíram do ônibus espacial, embora tivesse entrado em combate contra alguns deles há pouco tempo.

Tom e Merrin trocaram um aperto de mão, mas depois ele recebeu um abraço bem forte.

A ideia era boa demais para ser verdade, mas Mason perguntou mesmo assim:

– Você vem com a gente?

O rosto de Merrin exibia uma expressão de desconsolo, e ela bateu no distintivo em seu peito. Mason não tinha notado o uniforme dela, que consistia em uma túnica e calça azuis. O distintivo era uma pequena imagem de bronze de duas mãos trocando um cumprimento, que representava a Coalizão pela Vida, uma nova organização dedicada à continuidade da interação pacífica de humanos e tremistas. Havia sido feitos anúncios na internet de ambos os lados, mostrando humanos e tremistas trabalhando em conjunto. Em cada anúncio, a Coalizão lembrava os espectadores do verdadeiro inimigo: os Bestiais.

– Bem que eu gostaria – disse Merrin. – E até recebi convite para isso. Mas

estou fazendo um bom trabalho aqui, Mason. Temos conseguido centenas de novos membros a cada dia. Não posso ir embora, pelo menos por enquanto. Pertencço aos dois mundos, como eles dizem...

Mason tentou disfarçar o desapontamento, mas o desejo de ver sua equipe reunida novamente era muito forte, quase um imperativo físico. Já tinha sido muito ruim ter deixado Stellan e Jeremy na Academia II.

– Então, o que está fazendo aqui?

– Meu pai desenvolve um trabalho na escola. Ele resolveu acompanhar você e Tom pessoalmente, para lhes dar confiança. Ele acha que a escola pode ser... um pouco dura. Mas só no começo.

Mason não esperava ser tão bem recebido, mas não teve tempo de pensar nisso. O rei vinha na direção deles. Tolovim governava todo o planeta de Skars (exceto por um continente, que havia se separado do império tremista há mil anos, numa guerra sangrenta que durara cem anos).

O rei já não estava com sua incrível armadura, que parecia ser imune a armas de energia. Vestia uma simples túnica comprida verde e roxa, e uma capa preta curta. Exibia um sorriso esplêndido no rosto ao fazer uma mesura para Mason e Tom.

Depois de um momento de atordoamento, eles responderam à mesura do rei. Tolovim avançou um pouco e pôs o braço no ombro de Merrin. Ela levantou os olhos para o pai, com um sorriso espontâneo no rosto. “O que, em nome de Zeus, eu perdi durante esse tempo?”, pensou Mason. Torcia de certa forma para que sua amiga se reconciliasse com o pai, mas ainda achava impossível esquecer as coisas que Tolovim fizera, os homens que havia matado. Mason lembrou-se das diversas vezes que o rei tinha ameaçado sua irmã. Ele recordava-se até de ter visto o rei jogar a sua irmã no chão.

O rei estreitou os olhos, e Mason se deu conta da expressão que devia estar exibindo no rosto. Com certeza, algo que beirava a raiva. Obrigou-se a descontraír o semblante e reprimiu um franzir dos lábios.

– Rapazes, encontramos-nos novamente – disse o rei, lançando a Mason um olhar de reconhecimento, que dizia: *Sim, ainda temos muito a superar*. – É uma honra tê-los a bordo da *Vontade*. Posso acompanhá-los até a escola?

Tom livrou Mason do embaraço de uma resposta:

– Seria uma honra, senhor – disse ele.

O rei sorriu, e Mason ficou mais uma vez admirado com como ele parecia humano. Sem a armadura, ele não era lá tão alto – uma figura muito menos imponente que antes, principalmente sem a máscara preta que parecia mais

um buraco negro devorando a luz de uma sala.

Passou-se outro momento constrangedor, quando então Reckful pigarreou.

– Vossa Graça, vamos nos atrasar para a cerimônia.

O rei assentiu com um gesto de cabeça.

– É melhor nos apressarmos.

MINUTOS DEPOIS, ESTAVAM A BORDO da *Falcão* novinha em folha do rei. Aquele era muito maior que o anterior, com um formato pouco familiar. Mas, como Mason pôde reconhecer, continuava sendo um veículo em forma de pássaro, com amplas asas de ave de rapina inclinando-se para um ponto situado à frente.

Quando a *Falcão* decolou, o rei pediu a Mason que o acompanhasse numa caminhada. Mason, por sua vez, só queria ficar com Merrin, visto que logo se separariam de novo, mas quem era ele para recusar um convite do rei tremista?

Quando ficaram a sós, o rei falou:

– Minhas ações quando nos encontramos, em época passada, eram incompatíveis com as de um rei. E com as de um ser sensível. O desejo de encontrar minha filha me perturbou durante anos, e me deixei arrastar até a beira da loucura. Durante os últimos anos havia apenas... raiva – acrescentou ele, fechando os olhos por um instante, embora continuassem andando. Quando os abriu, estavam límpidos. – Reconheço minha parte nos danos que causei a seu povo e ao meu. Merrin me ajudou a perceber isso.

Mason balançou a cabeça em sinal de assentimento.

– Era uma guerra – respondeu ele, pois não sabia mais o que dizer.

O rei respondeu a Mason com um aceno de cabeça.

– Mas a forma como se conduz uma guerra é importante também.

Agora estavam na parte frontal da *Falcão*, onde uma janela sobre a ponte de comando lhes propiciava uma visão de Skars. Era de um amarelado doentio, devido a uma compacta nuvem de poluição que cobria o planeta como uma casca de laranja. Skars crescia a cada segundo à medida que se aproximavam em grande velocidade.

– Nosso lar já foi azul, exatamente como a Terra – comentou o rei.

Mason não soube o que responder.

A *Falcão* entrou na atmosfera do planeta Skars e começou a trepidar.

Mason se apoiou na nave. A única coisa que conseguia ver era o fogo através da janela, até que a *Falcão* atravessou a camada de nuvens, e a

superfície de Skars se tornou visível pela primeira vez. Uma cidade estendia-se diante deles, centenas de quilômetros adiante, os edifícios mostrando-se cada vez mais altos, enquanto se dirigiam ao centro da cidade, que se assemelhava a uma montanha, com uma torre na parte central que devia ter quilômetros de altura. Os edifícios eram de todas as cores, alguns deles claros como cristal, muitos deles roxos, nenhum cinzento como a cor do aço ou da pedra. A cidade era rodeada por uma extensa e serpenteante cadeia de montanhas com denteados picos cobertos de neve contra o céu amarelado.

Passaram acima de uma cadeia de montanhas, que revelou outra cidade do lado oposto, tão grandiosa quanto a da outra extremidade. Mason percebeu que prendia a respiração, porque, mais além, outra cidade surgiu diante de seus olhos, seguida de mais uma.

Acima das cidades havia rotas estreitas para tráfego aéreo, pequenas aeronaves zunindo de um lado para o outro, mas não tantas quanto Mason havia imaginado. Passaram por mais cidades, inclusive por uma que era a maior que Mason já tinha visto. O edifício no centro dela tinha um formato de agulha, erguendo-se para além da altura em que voavam. Sob a fraca luminosidade, emitia um forte brilho, às vezes mostrando-se roxo, em outras, vermelho.

– É ali que eu vivo – disse o rei apontando para a agulha, que se transformava de roxa em vermelha, as duas cores dos Rhadgasts. – Espero que possam nos visitar um dia desses.

– Seria uma honra... – por um breve instante, Mason duvidou de onde se encontrava e para onde ia. – O senhor governa tudo isso? – perguntou.

Essa era a lenda divulgada pelo ComET, mas Mason não conseguia imaginar apenas um homem governando tudo aquilo.

– Sim e não – respondeu o rei. – Há muitos reinos e muitos reis. E há um conselho desses reis, que fica sob minha direção. Foi por isso que coube a mim assinar o tratado – acrescentou.

Mason se perguntou se era naquilo que o almirante Shahbazian estaria interessado. Tinha imaginado que o rei governava quase tudo.

– Apenas Fen, o continente que se separou, encontra-se fora do tratado – acrescentou o rei. – Mas eles nada têm a ver com vocês.

Mason quis perguntar por quê, porém resolveu se conter, para não parecer curioso demais.

Depois da última cidade, só havia florestas. Árvores com folhas azuis se espalhavam, ao longo de quilômetros, por todas as direções. Certos trechos

de floresta eram verdes; outros, vermelhos. Mason tentou imaginar qual seria o aspecto de Skars vista do espaço sem toda aquela poluição. Talvez tivesse as cores de um prisma. Ou quem sabe todas as cores se fundiriam num marrom indistinto.

– Mason, a escola dos Rhadgasts não vai ser fácil. Muitos lá nunca encontraram um humano, tendo apenas ouvido falar deles nas salas de aula, onde a propaganda contra a sua raça ainda é ensinada em certas comunidades independentes. Vai ser difícil, e perigoso também.

– Eu sei disso – respondeu Mason, sentindo-se um pouco intimidado.

Se o rei achava necessário adverti-lo sobre o assunto, com certeza a situação era mesmo ruim.

A nave *Falcão* prosseguiu por centenas de quilômetros acima da floresta, quando então começou a diminuir sua velocidade.

– Estamos quase chegando – avisou o rei, e ambos se juntaram a Merrin e Tom. Não antes que o rei desse a Mason outro par de luvas roxas. – Sugiro que as coloque. O trajeto para a escola pode ser perigoso.

Mason recebeu as luvas com gratidão. Quando se reconectaram ao seu cérebro, quase soltou um suspiro de alívio. Mas estas pareciam ter um formato diferente das que tinha aprendido a gostar nos últimos meses. Mason as transformou em uma segunda pele para os antebraços, a fim de escondê-las da escolta de Rhadgasts, que os aguardava junto à saída. O rei acenou com a cabeça para Mason e Tom em um gesto de despedida.

– Desejo força a vocês – foi só o que disse, dando meia-volta com um brusco volteio da capa preta.

Merrin parecia perturbada, os olhos vidrados. Abraçou os dois amigos ao mesmo tempo.

– Gostaria de poder acompanhar vocês.

– Eu também – responderam Mason e Tom a uma só voz.

– Logo vamos nos rever – disse Merrin, sem parecer muito convincente.

Mas, mesmo assim, seguiu o pai sem olhar para trás.

Atrás de Mason, a câmara de compressão sibilou, sacolejou e se abriu. O ar penetrou o compartimento de saída, agitando os cabelos de Mason. Quando se virou, os quatro Rhadgasts o olhavam, dois a cada lado da porta aberta.

– Deseja a honra de ser o primeiro? – Mason perguntou a Tom.

– Ela cabe a você, meu amigo.

Mason concordou com um gesto de cabeça e, assim, tornou-se o primeiro humano a pôr os pés em Skars.

FALCÃO FICOU ESTACIONADA NUMA A clareira rodeada de floresta por todos os lados. Acima, o céu encontrava-se amarelado em todas as direções. Apesar da visível poluição, o ar tinha uma fragrância suave. Estava um pouco frio, e Mason sentiu a tensão se espalhar por costas e braços.

Tom desceu a rampa e se aproximou dele.

– Então é isso... um planeta alienígena – disse Mason. – O que acha?

Ali não era como Marte, um lugar que Mason considerava, tanto quanto a Terra, um lar. Marte só tinha pedras e poeira.

Tom deu de ombros.

– Acho que precisamos ter cuidado.

– Essa é uma bela de uma resposta chata.

Tom abriu um sorriso forçado, mas Mason sabia que ele não diria nada de ruim sobre Skars enquanto os quatro Rhadgasts estivessem próximos o suficiente para ouvir o que diziam. Ou escutá-los por meios eletrônicos.

– Estamos atrasados – avisou Reckful. – Considerem esse o primeiro teste de vocês – acrescentou, pondo-se a correr em direção à floresta, as roupas esvoaçando ao redor.

Os outros três Rhadgasts o seguiram. Mason e Tom trocaram um olhar e, em seguida, partiram atrás deles. A relva verde-azulada sob os pés era baixa e macia, e ali a gravidade parecia ser mais fraca. Mason e Tom pareciam quase voar sobre a relva. Embora não se deslocassem com a rapidez dos Rhadgasts, que já tinham cruzado a linha das árvores e penetrado na mata. Atrás deles, as turbinas da *Falcão* começaram a funcionar, e o deslocamento de ar fez pressão nas costas de Mason.

Mason e Tom adentraram a floresta juntos. Os troncos de árvores eram muito distantes uns dos outros, mas os galhos acima criavam um denso dossel que bloqueava a luz amarelada. Só conseguiam ver os Rhadgasts que iam na frente porque as luvas deles emitiam uma fraca luz vermelha e arroxeadada, que oscilava enquanto corriam.

– Por que será que tenho a impressão de que nos deixariam para trás se nos perdêssemos deles?

– Porque provavelmente era isso mesmo que aconteceria – respondeu Tom, ofegante.

A superfície da floresta era densa, com raízes nodosas e retorcidas, cada uma das quais constituindo um perigo por si só. Mason tentava saltar esses obstáculos enquanto corria. Contornaram a beirada de um fosso repleto de um líquido negro borbulhante. De súbito, um odor de podridão envolveu a floresta, um cheiro tão penetrante que quase podia se sentir na pele. E, também repentinamente, as luzes adiante desapareceram.

Mason percebeu algo estranho: não havia ruído de animais na floresta. Nem um zumbido de inseto. A mata parecia morta. Os únicos sons vinham de seus pulmões, dos pés e do farfalhar das roupas.

Tom fez menção de diminuir a marcha, mas Mason agarrou seu braço.

– Vamos em frente, Tom! – disse ele, pondo-se a correr de um modo excessivo.

Um gemido fraco veio dos galhos acima deles – *Uuuhh* –, e grossas trepadeiras começaram a se espalhar pela escuridão, descendo e açoitando Mason e Tom. Uma enroscou-se no punho de Mason, apertou-o com força e tentou levantá-lo do chão.

– As árvores estão vivas! – gritou Tom.

– Nem precisava dizer.

Mason escorregou, detendo-se no chão, e uma trepadeira aproveitou a oportunidade para se enroscar em seu pescoço. Pequenos filamentos dela penetraram sua pele, tirando gotas de sangue dele. Tom foi suspenso no ar, com duas trepadeiras agarrando-o pelos braços. Mason emitiu um murmúrio de desafio, mas este se transformou num ruído abafado quando a trepadeira o apertou e enlaçou, tentando levantá-lo do chão. Ele fechou os olhos, permitindo que as luvas deslizassem para as mãos, e bateu uma contra a outra, fazendo surgir uma lâmina de pura eletricidade. A espada brilhou vigorosamente na escuridão, estalando em suas mãos. Mason agitou os punhos, cortando a trepadeira que envolvia seu pescoço. Desferiu um chute quando a parte cortada deslizou de seus ombros. Depois, saltou para a frente, brandindo a espada num golpe descendente. A lâmina cortou a trepadeira que prendia Tom com um chiado, e a árvore *gritou* de verdade. O grito não foi mera reação. Parecia de raiva. Folhas rodopiantes passaram a desabar sobre eles, mas Mason as ignorou, embora uma, ao atingir seu pescoço, tirasse dele mais um pouco de sangue.

Mason agarrou o tornozelo de Tom no exato momento em que uma segunda trepadeira os puxava para o dossel.

– Não se preocupe comigo! – disse Tom.

Mason não se deu ao trabalho de responder. Abriu a mão direita, e a lâmina ressurgiu. Então, desfechou outro feixe elétrico com a palma da mão. Atingiu a trepadeira poucos centímetros acima da mão de Tom, e ambos desabaram na superfície da floresta.

Tom soltou um gemido:

– Acho que uma raiz acaba de penetrar no meu rim.

– Tudo bem com você? – perguntou Mason, levantando-o e sacudindo do corpo do amigo algumas folhas cortantes. Outras trepadeiras vinham descendo do dossel. – Vamos dar o fora daqui!

Puseram-se de novo a correr, mas as trepadeiras não desistiam. Mason lançava descargas elétricas contra as que chegavam muito perto, mas não podia dar conta de todas ao mesmo tempo. Uma delas agarrou seu tornozelo, e ele caiu sobre um dos joelhos. As outras pareceram se dar conta de sua vulnerabilidade, afastando-se de Tom e disparando em direção contrária.

Mason sentiu algo nas luvas, uma espécie de desejo de liberdade. O material rebelava-se contra suas mãos. Ele as levantou, as palmas relaxadas, e permitiu que a pressão fosse liberada. Uma crepitante cúpula de eletricidade o rodeou, ceifando todas as trepadeiras que se encontravam em seu raio de ação. Os feixes de luz se emaranharam, tornando a cúpula mais e mais opaca, até que ela se solidificou numa genuína luz arroxeadada que emitia um profundo som metálico, como se tocasse a corda instrumental mais poderosa da galáxia. Tão logo se formou, porém, desapareceu, deixando a superfície ao redor de Mason soltando fumaça, toda chamuscada. Ele se sentia zozzo, e as mãos zuniam devido à energia. Ele as levantou à altura do rosto e as olhou. No entorno, as trepadeiras recuavam lentamente, quase de maneira respeitosa.

Tom o encarava, boquiaberto.

– O que...

– Bom, isso é novidade pra mim também – disse Mason.

– Como...?

– Não tenho ideia – Mason respondeu, engolindo em seco. Levantou um instante depois, as pernas trêmulas. Balançou a cabeça como se precisasse arejar as ideias e quase foi ao chão. – Ficamos muito para trás.

Tom continuava a encarar Mason, agora não mais surpreso, e sim preocupado.

– Tudo bem com você?

Mason deu de ombros.

– Bem o bastante para sair logo deste lugar – respondeu.

Mason pensou ter visto alguma coisa, um grande vulto sombrio esgueirando-se por entre os troncos das árvores. Tinha a forma de um homem, mas era muito mais alto e corpulento do que um homem seria. Piscou algumas vezes, e a imagem sumiu. “É apenas efeito do nervosismo e dessas árvores aterrorizantes”, pensou.

Começaram a correr, agora com o caminho livre de percalços, na mesma direção para onde tinham ido os Rhadgasts. Nenhuma trepadeira se aproximou deles. Prosseguiram durante cerca de quinze minutos, até surgirem luzes por entre as árvores mais adiante, que iam se tornando mais e mais cintilantes. Saíram da floresta, e a escola dos Rhadgasts apareceu bem diante deles.

A ESCOLA ERA UM DOMO enorme, localizada em uma clareira perfeitamente circular na floresta. Era tão alta que Mason teve de inclinar a cabeça para trás a fim de ver a parte de cima. O domo era dividido ao meio, de cima a baixo, por uma linha negra. À esquerda da linha, o domo era pintado de um vermelho vivo. À direita, de um roxo brilhante. O domo situava-se no limiar de um penhasco; para além dele, o terreno declinava inteiramente, só tornando a se elevar quilômetros e quilômetros mais adiante. À distância, em meio ao horizonte enevoadado, via-se uma enorme cadeia de montanhas.

Mason imaginou que o domo fosse a metade de uma esfera, sendo a outra metade subterrânea.

– Não acredito que estamos mesmo aqui – disse Tom, dando voz aos pensamentos de Mason.

Ele fez um lembrete mental de sua missão: “Não se trata de aprender como é o comportamento dos Rhadgasts. Alguma coisa que está acontecendo nesta escola assustou o ComET, e vamos descobrir o que é”.

Também iria descobrir a verdade sobre seus pais. Nenhuma ordem o faria abandonar esse desejo, nem a vontade de realizá-lo. A *Falcão* estava parada perto da esfera, ao lado de uma fileira de *Pardais*, que eram os combatentes em forma de agulha que os tremistas dispunham em formação de combate nas batalhas espaciais.

– Eles nos obrigaram a fazer esse longo percurso de propósito – disse Mason.

– Claro, se não conseguíssemos atravessar a floresta, não teríamos condição de ser Rhadgasts, certo? – falou Tom.

Ele tinha toda razão. Mason ainda se sentia fraco devido ao esforço para criar a cúpula elétrica. As luvas haviam extraído algo dele ao fazer aquilo, e não pôde deixar de se perguntar de que mais aquelas luvas seriam capazes.

Na base da cúpula, Mason avistou os quatro Rhadgasts esperando por eles. Sacudiu os ombros para relaxá-los, depois seguiu em frente, a cabeça erguida. Estava ali para treinar, pelo menos oficialmente, mas Mason Stark era, sobretudo, um membro do ComET, e, como tal, fazia os colegas se sentirem orgulhosos dele. Mesmo que não pudesse corresponder à quase inacreditável lenda que rondava sua pessoa, ia se esforçar ao máximo para

isso.

Reckful começou a bater palmas enquanto Mason e Tom se aproximavam. Os quatro tinham tirado as máscaras novamente, e Reckful sorria.

– Não é assim? Vocês não batem palmas para demonstrar aprovação?

– Muito bem aprendido – respondeu Mason.

Reckful bateu palmas uma última vez.

– Que maravilha. Veja como estou aprendendo – uma porta enorme do domo deslizou para o teto. Mason dirigiu-se a ela, mas Reckful levantou uma das mãos. – Receio que tenha de pedir que as devolva, pelo menos por enquanto – disse.

Ele apontava para os antebraços de Mason, que escondiam as luvas.

Mason não sentia vontade nenhuma de devolver as luvas, mas não tinha muita escolha. Ele as tirou uma por uma e as entregou para Reckful, que lançou as luvas para um outro Rhadgast roxo.

– Talvez logo as receba de volta – falou Reckful. – Embora eu torça para que seja do Sangue.

Mason não fazia ideia do que aquelas palavras significavam.

O Rhadgast roxo mais próximo emitiu um som grosseiro, entre um riso e um suspiro, mas repleto de desprezo; desferiu um chute no chão em seguida.

– Ele trapaceou! – disse um outro. – Olhe as luvas dele!

– Não tenho culpa se não me tirou meu par reserva – respondeu Mason.

Reckful lhe deu uma piscadela.

A porta aberta esperava. Juntos, transpuseram-na.

AS HORAS SEGUINTE FORAM MUITO confusas. Mason e Tom foram conduzidos por uma série de corredores e foram examinados por *lasers* de todas as cores. Seus pertences, inclusive as botas, onde estavam escondidos os comunicadores, foram levados para outra sala. Ele não podia simplesmente dizer: *Bem, será que vocês não podem devolver as minhas botas? Elas têm um aparelho que vou usar para espionar vocês.* Eles iriam desconfiar de alguma coisa; sempre desconfiavam.

Hesitantes, Mason e Tom puseram os uniformes numa caixa. Tom passou o polegar sobre a insígnia do ComET, olhando-a melancolicamente.

– Vamos usá-la novamente – disse Mason, antes de entrarem na sala seguinte, onde havia mangueiras pendendo do teto.

Lá jogaram neles um líquido pegajoso que cheirava a seiva de pinheiro. Quando Mason e Tom estavam cobertos da cabeça aos pés, foram banhados

por um segundo líquido que os lavou do primeiro.

Os tremistas que os descontaminaram (Mason supôs que era isso que faziam, pois com certeza levavam na pele germes alienígenas para Skars) usavam máscaras e não falaram com eles nem uma só vez, mesmo quando Mason tentou cumprimentá-los.

– Eles devem pensar que os humanos são sujos – zombou Tom, e, por causa disso, levou um jato de líquido no rosto.

Durante todo esse tempo, Mason se perguntava o que aconteceria se não conseguissem recuperar os comunicadores. O almirante mandaria uma pequena equipe de Reynolds para resgatá-los? Será que pensaria que Mason e Tom estavam mortos e declarariam guerra total? Não, ninguém teria chegado ao comando do ComET sendo um idiota, disse Mason tinha certeza – pelo menos, quase certeza. No final, Mason e Tom receberam cintos finos com discos de prata fixos neles. Um técnico tremista, que pela primeira vez falou com eles, explicou:

– Esses cintos vão permitir que controlem o movimento em condições de gravidade zero, e nunca devem ser tirados. Não tentem tirá-los jamais.

“Quer dizer que é assim que eles voam por aí?” Mason quase se pôs a rir quando, pela primeira vez, ele e sua equipe enfrentaram os primeiros Rhadgasts na área sem gravidade. Mason recuou quando o estranho plástico esquentou e se fundiu em volta de seu abdome. Agarrou a ponta, mas o cinto estava muito firme, como se houvesse se fundido à sua pele. Os discos começaram a emitir uma suave luz azul.

Tom também agarrava o seu.

– Tente não quebrar o cinto, Renner.

Tom lançou-lhe um olhar fervilhante; não estava nem um pouco satisfeito com toda aquela provocação. Os implantes vieram por último. Outro tremista, um pouco mais amigável que o anterior, explicou:

– Este implante vai permitir que entendam a língua dos tremistas como se fosse sua língua nativa. Na escola, não falaremos a língua humana por causa de vocês, entendem? Esta é a última vez que falamos a língua de vocês aqui.

Mason não viu o implante, mas sentiu o tremista examinando o topo de seu crânio.

– Há dois por cento de chance de que você rejeite o implante e morra de imediato.

Mason estava prestes a protestar, mas algo furou sua nuca, e ele sentiu um líquido gelado se espalhar por todo o seu cérebro. Era uma sensação diferente

da que havia tido quando tinham baixado nele a história do Povo em Nori-Azul. Absorvera aquele conhecimento enquanto estava inconsciente, a bordo da nave *Egito*, e agora estava disponível em sua mente, fazendo parte dela. Não tinha sido necessário estudar nada. Como parte de sua missão, havia compartilhado a verdade com centenas de membros do ComET, e o rei fizera o mesmo com seu povo. Escribas de ambos os lados vinham recriando o livro de memória, e logo todos poderiam ler a história.

A sensação desapareceu, e ele pôde de fato se dar conta do conhecimento, um peso a mais em seu cérebro. Pensou na palavra tremista que significava céu e percebeu que havia diversas línguas em Skars. Não exatamente diferentes dialetos, mas línguas totalmente diferentes.

– O implante teve pleno sucesso – declarou o técnico na língua tremista.

– Pera aí – disse Tom, levantando as mãos –, o que foi mesmo que ele disse? Sobre morrer? Você o entendeu agora?

O técnico aproximou um cilindro da nuca de Tom, e Tom se encolheu, piscando os olhos repetidas vezes.

– Parabéns – disse o técnico –, você sobreviveu.

– Obrigado – disse Mason usando o dialeto tremista preferido pela escola (que ele conhecia também de forma inerente; o dialeto era chamado de *mhendo dai cross*, ou do Povo do Campo).

Mason teve de parar de pensar sobre aquilo para perceber que as palavras que significavam obrigado soavam como *pelly vos*. Era assim que a linguagem natural vinha à sua mente. Na verdade, gostaria de dizer: *Nunca mais toque em nós sem nosso consentimento*, mas não falou nada.

– Há duas galinhas no jardim – disse Tom no dialeto correto. Deparou então com o olhar surpreso de Mason. – Que foi? Só estou testando.

– Vocês estão prontos – disse o técnico. – Mas falta ainda o lugar de destino – acrescentou. Tinha em cada mão um conjunto de roupas dobradas. Mason pegou as suas, desdobrando-as. Eram calças simples que lhe caíram muito bem, uma camiseta de malha e uma túnica que abotoava na frente, com gola alta e uma comprida cauda na parte de trás. Era quase um manto, embora não chegasse a tanto. Tudo cinza, notou bem esse detalhe, e nada de roxo ou vermelho. Suas botas cinzentas eram mais macias que as botas do ComET e chegavam até o meio da canela.

– Que lugar de destino? – perguntou Mason, vestindo o novo uniforme. “Preciso encontrar as minhas botas.”

O técnico exibiu um semblante contraído por um instante, e depois o lábio

superior se abriu num sorriso forçado.

– Todos os estudantes devem fazer sua opção nas primeiras noites.

– Que opção? – perguntou Tom.

Mason, porém, já tinha entendido. Quatro Rhadgasts os tinham levado até ali, dois roxos e dois vermelhos. A própria cúpula mostrava a divisão entre os Rhadgasts. Mason não fazia ideia do que aquela divisão significava, mas com certeza havia uma.

– Entre Sangue e Pedra – esclareceu o técnico.

ORIENTARAM MASON E TOM A acompanhar uma faixa no chão. A faixa era amarela, e pulsava enquanto avançavam, apagando-se atrás deles e brilhando à frente. Ela indicava o caminho para a Câmara Interna, que se situava exatamente no centro da esfera. Era ali que os rhadjens se reuniam uma vez por semana para discutir a situação atual da escola.

Mason ficava abrindo e fechando as mãos, sentindo a falta do conforto das luvas, da proteção que propiciavam. Sem elas, sentia a *pele* frágil.

Tom sentia-se igualmente inquieto durante o percurso.

– Não me sinto preparado para isso. De jeito nenhum.

– Conseguimos falar todas as línguas tremistas; isso pode ajudar – disse Mason, embora entendesse o que Tom queria dizer.

Ele também não se sentia preparado. Fazia poucos meses, tinham tentado tomar o controle da *Egito* das mãos dos tremistas... e agora estavam ali para aprender com eles? Ao mesmo tempo, executavam uma missão secreta que Mason não sabia nem como começar.

Continuaram seguindo a faixa, acompanhando seus meandros. As paredes em cada seção eram revestidas de diferentes materiais: algumas eram de metal polido, outras eram de pedra, outras ainda de vidro; muitas delas brilhavam suavemente, criando uma fraca iluminação. O ambiente era confortável, cálido e acolhedor. Mason entendeu isso como um bom sinal.

Logo a faixa começou a pulsar mais depressa, o que provavelmente queria dizer que se aproximavam. Os batimentos cardíacos de Mason se aceleraram, em uníssono com a pulsação da faixa. Felizmente, já não usava o aparelho que o orientava a controlar seus sinais vitais. Estranhamente, a cauda do casaco batia contra a parte posterior de suas coxas, o que o perturbava. “Fique atento, Stark. Você está dentro das linhas inimigas.”

A faixa os conduziu a portas duplas entalhadas numa madeira estranha e negra, com motivos espiralados. Quando a visão se desfocava um pouco, conseguia perceber os detalhes de um campo de batalha antigo representado nas estrias, mas, tão logo imaginava ter visto alguma coisa, seus olhos retomavam o foco.

Mason e Tom pararam ao mesmo tempo.

– Bom... vamos bater na porta? – perguntou Tom.

– Não sei – respondeu Mason. Levantou o punho para bater, depois o abaixou.

– Não podemos ficar aqui para sempre.

– *Estou achando...*

As portas se abriram por si mesmas, interrompendo suas palavras. Diante deles encontrava-se um enorme *hall* com fileiras de bancos à direita e à esquerda do corredor central, quase como numa igreja antiga. Uma igreja antiga muito ampla.

As fileiras estavam cheias de rhadjens. Tremistas mais ou menos da idade deles, alguns mais novos, outros mais velhos. No lado esquerdo da sala, alguns tinham os cabelos presos em altos rabos de cavalo, ao estilo de Reckful. Mais de metade deles tinha cabelos de um ruivo escuro, e os trajes negros tinham detalhes vermelhos na gola e nos punhos. À direita do corredor central, os rhadjens eram como os Rhadgasts que já conheciam, como Merrin e o rei – na maioria, com cabelo roxo e tons arroxeados nas roupas. Até onde Mason sabia, a cor do cabelo era natural, e ter cabelos arroxeados não significava necessariamente ser Pedra, uma vez que Merrin tinha cabelo roxo e não era Pedra, nem mesmo uma rhadjen. Talvez, tendo escolhido um lado, alguns tendessem a tingir os cabelos para combinar com a nova identidade.

Na outra extremidade do *hall*, um tremista se encontrava numa plataforma elevada. Não usava nem vermelho nem roxo, mas cinza, como Mason e Tom. Havia mais dois tremistas com ele na plataforma: o vermelho, à direita, e o outro, à esquerda. Era evidente que se tratava dos chefes de cada grupo de Rhadgasts, usando as cores do respectivo lado.

Todos os rhadjens se viraram de imediato nas cadeiras, observando Mason e Tom, que estavam paralisados à entrada da porta. Um segundo depois, a sala se encheu com um burburinho.

Os rhadjens conversavam em voz alta, mas Mason só conseguia ouvir fragmentos de conversas. *São eles, os humanos estão aqui, por que humanos estão aqui?, eles salvaram a estação Vontade, não estou nem aí para isso, eles conheceram o rei, Mason Stark não parece ser tão durão.*

O vozerio pareceu se alongar por horas, mas na verdade durou apenas alguns segundos. De repente, o tremista cinza da plataforma ergueu um dos pés e bateu a bota no chão. Mason sentiu a onda de choque espalhar-se da bota no momento em que ela agitou a poeira no ar. Os ouvidos de Mason pipocaram, e o deslocamento de ar açoitou seu rosto. As portas se fecharam com um estrondo atrás dele.

– Que *maravilhosa* impressão vocês causaram nos nossos dois novos irmãos esta noite, alunos.

O Rhadgast cinza não tinha cabelos cinzentos: seus cabelos eram uma mescla de vermelho e roxo. Se as cores significavam alguma coisa, e se não fossem naturais, como Mason havia suposto, ele era o líder da escola e, portanto, não podia tomar partido.

– Que disciplina admirável – acrescentou ele.

Ninguém disse nada. O silêncio era tão absoluto que Mason conseguia ouvir a própria respiração. O olhar dele passou pelos estudantes, que agora olhavam para frente, completamente calados.

– Bem-vindos! – disse-lhes o Rhadgast cinza. – Sou Mestre Zin, líder de nossa humilde escola – acrescentou, fazendo um gesto em direção aos tremistas; não, *às pessoas*.

Todos eram pessoas ali, e Mason tinha de começar a pensar daquela maneira. Os tremistas não eram alienígenas, mas sim primos.

Mestre Zin estendeu a mão em direção ao Rhadgast à sua direita.

– Este é Mestre Shem, líder dos Sangues – continuou. E repetiu o mesmo gesto em direção ao homem à sua esquerda. – E este é Mestre Rayasu, líder dos Pedras.

Mestre Rayasu, um homem mais pálido que qualquer outro tremista que Mason já tinha visto até então, praticamente cavava buracos nas órbitas de Mason com seu olhar. Tinha uma cicatriz vertical azul na testa, que combinava com o cabelo azulado.

– Obrigá... – a garganta de Mason estava tão seca que a palavra morreu. Ele engoliu em seco. – Obrigado.

– Obrigado, senhor – acrescentou Tom, cutucando a costela de Mason com o cotovelo.

Mestre Zin fez um aceno de cabeça, parecendo satisfeito, embora não fosse fácil enxergar seu sorriso através da sala. Ele passou a dizer para todos:

– Esses dois humanos vieram aqui para se exercitar em nossa escola. Foram concedidos a eles todos os direitos... e *responsabilidades*... de um aluno normal. Entenderam?

– Sim, Mestre Zin – todos responderam em coro. Até mesmo os professores. Mason tinha visto homens e mulheres mais velhos sentados nas extremidades das fileiras; era evidente que não se tratava de alunos. – Agora, com o acréscimo desses dois que vieram se exercitar aqui em Skars, teremos que... – Mestre Zin interrompeu sua fala quando um Pedra se levantou.

Se Mason tivesse que tentar adivinhar, diria que era uma garota mais ou menos da idade dele e de Tom, uns treze anos. Seu cabelo roxo estava arrumado em duas tranças que desciam pelas costas. Ela olhou para Mason por sobre o ombro, e seus olhos se estreitaram numa expressão de repugnância e ódio.

– Sim, Lore? – disse Mestre Zin, mantendo o máximo de paciência. – Tem alguma coisa a nos dizer?

– Sim – ela respondeu, encarando Mestre Zin. – Todos sabem que esses dois humanos são responsáveis pela morte de vários Pedras.

Mal essas palavras saíram de seus lábios, a sala se encheu de novo com um burburinho. “Não estamos em segurança aqui”, pensou Mason. Porém, um segundo depois, aquele pensamento se revelou um erro, quando Mestre Zin bateu a bota contra o chão uma segunda vez, com muito mais força, fazendo os estudantes estremecerem nos assentos. Tom chegou a recuar um passo devido à força do deslocamento de ar. Os ouvidos de Mason zumbiam.

– Não vou pedir silêncio uma terceira vez – avisou Mestre Zin.

O efeito foi imediato, como antes. Ninguém disse nada nem se mexeu. Lore parecia não saber se devia se sentar ou permanecer de pé, por isso limitou-se a cruzar as mãos às costas, depois olhou por sobre o ombro novamente, como se quisesse verificar se Mason e Tom não estariam zombando dela. Não estavam.

– Por favor, continue, Lore, se tiver algum argumento a ser apresentado – disse Mestre Zin diante dos alunos.

– Como eu ia dizendo, mestre, esses humanos são assassinos. Jamais poderão ser Pedras.

Mason quase esperava que a fala fosse interrompida uma terceira vez, mas a ameaça de Zin pareceu ter bastado.

Repentinamente, Reckful ficou de pé, à esquerda de Mason. O garoto observou o único tremista que, até o momento, havia sido gentil com eles, esperando algum tipo de orientação.

– Mestre – falou Reckful com uma leve mesura –, proponho-me a tomar esses dois sob minha tutela, como meus acompanhantes pessoais. Eu os orientarei, e eles se tornarão Sangues. Acho que será melhor para todo mundo.

Mason torcia muito para que isso acontecesse. Tinha experimentado um súbito sentimento de afeição por Reckful, que ainda era um desconhecido, mas que se arriscava por dois humanos. Mason trocou um olhar com Tom,

que parecia tão satisfeito quanto ele.

Por favor, diga sim, Tom sussurrou para si mesmo.

– Reckful, sabe que todo aluno ou aluna deve escolher o próprio caminho – respondeu Mestre Zin, e Mason sentiu um baque no coração. – Se eles forem Sangues, isso ficará evidente ainda esta noite. Se, no entanto, pertencem à Pedra... – continuou Mestre Zin, olhando para o lado roxo da sala, como se os desafiassem a apresentar alguma objeção. Ouviram-se alguns resmungos, mas nenhuma fala explícita –... isso também se tornará evidente.

Reckful fez outra medida.

– Claro, Mestre – disse ele, dirigindo-se em seguida a Mason e Tom. – Pelo menos, eu tentei.

– Obrigado – respondeu Mason. – Fico muito grato.

Reckful apenas lhe deu uma piscadela, como já havia feito antes, mas aquilo não pareceu natural: era quase como se houvesse aprendido que alguns humanos piscam e quisesse se mostrar mais próximo de Mason e Tom. Como se lesse sua mente, Reckful perguntou:

– Vocês piscam com o olho direito ou o esquerdo?

– Acho que isso não importa – disse Mason.

– Bem – disse Mestre Zin, esfregando as mãos –, temos algumas questões de menor importância para discutir. Há alguém aqui que se disponha a fazer a gentileza de acompanhar os novos rhadjens aos seus aposentos enquanto terminamos de arrumar as salas lá embaixo?

“Por favor, que alguém se apresente; por favor, que alguém se disponha a essa tarefa”, pensou Mason. A rejeição já alfinetava seu rosto.

Foi quando um dos integrantes dos Sangues se levantou, um rapaz alto que já tinha a graça animal dos tremistas que Mason já havia visto em combate. Muitos dos alunos engoliram em seco, e Mason não soube dizer se aquilo era algo bom ou ruim.

– Vou acompanhá-los – disse o aluno.

O ESTUDANTE OLHOU POR SOBRE o ombro, para Mason e Tom, mas não da forma como Lore fizera (ela, aliás, ainda lançava a eles olhares hostis). Em vez disso, parecia apreciar o espetáculo.

– Obrigado, Po – disse Mestre Zin, balançando a cabeça em sinal de aprovação.

De sua fileira, Po fez uma mesura, depois foi para o corredor. Todos os olhares voltaram-se para ele, e Mason ouviu mais de uma pessoa sussurrar a palavra *traidor*. De *ambos* os lados. Aquilo pareceu ter causado apenas um sorriso em Po. E o sorriso se tornou ainda mais largo quando se aproximou de Mason e Tom.

– Podemos ir? – convidou Po, fazendo um gesto em direção às portas.

– Podemos – respondeu Mason. – Obrigado.

– Não me agradeça ainda – respondeu Po. – Venham, vamos sair daqui.

Mason e Tom abriram as portas o suficiente para se esgueirarem por elas, e as fecharam logo em seguida, quando Mestre Zin começou a falar. A sensação de olhares hostis às costas de Mason cessou como o corte de uma corrente elétrica.

Os três avançaram em silêncio pelo corredor durante cerca de um minuto. Mason não sabia se devia entabular uma conversa ou esperar para ver se Po estava com disposição de falar alguma coisa. Trocou um olhar com Tom e deu de ombros.

– Os humanos têm dificuldade para falar? – Po acabou perguntando.

– Não, eu... – começou Mason.

Po soltou uma risada.

– Estou brincando. Vocês estão nervosos. Já era de se esperar.

– Por que se ofereceu para nos acompanhar? – perguntou Tom, na voz um leve tom de acusação.

– Talvez só esteja curioso a respeito de vocês dois – respondeu ele.

A listra no chão mais uma vez indicava o caminho para algum lugar, embora Mason não tivesse ideia de para onde se dirigiam.

– Não, sério, por que se ofereceu na frente de todo mundo? – indagou Mason. – Não ouviu o que estavam dizendo?

Provavelmente havia um motivo oculto; talvez Po quisesse alguma coisa

deles.

Pela primeira vez, o rosto de Po se tornou sombrio.

– Querem saber a verdade? Certa vez, a nave do meu irmão mais velho foi abordada por uma força especial do ComET. Eles o mantiveram sob controle. Alguns humanos executaram os homens dele, mas um dos humanos impediu que aquilo continuasse. Ele teve de puxar a arma contra os de sua própria espécie – prosseguiu Po, o olhar muito distante ao se recordar. – Meu irmão me contou que havia muito mais coisas para saber sobre os humanos do que imaginávamos. Ele morreu três anos depois, mas ainda acredito que as palavras dele sejam verdadeiras.

– Sinto muito – disse Mason –, mas é a pura verdade. Assim como existem mais coisas para saber dos tremistas do que os humanos imaginam.

Po assentiu com um aceno de cabeça.

– Vocês deviam ouvir as histórias que contam sobre vocês... humanos, quero dizer. Uma coisa assustadora.

– Oh, nós também temos algumas histórias sobre vocês – replicou Tom.

– Na verdade – disse Po –, não gosto de fazer o que todo mundo faz. É chato.

Mason havia gostado de Po. Perguntava-se se tinham acabado de fazer um bom amigo, um aliado. Com toda a certeza precisariam de um.

– Mestre Zin parece legal – falou Mason, esperando que Po continuasse falando.

Mas a única coisa que ele comentou foi:

– Sim, é mesmo. Mas deixem que Zin visite vocês. Não vão querer visitar ele.

– O que quer dizer com isso?

– Exatamente o que eu disse – respondeu Po. – E mais uma coisa: imagino que sejam considerados muito habilidosos lá de onde vieram, mas aqui é diferente. A cada ano há catorze milhões de candidatos de escolas de todo o país – ele explicou, dissimulando um sorriso. – Cerca de cem novos estudantes são admitidos. Espero que tenham trazido o cérebro e *também* os músculos.

Mason abriu um sorriso.

– Se estivéssemos sem cérebro ou músculos, estaríamos mortos.

Tom deu uma cotovelada em Mason.

– Obrigado pelo aviso – falou com sinceridade.

Tomaram outro corredor, todo feito de madeira tépida, como se cavada

dentro do tronco de uma árvore. O corredor terminava numa escada em espiral que subia abruptamente. Ela também era feita de madeira tépida; Mason teve a sensação de que o calor atravessava a sola de suas botas.

– Como vai saber onde vamos dormir?

Quando Po falou, foi como se recitasse o texto de um regulamento:

– Num esforço para melhor integrar as duas facções de Rhadgasts, os estudantes vão partilhar dormitórios com estudantes de uma facção oposta – bufou ele, como se aquilo fosse a coisa mais ridícula do mundo. – *Melhor integrar, sei...* Isso nunca vai acontecer.

– Em primeiro lugar, por que vocês se separaram? – perguntou Mason.

O corredor de madeira agora tinha portas numa parede curva.

– Essa é uma história para outra ocasião. Tenho certeza de que vão se inteirar sobre isso na aula de Lore. Não aquela Lore – detiveram-se na terceira porta. – Aqui estamos nós.

Po empurrou a porta. Lá dentro era uma ampla sala com beliches ao longo das paredes.

– Espere – disse Mason. – Mestre Zin falou em preparar salas *lá embaixo*. Para quê?

Po hesitou.

– Já tivemos que enfrentar problemas suficientes hoje – falou Tom, a voz áspera.

O que era verdade.

Po disse com muita cautela:

– Quando estudantes vêm a esta escola, devem se submeter a um teste para saber a que lado pertencem. Vocês têm que fazer por merecerem as luvas.

Mason já tinha observado que nenhum dos estudantes usava luvas de Rhadgasts, inclusive Po. Isso o fez se sentir um pouco melhor em relação ao ambiente em que se encontrava.

– Salvamos a *Vontade* – disse Tom, a voz desafiadora. – Mason já fez por merecer as luvas.

– Sim – falou Po. – Ouvei falar nisso. Muito impressionante e tudo o mais. Só que vocês têm que conquistar as luvas da maneira como todos fazem – acrescentou ele, olhando fixamente para as mãos de Mason. – Estou vendo que agora está sem luvas.

– Eles pegaram de volta – disse Mason, um pouco surpreso com a raiva que aquilo lhe provocava. Tinha usado as luvas para salvar vidas. Tom tinha razão: já *havam feito* por merecê-las. – E então, o que pode nos dizer sobre o

teste, se tivermos que nos submeter a ele? – perguntou Mason.

– Não posso contar nada. Para cada um é diferente. Além disso, serei expulso se descobrirem.

– Bem, como podemos integrar seu lado? – perguntou Mason. – O lado do Sangue?

– Oh, não posso contar isso também. Vocês devem sondar o próprio coração – disse Po arregalando os olhos, e Mason percebeu que ele tinha acabado de dar uma pista.

Talvez não a melhor delas, mas, ainda assim, uma pista.

– É possível não passar no teste? – perguntou Tom.

Orgulhava-se de *não* falhar em testes.

Po deu de ombros.

– Não sei. Não deve ser nada agradável ser reprovado. Mas eu não sei. Nem devia estar falando sobre isso. Relaxem por um tempo, bebam um pouco de água, reflitam... seja lá o que vocês humanos costumam fazer. Estejam lá às dez e não se atrasem – concluiu Po, precipitando-se para o corredor, depois se inclinando pelo vão da porta. – O coração – falou ele batendo no peito, depois desapareceu.

Tinha sido providencial o fato de Mason ter prestado atenção às diversas voltas que haviam dado. Tom lançou a ele um olhar interrogativo:

– Ei, sabe voltar?

– Sei. Da próxima vez, preste atenção, Renner – disse ele dando um tapinha no ombro de Tom, que lhe respondeu com um empurrão de brincadeira.

– Só estou testando *ocê* – respondeu Tom. – Sei exatamente como voltar.

Examinaram a sala ao redor. Os beliches eram idênticos, e as camas arrumadas davam a impressão de estar de volta à Academia II.

– Bom – disse Mason –, será que isto é um teste? Talvez a gente tenha que descobrir qual é o nosso beliche.

– Não faço ideia – respondeu Tom. – Se todos os testes fossem como este, a coisa seria muito fácil.

“E a coisa toda não vai ser fácil assim”, pensou Mason. Nenhum dos dois se permitia pensar que algo seria tão fácil ali. Nem tão seguro.

Passaram alguns minutos explorando o cômodo, tendo o cuidado de não tocar em nada que não lhes pertencesse. Cada beliche era grande o bastante para que um estudante pudesse se sentar e abaixar uma mesa da parede. Ou pelo menos era assim que parecia; Mason e Tom não queriam mexer

efetivamente em nada. Mason tinha certeza de que, de alguma maneira, os dois ainda estavam sendo monitorados. A única coisa que ocupava seus pensamentos sem trégua era o comunicador: se não conseguissem recuperar o aparelho, a situação toda logo iria por água abaixo.

Tomaram água da torneira do banheiro, que criava uma verdadeira cascata, caindo em bacias. Depois, alongaram um pouco o corpo, querendo estar preparados para qualquer prova que fosse imposta a eles.

Mason e Tom voltaram percorrendo os vários corredores, sem cruzar com nenhum estudante, nenhum professor, ninguém.

– Não estou gostando nada disso – Tom falou em voz calma, enquanto se aproximavam da grande sala onde os rhadjens haviam se reunido.

Estava completamente vazia. Ninguém à vista.

Mas agora havia uma porta circular na outra extremidade, atrás do lugar onde Mestre Zin tinha ficado. Mason não sabia dizer se já estava ali antes.

– Junte-se ao clube – respondeu Mason. – Acho que devemos ir por ali.

– Brilhante dedução – falou Tom.

Mason não sabia o que havia além do limiar da porta, e a incerteza causou-lhe um embrulho no estômago, como se estivesse empanturrado de besouros agitados. Implacáveis, irritantes e fedorentos, do tipo que se encontrava em Nori-Azul. Mas havia recebido uma missão e não iria falhar, pelo menos não se pudesse evitar isso. A ideia de ser colocado entre os Pedras fez com que começasse a suar, mas já tinha enfrentado situações mais difíceis. Os dois, ele e Tom, já tinham.

Os amigos se entreolharam, depois atravessaram a sala, dirigindo-se à porta circular. Quando passaram pela soleira, uma porta fechou-se atrás deles com o forte ruído de uma pedra mó. Estavam imersos em uma escuridão e um silêncio tão absolutos, que Mason conseguia escutar o sangue correndo em suas veias e a respiração acelerada. O chão começou a desabar.

– É só um elevador – disse Tom na escuridão, perto dele.

– É só um elevador escuro e *esquisito* – completou Mason.

Tom soltou um risinho nervoso. Desceram por alguns minutos em total silêncio. Mason sentiu falta do suave *vruuu* de um elevador do ComET; a ausência de som dava a desagradável sensação de estar caindo para sempre.

Enfim, após o mais longo minuto da vida dele, as portas se abriram, dando em uma pequena gruta esculpida na rocha dentro de Skars. A gruta tinha duas portas, uma à esquerda, outra à direita.

– Acho que querem que a gente se separe.

– Brilhante observação – respondeu Mason.

Encaminharam-se para o meio da gruta. A porta da esquerda tinha uma inscrição em que se lia MASON. Na porta da direita, lia-se THOMAS. Tom estendeu a mão.

– Boa sorte, meu amigo.

Mason ignorou a mão de Tom, resolvendo abraçá-lo. Depois de um instante, Tom retribuiu o abraço.

Depois, seguiram cada um por uma porta, adentrando sua respectiva sala.

A de Mason estava tão escura quanto o elevador, mas então foi iluminada. Mason estreitou os olhos por causa da luminosidade repentina, mas logo seus olhos se adaptaram. E, de pé à sua frente, encontrava-se Merrin Solace.

– **MERRIN! É VOCÊ! O QUE VOCÊ...** Como você...?

Mason se interrompeu, observando o ambiente em que se encontravam. Era outra sala da caverna com um teto escarpado e alto. No outro extremo do lugar havia uma espécie de arca, uma arca do tesouro, se é que se podia chamar assim.

Merrin usava sua armadura tremista. A superfície era negra, mas mudava de cor dependendo da luz. Ora podia adquirir um tom de roxo oleoso, ora podia ser vista como esverdeada. Mason já conhecia aquela armadura, pois tinha roubado e usado uma. As peças se ajustavam a cada pessoa que as usava, exatamente como as luvas dos Rhadgasts.

Merrin exibia uma expressão neutra. Era evidente que ela não estava tão feliz em revê-lo do mesmo modo que ele estava em reencontrá-la.

– Merrin... – disse ele.

– Olá, Mason – respondeu ela, os braços estranhamente pendendo ao lado do corpo, afastados dele.

A sensação de embrulho voltou ao estômago dele. “Alguma coisa está errada.” Por que Merrin Solace estaria participando do seu teste?

– Mason, sinto muitíssimo. De verdade.

Ele aproximou-se dela como faria para chegar perto de um animal ferido.

– Merrin, fale comigo. Vamos conversar. Sou eu. Conte-me o que está acontecendo.

Agora os olhos de Merrin estavam rasos d’água.

– Disseram que você vai ter que escolher.

– Escolher o quê? O que é que eu tenho que escolher?

Merrin *gritou*. Caiu sobre um dos joelhos, a mão esquerda agarrando a direita. Mason avançou alguns passos para ajudá-la, mas hesitou, os pulmões paralisados, e quase desmaiou ali mesmo. A luva direita de Merrin tinha se contraído levemente, pressionando a mão dentro dela.

Mason estava de joelhos perto de Merrin, tentando arrancar o material. Assim que tocou a luva, sua mão se cortou no estranho metal, mas não se importou. Merrin empurrou Mason, e ele caiu de costas.

– Não! Afaste-se! – disse ela, quase aos soluços. – Não vai conseguir tirá-la! – acrescentou.

Os olhos roxos brilhavam de dor, e sua testa estava úmida de suor. A respiração dela era entrecortada.

Mason nunca tinha se sentido tão desamparado e impotente em toda a sua vida. Tudo o mais fora esquecido diante da dor da amiga.

– Diga o que está acontecendo! *Como posso ajudar você?* – perguntou Mason.

Ele se aproximou dela novamente, mas desta vez tomando o cuidado de não chegar perto demais. Sob o olhar de Mason, a parte da armadura que cobria o antebraço de Merrin começou a se contrair, e o rosto dela se contorceu, enquanto mais lágrimas escorriam-lhe pelas faces.

– Eles me disseram que você tem que... que nós dois temos que escolher. Você pode deixar que a armadura me comprima até a morte...

– Ou o quê? Ou o quê? – perguntou Mason, que aceitaria fosse lá qual fosse a alternativa. Jamais ficaria ali vendo aquela armadura matar sua amiga lentamente. – Diga o que é!

Ela olhou por sobre o próprio ombro. Havia uma porta na parede. Uma porta antiga de madeira, reforçada com placas de ferro. Sua voz se reduziu a um sussurro.

– Eles me disseram... disseram que há cinco membros do ComET atrás daquela porta. Prisioneiros de guerra. Você pode escolher que eles morram para me salvar.

Mason sentiu uma onda de frio se espalhar pelo peito, como se tivesse acabado de ser atingido por uma espada de gelo. Merrin gritou de novo quando sua armadura passou a comprimir seu cotovelo, e o grito foi se reduzindo, até virar um soluço.

– É um truque – sussurrou ele. – Deve haver uma forma de salvar todos vocês – acrescentou, embora soubesse a resposta, em seu coração, no mesmo momento em que pronunciava aquelas palavras.

– Não faça o jogo deles, Mason! Você tem que me deixar morrer. Os soldados são inocentes!

“Quem são eles? São jovens? Veteranos grisalhos? Isso tem mesmo alguma importância?”.

– O que acontece se eu não escolher? – indagou Mason, caindo de joelhos diante dela.

Ela balançou a cabeça em uma negativa, os lábios franzidos de dor.

– Diga!

– Nesse caso, você morre, e eu e os soldados sobreviveremos – ela

respondeu.

O caminho a ser seguido estava absolutamente claro.

Mason tomou o rosto dela entre as mãos. A pele de Merrin estava um pouco arroxeadada, quente ao toque. Trocaram um olhar profundo por um longo e iluminado momento, o rosto dela livre da dor por um momento.

– Se não me deixar morrer – disse Merrin –, nunca o perdoarei.

Isso não era algo que incomodaria Mason de verdade.

– Se algum dia foi minha amiga – disse Mason –, se algum dia se importou comigo, você vai entender. Não quero que ninguém morra por mim. Nem você, nem os soldados.

Merrin olhou para cada centímetro do rosto dele, como se procurasse alguma evidência de falsidade. Mason estava semi-inclinado em sua direção. O rosto de ambos encontrava-se bem próximo.

– Mason...

– Nunca estive tão certo de uma decisão em minha vida – disse ele. – Minha escolha está feita.

A imagem dela se tornou embaçada quando os olhos de Mason ficaram marejados de lágrimas: estava feito. Havia realizado algumas coisas até aquela altura da vida, e nada mais viria depois disso. Mas sentia-se tranquilo a esse respeito. Existiam mortes muito piores do que se sacrificar para salvar a melhor amiga... e cinco companheiros soldados. Mason piscou os olhos para desanuviá-los.

E, quando os abriu, ela tinha sumido.

Ele tombou para a frente, sobre as mãos e os joelhos. Uma lágrima escorreu por sua face, escurecendo o piso de pedra. Olhou ao redor, procurando por Merrin, mas ali só havia a arca. Agora, ela emitia uma suave luz branca.

Mason quis rir, mas não conseguiu. Mal podia se mexer. “Estúpido”, pensou ele. “Você é um estúpido.” Claro que os Rhadgasts jamais matariam a filha do rei. Claro que nunca iriam esmagar sua mão. Se tivesse passado apenas três segundos refletindo sobre a situação, teria notado que aquilo não passava de uma ilusão. Os Rhadgasts tinham dado um jeito de fazê-lo pensar que a amiga estava ali, em extrema agonia. O implante em seu cérebro parecia mais quente que antes – e talvez havia sido essa a causa do engano. Mason não pôde imaginar nada mais cruel.

Porém, ainda assim, encontrou forças para se levantar.

Deixou o olhar percorrer o local novamente, esperando que houvesse

alguém ali para lhe dizer o que fazer, mas não havia ninguém. Foi andando devagar em direção à arca, como se estivesse se aproximando de uma bomba prestes a detonar. Ela pareceu brilhar com mais intensidade à medida que se aproximava, uma luminosidade suave e agradável. Era a única coisa que parecia boa ali.

Ajoelhou-se diante da arca, procurando algum tipo de fecho, mas não havia nenhum. Então pegou a tampa e a levantou. Ela se abriu, atada a dobradiças silenciosas e bem lubrificadas. Dentro dela havia uma peça de tecido negro dobrado. Olhou para o tecido já sabendo o que era, porém agora sem a certeza de que ainda o desejava.

Passados alguns segundos, porém, decidiu ir em frente. Pegou o tecido, que era uma simples túnica negra, igual às que os outros alunos usavam. Aquela tinha detalhes vermelhos na gola e nos punhos. E, sob a túnica, havia um novo par de luvas dos Rhadgasts. Eram vermelhas também, mas de um vermelho mais escuro, e não roxas, como aquelas às quais estava acostumado.

“Pertencço ao Sangue”, pensou Mason.

Ainda sozinho, tirou a camisa e as calças cinza de calouro, depois vestiu as novas roupas com mãos trêmulas. Primeiro as calças e uma blusa, ambas pretas, e depois a túnica, aberta na frente como um blusão, para não incomodar o movimento das pernas quando tentasse pular ou algo assim. “Agora a coisa ficou séria. Você conseguiu. É um aluno.”

Um instante antes de colocar as luvas, as mangas se retraíram até logo acima dos cotovelos, depois pararam. Ele pôs as luvas, e o tecido aderiu aos seus braços. Levantou-as na altura do rosto, desejando deixar as mãos nuas. Logo os antebraços de Mason estavam cobertos com um material vermelho-escuro.

– Nem todo mundo consegue fazer isso – disse uma voz atrás dele.

Mason se voltou devagar, sem querer mostrar o quanto estava sobressaltado. Era Reckful, que sorria para ele do outro lado da sala, usando trajes não diferentes dos de Mason. Seu cabelo ruivo estava preso num rabo de cavalo.

– Isso o quê? – perguntou Mason.

– Manipular as próprias luvas desse jeito. Não ensinamos isso no primeiro ano. Você já nos impressiona.

Mason não deu muita importância àquilo, mas preferiu ficar calado. Provavelmente porque uma parte dele tinha gostado que o Rhadgast estivesse

impressionado. Era evidente que Mason não era bem-vindo na Academia II, mas desejava desesperadamente sentir-se bem acolhido, ainda que fosse em algum templo assustador em Skars.

– Imagino que agora eu seja do Sangue.

Reckful assentiu com um gesto de cabeça.

– Os Sangues acreditam no coração – disse ele. Era aquela a pista dada por Po: o coração. – Quando confrontado com a escolha entre se sacrificar ou salvar uma pessoa amada, sempre poremos a outra pessoa em primeiro lugar.

– Um Pedra mataria os desconhecidos – afirmou Mason.

Parecia razoável.

Reckful assentiu novamente.

– Ou deixaria a pessoa amada morrer, em detrimento dos cinco desconhecidos que lhe dissemos estarem do outro lado da porta. Pedras acreditam na força, no poder. Nós do Sangue também acreditamos nisso, claro, mas de forma diferente. Somos servidores. Para ser um Pedra, você tem que acreditar que a sua vida é mais importante e mais valiosa do que a vida da pessoa ou do povo que vai condenar à morte.

– Bom, então fico satisfeito de ser um Sangue – disse Mason, e realmente era o que sentia.

– Mas isso significa também que eles acreditam no bem maior, Mason. Os Pedras não são maus. E fazem escolhas difíceis melhor do que nós. Eles se dispõem a sacrificar milhares em benefício de milhões. E não se pode dizer que estejam errados. Não é pouca coisa pedir a alguém que morra por um grupo de desconhecidos.

– Mesmo assim me sinto feliz – confirmou Mason, lembrando-se de quando estivera disposto a sacrificar sua tripulação contra a nave dos Bestiais, para salvar a *Olimpo* e a *Vontade*. Essa era uma atitude própria de um Sangue ou de um Pedra?

– Eu também – respondeu Reckful.

Ele cruzou a sala e estendeu seu punho sem luvas, pálido e de aspecto cadavérico àquela luz fraca.

Mason tocava o punho de Reckful com o seu, quando lhe ocorreu um pensamento. Mason sabia a resposta antes mesmo de perguntar:

– E quanto a Tom? O que o Tom escolheu?

– O que você acha? – perguntou Reckful, arqueando uma das sobrancelhas.

– Escolheu se sacrificar – disse Mason.

– Isso mesmo. Vocês são iguais no desejo forte que têm de ajudar os

outros. Pedra não é lugar para vocês, embora não tenha dúvida de que suas convicções os levariam a se destacar entre eles. Pedra também não foi lugar... para mim.

– Você era um Pedra? – perguntou Mason.

Reckful desviou o olhar por um instante.

– Eu sou do Sangue, como pode ver.

Mason resolveu não insistir no assunto.

– Bom, de qualquer jeito, não foi certo da parte de vocês me fazer ver e sentir aquilo. Pensei mesmo que fosse a Merrin. Como fizeram aquilo?

– O como não importa. Descobrimos quem é a pessoa mais importante para você e fazemos com que a veja. E você tem razão: é uma prova terrível. Mas de que outra maneira poderíamos descobrir o que realmente está dentro de você?

Mason não sabia como responder.

A luz da arca, agora vazia, tinha se apagado. Era apenas uma velha arca comum.

– Está pronto para começar? – perguntou Reckful.

TOM ESPERAVA POR ELE LÁ fora. Com seu amigo havia outro professor, também um Sangue, um homem mais jovem, com cavanhaque vermelho-cereja e sobrancelhas bem desenhadas. Tom estava pálido, os olhos grudados no piso de pedra. A princípio, nem viu Mason, até o amigo chamá-lo pelo nome.

Tom levantou o rosto, como se recém-acordado de um longo sonho.

– Stark, oi.

– Tudo bem com você? – perguntou Mason.

– Está tudo bem com ele – respondeu o professor que estava ao lado de Tom. – Ele teve um bom desempenho.

– Este é Karn – apresentou Reckful. – Você já deve ter ouvido falar dele.

– Toda a escola assistiu às provas a que foram submetidos – esclareceu Karn em tom neutro.

A mão fria do embaraço apertou a nuca de Mason. Tinha chorado durante o teste. Talvez não tivesse sido bem um choro, mas com certeza derramara algumas lágrimas. Tinha sido só um pouco de precipitação. Nada que se pudesse notar muito. Provavelmente.

– *O quê?* – disse Tom. – *Você só pode* estar brincando.

– Nunca brinco – Karn respondeu. – E você logo vai ter que aprender a maneira correta de tratar seus professores. No primeiro dia está liberado, porque é um humano.

– Desculpe – disse Mason, pois lhe pareceu que Tom não ia responder nada.

– Dê uma folga a eles, Karn – falou Reckful. Dito isso, fez menção de conduzir Mason e Tom de volta ao elevador. – Vamos. Amanhã é o primeiro dia de aula. Vocês precisam descansar.

Entraram juntos no elevador, voltando na escuridão ao pavimento principal. A Câmara Interna estava de novo repleta de estudantes. Quando Mason apareceu, todos os Sangues se levantaram. Não bateram palmas como os humanos, mas o ato de se levantar parecia uma forma de reconhecimento por ali. Próximo a Mason, havia mais dois calouros: um rapaz jovem com trajes dos Pedras e uma garota com trajes dos Sangues, assim como Mason e Tom. A garota, que tinha cabelos ruivos com mechas rosadas, abriu um largo

sorriso para os dois amigos; o rapaz, por sua vez, olhou para eles como se fossem uma bolota de goma de mascar grudada em seu sapato.

Mason deu uma cotovelada em Tom e sussurrou:

– Os Pedras são bem amigáveis, não?

Os estudantes que faziam parte do lado Sangue na sala se sentaram. Mestre Zin avançava pelo corredor na direção deles. De perto, não parecia nem velho nem novo, embora houvesse algo de ancestral nele.

– Agora entendo o fato de os Pedras terem tentado nos matar no verão passado – disse Tom.

Mason não conseguia odiar os Pedras. Um tinha lhe dado suas velhas luvas. O mesmo Pedra que havia dito para Mason procurar os Rhadgasts se quisesse saber a verdade sobre os pais dele. Portanto, não podiam ser assim tão maus. Talvez mau fosse o termo errado.

Diferentes. Os Pedras tinham os mesmos objetivos, os mesmos desejos que os Sangues – só que uma filosofia diferente quanto ao que era necessário fazer para vencer.

Mestre Zin foi para o centro do palco e pigarreou, olhando para os alunos.

– Hoje vislumbramos os corações de nossos quatro novos alunos. Alguns de vocês sabem o que eles vão experimentar nos próximos dias, semanas e meses, e alguns de vocês também acabam de começar uma jornada. Lembrem-se de quem vocês são. E lembrem-se de por que estamos todos aqui: para aprender, para nos aperfeiçoar, para nos tornarmos defensores das coisas que consideramos mais valiosas neste mundo. Embora usemos cores diferentes, somos iguais... Todos somos *Rhadgasts*.

Mason ouviu o risinho de uma garota do lado dos Pedras, acompanhada de um murmúrio:

– Será que ele pensa que é o Grande Unificador? – o comentário provocou uma onda de risadinhas abafadas.

Mestre Zin levantou as mãos, resolvendo ignorar aquilo.

– Agora vão dormir. Amanhã o sol nascerá novamente.

Os rhadjens começaram a se movimentar ao mesmo tempo, saindo em fila da Câmara Interna. A garota que tinha feito a piadinha seguiu também, mas Mestre Zin apontou para ela, e a menina estacou, paralisada.

– Você e seus amigos devem comparecer ao meu escritório dentro de cinco minutos.

Mason fez uma anotação mental: “Mestre Zin não deixa passar nada”.

– Sim, mestre – respondeu ela, antes de entrar na fila.

Mestre Zin voltou-se para Mason e Tom. Mason percorreu a sala com o olhar: só havia os três ali.

– Vocês foram muito bem. De verdade, muito bem – então, ele se afastou, a túnica cinza ondoando às suas costas.

Mason e Tom seguiram a faixa no chão que os conduziria de volta ao dormitório. Os corredores estavam quase vazios, exceto por alguns eventuais rhadjens que voltavam para os respectivos dormitórios, sem muita pressa. Ninguém olhou para eles por mais de alguns poucos segundos, mas era evidente que gostariam de fazer isso. Um rapaz maior, um Sangue, ficou encarando os dois durante todo o tempo que levaram percorrendo parte do corredor. Antes que Tom o puxasse, Mason perguntou:

– Está com algum problema?

Deixaram para trás o rapaz, que parecia estar pensando numa resposta adequada.

Assim que ficaram sozinhos, Mason pediu:

– Fale do seu teste.

Seguiam a faixa no chão rumo à escada em espiral.

– É um assunto pessoal – respondeu Tom.

Por cinco segundos, Mason não disse nada. Mas depois resolveu:

– Vou contar como foi o meu.

Tom evitou olhar diretamente para ele.

– Foi uma coisa... estúpida.

– Pode me contar – disse Mason, colocando a mão no ombro de Tom. Como este continuava calado, Mason tirou a mão do ombro dele, subindo ambos em silêncio por um momento. – Vai ficar só entre nós, amigo. Temos de confiar um no outro se quisermos sobreviver...

– Minha mãe.

– O quê? – perguntou Mason.

Tom cerrou os punhos.

– Eles me convenceram de que minha mãe ainda estava viva; de que a tinham ressuscitado. Eles... Acreditei que era ela. Estava com uma armadura que...

– ...começou a apertar o corpo dela? – completou Mason.

Tom fez que sim, os olhos brilhando.

– Aconteceu o mesmo com você? Quem você viu?

– Merrin.

Tom arqueou as sobrancelhas. Mason limitou-se a dar de ombros.

– Não Susan?

– Não.

Agora estavam quase no dormitório.

– Mas...

– Como terminou o seu? – perguntou Mason, antes que Tom fizesse outra pergunta.

– Disse a minha mãe que não podia vê-la morrer de novo, e que também não queria deixar os prisioneiros morrerem. Então, ela desapareceu.

– Pelo menos, não somos da Pedra – disse Mason enquanto se aproximavam da porta.

Ela se abriu assim que chegaram mais perto.

Po encontrava-se no *hall*.

– Bem-vindos! Que belas roupas estão usando. Ou belas cores, melhor dizendo. Entrem.

Mason e Tom obedeceram. Mason resistiu ao impulso de examinar a sala novamente. Procurar armadilhas ou aparelhos de escuta não causaria uma primeira impressão lá muito boa.

A maioria dos rhadjens já estava nos beliches. Dois estavam debruçados sobre uma bancada a um canto, mexendo num par de luvas. Todos os olhos se voltaram para os dois novos garotos.

Um rapaz da parte superior de um beliche à esquerda, um Pedra, comentou:

– Oh, ótimo, os humanos vão ficar com a gente – o que só confirmava o quanto os tremistas eram perfeccionistas na arte do sarcasmo.

Mason sustentou todos os olhares sem fraquejar nem desviar os olhos. Não mostraria nem um grão de fraqueza.

– Esta é a sua cama – disse Po, apontando para a parte de baixo de um beliche à esquerda.

Em seguida, indicou a cama de Tom, que era logo à direita da de Mason, mas Mason não ouvia mais o que Po dizia. Olhava para Lore, e ela também olhava para ele. Estava logo acima de sua cama, apoiada num dos cotovelos, um livro aberto sobre o peito. Ela havia entrelaçado as duas tranças roxas. De perto, Mason notou com nitidez o formato de suas sobrancelhas, que lhe davam uma aparência mais severa do que a dos outros Pedras, como se estivesse sempre encarando as pessoas. Talvez ela não estivesse lançando um olhar duro a Mason; talvez aquela fosse sua aparência natural. Não havia nenhuma suavidade nela.

Mason sustentou aquele olhar, logo sentindo que todos no dormitório encaravam os dois. Mas não desviou o olhar mesmo assim, e ela também não. Lore era uma profissional naquilo, mas não sabia o que os humanos faziam na Academia I: disputavam campeonatos de olhares. Faziam queda de braço. Criavam todo tipo de competição, o tempo todo. Po deu uma tossidela.

Enfim, os olhos de Lore se desviaram, depois se fixaram nos dele de novo. Mas foi o bastante. Mason havia ganhado a disputa. “Não vou me deixar intimidar.”

– Isso foi bem estranho – Po comentou.

Ninguém riu.

Po aproveitou a deixa para fazer as apresentações. O dormitório abrigava quatro rhadjens, excluindo Mason e Tom (embora houvesse beliches para doze, três de cada lado): dois Sangues e dois Pedras, antes de Mason e Tom integrarem o grupo e romperem o equilíbrio. Repentinamente, Mason sentiu uma saudade imensa de sua equipe. Sentia falta de Jeremy e Stellan, principalmente, mas também de Willa e de outros cadetes que o tinham ajudado a salvar a *Olimpo* e a *Vontade*. Queria sua *Egito* de novo.

Fez uma lista mental para não esquecer nenhum nome, assim não magoaria ninguém. Nem se mostraria rude ou insensível. Em primeiro lugar vinha Po, claro, mas Mason achava que não iria esquecê-lo tão cedo. O único outro Sangue era uma garota chamada Risperdel. Seus cabelos eram negros, o que a fazia parecer uma humana, caso não se levasse em conta sua pele, sobrenaturalmente translúcida. Ela tinha sido a única Sangue, além de Po, que não havia olhado para Mason e Tom com desconfiança.

– Risperdel é a garota mais rápida da escola – disse Po. – É sua melhor qualidade. Isso, e se meter em encrenca, ou nos meter em encrenca – acrescentou com um sorriso, procurando esquivar-se dos socos de Risperdel.

Mas ela devia ser mesmo rápida, porque um dos socos atingiu o rosto dele.

Po revidou o golpe.

– A primeira amiga pétrea nossa é Lore, que você já conheceu. Hum, o que posso dizer sobre ela que já não saiba? Lore... vence. Sempre que há uma competição, ela vence. Sempre que puder, entre na equipe dela.

Mason fez um aceno de cabeça para ela. Com certeza não poderia ter se esquecido da garota que o tinha confrontado diante de toda a escola, cinco segundos depois que havia dado as caras ali pela primeira vez. Agora que haviam voltado a se olhar, ela lhe fez uma espécie de aceno sem muita vontade, como se tivesse resolvido tolerar sua presença.

– E Jiric é a pessoa mais inteligente que conheço – disse Po. Coçou o queixo, pensativo. – Na verdade, agora pensando bem, todos somos dos melhores da escola. Eu me pergunto se foi por isso que vocês foram colocados aqui.

Risperdel soltou um risinho forçado.

– Quer dizer que nós fazemos com que os humanos pareçam ruins...

– O que não é tão difícil – acrescentou Jiric.

O rosto de Jiric se franziu, como se tivesse sentido um cheiro horrível alcançar suas narinas. Usava um par de óculos, que aumentava seus olhos e o faziam parecer um humano. Quando Mason olhou com mais atenção, percebeu dados deslizando pelas lentes. Que tipo de dados Jiric precisava ficar monitorando, Mason não fazia ideia. O olhar humano se tornava ainda mais convincente pelo fato de ter sido o primeiro tremista que Mason vira com cabelos castanhos, os quais lhe desciam até os ombros.

Mason ficou sabendo que um tremista tinha apenas um nome, mas, se pertencesse a uma família descendente da realeza, ao nome seria acrescentado o nome real. Era o caso de Risperdel, que era ligada à casa de Del, uma família real sem muita importância em um reino distante.

A porta se abriu. Reckful entrou no dormitório.

– Senhor – saudou Po.

Risperdel, Jiric e Lore se levantaram da cama a fim de se colocarem em posição de sentido. Era tudo tão parecido com o que acontecia no ComET, que Mason teve dificuldade de afastar aquela lembrança.

– À vontade – disse Reckful. – Estamos fora do horário das aulas.

Os estudantes se descontraíram, e Jiric e Lore voltaram para a cama.

– Gostaria de conversar um instante com nossos mais novos irmãos.

O coração de Mason disparou: havia alguma coisa estranha na maneira como ele havia pronunciado aquelas palavras. Seu sorriso de sempre tinha desaparecido.

Reckful apontou para a porta, e Mason e Tom passaram por ele, indo para o corredor. Reckful os seguiu, e a porta se fechou atrás deles.

– Por aqui, por favor – falou Reckful, seguindo pelo corredor. Mason e Tom trocaram um breve olhar, e Reckful disse por sobre o ombro: – Conseguem andar como se tivessem pernas?

Alguma coisa estava errada. Muito errada. Mason começou a suar, mas se obrigou a inspirar profundamente para se acalmar, a mente já imaginando uma rota de fuga. Sabia em que direção devia correr para a saída, mas... e

depois? A escola era cercada por uma floresta animada com árvores que capturavam pessoas, prendendo-as entre seus galhos.

Mason e Tom alcançaram Reckful, que os conduziu a outro corredor – não de madeira, mas de um metal que o fez lembrar os deques da *Egito*, prateados e brilhantes. Uma porta se abriu, e eles entraram por ela. A sala inteira começou a brilhar, criando aquele ambiente iluminado que vira em outras partes da escola. Era uma espécie de depósito, repleto de equipamentos que Mason não reconhecia nem entendia.

Quando ficou claro o bastante para que pudessem se ver bem, Mason olhou para Reckful, depois para as mãos dele. Em cada uma havia um pequeno disco preto. Os comunicadores. Ele os encontrara. Ou alguém os tinha encontrado e os entregara a Reckful.

Devagar, Reckful fechou a mão sobre os discos, as mãos pendendo depois ao lado do corpo.

– Por acaso vocês acham que os Rhadgasts são imbecis? – perguntou ele num tom gélido.

Mason e Tom estavam paralisados. Pelo canto do olho, Mason viu Tom deslocar o peso do corpo para o pé que estava mais recuado. “Não faça nada estúpido. Não faça nada que não possamos desfazer.” Tinha que confiar na inteligência de Tom, pois seu amigo era inteligente.

– Desejo muito confiar nos dois – disse Reckful. – Desejo ardentemente a paz entre nossas espécies. *Ardentemente*. Vocês podem ser considerados heróis por causa dos fatos que foram divulgados no ano passado, mas eu estive no fronte. Eu vi a destruição causada pela guerra – o rosto dele havia se contorcido numa careta, algo muito estranho após ter visto seu sorriso quase constante e seu comportamento agradável. – Sei quais inimigos teremos de enfrentar juntos. Neste exato momento, estão vindo atrás de nós.

– Também sabemos, senhor – disse Mason.

Aquelas palavras saíram quase sem que sentisse. As letras simplesmente tinham se juntado no fundo de sua garganta e sido arremessadas de repente boca a fora.

Mas, em vez de aquilo provocar uma reação hostil, a testa de Reckful se franziu, e ele soltou um longo suspiro.

– Imagino que saibam.

Mason tinha duas opções:

Mentir.

Dizer a verdade.

Não havia nenhuma outra opção. Primeiro Reckful os tinha procurado e conduzido à sua sala. Mason e Tom já deveriam estar presos. Ou mortos. Mas isso não acontecera.

– Digam-me a verdade – disse Reckful.

Era como se ele lesse os pensamentos deles. Ou, o que era mais provável, apenas era o pedido mais óbvio naquela situação.

Tom trocou um olhar com Mason, como se esperasse um sinal dele. Era com Mason agora. Mas Reckful já estava com os comunicadores. Portanto, Mason concluiu que ele já sabia a verdade.

– Estou aqui por dois motivos, senhor – começou Mason.

Reckful fez um gesto de assentimento.

– Continue.

– Quando estava na estação *Vontade*, um Pedra, embora na ocasião eu não soubesse que se tratava de um Pedra, disse-me que eu devia procurar os Rhadgasts se quisesse descobrir a verdade sobre os meus pais.

Se Reckful tinha conhecimento daquilo, seu rosto nada revelou. Limitou-se a continuar ouvindo.

– Então – continuou Mason –, quando tive permissão para aceitar o convite desta escola, não tinha nada que pudesse me impedir.

– E o segundo motivo? – perguntou Reckful.

Mason passou a língua nos lábios. Dizer a verdade seria uma violação direta dos parâmetros da missão. Um espião do ComET não deveria revelar sua identidade à primeira pessoa que o questionasse. “Ele já sabe”, pensou Mason. “Se mentir, está acabado, e nada disso vai adiantar mais.”

– Caso se recuse a me dizer, ou se eu achar que está mentindo, você está perdido.

Mason começou a falar. Tinha que confiar em seus instintos, fossem eles relacionados ou não a traição.

Reckful levantou a mão em um gesto severo.

– Deixe-me terminar. Não estamos aqui para brincadeiras. Vocês não vão me dominar e fugir. Apenas serão presos até os líderes resolverem o que fazer com os dois. Por isso, quero que pense bem nisso. A verdade, e nada menos, ou o tempo de vocês aqui acabou.

Tom fez um aceno de cabeça para Mason.

– Faça isso, Stark.

Mason suspirou.

– O ComET tem informações que indicam que os tremistas talvez estejam

desenvolvendo uma espécie de arma ou projeto que constitui uma violação do novo tratado. Um projeto que talvez esteja *sediado* na escola dos Rhadgasts. Como sou o único com permissão para estar aqui, eu, junto com Tom, recebi a missão de descobrir essa conspiração, isto é, se é que ela realmente existe.

Reckful permaneceu em silêncio por um longo tempo, mas Mason era quase capaz de ver as engrenagens girando atrás dos olhos dele.

– Entendo – ele respondeu após um longo momento.

Mason e Tom aguardavam seu destino. A única coisa que Mason sabia era que não queria morrer ali. Não depois de já ter quase morrido uma hora antes. Primeiro queria ver Merrin de novo, ter certeza de que estava bem. E também Jeremy e Stellan.

– Qual Rhadgast contou a você sobre os seus pais?

– Ele estava com uma máscara – respondeu Mason.

– Seria capaz de reconhecer a voz dele?

– Não sei – respondeu Mason, embora a lembrança estivesse gravada em sua mente. – Acho que sim.

– Nada sei sobre os seus pais – disse Reckful. – Nem sobre algum projeto que esteja sendo desenvolvido nesta escola. Acho que eu teria notícia se alguém estivesse envolvido com alguma arma.

Mason ousou, naquele instante, ter esperanças de que fosse permitido voltarem ao dormitório.

Reckful abriu as mãos; os comunicadores continuavam nelas.

– O que vai acontecer se não usarem estes aparelhos? Seria um problema?

– Não sei – respondeu Mason. – Esperavam que comunicássemos nossa chegada e que estamos sãos e salvos.

– Se fugirmos do que estava combinado – acrescentou Tom, manifestando-se pela primeira vez –, pode haver algum tipo de retaliação.

Reckful bufou, como se a simples ideia de retaliação contra a escola dos Rhadgasts fosse ridícula.

Passou-se um tempo. Reckful suspirou profundamente, enquanto Mason e Tom mal conseguiam respirar.

– Eu não sei se alguma coisa está acontecendo aqui ou não, e espero poder informá-los de que não está. Sinceramente, espero que não – estendeu as mãos, oferecendo os comunicadores de volta a Mason e Tom. – Fiquem com eles e mantenham-nos bem escondidos. E se por acaso forem pegos, vou dizer que não fazia ideia de que vocês tinham isso, e também vou ficar de fora quando forem acusados de espionagem, cuja pena é a morte.

Um calafrio percorreu a espinha de Mason.

– Não posso ajudá-los – acrescentou Reckful. – Mas quero verificar essas informações.

Mason e Tom pegaram os comunicadores. Mason guardou o seu no bolso de trás da calça. Suas mãos estavam trêmulas de alívio.

– Estou me decidindo a confiar em vocês, rapazes.

– Por quê? – indagou Tom, sem refletir.

Mason teve vontade de lhe dar um tapa.

Reckful arqueou as sobrancelhas.

– É uma boa pergunta. Talvez eu tenha meus motivos, Tom. Já pensou nisso?

Tom empalideceu vigorosamente.

– Nem tudo está indo de acordo nesta escola – respondeu Reckful. – Percebo isso. E quero saber a verdade.

– Obrigado, senhor – Mason apressou-se em dizer. – Não vamos nos esquecer disso – as palavras de Reckful tinham congelado as entranhas de Mason.

Reckful assentiu.

– Procurem não esquecer. Agora deem o fora daqui. Espero que saibam o caminho de volta.

Reckful abriu a porta, e Mason e Tom trataram de sair em disparada pelo corredor. O ar estava mais frio lá fora.

– Foi uma tremenda intimação, já no primeiro dia – comentou Tom, a voz calma.

– Nem me fale. Nada pode ser fácil pra gente, não é?

Tom não sorriu: ambos estavam muito tensos para isso.

– Espero que a gente saiba o que tá fazendo – disse Tom.

– Na verdade, acho que não sabemos – respondeu Mason.

“Mas agora é tarde demais.”

Voltaram ao dormitório, notando que os rhadjens tinham pendurado os blusões em cabides na parede. Estavam todos na cama, trabalhando nas mesas dobráveis. Mason e Tom penduraram a túnica em dois espaços vagos, e usavam agora um uniforme que não era diferente dos utilizados pelos cadetes do ComET. Tiraram as botas em silêncio, colocando-as nas fileiras de botas, tendo o cuidado de que ficassem na mesma ordem das demais.

– Bem-vindos mais uma vez – disse Po, e Mason sentiu-se grato por ele não fazer um monte de perguntas, às quais Mason não poderia responder.

A garota sangue Risperdel não mostrou a mesma atitude.

– Por que tudo aquilo? Uma visita fora de hora de um professor? – indagou ela olhando ao redor, como se procurasse respaldo para a ideia de que aquilo era muito estranho.

Não parecia assim tão estranho para Mason.

– Ele só queria verificar se estávamos bem acomodados – respondeu Mason.

– Reckful não mostrou muita simpatia – retrucou Jiric, examinando-os com os olhos bem abertos.

– Guarde suas perguntas para amanhã – disse Po. – As luzes vão se apagar dentro de trinta segundos – acrescentou, parecendo ser o chefe do dormitório, ou algo do gênero.

O rhadjen o ouviu. Nos trinta segundos seguintes, as luzes começaram a se apagar. Mason trocou um último olhar com Lore antes de se enfiar na cama sob ela. Não pôde avaliar sua expressão devido à fraca luminosidade, mas imaginou que não devia exibir nada de amigável.

No escuro, Mason aguçou os ouvidos. Os sons eram familiares para ele, pois havia dormido num quarto com doze ou mais pessoas durante toda a sua vida. Primeiro tinha o farfalhar de lençóis e travesseiros, as fungadelas e os suspiros. Depois, a mudança de ritmo da respiração, indicando que alguém já tinha sido envolvido pelo sono. Concentrou-se em ouvir Tom, que continuava acordado, mas totalmente quieto. Não conseguia vê-lo na escuridão.

Passados mais cinco minutos, Mason puxou o lençol para cima do rosto, depois fez o comunicador deslizar para a mão e o apertou. Sentiu um formigamento na palma quando o campo elétrico natural produzido pelo seu corpo se conectou ao aparelho.

Mason fechou os olhos, e, quando os abriu, encontrou-se no escritório do almirante Shahbazian.

– Aí está você – disse o almirante, batendo a mão na mesa e sorrindo. – Estava preocupado. Estão em segurança?

O comunicador de Shahbazian estava em um pedestal no meio do escritório, mostrando uma reprodução branco-prateada do rosto de Mason. Ele não precisou falar em voz alta, apenas pensar.

– Estamos em segurança – disse Mason. – Sinto muito, mas só agora pudemos fazer contato.

Um problema do comunicador era que ele bloqueava as coisas que aconteciam ao redor do corpo. Alguém poderia estar perto dele naquele

mesmo instante, observando-o, e Mason não perceberia nada.

De repente, Tom estava ao lado dele. Tinha usado o seu comunicador.

– Ótimo, estão vivos – disse o almirante.

Mason poderia jurar que os olhos dele estavam injetados, embora os visse através de uma série de câmeras no comunicador do almirante Shahbazian.

– Estavam achando que não? – perguntou Mason.

O almirante fez um aceno com a mão.

– Não, não. Só me faça um relatório. Minucioso.

Os dois deram um relatório minucioso das próprias experiências desde que tinham se despedido do almirante.

– Espero ouvi-los quando tiverem alguma coisa útil para informar.

Mason achava que a revelação de que havia dois tipos de Rhadgasts era muito importante, mas talvez ele já tivesse essa informação.

– Quando querem que entremos em contato de novo? – perguntou Tom.

– Quando não houver risco. Agora durmam. Tenham cuidado e... bom trabalho, rapazes – disse Shahbazian.

Depois, desligou.

Mason voltou à escuridão do quarto, rodeado pelos rhadjens adormecidos. Achava que ficaria acordado a noite inteira. Estava em um planeta alienígena, numa escola alienígena, em uma missão quase impossível, e não sabia nem por onde começar. Usar o comunicador tinha lhe provocado um zumbido na cabeça e uma leve coceira na pele.

Mas, tão logo fechou os olhos, mergulhou em um sono sem sonhos.

O SONO DE MASON FOI interrompido por um zumbido alto, seguido de uma voz: *Bem-vindos ao amanhecer, rhadjens. Estejam no refeitório dentro de cinco minutos.*

Mason ergueu o corpo em um movimento brusco e bateu a cabeça no beliche de Lore, pois não estava mais acostumado a dormir com alguém acima dele (na Academia II, ficava na cama de cima do beliche, entre os colegas cadetes, em sinal de reconhecimento – o que teve o efeito de fazer Mason se sentir ainda mais deslocado). Os outros, que já tinham levantado da cama, entravam e saíam do banheiro. Mason ouvia a água escorrer. Também foi para o banheiro, encontrou uma cabine vaga e entrou para tomar uma chuveirada de cinco segundos. A água incidiu sobre seu corpo com tanta força que chegou a doer. Esbarrou em Tom na saída.

– Vamos procurar ficar juntos – disse Tom.

– Claro – respondeu Mason.

– Preste atenção por onde anda – disse Jiric, esbarrando em Mason.

Não pareceu ter sido intencional.

Na sala principal, os rhadjens se vestiam com seus blusões que mais pareciam túnicas. Mason achava que eram legais, sempre dando a impressão de estarem a um milímetro do chão, mas não conseguia entender a vantagem tática daquela peça. As túnicas que os Rhadgasts usavam pareciam ainda mais complexas, com camadas que se moviam e flutuavam como se tivessem vida própria. Mason se lembrou da primeira vez que vira um Rhadgast: suas vestes esvoaçavam atrás dele como um conjunto de serpentes.

– Estamos atrasados! – exclamou Po.

Quando terminaram de se vestir, Mason enfiou o dedo na gola e a afastou da garganta, para ganhar um pouco de ar.

Mason chamou Po para um canto enquanto os outros calçavam as botas.

– Para onde vamos?

Po lhe deu uma piscadela e um tapinha nas costas.

– Vocês estão com a gente, humanos.

– Graças a Deus – comentou Tom.

– Vamos ficar com vocês para assistir às aulas? – perguntou Mason. – O dia inteiro?

– Sim. Colegas de quarto assistem às aulas juntos para desenvolverem confiança mútua, como uma unidade. Um dia, quando nos formarmos, seremos direcionados para uma unidade também. Por enquanto, sou o capitão da equipe, até que alguém se mostre mais capacitado para a função.

– Já, já alcanço você – disse Risperdel com um risinho forçado.

“Quanta genialidade”, pensou Mason. As Academias I e II tinham unidades, mas as pessoas não treinavam no mesmo grupo durante todo o tempo de escola.

Po fez menção de se encaminhar para a porta, mas Mason segurou levemente seu braço.

– Espere.

Po soltou um suspiro.

– Quer chegar atrasado?

– Não, é só que... tem um monte de camas sobrando. Quem mais dormia aqui?

O farfalhar de tecidos desapareceu, dando lugar ao silêncio, e Mason percebeu que todos já tinham terminado de se vestir e agora encaravam os dois. Mason lamentou ter feito a pergunta, mas, se houvesse membros da equipe que Mason e Tom estavam substituindo, queria saber. Os dois não precisavam de mais um motivo para serem odiados.

Quando Po olhou para ele, seus olhos tinham uma expressão solene.

– Não sabemos onde eles estão. Provavelmente morreram. Não torne a perguntar isso – disse ele, e se voltou para os demais. – Terminem de se arrumar. Já.

O grupo o ouviu. Dois minutos depois, Mason e sua nova equipe estavam na primeira aula do dia. Não havia carteiras nem cadeiras. A sala de aula era uma sala cilíndrica no nível 43, no lado pedra do domo. Mason tinha imaginado que os Sangues não passavam para o outro lado da esfera e vice-versa, mas, ao que parecia, tinha se enganado. Não havia “lados”.

Os assentos eram campos de força que se elevavam do piso. Seus colegas de equipe se espalharam e se sentaram neles, acomodando-se em posições confortáveis. As cadeiras de campo de força os acompanhavam, moldando-se ao corpo dos estudantes. Eram melhores que as cadeiras de plástico desconfortáveis nas quais Mason se sentara durante toda a vida, e nem faziam seus cabelos se arrepiarem.

O nome do professor era Broxnar, e ele era, de longe, o tremista mais corpulento que Mason já tinha visto. Usava uma túnica de seda azul, fechada

com uma faixa que corria o risco de arrebentar se ele inspirasse com muita força. Assim que viu Mason e Tom, abriu um sorriso franco, e seus olhos mostraram um brilho de excitação. Para Mason, aquilo parecia o entusiasmo que uma criança tem quando vai ao zoológico pela primeira vez e vê a reprodução de algum animal extinto.

Broxnar esfregou as mãos carnudas uma na outra.

– Desejo as boas-vindas aos nossos mais novos alunos. Como devo pronunciar o nome de vocês: Mei-san e Tome?

Quase todos os membros da equipe riram, inclusive Po. Não era um riso mal-intencionado, o que já era um começo.

– Mason e *Tom* – este corrigiu.

– Sim, sim, Mei-san e *Tommm* – disse ele, saboreando as palavras. – Peço-lhes desculpas. Não tenho o implante da língua de vocês.

Para extrema surpresa de Mason, aquela piada fez Lore soltar uma risadinha.

– Agora, tenho uma sugestão especial para vocês, em honra destes nossos novos amigos, estes novos irmãos aqui presentes. Hoje vamos vivenciar a história do Divisor e do Unificador.

Ouviram-se comemorações não muito animadas. Na verdade, apenas Po parecia entusiasmado. Ele se inclinou para frente.

– Normalmente, Broxnar ensina história dos Rhadgasts, mas são apenas aulas discursivas, com exercícios para casa. Hoje nós vamos *experimentar* alguma coisa, graças a vocês, rapazes.

Mason não fazia ideia do que aquilo significava, mas mesmo assim respondeu:

– Bom, fico feliz em poder ajudar.

De repente, a sala ficou escura e silenciosa, e um tremista apareceu sozinho no meio da sala, como se por um passe de mágica. O corpo de Tom se enrijeceu, e Mason quase pulou do assento. Mas era apenas um efeito ilusório. Só podia ser. Da mesma forma que havia acontecido com Merrin.

Quando o Rhadgast, vestido em um traje prateado, virou-se, parecendo olhar fixamente cada um dos estudantes da sala, todos soltaram exclamações animadas.

– Silêncio! – disse Broxnar. – Já devem ter visto isso antes, mas haverá uma nova exibição.

Durante a hora seguinte, Mason assistiu a uma série de acontecimentos que se desenrolaram diante de seus olhos, como se os vivenciasse ao lado dos

antigos heróis dos Rhadgasts. Os acontecimentos contavam a história do Unificador e do Divisor.

Seiscentos anos atrás, os tremistas não tinham efetuado voos espaciais ainda, mas já dominavam a eletricidade. E, assim como os humanos já tinham feito, os tremistas também guerreavam entre si. Os Rhadgasts, guerreiros de elite comprometidos com a defesa do povo, dispunham-se em formação de combate para sufocar os eventuais focos de rebelião, mas logo houve uma cisão na poderosa ordem. Muitos Rhadgasts estavam morrendo, e alguns se perguntavam por que sacrificavam a própria vida por outros, quando não se faziam progressos reais rumo à paz. Esses Rhadgasts queriam que os ataques fossem levados mais a sério, pois pretendiam aniquilar brutalmente os inimigos, até não haver outra opção senão a rendição.

A outra metade da ordem dizia que esses Rhadgasts eram duros como pedras, e que tinham esquecido *por que* os Rhadgasts os tinham escolhido para fazer parte de seu grupo. O poder fora confiado a eles para que protegessem o povo.

Em dias atuais, Broxnar apressou-se em explicar, os Pedras já não acreditavam mais naquelas táticas ferozes, graças ao líder da Pedra: Mestre Rayasu. Acreditavam apenas, agora, no bem supremo. O valor de uma vida não podia ser comparado ao valor de muitas, mas ainda protegiam os inocentes e morriam por eles. Broxnar não deu explicações sobre que tipo de influência Mestre Rayasu teve na transformação dos Pedras em uma facção menos radical.

O primeiro tremista que Mason vira surgir na sala era o Divisor, Jo-tep. Ele tinha dividido a ordem dos Rhadgasts em certa manhã, no início de um longo inverno. Naquela época, não havia a esfera dos Rhadgasts; apenas uma série de edifícios de madeira unidos por túneis subterrâneos.

Mason viu o Divisor se encaminhando à casa do líder do Sangue, colocar as mãos na parede...

...e deixar as luvas esquentarem até a madeira se incendiar. O líder dos Sangue havia escapado com vida, mas a guerra tinha estourado. Ela durara 47 anos, cerca de trinta anos terrestres, pois Skars orbitava sua estrela mais rápido do que a Terra. Skars tinha sofrido tanto quanto os Rhadgasts, pois, como os habitantes reverenciavam seus combatentes de elite, vê-los lutando entre si desmoralizava todo o planeta.

Foi uma época sombria. O rei foi assassinado, e durante doze anos não houve liderança.

Até o advento do Unificador, Aramore.

Quando ele surgiu na sala de aula, os Sangues soltaram exclamações entusiasmadas. Ele cavalgava o que parecia ser um gato selvagem com listras vermelhas e negras, que combinavam com as listras vermelhas e negras de seu cabelo. O gato deu a Mason a impressão de ser um tigre-dentes-de-sabre, exceto pelo fato de os dois caninos grandes emergirem da parte inferior da boca, e não da superior. O Unificador usava uma armadura de couro e uma capa de seda carmesim. Usava também luvas mais poderosas do que qualquer outra, segundo Broxnar. As luvas não eram nem vermelhas nem roxas, mas negras. Totalmente negras. Onde ele tinha conseguido aquelas luvas era um absoluto mistério. De onde ele viera também era um mistério. Um dia simplesmente tinha aparecido, usando aquelas luvas poderosas.

O Unificador se pôs diante de uma legião de Sangues.

– Estou aqui para promover uma reunificação. Estou aqui para restaurar a dignidade de nossa ordem.

E foi o que ele fez. Combateu os Pedras que se recusavam a cooperar. E lutou sozinho. Embora não existisse registro disso, dizia-se que o Unificador criara um domo de um negro brilhante à sua volta, depois se dirigira ao campo dos Pedras, combatendo todos os que se aproximassem demais.

Àquela altura, o Divisor era um homem idoso. Usava uma armadura diferente da utilizada antes, Mason notou. Aliás, parecia exatamente a armadura usada pelo rei tremista, ou pelo menos a armadura que ele costumava usar.

– Rendam-se – disse o Unificador.

– Nunca – retrucou o Divisor.

O Unificador matou-o imediatamente. Testemunhas oculares relataram que o Unificador fora corrompido pelas luvas e começara a matar Pedras a torto e a direito, mesmo aqueles que tinham se submetido ao seu poder.

Logo depois, os Pedras concordaram em fazer as pazes com os Sangues, e o Unificador desapareceu floresta adentro, nunca mais se ouvindo falar dele. Dizia-se que ele havia se juntado a um grupo de tremistas que tinham optado por uma vida mais simples, em meio às árvores. Contava-se também que suas luvas ainda estavam lá, esperando ser encontradas por alguém que precisasse delas.

Começou então a construção do que seria a esfera dos Rhadgasts. (Mason tinha razão: metade da escola era subterrânea.) Os Pedras mantiveram sua identidade, mas não houve mais guerras. E as coisas ficaram nesse pé até os

dias atuais.

Porém, a atenção de Mason se desviara durante as últimas partes da lição.
Não conseguia deixar de pensar nas luvas.

– **NÃO É LEGAL MOSTRAR ISSO** – disse Jiric, quando a aula acabou e as luzes se acenderam. – É propaganda contra os Pedras.

Broxnar deu uma risadinha, esfregando as mãos.

– Meu caro rhadjen, acho que isso se chama História. Não pode saber para onde está indo se não souber de onde veio.

– Essa parte da História demoniza os Pedras – rebateu Jiric. – Só porque não optamos por morrer.

Risperdel bufou.

– Quer dizer que vocês optaram pela morte de outras pessoas que não fossem vocês.

Mas ela não havia dito isso com malícia; de alguma maneira, parecia um comentário até amigável. Jiric apenas revirou os olhos e fingiu ignorá-la.

Broxnar pigarreou.

– Basta, Risperdel. Como eu disse, é História. Eu mesmo tive que fazer uma opção difícil. Não há nenhuma vergonha nisso. Alguns talvez se permitam morrer mais facilmente, o que é uma maneira de não fazer nenhuma opção.

Mason não tinha pensado naquilo desse modo. Achava até que não concordava, mas conseguia compreender os argumentos de Broxnar. Talvez a decisão dos Pedras não fosse tão fácil quanto a que Mason havia tomado.

Um sino tocou.

– É só isso – disse Broxnar, dando um apertão na faixa em volta da cintura. – Lembrem-se do que viram aqui hoje.

Os estudantes saíram, dispondo de três minutos para chegar à próxima sala de aula. Os corredores estavam lotados de rhadjens deslocando-se de uma sala para outra. Muitos deles tinham arranjado um tempinho para olhar ou apontar para Mason e Tom. Era o segundo dia deles ali, o primeiro dia completo, mas, ainda assim, o excesso de atenção já estava se tornando desgastante. Eram humanos, sim, e daí? Eram quase da mesma espécie. Só que, pensando bem, aquilo não era tão ruim quanto a atenção que despertavam na Academia II. Ali Mason era um personagem excêntrico, não um herói.

– E aí, o que acharam da nossa história? – perguntou Po, colocando-se ao

lado de Mason e de Tom enquanto subiam uma das muitas escadas em espiral.

– Foi bem interessante – Tom respondeu.

– E explica muita coisa – acrescentou Mason, talvez um pouco alto demais, embora não quisesse ofender ninguém nem dar alguma indireta.

Lore, que estava alguns passos à frente, virou-se para fulminá-lo com o seu centésimo sétimo olhar hostil do dia. Ou quem sabe aquilo era apenas o efeito das sobrancelhas finas dela.

– É verdade, explica sim. Ei, ouça. Hoje à noite, se quiser se divertir um pouco, venha se encontrar comigo na Câmara Interna. Você também, Thomas.

– Está vendo? – disse Tom. – Até ele consegue me chamar pelo meu nome completo. Não é tão difícil assim.

– Estou me esforçando para isso, Tom – retrucou Mason.

– Quer dizer que vão estar lá? – perguntou Po. – Ótimo! – comentou, antes que Mason tivesse tempo de continuar o assunto.

Já estavam na sala da aula seguinte.

Seu segundo professor, Grubare, usava uma túnica verde-jade sem nenhum ornamento – nada que indicasse ser um Sangue ou um Pedra. Seus olhos eram pretos feito carvão, mas o cabelo era de um prateado perolado. Ficou observando Mason e Tom enquanto os dois procuravam assentos livres na sala.

Na carteira havia uma criatura pequena, parecida com um macaco, coberta por eriçados pelos azuis. Comia um pequeno pedaço de fruta amarelo-neon, que girava sem parar com as patas minúsculas. Em sua cabeça havia quatro olhos em vez de dois, um na frente, um atrás, e um a cada lado, possibilitando a ele uma visão de 360 graus. Os olhos estavam sonolentos, semicerrados, enquanto mordiscava o fruto.

– Vai ser uma coisa espantosa – disse Jiric, antes de Lore se aproximar.

– Tem razão – disse Grubare, do meio da sala. – Estamos fazendo história, não é mesmo? Humanos, não apenas em Skars, mas dentro de nossas instalações, aprendendo nossos segredos. É tão *espantoso*.

– Desculpe, senhor – disse Jiric.

– Silêncio. Vai ter que escrever um ensaio sobre o significado da palavra *espantoso* e sua relação com a raça humana. Para amanhã – concluiu Grubare, voltando os olhos negros para Mason e Tom. – Pediram-me que tolerasse vocês em minha sala de aula. Não, *ordenaram* que eu tolerasse

vocês. Não atrapalhem minha aula.

– Não pretendemos atrap... – principiou Mason.

– Já estão atrapalhando – como para confirmar aquilo, a criatura guinchou, subiu pela manga de Grubare e se colocou em seu ombro. Logo que se acomodou lá, passou a aparecer e desaparecer em uma dobra da túnica de Grubare. – Estão perturbando meu gromsh.

“Gromsh?”

– Bom, eu...

Tom deu uma cotovelada em Mason, um gesto que, como já havia aprendido, significava: *Cale-se, Stark, se é que você é um cara esperto*. Mason se calou.

Grubare prosseguiu com a aula, que era sobre a conjuntura econômica emergente no continente ocidental e o impacto que teria no comércio na década seguinte.

Mason interpretou aquilo como uma aula chata de economia (já tivera uma amostra nas Academias I e II), mas ouviu Po sussurrar para Risperdel:

– Por que estamos estudando economia? A gente devia estudar táticas defensivas para batalhas em situação de gravidade zero. Temos uma prova esta semana.

Mason, que tinha perdido as primeiras quatro semanas do semestre, esperava não ter que se submeter àquela prova.

Risperdel deu de ombros, depois levantou o queixo e apontou Mason e Tom:

– Talvez ele não queira ensinar a eles.

Os dois amigos acharam a aula interessante, embora não tivessem muito contexto para compreendê-la. Mason não sabia muito bem do que Grubare falava. Durante o restante da aula, não houve mais nenhum incidente, principalmente porque Mason conseguiu manter a boca fechada por todo o tempo. Ainda assim, os olhos de Grubare o buscaram várias vezes, como se procurasse algum pretexto para repreendê-lo. No final da aula, Grubare instruiu:

– Verifiquem se o cinto de vocês está funcionando. Amanhã estaremos na sala de gravidade, e veremos então se vão poder continuar seus estudos aqui nesta escola.

Jiric e Risperdel trocaram olhares preocupados.

Mason assistiu a outras aulas ao longo do dia, mas no almoço Po lhe disse que a partir dali elas teriam caráter “físico”. O que queria dizer: combate.

Mason sentiu o sangue correr mais rápido pelas veias ao ouvir aquilo. Estava pronto para mostrar aos Rhadgasts do que era capaz.

– Vão nos testar – disse Tom, ao seu lado. – Para examinar de que matéria os humanos são feitos.

– De onde veio essa ideia? – perguntou Mason.

Tom o ignorou.

– Veja, já estão nos testando.

Um grupo de quatro Pedras encaminhava-se para onde estavam, vindos do refeitório, que ficava no ponto mais alto do domo, na porção que se elevava sobre o vale. A parede inteira era curva e de vidro, terminando no topo do domo. Daquela altura, Mason conseguia enxergar o fundo do vale e as montanhas mais além.

O líder do grupo aproximou-se da mesa deles, mas não disse nada.

– Olá – falou Mason.

Talvez eles quisessem apenas cumprimentar os mais novos rhadjens da escola. Talvez quisessem se tornar os novos melhores amigos de Mason.

– Vá se sentar, Juneful – disse Lore pausadamente.

“Juneful.” Será que ele pertencia a mesma família real de Reckful?

Ela não os estava defendendo, mas mesmo assim Mason ficou grato pelo gesto.

– Vocês vão arranjar encrenca pra *todos nós* – acrescentou Jiric.

Mason encarou Risperdel, e ela revirou os olhos.

– É só manter a calma – sussurrou ela.

Mason assentiu com um gesto de cabeça.

– Agora você está do lado do Sangue? – Juneful perguntou a Lore, depois de levar cinco segundos para processar as palavras dela.

Era evidente que ele era o líder dos quatro. Os cabelos eram compridos e negros, e ondulavam livremente. Mason já imaginava uma série de manobras defensivas, para o caso de Juneful resolver atacá-lo. Ter cabelos compridos era uma opção estúpida do ponto de vista tático. Mason poderia pegar um chumaço de fios e, a partir desse momento, a luta estaria sob seu controle. Mas era possível que cabelos compridos tivessem algum sentido cerimonial. Ou quem sabe o Rhadgast era petulante demais e não ligava para nada disso.

Juneful parecia examinar Mason, para descobrir todos os seus pontos fracos. Seus olhos se estreitaram.

– Deseja alguma coisa aqui? – perguntou Mason.

Ele tinha passado a vida inteira enfrentando hostilidades, e ficou um pouco

triste por concluir que ali as coisas não eram diferentes. Os agressores tremistas eram tão inteligentes quanto os idiotas que tinha encontrado nas Academias I e II. Começou a se perguntar se as verdadeiras diferenças eram mesmo entre tremistas e humanos.

Aparentemente, Juneful não sabia o que responder. Do outro lado da mesa, Po encarava Mason com atenção – toda a equipe fazia o mesmo. Mas ele manteve os olhos fixos em Juneful. Os outros três estavam atrás dele, a salvo. Eram subordinados. Não constituíam ameaça nenhuma.

– Sugiro que volte para a sua mesa – disse Mason. – Sei que está querendo saber do que os humanos são capazes, mas não acho que queira descobrir neste momento, diante de todos os seus amigos.

Juneful pareceu um pouco surpreso.

– E quanto a você, humano – ele disse a Tom, sem dúvida ignorando Mason até que seu cérebro rude e agressivo pudesse imaginar uma resposta adequada –, precisa que seu amiguinho aqui o proteja?

– Não – retrucou Tom. – Mas gosto de deixar ele agir como bem entender, porque isso faz com que se sinta melhor, e também porque ele não se importa em lidar com gentinha.

Mason não pôde deixar de rir; era a resposta perfeita. Se não tivesse rido, provavelmente Juneful teria se afastado. Mas tinha rido, e foi ótimo rir de novo. Sentiu-se bem com o fato de Tom estar tão à vontade para fazer uma piada. Por isso Mason riu, mas sem exagerar demais.

Enquanto Juneful o encarava, as luvas escondidas dentro da túnica desceram e cobriram suas mãos. Durante o período de aula, nenhum aluno tinha permissão para usar luvas nas mãos, a menos que estivessem, sob supervisão, numa aula de combate. Mason não sabia qual era a punição para a violação dessa regra, nem queria saber.

Havia uma bandeja de comida diante de Mason. A mão de Juneful avançou para a extremidade dela, e Mason pressupôs que ele fosse atirá-la em seu rosto. Não queria que isso acontecesse, por uma série razões, inclusive porque a comida servida ali era pior que a gororoba que serviam nas naves do ComET. O refeitório dispunha de comida melhor – tinha visto frutas e legumes desconhecidos e coloridos sendo servidos aos estudantes mais velhos –, mas a ele e ao seu grupo tinham servido várias gelatinas à base de proteínas. Aquilo resultaria na maior sujeira possível, além de correr o risco de estragar as roupas que dera duro para conseguir. Por esse motivo, Mason agarrou os cabelos volumosos e encaracolados de Juneful, puxando-os para

baixo, no exato momento em que Juneful fazia menção de levantar a bandeja. O rosto de Juneful se estatelou na bandeja com um barulho nojento. Respingos de gelatina acabaram salpicando a túnica de Mason, mas a coisa não foi tão ruim. Quando Juneful levantou o rosto, Mason o arremessou contra os três amigos, e o grupo todo caiu com o traseiro no chão.

O movimento cessou por completo.

Juneful piscou na tentativa de livrar os olhos daquela melequeira.

Os Pedras que se encontravam no refeitório se levantaram das mesas.

– Agora já era – disse Po, esticando os braços e bocejando.

Parecia resignado com o que os esperava.

– Você está nessa comigo? – Mason perguntou a Tom, a voz calma.

Tom soltou um suspiro.

– Isso não foi legal, mas acho que já fizemos coisas mais estúpidas antes.

Claro que estou nessa com você.

– Então tudo bem – disse Mason, levantando-se e deixando que suas luvas descessem até as mãos. – Quem vai ser o primeiro? – gritou ele para a sala.

– Sente-se – disse uma voz atrás dele.

Mason olhou por sobre o ombro e viu Reckful de cenho franzido, encarando-o.

– Do ponto de vista tático, não acho que seria...

– Sente-se – disse Reckful.

Ele pôs a mão no ombro de Mason, obrigando-o a se sentar. Mason imediatamente recolheu as luvas para os antebraços.

– *O que significa isto?* – berrou uma voz do outro lado do refeitório.

Era o líder da Pedra, Mestre Rayasu. Ele percorreu o espaço entre as mesas, a túnica flutuando à sua volta, os olhos olhos roxos brilhando de uma maneira que só podia ser artificial. Mason viu também Grubare a um canto, ainda sem nada que o identificasse como um Sangue ou um Pedra, apenas observando. Tinha ao ombro o seu gromsh, que olhava para Mason com pelo menos um de seus olhos.

– Uma pequena discussão, só isso – disse Reckful.

– *Discussão?* – repetiu Mestre Rayasu, como se nunca tivesse ouvido essa palavra antes.

Reckful parecia já ter uma resposta na ponta da língua.

– Bem, tenho certeza de que esses quatro não se aproximaram dos nossos novos alunos e disseram “olá”, só para que Mason e Tom jogassem comida neles e os atirassem ao chão. Não consigo imaginar um humano fazendo isso

com quatro Pedras sem ter sido provocado. Você consegue?

– Como ousa... – Mestre Rayasu começou a dizer a Reckful.

– Mestre Rayasu – interrompeu Reckful, sem se dobrar diante do líder dos Pedras –, o senhor poderia fazer o favor de pedir a seus alunos que se sentem?

Todos os Pedras do refeitório ainda estavam de pé. Mason, de súbito, sentiu o sangue pulsando no pescoço e nos tímpanos. Se ali fosse o refeitório do ComET, os instrutores teriam terminado por mandar todas partes em disputa para a prisão militar, onde os detalhes poderiam ou não ser esclarecidos. Ali, ao que parecia, os dois instrutores estavam prestes a se enfrentar violentamente.

Po se levantou.

– Senhor, Juneful quase jogou a bandeja na cara de Mason. Só que Mason foi mais rápido.

– É verdade – concordou Lore. – Eu os avisei. Pedi que fosse se sentar, Juneful.

Mason não teve a impressão de que ela o defendia exatamente; parecia mais desconcertada com a atitude dos Pedras do que qualquer outra coisa. Quando Lore começara a falar, Mestre Rayasu tinha franzido o cenho, mas um pouco de sua raiva havia sumido do rosto. Pelo jeito, um Pedra falando contra outro resolvia a questão, pelo menos sob os olhares dos demais.

– Entendo – disse Mestre Rayasu. Ele se voltou para Juneful, que dava a impressão de aguardar permissão para se mexer. Uma bolota de comida verde-azulada gotejava da ponta de seu queixo, caindo no colo. – Levante-se. Você constrange todos os Pedras agindo assim – disse ele, afastando-se, em seguida, a passos largos.

Juneful e seus amigos se levantaram, e havia algo mais no olhar deles. Não era o simples tédio, que leva a maioria dos brigões a se meterem em encrenca. Era uma coisa diferente, algo perigoso e calculado. Mason tinha acabado de humilhá-los diante de todo o refeitório, com cerca de uma centena de rhadjens, que com certeza espalhariam a notícia por toda a escola até o fim do dia.

Reckful soltou um sonoro suspiro de alívio. Mason se virou e o encarou.

– Sinto muitíssimo. Mas iam estragar minhas roupas.

Reckful suspirou novamente.

– Roupas podem ser lavadas, sabia? Tem noção de que este é apenas seu primeiro dia de aula?

– Sim, senhor.

Reckful não se despediu; apenas se foi, atrás de Mestre Rayasu. Mason imaginou que fosse haver uma longa discussão entre os Rhadgasts nos corredores, longe dos estudantes. Com rajadas de eletricidade e outros efeitos. Perguntou-se quem venceria numa situação daquelas.

Quando Mason voltou à mesa, todos os olhares convergiam para ele e Tom.

– Sabe o que você acabou de fazer? – perguntou Lore. – Juneful não é bobo. Ele não vai esquecer.

– Eu também não – respondeu Mason.

Lore bufou, como se dissesse a ele: *Você não tem a mínima ideia do que está falando.*

DEPOIS DO ALMOÇO, MASON FICOU preocupado ao saber que os novos rhadjens tinham de se submeter a rigorosos exames de saúde e resistência. Mason e Tom haviam passado três horas correndo e saltando enquanto usavam equipamentos de *biofeedback*. Encontravam-se, claro, em excelentes condições físicas, graças ao ComET. Nos últimos meses, Mason tinha notado em si um aumento da massa muscular e da força.

Eles terminaram o teste final gotejantes de suor, sendo informados em seguida que estavam liberados para fazer exercícios de combate.

Aquela noite era a do vale-tudo semanal, que ocorria acima da Câmara Interna. A sala era uma réplica perfeita de uma floresta, muito semelhante àquela que Mason e Tom haviam atravessado, exceto por não terem vegetação assassina. As árvores dali tinham folhas brilhantes, vermelhas e roxas, e galhos que pareciam chatos e afiados, como se fossem espadas. O perímetro da sala era lotado de árvores plantadas no que parecia solo real sob os pés de Mason. Elas eram menos presentes conforme se ia para o meio da sala, onde havia apenas alguns poucos troncos que podiam ser usados para defesa.

As regras eram simples:

1. Qualquer rhadjem, de todas as idades, podia entrar no vale-tudo.
2. Você tinha que reduzir o poder das luvas ao mínimo possível: podia fazer alguém desmaiar, mas não mutilá-lo nem matá-lo.
3. Cair implicava desqualificação.
4. O último rhadjem a se manter de pé era o vencedor.

Não havia nenhum prêmio de verdade, além do direito de se vangloriar à vontade, mas isso bastava para garantir a participação de muitas equipes.

Po puxou Mason e Tom para um lado enquanto os rhadjens que participavam foram passando por entre as árvores. A sala era imensamente alta, e alguns resolveram escalar os galhos denteados. Mason os viu desaparecer em meio às folhas.

– Ei – disse Po, chamando de novo a atenção dele –, acho que podia deixar de participar esta semana. Juneful está de olho em você, e tenho certeza de que todos os outros também. Porque, sabe como é, vocês são humanos... – acrescentou ele, dando de ombros.

Aquilo não causou surpresa, nem a Mason nem a Tom. Os dois amigos se entreolharam.

– Concluímos que não lutar seria mostrar fraqueza, o que estimularia mais agressões – respondeu Tom.

– Concordo com o que ele disse – acrescentou Mason.

Um leve sorriso se estampou no rosto de Po.

– Por mim, tudo bem. Eu queria mesmo ver os dois em ação – Po acrescentou, umedecendo os lábios e estreitando os olhos. – O que acha de combinarmos uma trégua até que só nós três estejamos de pé?

– Acho uma boa ideia – disse Mason.

Uma brisa persistente e artificial soprou por entre as árvores, despenteando os cabelos de Mason. Po sorriu.

– O jogo começou – disse ele, recuando furtivamente e contornando o tronco de uma árvore, antes de desaparecer.

Sem dizer nada, Mason e Tom fizeram o mesmo, dirigindo-se ao perímetro da sala. Nem precisaram discutir uma tática: mais de seis anos no ComET tinham preparado ambos, e já sabiam como trabalhar em equipe.

– Sabe usar essas coisas? – disse Mason, apontando o queixo para as luvas de Tom.

– Na teoria, sim. Eles não são bons em dar instruções.

– Fique perto de mim – pediu Mason.

Do meio da sala, Mason ouviu os primeiros sons de combate: crepitação de rajadas de eletricidade de baixa voltagem, um grito, uma pancada, o estalar de um galho quebrado, o farfalhar de tecido. Os dois amigos se agacharam, escondidos, esperando com paciência. A cada intervalo de poucos segundos, uma sirene soava, e Mason imaginava que alguém tivesse sido nocauteado.

Isso se confirmou um segundo depois, quando um Sangue atacou-os pela direita. Com certeza supunha que Mason e Tom estivessem distraídos – as luvas dele já emitiam uma luz vermelha –, mas Mason e Tom se esquivaram, contornando os troncos e alcançando o Sangue pelas costas. Este disparou uma descarga de eletricidade, porém Mason ergueu as mãos diante do próprio rosto, como se pronto para pegar uma bola. A luva de Mason disparou uma descarga de eletricidade, e ambas as descargas se desviaram, atingindo um tronco de árvore próximo. Antes que o Sangue pudesse efetuar outro disparo, Tom avançou, agachando-se e disparando descargas de ambas as mãos. O Sangue gritou e deu com o traseiro no chão, sulcando a superfície.

Mason achou que ele estivesse com raiva, mas, na verdade, sorriu.

– Nada mau... *Cuidado!*

Mason se virou, lançando-se ao solo instintivamente, enquanto levantava as luvas a tempo de interceptar várias descargas de eletricidade diante das mãos espalmadas.

Os dedos se feriram, e pareciam inchar, querendo se dobrar, enquanto uma parede semissólida de luz se formava entre os combatentes. Mason não sabia dizer quantos havia do outro lado. Suas mãos logo ficaram quentes demais, fazendo-o sentir grande desconforto, e a pressão contra as palmas quase o empurrava para trás. Havia estado numa situação semelhante com Merrin. Naquela ocasião, lutavam contra Rhadgasts que tentavam matá-los, por isso aquilo devia ser moleza.

Tom estava quase encostado a parede, a eletricidade dos dois lados se somando, tornando-se cada vez mais forte.

– Dispare na parte de cima da árvore! – gritou Mason para Tom, elevando a voz acima do barulho. Um dardo traiçoeiro atingiu o galho de uma árvore próxima, incendiando-a. – Um, dois, três!

Mason e Tom ergueram as mãos, e a parede de eletricidade se ergueu junto com elas, dissipando-se nos galhos acima, que começaram a soltar fumaça. Houve um breve segundo em que Mason conseguiu ver os oponentes claramente, pois a parede já não os separava, os tons de eletricidade arroxeados e carmim desaparecendo da retina: dois Pedras e dois Sangues, lado a lado. Àquela altura, três deles acompanhavam o trajeto que a parede de eletricidade havia tomado, as fisionomias dominadas pela confusão. “Como isso aconteceu?”

Mason não perdeu tempo. Bateu palmas, mentalizando intensamente o que desejava. O que *realmente* queria era ganhar o vale-tudo em seu primeiro dia, para mostrar aos colegas rhadjens que com humanos não se brincava, e que não podiam deixar de levá-los a sério.

Quando bateu palmas, seu desejo não era uma espada, e sim um chicote. Uma forte descarga brilhante de eletricidade vermelha saiu de suas mãos, e ele deslocou-a da direita para a esquerda, como se manipulasse um bastão de beisebol. O chicote atingiu quatro alvos no peito, tirando-os de combate.

Mason estava prestes a comemorar o fato, quando alguém veio por trás e agarrou os ombros dele e de Tom. Nenhum dos dois teve a menor chance de sequer se virar antes que o furtivo rhadjen começasse a disparar descargas que fizeram a perna de ambos virarem água. Mason caiu pesadamente no solo, junto a Tom, que se esforçava para respirar, os lábios contra a lama.

Mason piscou os olhos lacrimejantes algumas vezes, até que a pessoa acima dele entrasse em foco.

Lore.

Ela sorriu para os dois antes de recuar para as trevas. Mason ficou apoiado de lado, olhando para as cinzas que pairavam ao redor deles, obrigando-os a inspirar profunda e demoradamente o ar enquanto a adrenalina tornava-se ácida em suas veias. Tom jazia a seu lado, ofegante.

– Nada ruim essa primeira tentativa – disse Mason, rindo e arquejando ao mesmo tempo. – Precisamos melhorar a percepção de nossa situação – acrescentou.

Estava satisfeito por poder ficar deitado durante algum tempo (o solo era frio e agradável), mas levantou-se de um salto ao som de um grito alto, longo e cheio de dor.

Já tinha ouvido aquilo antes. E, pelo resto da vida, jamais iria esquecer.

Era o grito de alguém agonizando.

MASON E TOM ESTAVAM DE pé no segundo seguinte. O silêncio pairava sobre as árvores, como se os demais combatentes estivessem paralisados. Então soou uma sirene, e uma voz esganiçada informou:

– Saiam já do campo de batalha!

Sangues e Pedras começaram a pular das árvores e se esgueirar por entre os troncos. Mason estava chocado: ninguém queria saber quem tinha gritado daquele jeito? Será que era apenas um truque? Fez menção de se dirigir para o lugar de onde tinha vindo o som, mas Tom lhe agarrou o braço.

– Espere – disse ele. – Já tivemos problemas demais hoje.

Mason encarou o amigo.

– Não acredito no que acabei de dizer – acrescentou Tom. – Os gritos pareciam de alguém ferido.

“Pareciam coisa pior”, pensou Mason. Avançaram devagar por entre árvores um tanto esparsas enquanto outros rhadjens corriam para as saídas. Mason viu um Rhadgast adulto descendo do dossel acima deles, caindo sobre um dos joelhos e apoiando-se com o punho, avançando depois com rapidez por entre as árvores. Notou Rhadgasts circulando pelo local, dirigindo-se para o ponto de onde o grito tinha partido.

– Isso está me cheirando uma coisa muito ruim – comentou Mason.

– Por que acha isso? – perguntou Tom.

– Só acho que alguma coisa está muito errada por aqui.

Mason seguiu o Rhadgast enquanto atravessavam a área de árvores esparsas e se embrenhavam em meio à floresta do outro lado. Percebeu vestígios de fibra de tecido negro entre os troncos. O chão abafava o ruído da aproximação de Mason e de Tom. De repente, tudo se tornou muito quieto e silencioso.

Mason contornou um tronco de árvore lentamente, vendo um fragmento de tecido negro no solo. Depois outro, e outro – este último sujo de sangue. No chão havia uma túnica esfarrapada de tons arroxeados com resquícios de sangue, porém não havia nenhum rhadjen à vista, nenhum corpo. Quatro dos Rhadgasts haviam se disposto ao redor da túnica, fitando-a, visivelmente perplexos. Dois deles usavam máscaras que emitiam um brilho vermelho. As máscaras dos outros dois tinham um brilho arroxeadado.

– Não é possível – disse um dos Sangues.

– Pelo jeito, é – um dos Pedras respondeu. – Vamos nos espalhar. Temos que descobrir o dono dessa túnica.

– O que diremos aos estudantes? – perguntou o Sangue.

Foi então que viram Mason e Tom ali perto, atrás de uma árvore. O Sangue emitiu um resmungo de desagrado, e não perderam tempo. As mãos do Pedra projetaram-se para frente, descargas elétricas partindo dos dedos, e Mason mal teve tempo de mergulhar atrás de uma árvore antes que uma descarga passasse perto de seu rosto, fazendo seu cabelo se eriçar.

Puseram-se a correr.

O coração de Mason tinha subido na garganta, e sentia a respiração nos tímpanos, correndo sem saber para onde. Tinham sido vistos, e não havia lugar para onde fugir. Não poderiam contra-atacar sem serem mortos.

– Espere! – exclamou Mason, sabendo que não havia chance de fugir. Tom estava bem perto dele. – A gente tem que se render.

– Graças a Zeus – sussurrou Tom.

Os dois se viraram, caíram de joelhos e colocaram as mãos na cabeça, dedos entrelaçados.

Foi quando uma bruma artificial tomou conta do recinto, provavelmente algum efeito automático para tornar difícil aos estudantes que até então tinham permanecido no local se encontrarem. Os quatro Rhadgasts precipitaram-se da bruma, fazendo o vapor se agitar à passagem deles. Mason fechou os olhos, achando que os queimariam vivos, mas eles se limitaram a agarrá-los brutalmente, colocando-os de pé.

– Não fizemos nada! – disse Tom. – O rei disse que somos convidados. Vou usar distintivos como os de vocês. Têm distintivos?

DOIS MINUTOS DEPOIS, ESTAVAM NA sala de Mestre Zin. Ela lembrava a sala do diretor Oleg, mas, em vez da árida paisagem de Marte que aparecia ao longo da janela, do chão ao teto, Mason via as profundezas de um enorme cânion. A sala dele certamente ficava abaixo do refeitório.

Um Rhadgast permanecia atrás deles.

– Mestre Zin – ele começou –, peço que esses humanos fiquem sob guarda no centro de detenção. Um dos companheiros de equipe deles está desaparecido; só restaram pedaços de tecido.

Mason não conseguia ver o rosto do Rhadgast, apenas o brilho arroxeadado de sua máscara.

Mestre Zin arqueou as sobrancelhas, uma das quais era roxa, a outra vermelha.

– Acha que estes dois mataram um companheiro rhadjen e deram um fim ao seu corpo dentro do recinto do vale-tudo? Acho bem improvável.

Mason começava a gostar muito de Mestre Zin.

– Tenho uma testemunha – disse o Rhadgast, ignorando o artefato de lógica que Zin acabara de disparar.

A porta se abriu atrás deles. Era Lore, os olhos voltados para o chão, recusando-se a encarar Mason e Tom. O mundo foi se tornando vermelho. Mason entrelaçou as mãos. Se Lore mentisse e os acusasse...

– Diga ao mestre Zin o que você me disse – falou o Rhadgast para Lore.

– Eu não...

– Aquilo sobre o que falamos – apressou-se em dizer o Rhadgast.

– Eles... estavam do outro lado da clareira – disse Lore. Sua voz era suave, um pouco trêmula. – Eu mesma os nocauteei – acrescentou ela com um pequeno sorriso, os dedos ajeitando com rapidez uma mecha de cabelo que havia se soltado.

Mason inspirou profundamente, sentindo-se um pouco incomodado por ter pensado que ela iria mentir, embora o Rhadgast esperasse que fizesse exatamente isso. Mason fez a ela um aceno de cabeça, mas Lore o ignorou, ainda sem olhar diretamente para nenhum dos dois.

O Rhadgast ficou surpreso, resmungou coisas incompreensíveis por alguns segundos e depois se recompôs.

– Mais tarde conversaremos na minha sala.

– Tudo bem – disse Lore, virando-se em seguida e deixando a sala.

Reckful entrou um instante depois.

– Mestre, desculpe-me, mas isto é realmente necessário? Estes dois são amigos pessoais da princesa Merrin. Tenho certeza de que...

– Não estou tão velho assim para esquecer as coisas facilmente, Reck.

Só de ouvir o nome dela, Mason sentiu um nó na garganta. Princesa Merrin. Ainda não conseguira assimilar a frase totalmente. Princesa? Princesa guerreira era mais adequado.

Reckful fez uma mesura.

– Naturalmente, mestre.

– Contudo, existe um violento predador nesta escola. Quero que seja encontrado e detido, seja ele um estudante ou qualquer outra coisa.

“Que outra coisa poderia ser?” Seria possível um animal selvagem ter

entrado na escola?

– Estão dispensados – disse Mestre Zin, e Mason se sentiu aliviado.

Virou-se e deu de cara com o rosto franzido de Reck.

– E é apenas seu primeiro dia – disse ele.

– Olhe, juro que não temos nada a ver com isso.

– Sei disso – disse Reckful. – Mas não saíram do recinto quando mandamos. Ficaram ali, como espiões! Não sabem a má impressão que isso dá? Por acaso essa é uma prática comum no Comando Espacial Terrestre?

– Não – Tom garantiu. – Mason teve muitos problemas por lá também. Estava para ser expulso...

– Estou tentando melhorar – Mason apressou-se em dizer. – É que os problemas... bem, você sabe.

– Os problemas vêm até você? – completou Reckful. – Já tinha notado.

CONVOCOU-SE UMA ASSEMBLEIA. A Câmara Interna foi se enchendo de estudantes, e os professores os contavam um a um. O nome do estudante desaparecido não foi revelado, mas Jiric não estava presente. Sussurraram seu nome algumas vezes. Desta vez, quando foram dispensados da Câmara Interna, Mason e Tom seguiram as instruções.

Po cancelou o encontro que tinha planejado com eles. Nenhum rhadjen tinha permissão de sair da escola depois do anoitecer, até que Jiric fosse encontrado. Na realidade, não tinham essa permissão em nenhum momento, a menos que fosse para uma aula, mas, com a segurança reforçada, seria impossível burlar a ordem. Equipes de estudantes (sempre acompanhadas por um Rhadgast adulto) vasculhavam a escola, procurando por algum sinal do estudante desaparecido.

– Por que não dizem logo o nome de quem desapareceu? – perguntou Mason.

Po deu de ombros.

– É assim mesmo. Provavelmente eles não querem que comecemos a espalhar boatos, embora todos já saibam. Talvez Jiric esteja em algum outro lugar.

– Sabe que não – disse Lore.

Os olhos roxos estavam arregalados.

– Ainda não sabemos de nada – disse Risperdel. – Disseram pra gente...

– Não nos disseram nada – disse Lore, num tom que não dava margem a discussão.

– É melhor permanecerem na sala – Po disse a Tom. – Todos sabem que vocês não têm nada a ver com essa história, mas não significa que não estivessem por perto e, vocês sabem...

– Claro, é bem compreensível – concordou Tom. – Sem ressentimentos.

Mason estava ali para descobrir se os Rhadgasts vinham desenvolvendo algum tipo de projeto secreto que violasse o tratado. E agora Jiric tinha desaparecido: apenas suas roupas e um pouco de sangue testemunhavam sua existência. De certa forma, os dois tinham que ter alguma relação com aquilo. A menos que estudantes desaparecessem o tempo todo por ali.

– Sinto saudades de Marte – disse Tom perto dele, baixo o bastante para que apenas Mason ouvisse.

– Logo estaremos em casa – Mason respondeu, embora sem acreditar no que dizia.

JUNEFUL PARTIU PARA A VINGANÇA dois dias depois.

As aulas continuaram normalmente. Os instrutores davam a mesma resposta quando questionados sobre Jiric: “Não sabemos”, até que a equipe de Mason resolveu parar de fazer perguntas. Ele ainda não tivera nenhum treinamento de combate de verdade, o que, dava para notar, o estava deixando muito irritado.

– Não é culpa de vocês – disse Po, sem muita convicção.

– É como se fosse – acrescentou Risperdel, reforçando a afirmação.

Mason compreendeu que tinha se metido em encrenca quando o professor Grubare exigiu que ele ficasse na sala depois da aula. Naquele dia, Grubare tinha dado aula de Física, algo muito útil, uma vez que os tremistas já tinham entendido coisas que os humanos ainda tentavam compreender, por exemplo, como se deslocar com mais velocidade que a da luz sem violar as leis do tempo e do espaço (Mason ainda tentava enfiar aquele conceito na cabeça).

Permanecer na sala depois da aula significava voltar sozinho para o dormitório.

– Quer que o Tom fique? – Mason perguntou a Grubare.

Grubare passou os polegares pelas sobrancelhas, para alisá-las, embora já estivessem impecáveis.

– Não – foi a única coisa que falou.

A equipe de Mason saiu da sala enquanto Tom lançava ao amigo um olhar demorado. Iria esperar por ele do outro lado da porta, Mason tinha certeza.

Mason aproximou-se da mesa de Grubare, um objeto grande e semitransparente que exibia vários tipos de luminosidade: espirais que apresentavam diferentes cores ao longo da aula, o que provocava uma grande dispersão mental. Sentou-se à mesa, as mãos espalmadas sobre a superfície fracamente luminosa, a luz atravessando sua pele pálida. O gromsh não estava à vista.

– Só queria saber como está se adaptando ao seu novo meio – disse Grubare, observando-o. – Aprecio a atenção que demonstra nas aulas. Você... me surpreende.

Mason estava perplexo.

– Obrigado, senhor.

Grubare examinou a sala por sobre o ombro de Mason: estavam absolutamente sozinhos.

– Mas gostaria de ter certeza de que vai continuar assim. A princípio pensei que você fosse representar um dano para esta escola. Que fosse um espião – o coração de Mason disparou. – O que ainda não está descartado por completo. Mas desejo ser convencido de que estou enganado.

Mason assentiu com um gesto de cabeça.

– Farei o melhor que puder. Mais alguma coisa, senhor?

Grubare soltou um suspiro fraco.

– Não, acho que não. Desfrute o resto de sua noite, Mason Stark – acrescentou ele com um leve sorriso.

Mason viu uma centelha de luz nas dobras da túnica de Grubare: o brilho de um dos olhos do gromsh. Aquele ser o encarava.

Mason sentiu o coração disparar. Nunca antes na vida alguém tinha lhe desejado boa noite em tom de ameaça. “Ele me segurou aqui por algum motivo”, pensou ele. A desconfiança de Mason se confirmou logo depois, quando saiu da sala de aula, seguiu pelo corredor e se deparou com Juneful e seus três comparsas.

MASON NÃO FICOU PARALISADO, EMBORA se sentisse bastante tentado a isso. Apenas parou de andar, encarando os quatro tremistas, as mãos pendendo ao lado do corpo. O impulso para fazer as luvas descerem até os dedos era muito forte e insistente, quase inconsciente, como se as luvas estivessem prontas a agir em seu lugar. Mas as deixou onde estavam, sabendo que, se as usasse contra os companheiros rhadjens, receberia uma passagem de volta para a Academia II, ou coisa pior.

Mason também não falou nada. Sabia que qualquer palavra iria irritar os Pedras. Apenas manteve os olhos atentos, sem demonstrar medo.

– O que está fazendo sozinho pelos corredores, humano? – perguntou Juneful.

Mason ficou calado. Era difícil, mas ele era do ComET, e os outros não.

– Ele fez uma pergunta – disse o comparsa Número Um, à sua esquerda.

Parecia ser o segundo na liderança. Todos tinham cabelos compridos e soltos.

Mason não abriu a boca.

– Ele deve ter miolo mole – comentou Juneful pouco depois. – Vamos deixá-lo em paz antes que nos entregue.

Mason ficou imóvel e em silêncio, enquanto passavam a seu lado, os ombros batendo nos dele. Ouviu os passos se deterem brevemente, e foi então que percebeu que seria atacado. Mason desviou o quadril, sentindo uma golfada de ar junto ao pescoço quando um dos tremistas falhou em lhe atingir a nuca. Dando sequência ao movimento, Mason desferiu um chute para trás, atingindo algo mole – “Um estômago”, pensou ele – e sendo brindado com o som de uma expiração explodindo de um pulmão – *Uuf!* –, seguido pelo ruído de um baque, quando um deles caiu no chão.

Restavam três. O que ainda era bastante. Mason sentiu uma descarga de adrenalina quando seu sangue esquentou, os ouvidos queimando e os olhos se tornando muito atentos, com as pupilas dilatadas para captar mais luz.

Mas os outros três não eram agressores comuns; eram Rhadgasts em formação. Quando Mason se virou, eles o agarraram pelos braços e o encostaram na parede. Um cotovelo atingiu-lhe o nariz, e sua visão se embaçou com as lágrimas. Sentiu sangue nos lábios. “Tom, preciso de você!”

Tentou desferir outro chute, mas um deles agarrou seu pé. Mais dois punhos golpearam-lhe o estômago. Suas luvas quase desceram para as mãos, mas se controlou no último segundo, evitando usá-las contra os estudantes. Mason tinha uma missão a cumprir.

Embora se sentisse muito assustado. Se estivesse em seu território, na Academia II, a luta terminaria sem problemas. Talvez tivesse um osso quebrado, mas aquele ferimento seria tratado no mesmo dia. Os oponentes seriam obrigados a apertar as mãos e se reconciliar. Haveria uma punição. Ali, no entanto, Mason não sabia o que iria acontecer. Era um lugar desconhecido, e isso o aterrorizava mais do que qualquer outra coisa. Poderia até morrer ali, naquele exato momento.

Resolveu garantir que a morte não o pegaria ali.

Lembrou-se do que sentira na floresta junto com Tom, quando as trepadeiras tentavam estrangulá-los. Então, suas luvas desceram para as mãos sem que tivesse decidido isso, e de repente surgiu uma muralha de luz na frente dele. Os rhadjens jaziam no chão do corredor, perplexos, os blusões fumegando ligeiramente.

Juneful piscou rapidamente, olhando ao redor, os olhos embaçados.

– Você acabou de cometer uma falta grave – acusou-o Juneful, cuja perspicácia, por menor que fosse, já estava de volta. – A descarga de energia foi registrada. Você já era – completou ele, a raiva no semblante transformando-se num sorriso.

Um sorriso de vitória. Se Marcus Jones estivesse ali, com certeza se tornaria um grande amigo de Juneful.

Mason baixou o tom de voz. Se tivesse que voltar para casa, sairia em grande estilo.

– Você me ataca, depois me denuncia quando eu me defendo. Se essa é a tônica desta escola, então quero voltar para casa o mais rápido possível.

Todos os cúmplices se entreolharam, como se não fossem capazes de processar essa informação sem primeiro ver a reação de Juneful. Este não tinha argumentos contra a lógica de Mason, por isso nem ao menos tentou formular uma resposta. Apenas emitiu um som de desagrado e se afastou. Seus comparsas o seguiram, lançando a Mason olhares que iam da raiva a algo que poderia ser uma forma de respeito.

Mason observou enquanto se afastavam, a respiração voltava aos poucos ao ritmo normal. As partes de seu corpo atingidas pelos golpes ainda latejavam, e com certeza levariam algum tempo assim. A pele ficaria

esfolada, mas, quanto a isso, tudo bem. Se o que Juneful tinha dito era verdade (e Mason não tinha nenhum motivo para achar que fosse, exceto pelo fato de Juneful parecer tão confiante), Mason iria para casa, e nada mais interessava. Tinha esperanças de rever Merrin antes da viagem de volta. Mas tinha falhado em sua missão.

Ficou sozinho no corredor vazio, tudo em silêncio. Foi por isso que ouviu passos provenientes de vários outros corredores. Eram altos e pesados – passos de homens, e não de crianças, e bem apressados. Estavam se distanciando dele, ficando cada vez mais abafados. Mason avançou pelo corredor, andando com cuidado e procurando não fazer barulho. “Para onde estão indo?” Precisava saber – eram passos muito determinados. Não se tratava de dar um pulinho na sala ao lado.

Mason parava a cada interseção, onde o material do corredor mudava: madeira, vidro, metal e o que parecia ser gelo. Avançava em ritmo mais rápido do que os passos. Eram quatro, oito pés ao todo. Mason conseguiu vislumbrá-los uma única vez, ao se virarem em um corredor. Reconheceu o cabelo azulado de Mestre Rayasu.

O outro líder Rhadgast parecia ser Mestre Shem, chefe do Sangue. “É alguma coisa importante”, pensou Mason. Quase se esqueceu das costelas e do nariz doloridos.

Desapareceram por um segundo, depois de chegarem a uma série de escadas cobertas de relva macia, porém resistente. Mason foi atrás deles vinte segundos depois.

As escadas levavam na direção de mais escadas e mais portas. As portas faziam muito barulho quando fechadas, mas Mason teve o cuidado de manter uma distância regular daqueles que seguia. Agora deviam estar num nível bem abaixo do dele.

Não pela primeira vez, tampouco pela última, desejou que Tom estivesse com ele. Passou por uma placa:

NÃO É PERMITIDO A NENHUM RHADJEN PASSAR DESTE PONTO. OS ESTUDANTES QUE DESOBEDECEREM SERÃO PRIVADOS DE SUAS LUVAS E EXPULSOS.

Muito bem: de qualquer maneira, seria expulso mesmo. Juneful não tinha blefado – estava confiante demais, satisfeito demais.

O coração de Mason disparou. Rhadgasts adultos dirigindo-se a uma área secreta proibida a estudantes? Talvez fosse conseguir alguma informação confidencial, afinal de contas. Era quase bom demais para acontecer de

verdade.

Mas suas esperanças se frustraram logo depois, quando desceu outro lance de escada – que era feita de pedras ásperas e fundidas – e chegou a uma porta que tinha algo semelhante a um escâner de retinas bem no centro.

A porta deu um sinal de alarme, acusando sua presença. “Droga!” Mason começou a recuar. Seus pés se chocaram contra a escada atrás dele, e ele caiu nos degraus. Uma placa acima do escâner informava:

COMPLETE O ESCANEAMENTO. CASO CONTRÁRIO, O ALARME VAI SOAR.

Um cronômetro passou à contagem de cinco segundos. Em cinco segundos, tudo estaria acabado. Os Rhadgasts viriam até ali, e com certeza não sairia do porão vivo.

Na verdade, só havia uma coisa a tentar. Talvez um escaneamento falso lhe permitisse ganhar tempo, e o sistema fosse reativado.

Mason se afastou da escada, avançando para o escâner, vendo o número 2 mudar para 1. Apertou o rosto contra ele, mantendo os olhos abertos, e o escaneamento começou. Mas aquele não era um escâner de retina dos antigos, como Mason logo notou. A velha tecnologia já existia há mais de oitocentos anos, e os tremistas deviam tê-la há mais tempo. Quando os lasers passaram pelos olhos de Mason, sentiu que os sondavam; aquilo não podia ser *laser*, não da forma como o conhecia. Era com se formigas minúsculas andassem de um lado para outro em seus nervos ópticos, extraíndo informações de seu cérebro, interceptando os elétrons que se deslocavam pelas sinapses, captando sua própria identidade e lendo-a como um código de computador. Não havia maneira de enganá-lo. Num instante, o escâner passou a conhecer Mason mais do que ele próprio se conhecia.

As formigas começaram a sair de seu cérebro, levando com elas a sensação de comichão. Mason recuou, piscando com rapidez quando seus olhos começaram a lacrimejar.

Esperou o som do alarme.

Em vez disso, porém, uma luz roxa piscou no escâner, a fechadura fez um clique, e a porta se abriu.

DO OUTRO LADO DA PORTA havia escuridão, além do incômodo piscar de uma luz branca.

Mason esperou, atento a algum som que revelasse ter sido descoberto, mas não ouviu nada.

– Impossível... – arquejou ele.

A máquina havia o escaneado. E, mesmo assim, a porta se abriu para ele.

Como se o esperassem.

“Tom devia estar aqui comigo”.

Mas já não havia tempo: a porta começava a se fechar. Mason poderia voltar para procurar o amigo, mas quem garantiria que os dois poderiam entrar ali sem serem vistos? Ele passou pela soleira quando a extremidade da porta praticamente esbarrou no seu peito. A porta se fechou atrás dele com um ruído de sucção, e ele ficou imerso em trevas, tendo apenas um ponto de luz à sua frente.

“Há apenas uma única opção de lugar para onde me dirigir”, pensou ele.

Mason aproximou-se da luz com passos lentos e cautelosos, sem saber o que o rodeava na escuridão. As paredes poderiam estar a poucos centímetros ou a centenas de metros de distância. Seus passos não ecoavam, por isso não havia como saber.

Um minuto depois, a luz não era apenas um leve piscar, mas já havia adquirido o tamanho da unha de um polegar.

Quando ela ficou do tamanho de um punho fechado, Mason conseguiu enxergar mais detalhes. Era uma espécie de sala com forte iluminação no teto. Via reflexos de uma parede de vidro. Depois, Mason ouviu vozes sussurrantes e ansiosas.

Parecia a voz de uma mulher.

Ela discutia com os Rhadgasts, bem perto deles, fora do ângulo de visão de Mason. Ele se aproximou mais, agachando-se. Observou os membros inferiores do próprio corpo para se certificar de que nenhum deles estivesse visível.

A mulher dizia:

– Vocês não estão ouvindo o que estou dizendo, portanto, deixem-me falar no dialeto que entendem melhor: *não quero que outro aluno sofra danos* –

acrescentou ela no dialeto de mhento dai kro, o do Povo das Montanhas.

Mason avançou um pouco mais, aproximando-se do limiar onde a escuridão se tornava acinzentada, até poder ver a maior parte da sala. Era um laboratório não muito diferente do que os humanos usavam, com mesas vazias e várias fileiras de equipamentos para experiências, béqueres e vasilhames com líquidos estranhos, de cheiro adocicado. A outra metade da sala era separada por um vidro que ia do chão ao teto – fora ele que Mason vira ao se aproximar. Para além do vidro, só havia trevas, por isso era impossível precisar o tamanho da sala.

Em um canto, uma mulher falava com os quatro Rhadgasts que Mason havia seguido, dois Sangues e dois Pedras. Pareciam tensos, como se estivessem sob ataque. A mulher olhava para a direção contrária àquela em que Mason se encontrava. Tinha cabelos negros e usava um avental de laboratório fechado com um cinto carmim.

Mason pôde ver Mestre Rayasu nitidamente.

– Diga-me de novo o que deseja e não consegue obter, humana – disse ele.
– Gostaria muito de ouvir.

Humana? Mason e Tom imaginavam ser os primeiros humanos a visitar o planeta Skars. O que um humano estaria fazendo *ali*?

– Ela se esquece do lugar dela e das circunstâncias em que se encontra – rebateu um outro.

– E vocês esquecem que têm educação – Shem respondeu a Rayasu.

Mason não reconheceu os outros Rhadgasts. Ele sentiu um pouco de sangue escorrer de seu nariz, mas não teve a ousadia de fungar.

– E todos aqui esquecem a quem devo satisfações – disse a mulher. – Agora, se já terminaram com as ameaças, peço-lhes que saiam do meu laboratório.

Os Rhadgasts pareciam prestes a fazer exatamente isso, mas de repente um vulto apareceu atrás do vidro, numa área escura demais para ser visto. A silhueta era semelhante à de um humano, que se deslocava desajeitadamente em direção ao grupo.

Os quatro Rhadgasts e a mulher se voltaram para olhar, quando então um Bestial surgiu das trevas.

Mason cruzou as mãos sobre a boca, e o som felizmente não o traiu. Todos os olhares haviam se voltado para a criatura. E se tratava mesmo de uma criatura. Antes, Mason a vira apenas de relance ou através do sistema de imagens térmicas da *Falcão*. Queria que as coisas tivessem continuado

daquele jeito. Agora o Bestial estava exposto à luz crua, surgindo por completo das trevas. Seus braços e pernas eram incrivelmente grossos e com veias proeminentes, os músculos também em evidência. A pele era cinza-azulada, da cor de uma pedra, e parecia tão dura quanto ela. As orelhas eram pontudas. Os olhos pareciam-se estranhamente com os humanos, mas eram maiores. Não tinha nariz; apenas dois pequenos orifícios sob os olhos. Orifícios que flamejavam cada vez que respirava.

Mas não foi aquilo que prendeu o olhar de Mason; que gelou seu sangue e enrijeceu todos os seus músculos.

Os olhos estavam fixos na enorme fileira de dentes que ocupava, sem dúvida, mais da metade da cabeça. Os beiços eram recuados, deixando à mostra presas amareladas. Era de arrepiar.

Mason sabia que nada seria a mesma coisa depois daquilo. Aquela imagem assombraria seu sono para sempre. Era contra aquilo que lutavam. Um exército de monstros que mantinham sob controle naves poderosas e gigantescas demais para serem destruídas.

Mestre Rayasu aproximou-se do vidro e bateu a luva contra ele.

– Agora você vai ficar quieto? Ou devemos matar você? – ele perguntou.

Uma rajada de eletricidade partiu de suas luvas, espalhando-se pelo vidro.

“Será que esse Bestial matou Jiric?”, perguntou-se Mason. “Mas como?”

O Bestial pareceu sorrir, embora com aqueles dentes horrendos qualquer movimento dos beiços seria como um sorriso. Ele emitia um ruído baixo, cadenciado e resfolegante. Era um *riso*. Estava rindo de Mestre Rayasu.

Devagar, desapareceu novamente nas trevas, tornando-se invisível.

Os quatro Rhadgasts se entreolharam, depois andaram no mesmo ritmo em direção a onde Mason estava, e este tratou de esconder-se ainda mais na penumbra. Continuou andando, quase aos tropeções, mas não se chocou contra nenhuma parede. A cada passo, esperava cair num abismo que o atirasse ao núcleo de Skars. Por fim se deteve, e os Rhadgasts passaram por ele, dirigindo-se à porta, embora ela também estivesse envolta em trevas.

Mason esperou, prendendo a respiração. Mestre Rayasu parou, farejou o ar, deu meia-volta em direção ao jovem Stark, parou de novo, mas então deu um rodopio que fez zunir a própria túnica. Mason não se mexeu até que chegassem à porta e a abrissem, e conseguiu ver as silhuetas passando na frente da luz. A porta se fechou atrás deles.

Ainda trêmulo, Mason soltou o ar que retinha nos pulmões. Um Bestial ali, na escola. Como tinha ido parar ali? “Por que eles o mantêm aqui?”.

Mason sabia com quem poderia obter a resposta: a mulher. Agora, havia apenas os dois ali, e ele duvidava de que tivesse o mesmo treino ou usasse as mesmas luvas dos Rhadgasts, pois trabalhava no laboratório. Seu corpo todo enrijeceu, e teve que apertar com força uma mão contra a outra, até que parassem de tremer. Não era exagero: tinha visto mesmo um Bestial. A curiosidade, no entanto, acabou por levar a melhor. Encaminhou-se de novo para o lugar de onde tinha vindo e entrou no laboratório.

A mulher trabalhava com a ajuda de um enorme equipamento feito de plástico claro. Dentro dele havia centenas de tubos cheios de líquidos coloridos – rosa, *pink*, verde, cor de lavanda – todos derramando-se numa câmara central cheia com uma solução dourada. Ela estava de costas, registrando diferentes valores na parte frontal do equipamento. O Bestial continuava oculto em algum lugar do outro lado do vidro.

Mason se manteve ali, satisfeito em apenas aguardar que a mulher se virasse. Com certeza ela o esperava ali. Se não fosse assim, por que motivo o escâner o teria liberado?

Como ela continuava a trabalhar, apesar de já ter se passado um tempinho, Mason resolveu dar uma tossidela. A mulher deu um salto e se voltou, a mão esbarrando num béquer, que caiu da mesa e se espatifou no chão.

Mason sentiu como se uma marreta tivesse atingido seu peito. O ar saiu de seus pulmões, e ele quase caiu de joelhos. A mulher tinha cabelos e olhos escuros. Ela se parecia com uma versão mais velha da irmã dele, Susan Stark.

– Mason? – perguntou a mulher.

A mulher era sua mãe.

– MAMÃE...?

Não podia ser possível. Era mais uma ilusão tremista. Só havia essa explicação. Seus pais tinham morrido, e, mesmo que a mãe tivesse escapado ao Primeiro Ataque, não estaria trabalhando ali, naquele laboratório, na escola dos Rhadgasts, na companhia de um Bestial.

Mason não correu até ela, e ela não se aproximou dele. Apenas ficaram se olhando. Mason tentou puxar imagens dela da mente, lembranças de quando ainda estava viva. Lembrou quando ela tinha lhe dito adeus, dando-lhe um rápido beijo na bochecha antes de partir. Depois tinha voltado, dito *eu te amo* e sorrido. Fora a última vez que ele a tinha visto. April Stark morreria naquele mesmo dia. E, apesar disso, estava ali.

– Mamãe – disse Mason.

Sua mãe chorava. Ela se ajoelhou junto ao béquer quebrado e começou a recolher os cacos. Mason tinha a impressão de que seus joelhos tinham sido substituídos por balões de água, prestes a estourar a qualquer momento, quando então o fariam desabar ao chão. “Pode ser um truque tremista. De que outro modo ela estaria aqui nesta sala?”.

– Sei que você não é real – disse Mason.

A imagem ilusória da mãe se levantou e pôs os cacos de vidro na mesa.

– Sinto muito, Mason.

– Sei que não é *de verdade* – repetiu Mason, pouco se importando com o fato de um Bestial estar oculto na escuridão tão perto dele: não temia mais nada.

– Sou real sim – disse ela estendendo as mãos. – Venha aqui.

Mason relutou, mas ao mesmo tempo queria ter certeza. Mas tinha tocado a imagem ilusória de Merrin, não tinha? Como podia ter certeza?

Mason cruzou a sala devagar, observando a mãe se debulhar em lágrimas. A meio caminho, parou.

– Se você é real, diga como o escâner me deixou entrar nesta sala. E me explique também como está viva.

A mãe pareceu um pouco confusa por um momento, mas depois sorriu.

– Claro que você me faria essa pergunta. Você é igualzinho ao seu pai.

Mason sabia que se parecia com o pai; que os dois tinham os mesmos

cabelos cor de areia e olhos azuis.

– Mamãe... é você mesmo? Por favor, me diga a verdade.

April Stark respirou fundo e fez uma pausa, olhando ao redor como se procurasse palavras no ar.

– Eu... me permitiram acompanhar seu progresso. Você é famoso aqui em Skars também. Quando soube que estava de visita a esta escola, re programei o escâner para permitir a entrada de todo descendente meu. Eu... acho que esperava que acabasse encontrando o caminho até aqui. Eles não me deixam ter acesso aos pavimentos superiores. Tentei encontrá-lo, mas me pegaram antes que conseguisse sair daqui.

– Mas como isso é possível? – perguntou Mason. – Você é o que aqui? Uma prisioneira?

Ela enxugou as lágrimas.

– Imagino que a resposta mais resumida é que a ameaça que os Bestiais representam é conhecida há muito mais tempo do que supõe. Quando descobriram os Bestiais, você era apenas um bebê. A princípio, não sabíamos o quanto eram perigosos. Mas, quando nos demos conta, um pequeno grupo de humanos e tremistas de mente aberta resolveu se reunir às escondidas, independentemente dos dois governos. Era um grupo de pessoas que entendia o que realmente estava em jogo.

– E o que é que estava em jogo?

– Convidaram seu pai e a mim para participar desse grupo, e recusamos, claro. Mas eles conheciam nossa especialidade e sabiam que éramos os melhores candidatos para integrar a equipe tremista, mesmo que à época ainda estivéssemos em guerra. Convidaram-nos novamente, e concordamos em participar por seis meses. Eles concordaram. Só que aí... o tremista que comandava o projeto não queria mais nos liberar. Nossa volta ao ComET levantaria muitas suspeitas. E ainda havia muito trabalho a ser feito. Nós... sabíamos que um dia isso seria importante; que o futuro de ambas as raças dependia da nossa colaboração.

Mason refletiu sobre aquelas explicações. Ela não queria ter se afastado dele por tanto tempo. Tinha boas intenções. Poderia perdoar aquilo. Mas então lhe veio o pensamento de que ela poderia ter ficado ali por vontade própria.

– Teriam deixado você partir? – perguntou Mason. – Se insistisse bastante?

Por um breve instante, ela desviou o rosto, e Mason se perguntou se o que viria em seguida seria uma mentira.

– A princípio, as coisas não foram nada fáceis. O grupo não se integrava. Alguém tentou partir, de forma muito violenta, e eu estava apavorada demais para isso. Não cheguei a tentar, Mason. Achei que conseguiria terminar o trabalho e voltar para casa. Então passou-se mais tempo, e já não sabia mais como voltar para vocês, como explicar, e ainda tinha muito trabalho por aqui. Desculpe, Mason. Sei que não há realmente uma desculpa para isso. Mas achei que a ameaça dos Bestiais era mais importante do que qualquer outra coisa, até mesmo meus sentimentos. Fiz o que fiz para protegê-lo, e para proteger sua irmã. Para proteger todos nós.

Mason não disse nada. Sentia apenas o frio envolvê-lo.

– No começo, não sabia que eles tinham convencido vocês da nossa morte – disse ela. – O Primeiro Ataque não foi uma encenação, claro, eles só... só disseram que estávamos lá, quando na verdade estávamos numa nave rumo a Nori-Azul. Prometeram que eu poderia contar a vocês que estava partindo por seis meses a bordo da nave. Você e Susan estavam acostumados às nossas longas viagens. Mas eles *mentiram*. No final, disseram que era algo confidencial e importante demais para dar detalhes a alguém.

– O que é que está em jogo, mamãe? – disse ele, arrependendo-se no mesmo instante de tê-la chamado assim.

Desejou poder engolir aquela palavra. “Mas como devo chamá-la?”

As sobrancelhas de April Stark, franzidas, se descontraíram um pouco.

– Os Bestiais não desejam apenas nos comer; eles querem nos *mudar*. Suas presas contêm um veneno que, quando inoculado num ser humano ou num tremista, despoja-o de seu DNA evoluído, fazendo a vítima retornar a sua forma mais primitiva. Temos o código dos Bestiais dentro de nós, e o veneno deles o faz aflorar.

Uma sensação mórbida instalou-se no peito de Mason. De repente, viu-se de novo no recinto do vale-tudo, olhando para uma túnica ensanguentada. Era o mesmo sentimento de desamparo.

– O que aconteceu com Jiric?

– Jiric já não existe...

Mason percebeu um movimento brusco à sua direita; o Bestial emergiu de novo da escuridão – não, um segundo Bestial. Agora eram dois, lado a lado. O da esquerda era um pouco menor, a pele um pouco mais azulada. “Eles falam”, pensou Mason, enquanto um arrepio se espalhava por todo o seu braço.

As mãos do menor eram esquisitas: a camada externa de carne era

translúcida, deixando à mostra uma camada interna azulada... que terminava nos cotovelos. Era quase como se usasse as luvas dos Rhadgasts sob a pele; como se a pele tivesse se formado *sobre* ela...

– Jiric – sussurrou Mason.

O Bestial inclinou a cabeça ao ouvir esse nome, os beiços se retraíndo e exibindo presas que não eram amareladas, e sim brancas.

– O Elemento Um escapou um dia desses – disse April Stark. – Foi recapturado, mas não antes de contaminar outro estudante. Ainda estamos investigando a fuga. Não existem condições materiais de atravessar o vidro de segurança sem ajuda – ela acrescentou, e Mason guardou essa informação para usá-la no futuro.

Sua mãe se virou para ele. Agora era o momento de levantar o rosto e encará-lo. Quando a vira pela última vez, ela ainda podia pegá-lo no colo.

– Estou *tão perto*, Mason. É por isso que continuo aqui. Porque o destino de nossos dois mundos está ameaçado. Neste instante, os Bestiais estão a caminho. Estão vindo para cá *neste exato momento*, e não tenho condições de oferecer resistência a eles. Não sei o que vai acontecer.

Num movimento involuntário, Mason recuou, o coração desabando para o estômago. “Eles sabem onde nós estamos”.

– O ComET sabe disso? A frota tem que estar preparada! Eu tenho que...

– Sinal vermelho – disse a mãe.

Todas as dúvidas que ele tinha sobre se ela era mesmo ou não sua mãe se dissiparam.

Sempre que Mason, quando criança, ia longe demais, sua mãe costumava falar: *Sinal vermelho*, e Mason sabia que era hora de parar. Mesmo naquele momento, aquilo o fez se calar, embora o tivesse deixado com raiva também. Mason estava prestes a lhe dizer que ela não tinha mais direito de mandar nele, mas a mãe falou primeiro:

– Não vai fazer diferença – disse ela. – Você inutilizou a nave deles antes. Não vão permitir que isso se repita. Estão vindo, e nada podemos fazer para evitar. Nenhuma tecnologia de que dispomos pode competir com a nave ou as armas deles. Há milhões de anos eles vêm planejando e se desenvolvendo.

Mason cerrou os punhos.

– Mas temos que tentar.

– Sim, vamos tentar. Avise o ComET, se puder. Disseram-me que eles sabem, porém... não confio em *ninguém*. Mas tenha cuidado. Se a notícia vazar, haverá pânico dos dois lados. O tratado talvez não sobreviva a isso.

– Vou procurar Mestre Zin agora mesmo e lhe dizer que você vai partir.
– Não, de modo algum! Você vai voltar para o seu quarto e não vai contar o que aconteceu para ninguém – disse ela, e quase estendeu a mão para tocá-lo. – Está aqui a serviço do ComET, não está?

– Talvez...

– Então tem que cumprir o seu dever.

– Como você cumpriu o seu? Simulando a própria morte?

A mãe recuou como se Mason a tivesse esbofeteado.

– Eu... me sacrifiquei.

– Sacrificou a *mim* e a *Susan*. Foi isso que você sacrificou, seus filhos – enquanto dizia essas palavras, ele tentava entender sua mãe.

Ela trabalhava naquilo que provavelmente era a tarefa mais importante da galáxia. Um soldado do ComET sabia o que significava se sacrificar, e sua mãe era um soldado do ComET. Assim como Mason. Mas ela o havia abandonado. E abandonado Susan.

– Por que você veio para cá? – perguntou Mason. – O ComET tem recursos; eles poderiam...

– Sinto muito, querido, mas não podia ser de outra forma. A tecnologia tremista está anos-luz à frente da nossa, e nós só podemos contribuir com nossas próprias habilidades. Foi isso que eu e seu pai fizemos: demos uma perspectiva humana para a pesquisa. Se ainda estivesse na base do ComET, não teria chegado ao ponto onde estou atualmente. *A poucos dias de uma solução*. Estamos quase lá. Você tem que me perdoar.

Não havia mais nada que Mason pudesse fazer.

– Onde está a sua equipe? – ele perguntou.

– Está a caminho. Você não pode estar aqui quando eles chegarem. Não sei o que poderia acontecer.

– Papai está com eles?

Ela piscou algumas vezes, como se lutasse contra lágrimas repentinas, e desviou o olhar por um instante. Mason percebeu que ela tentava inventar alguma mentira.

– Ele morreu? Não minta para mim. Eu quero saber.

Ela engoliu em seco três vezes antes de falar:

– Seu pai... estávamos em Nori-Azul. Foi quando descobrimos do que os Bestiais são capazes. Que eles podem nos transformar neles. Ele foi... infectado. Eu o vi pela última vez em Nori-Azul, onze anos atrás.

– Ele foi...? – Mason sentiu um nó na garganta.

Qualquer esperança de voltar a ver o pai se dissipou como fumaça.
– Quando eu o vi pela última vez, ele já não era mais o seu pai.

MASON TEVE QUE SE SENTAR. Aliás, sentou-se onde estava mesmo. Apenas dobrou as pernas sob o próprio corpo, apoiando as costas contra uma das mesas de metal. O movimento foi um pouco brusco, provocando a queda de um instrumento estranho, desconhecido para ele, enquanto uma parte se despreendeu, chocando-se ruidosamente contra a parede de vidro.

Os dois Bestiais recuaram de volta para a penumbra.

– Eles não gostam de luz – disse Mason, e suas palavras pareceram mecânicas e destituídas de sentido.

– Passam muito tempo debaixo da terra, por isso é desconfortável. A luz não os prejudica, apenas os aborrece.

– E se papai estiver vivo?

Por um momento, sua mãe ficou em silêncio.

– Mason, essa é a única coisa que me fez continuar durante todos esses anos. E a esperança de que, quando fosse me reunir a você e sua irmã, tivesse criado algo... alguma coisa que pudesse proteger nosso futuro juntos. Mas eu vou encontrar seu pai e trazê-lo de volta.

Mason ouviu um barulho vindo da porta por onde tinha entrado. Aquilo o fez se lembrar de onde se encontrava. Ainda estava em Skars, na escola dos Rhadgasts, sob uma grande profundidade. Tão prisioneiro quanto os dois Bestiais.

– O que vai acontecer agora? – perguntou Mason.

Ele não tinha ideia do que fazer. Como poderia apenas subir a escada e fingir que nada tinha acontecido?

Mas foi exatamente isso que a mãe lhe pediu que fizesse.

– Não pode deixar ninguém descobrir que você conhece esse segredo. Poderia espalhar o pânico, e isso não iria adiantar nada. Volte para a sua equipe e continue os seus estudos.

– Quanto tempo temos? Antes que os Bestiais cheguem?

– Não sei. Capturamos um que você já viu durante a batalha de Nori-Azul. Numa conversa, ele começou a rir de nós, dizendo que seus irmãos e irmãs tinham instalado um rastreador numa nave tremista durante a batalha. Acredito que sejam capazes de se comunicar telepaticamente até certo ponto... – disse ela, fazendo uma pausa. – Mason, tenho tanto orgulho de

você. Do que fez junto com e seus amigos.

– Obrigado – ele não sabia mais o que dizer. – Quando poderei ver você de novo?

– Não vai poder. Não antes que isto acabe. Se for pego, não sei o que podem fazer. No pé em que as coisas estão, provavelmente você já foi longe demais. Mas quero abraçá-lo antes que vá embora.

Mason aproximou-se e sua mãe o abraçou. Afagou suas costas, abrindo uma fenda na muralha que ele tinha construído para controlar as próprias emoções. Não queria mais se preocupar com o que aconteceria quando desabasse por completo.

– Agora vá – disse April.

Mason olhou para o vidro mais uma vez, mas o Bestial continuava oculto na escuridão.

– Por favor, vá embora. E trate de se manter em segurança – os olhos negros dela pareciam implorar.

Mason se virou e se encaminhou para a porta, avançando pela escuridão.

Não olhou para trás em nenhum momento.

MASON SÓ SE SENTIU EM segurança quando se viu de novo nos corredores da escola. Imaginou seu quarto, e o implante no crânio se comunicou com o chão: surgiu uma faixa brilhante, conduzindo-o de volta ao seu lugar.

Todos o esperavam quando ele chegou.

– Juneful nos contou que deu um chute no seu traseiro no corredor. Disse que você o havia atacado sem nenhum motivo e que ele precisou se defender, e que você caiu no *chão* – disse Risperdel.

– Claro que ele disse isso – respondeu Mason.

Ainda se sentia perplexo, movendo-se em câmera lenta, como se estivesse andando dentro d'água. *Os Bestiais estão a caminho.* Era só nisso que conseguia pensar agora. Não importava o que sua mãe havia dito: o ComET tinha que ser avisado. Ainda que adverti-los pudesse salvar apenas algumas poucas vidas, valia a pena. O almirante Shahbazian acreditaria nele.

– Onde você estava? – perguntou Po, aproximando-se dele, mas desistindo de lhe dar um tapinha no ombro no último instante.

– Pois é. Onde estava? – repetiu Tom bem diante dele, os braços cruzados. – Esperei por você, mas o professor me mandou embora e disse que eu estava *enrolando* ali. Tentei argumentar, mas...

– Você viu – disse Mason, e sua voz parecia falsa e oca –, fui obrigado a

ficar na sala depois da aula.

– Sim – disse Lore. – Juneful contou pra gente no corredor. Quer dizer então que você o atacou?

– Juneful não me pareceu aberto a conversas na hora do almoço – disse Po. – Podemos imaginar o que aconteceu.

– Mas ele disse que Mason...

– Sim! – respondeu Mason, e os olhares convergiram para ele. – Juneful e os três comparsas dele me atacaram no corredor. Eu me defendi. E eles disseram que iam me denunciar. Que a escola não se esqueceria das descargas elétricas das minhas luvas, e que eu seria mandado de volta para casa – continuou ele, quase se esquecendo da última parte: agora não havia chance nenhuma de que ele partisse; não com a mãe dentro da escola e os Bestiais a caminho.

Os estúpidos tremistas tinham levado a Terra para o sistema solar de Skars, o que facilitaria muito a destruição de ambas as civilizações, ou a transformação deles em Bestiais, em apenas uma batalha. Era tudo culpa deles. E, no entanto, os humanos tinham sido os primeiros a abrir essa possibilidade...

– Não vão mandar você embora – disse Risperdel, embora não parecesse muito segura disso.

– Mas você os agrediu? – perguntou Po, rindo.

Ele não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Mason pensou em contar tudo a eles ali mesmo, em falar da iminente destruição, mas não fez isso. Sua mãe ainda tinha uma tarefa a cumprir. Eles dois tinham.

MASON PASSOU OS DOIS DIAS seguintes atordoado. Contou a Tom sobre tudo o que ficara sabendo, e o amigo se limitou a olhar para ele sem dizer uma única palavra. Por fim, Tom pôs a mão no ombro dele e o apertou.

– Você está com raiva – disse ele. – E tem todo o direito de estar. Mas... – continuou, o rosto voltado para o chão – ...ela ainda está viva. Isso é o que importa.

Tom tinha perdido a mãe seis meses antes. E ela não iria reaparecer num passe de mágica. O nó no estômago de Mason cedeu um pouco, e ele inclinou ligeiramente a cabeça.

– Sabe de uma coisa? Acho que você deve ser a pessoa mais inteligente que conheço.

– Não – disse Tom. – Eu *sou* a pessoa mais inteligente que você conhece.

Agora, quanto à invasão dos Bestiais: o que acha que a gente deve fazer?

– Temos que contar a alguém, claro – disse Mason. – Só temos que descobrir em quem podemos confiar. Minha mãe tem razão: se a notícia vazar, as pessoas entrarão em pânico e vão começar a se acusar. O tratado pode ir por água abaixo antes mesmo da chegada deles. Mas temos que nos preparar.

Mason pensou nas luvas do Unificador, em como pareciam ter poderes sobrenaturais. Os tremistas e o ComET poderiam se preparar à vontade, mas, se a nave dos Bestiais ainda fosse imune a armas de energia, não ia adiantar muito. Precisavam de algo que pudesse perfurá-la.

Ele havia se comunicado com o almirante Shahbazian apenas uma vez naqueles dois dias, mas chegara à conclusão de que a notícia do iminente ataque era importante demais para ser mantida em segredo. Porém, Mason não queria contar tudo ao próprio Shahbazian, pois achava que o velho maluco não fosse reagir de maneira natural e calma. Se o conhecia bem, ele concluiria que os tremistas vinham mantendo segredo sobre o assunto de propósito.

Assim sendo, Mason resolveu falar com a irmã na noite seguinte. Estava aborrecido com o treinamento com gravidade zero na sala acima da Câmara Interna. Lore continuava hostilizando-o, ameaçando esbarrar no corpo dele e se desviando antes que os dois se chocassem contra a parede. Fizera isso duas vezes seguidas, quando então Mason resolvera concentrar a atenção apenas nela. Não que isso adiantasse muito; ela voava pelo ar como um pássaro.

Susan estava na sala do almirante, sozinha, quando ele ligou o comunicador. Ver a irmã pela primeira vez desde que tinha começado na Academia II era quase além do que Mason podia aguentar. Quase sucumbiu quando ela sorriu para ele, ainda que fosse um sorriso a milhões de quilômetros de distância.

– Olá, irmãozinho – disse ela, mas logo seu sorriso se desfez. – Qual é o problema? Shahbazian não ficou nem um pouco satisfeito ao saber que você queria falar somente comigo. Tudo bem por aí?

– Tudo bem – começou Mason. O que menos as coisas estavam era bem, mas de que outra maneira podia responder àquela pergunta? – Estou aqui para contar uma coisa. E isso tem que ficar entre nós.

Susan balançou a cabeça devagar, em um gesto de concordância.

– Descobriu alguma coisa? Mas por que quer contar para mim?

– Porque você está trabalhando no serviço de Inteligência, e tenho medo de

que alguém se descontrola.

Ela franziu o cenho.

– Você quer dizer... o almirante Shahbazian? – ela bufou.

– Sim, ele mesmo. Você está sozinha? Ou tem alguém ouvindo a gente?

– Estou sozinha. Pode falar.

Mason não sabia como começar, então limitou-se a dizer:

– Os Bestiais estão vindo... Não sei quando vão chegar, mas rastreamos os tremistas até este sistema solar e estão a caminho para nos destruir.

Ela abriu a boca, espantada.

– Você tem...

– Sim, tenho certeza. Você precisa informar os Reynolds, ou alguma coisa assim. As pessoas têm que se preparar, mas não podem ficar apavoradas.

– Droga! – sussurrou ela. – Como conseguiu essa informação? Como pode ter certeza de que é confiável?

“Nossa mãe.” Mason por pouco não falou isso em voz alta. Era preciso formular um pensamento e se concentrar inteiramente nele para que fosse transmitido através do comunicador.

A irmã esperou com paciência. Mason tinha que contar a verdade.

– Susan, eu vou dizer uma coisa que vai parecer loucura. É uma coisa insana. Muito insana.

– Não seria a primeira vez – disse ela.

As palavras vieram atropeladamente:

– Mamãe está viva e trabalhando para a escola dos Rhadgasts numa espécie de antídoto, porque as presas desses monstros contêm um veneno capaz de transformar humanos e tremistas em Bestiais.

Passou-se muito tempo antes que Susan fizesse ou dissesse alguma coisa. Mason achou que o aparelho tivesse dado algum problema. Um pouco depois, no entanto, ela se manifestou:

– Tem certeza? – a irmã perguntou com calma, sua voz era quase um sussurro.

– Sim, tenho certeza! Entrei numa área proibida...

– *Chocante...*

– ...e a descobri trabalhando num laboratório. Ela diz que está prestes a descobrir um antídoto! Espere. Por que não está surpresa?

Susan cobriu a boca com uma das mãos, depois deixou que ela pendesse.

– Ouvi um boato, quando entrei no setor de Inteligência. Algo sobre humanos e tremistas trabalharem juntos, em segredo, bem antes do tratado.

Nunca pensei...

– É verdade – disse Mason. – Mamãe e papai nos deixaram para colaborar com eles. Acharam que era importante... e acho que é mesmo.

Mason não conseguiu deixar de se lembrar do memorial para as vítimas do Primeiro Ataque, quando ele e a irmã ficaram lado a lado, chorando a morte dos pais. Tudo não havia passado de uma mentira. O sentimento deles tinha sido por uma mentira.

– Você falou da mamãe – disse Susan. – E o nosso pai?

A comunicação quase foi interrompida: o ambiente físico em que Mason se encontrava se desagregou por um breve segundo. Preferia estar falando sobre qualquer outro assunto. Não queria ver o olhar de Susan quando...

– Estavam pesquisando em Nori-Azul a alguns anos atrás – Mason falou, a voz parecendo a de um robô. – Papai foi... *transformado*. Desde então, mamãe não o viu mais.

O olhar de Susan ficou distante. Ela balançou a cabeça em um gesto vago.

– Bem – disse, engolindo em seco –, temos outras coisas com que nos preocupar. Procure se concentrar. E também garantir sua segurança, está me ouvindo? Fique de olhos abertos, irmãozinho – disse ela.

Sua voz era metálica. Mason sabia que isso revelava extrema fragilidade.

– Pode deixar.

– Irmãozinho, conte-me tudo sobre os Bestiais mais uma vez – pediu ela.

Mason contou.

– Vou passar essa informação para as pessoas certas – disse Susan, quando ele terminou.

Depois, pareceu hesitante.

– O que foi? – perguntou Mason.

Ela balançou a cabeça em uma negativa.

– Não sei... Precisamos de alguma coisa, Mason. Desse jeito, não teremos condições de vencer. Sem um milagre. Por favor, procure evitar problemas até que eu possa me encontrar com você.

– Só se você fizer o mesmo – pediu Mason, embora soubesse que nenhum dos dois agiria assim.

Mason encerrou a comunicação, sentindo em seguida um vazio no peito. Sentiu saudade da Academia. Lá, ele tinha um objetivo. Ali onde estava, sua missão se perdia num nevoeiro de questões. Ali, não sabia direito o que fazia, nem o que devia fazer.

MASON ACORDOU QUARENTA MINUTOS MAIS cedo. Tomou uma chuveirada, escovou os dentes, vestiu o uniforme, e já se achava fora do dormitório enquanto Tom e os demais ainda dormiam profundamente nos beliches. O sono dos soldados: completamente inconscientes, até precisarem estar conscientes. Mas, quando havia passado pela porta, tinha visto Risperdel o observando, um olho dourado espreitando de entre as cobertas.

A biblioteca ficava três andares abaixo, no meio da esfera, onde os Sangues encontravam os Pedras. Tinha uma altura descomunal, com pilares que pareciam de mármore cor creme, mas que provavelmente não eram desse material. Um desperdício de espaço, na opinião de Mason. As estantes erguiam-se a uma altura de mais de quinze metros. Plataformas suspensas levavam aonde se desejava ir, porém os livros bem lá no alto implicavam um risco especial, uma vez que as plataformas não tinham corrimãos.

Os tremistas pareciam gostar de livros de papel. Não eram de papéis sintéticos recicláveis, iguais aos que se usavam no ComET, que podiam exibir qualquer livro que se baixasse em suas páginas, mas de papel de verdade, podendo até rasgar se não tivesse cuidado. As prateleiras estavam lotadas deles, de todas as formas e tamanhos. Pelo visto, os tremistas não precisavam, ou não queriam, que seus livros fossem retangulares e de dimensões semelhantes.

A biblioteca tinha uma escrivaninha circular no centro, normalmente usada por vários bibliotecários, julgando pelas cadeiras. Mas naquele dia havia apenas uma bibliotecária, uma mulher tremista de vinte e poucos anos. Ela usava uma túnica comprida de um roxo vibrante e aveludado. Seus cabelos eram brancos como a neve e caíam sobre os ombros. Os olhos cintilavam como prata, absorvendo e potencializando a fraca luz da biblioteca. Mason ficou fascinado quando a viu.

Ela lhe deu um sorriso, uma expressão de reconhecimento nos olhos brilhantes.

– Você levantou cedo. Tem sede de conhecimento? Então veio para o lugar certo.

Mason pigarreou.

– Sim, olá. Ah, tenho sim.

Ela pousou os longos e delicados dedos no balcão.

– Em que posso ajudá-lo?

– Eu... queria achar um livro sobre Aramore, o Unificador.

O rosto dela se franziu à menção daquele nome, porém o sorriso continuou imperturbável.

– Aramore, hein? Esse é um amplo assunto. Mason...

– Como sabe meu nome?

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

– *Está falando sério?*

– Certo – disse ele. – Sou um dos dois humanos na escola. Como é seu nome?

– Eu sou Calora. Acha que agora já nos apresentamos devidamente?

– Ah, sim...

– Bom, muitos textos contam a história do Unificador e do Divisor. Alguns escritos por Sangues, outros por Pedras, daí você pode imaginar como há uma ligeira discrepância entre as narrativas.

– O que você sugere?

Os olhos dela se iluminaram.

– *Unidos*, de Sephaman. Ele se mostrou imparcial em todos os aspectos. Mas procura algo específico?

Mason umedeceu os lábios.

– Informação sobre as luvas dele. De onde vieram, o que fazem, esse tipo de coisa.

– Esse tipo de coisa... – repetiu ela, repuxando um dos lados da boca. – Sabe de uma coisa? *Tenho exatamente o que você quer.*

Ela saiu de trás do balcão, andando com se flutuasse no ar, e subiu na plataforma mais próxima. Esta cedeu levemente sob seu peso.

– Volto já – avisou.

A plataforma elevou-se, afastando-se e avançando por entre as estantes, e a bibliotecária sumiu de vista. Mason permaneceu no mesmo lugar, até Calora voltar com um enorme livro negro encadernado em couro. Rebites dourados e prateados adornavam a parte frontal e a quarta capa. Ela o carregava com ambas as mãos, e o depositou nos braços de Mason, que quase o deixou cair. Ela e Mason eram da mesma altura.

– *Aí está* – disse ela. – Há uma mesa lá no fundo onde você pode ler, se quiser – acrescentou.

Depois voltou para seu lugar atrás do balcão e se inclinou sobre um maço

de papéis.

Mason dirigiu-se à mesa, onde apoiou o livro. Abriu-o e começou a ler. Duas horas depois, já sabia o que devia fazer.

Encontrou Calora exatamente como a tinha deixado. Ela tamborilava no balcão, sem levantar a vista dos papéis.

– Posso fazer uma pergunta? – disse Mason de modo abrupto.

Ela continuou a ler por mais um instante, e ainda mais um pouco, antes de olhá-lo por sob os cílios prateados.

– Hum?

– Você é Pedra ou...?

Sua túnica roxa dizia que sim, mas ela tinha sido muito gentil com ele.

– Isso tem alguma importância? – Calora perguntou em tom suave.

Ele refletiu um pouco a respeito.

– Acho que não.

– Então, ficamos assim. Cuidado, Mason Stark. Venha me procurar de novo se precisar – acrescentou ela, voltando a olhar para os papéis.

MASON ENCONTROU PO SOZINHO NA frente do refeitório no dia seguinte.

– Po, espere um pouco – pediu ele.

Po parou e deixou que um grupo de estudantes passasse por ele. O refeitório estava mais silencioso que da última vez, uma atmosfera tão densa que abafava o tilintar dos talheres e o barulho dos pratos. Todos ainda pensavam em Jiric. “E só eu sei onde ele está”, pensou Mason.

– Vou procurar as luvas de Aramore – Mason contou a Po.

Aguardou pela sua reação, talvez esperando que risse dele, mas em vez disso Po abriu um largo e sincero sorriso.

– Meu amigo, bem-vindo ao clube. Tudo o que fizemos no ano passado foi buscar pistas. Até já o convidei, se é que você se lembra.

Planos que tinham sido interrompidos depois do desaparecimento de Jiric. O sorriso de Po sumiu.

– Tenho que avisar: é mais por divertimento que por qualquer outro motivo. As chances de encontrá-las...

– Tenho que tentar – disse Mason. – Assim que pudermos fazer isso.

– Por que esse interesse assim de repente? – perguntou Po.

Mason tinha encontrado algo interessante no livro que Calora lhe dera – uma passagem que descrevia as luvas de Aramore. O Unificador tinha recebido as luvas de uma fonte externa. Ninguém sabia de onde. Mas elas

possuíam propriedades únicas. A eletricidade gerada por aquelas luvas tão poderosas podia reduzir qualquer coisa a átomos. Fosse qual fosse o tipo de matéria. Os cientistas que tinham examinado as luvas, antes de elas terem desaparecido, haviam usado suas propriedades como base para o desenvolvimento dos primeiros sistemas de proteção para naves espaciais, ainda que os tremistas não tivessem feito viagens interestelares nos cinquenta anos seguintes.

Mas aquele era o marco decisivo que havia tornado o caminho claro para Mason. “Não existe matéria neste universo, nem campo magnético, que possa resistir ao poder das luvas de Aramore. Sua origem é com certeza alienígena, embora eu torça para nunca me encontrar com as espécies que as criaram.”

Mason não conseguiu inventar uma mentira com a rapidez necessária. Resolveu apenas dar de ombros.

– Nunca se sabe. Talvez a gente precise delas.

NA MANHÃ SEGUINTE COMEÇARIA O fim de semana, um período em que os rhadjens podiam continuar seus estudos de uma forma mais independente, em qualquer especialidade de sua escolha. Po planejou uma atividade em equipe: iriam se embrenhar pela mata para procurar as lendárias luvas de Aramore, o Unificador. Não que fossem deixar isso expresso, claro. Para todos os efeitos, explorariam algumas ruínas ali por perto para uma pesquisa histórica, nada mais.

Po sempre ficava ao lado de Risperdel, mas Lore não queria ficar para trás, agora que Jiric se fora: ela ficaria sozinha para fazer suas pesquisas. Lore e Jiric não tinham nenhuma proximidade especial, segundo Po informara a Mason, mas, sendo os únicos Pedras da equipe, acabavam ficando juntos.

Lore olhou para Mason como se o desafiasse a ter alguma objeção ao fato de ela ter se juntado a eles, mas Mason apenas sorriu, dizendo:

– Fico contente, assim estaremos mais seguros.

Lore desviou o rosto antes que Mason pudesse ver sua expressão.

Saíram da esfera por um túnel secreto subterrâneo que terminava a uma distância segura.

Tom lançou um olhar desconfiado para as árvores conforme se aproximavam da floresta. O gesto não passou despercebido a Po.

– Não se preocupe – disse ele. – As trepadeiras assassinas ficam do outro lado.

– Isso me deixa bem mais tranquilo – respondeu Tom.

Mason se perguntou se iriam apenas ficar vagando sem destino pela mata, procurando um par de luvas num terreno com uma placa de madeira onde se lia: PROPRIEDADE DE ARAMORE, O GRANDE UNIFICADOR. Sentia-se culpado por participar de algo que parecia tão trivial: sua mãe estava na escola, trabalhando sem parar para encontrar um antídoto, e ele devia estar empregando seu tempo para aprender uma nova habilidade, algo que pudesse ajudar quando os Bestiais atacassem. Mas algo lhe dizia que precisava das luvas; que elas o ajudariam na luta que estava prestes a ser travada. E algo lhe dizia também que elas seriam encontradas.

Olhou para o céu amarelado, onde uma batalha espacial já podia estar em curso. As nuvens achatadas pareciam creme de baunilha, e nada revelavam.

O grupo avançou pela mata, passando sobre folhas secas e sob galhos baixos. Os galhos não pareciam em nada com os das trepadeiras, mas ainda assim Mason ficou de olho neles; uma ou duas vezes percebeu um rápido movimento em meio aos galhos escuros.

O grupo não conversava muito, e, quando alguém falava, não era nada importante. Po contou uma história de quando o irmão bateu o carro espacial da família no mesmo dia em que conseguira sua licença para voar. Risperdel falou sobre seu primeiro dia na escola, quando abriu o baú depois de submetida ao teste e viu que estava completamente vazio. Grubare tinha entrado na sala com as roupas dela nas mãos, resmungando sobre algum tipo de defeito na parte inferior do baú.

A história foi interrompida quando uma trepadeira se desenrodelhou lá de cima e envolveu o pescoço de Risperdel, arrancando-a do chão. Ela ofegou, ambas as mãos segurando a trepadeira, e Tom foi o primeiro a reagir, enviando duas rajadas acima da cabeça de Risperdel.

Mas outras trepadeiras começaram a descer de todos os lados, serpenteantes, desenrodelhando-se e recuando, procurando um membro para golpear.

Acima deles, as árvores passaram a gritar. Naquele som havia contentamento, expectativa e... fome.

– Você não disse que elas estavam do outro lado? – Mason berrou para Po, observando a trepadeira mais próxima, que se encurvava para baixo de um lado e do outro.

– Ah – murmurou Po, esquivando-se de uma trepadeira que se movia ao lado de seu rosto. – Talvez a gente esteja mais perto do que pensei.

– Sem dúvida – respondeu Lore, mas seu tom era de riso.

A equipe se reuniu, seus componentes se apoiando costas com costas, as mãos espalmadas e as pontas dos dedos emitindo luz vermelha. Fosse qual fosse a inteligência que havia nos troncos, as ramagens de Skars sabiam quando sua força tinha sido superada. Do alto veio um rosnado, um fraco gemido de frustração. E as trepadeiras lentamente se recolheram para o dossel, muitas delas com partes chamuscadas.

Po chutou para o lado a ponta cortada de uma trepadeira. Todos se entreolharam, como fazem os membros de um grupo de sobreviventes depois de uma batalha – *Conseguimos. Nada a lamentar* –, e então foram em frente.

Cerca de uma hora depois (com o grupo ensanguentado, cansado e muito mal-humorado), Mason notou uma abertura entre as árvores à frente deles e o

que parecia ser uma espécie de estrutura de pedra.

Tom se pôs ao lado dele, enquanto o restante se espalhava à frente.

– Ei, qual é a sua? Mal abriu a boca. E você costuma não parar de falar.

– Não consigo parar de pensar... em todas essas coisas.

Tom balançou a cabeça em um gesto de assentimento.

– Tudo bem. Mas se lembre de que eu também estou na parada. Não sou seu subordinado; estou aqui *com* você.

Mason sentiu as faces arderem.

– Eu trato você assim?

Tom deu de ombros.

– Não acho que tenha essa intenção... É que você é um Stark. Nascido para liderar. Você sabe como esse *tipo de gente* é.

Mason pôs a mão no ombro de Tom.

– Você é um bom amigo, Tom.

– Está de brincadeira? Sou um *grande* amigo. Olhe para o meu sapato: pisei na merda de um alienígena meio quilômetro atrás para não te deixar sozinho.

Mason estava prestes a retrucar que também havia pisado numa substância suspeita, mas nesse exato momento ultrapassaram o limiar das árvores. Mason perdeu o fôlego. Um magnífico conjunto de ruínas descortinava-se à frente deles, subindo e descendo em meio às colinas, a estrutura de pedra emitindo um suave brilho amarelado sob a luminosidade. Com certeza aquilo já havia sido uma grande cidade algum dia. Agora, as ruas amplas encontravam-se tomadas por gramíneas resistentes, e as árvores superavam em altura os edifícios, tornando difícil precisar o tamanho das antigas construções. Tudo fora danificado pelas intempéries e pelo tempo, e a paisagem fez Mason se lembrar do arranha-céu em Nori-Azul, a casa da Criança, um edifício que, em comparação, fazia aqueles parecerem novos.

– Apresento a vocês a cidade de Darkai – disse Po, indicando-a com um aceno, enquanto Risperdel chutava um velho fragmento de pedra.

– Quanto dessa área você já vasculhou? – perguntou Tom. – Vocês não acham que as luvas vão estar debaixo de uma pedra ou algo assim, acham?

– Bom, não – respondeu Po. – Acho que elas devem estar no túmulo de Aramore, mas ele é lacrado. Talvez com vocês aqui a gente possa imaginar algo diferente. Temos apenas que documentar o que encontrarmos, para parecer que estamos fazendo nossa lição de casa.

– Aramore não desapareceu? – indagou Tom. – E depois nunca mais foi

visto, não é?

Po deu de ombros.

– É, ele desapareceu. Mas nossos livros tradicionais falam da sua tumba. Isso não significa que ele tenha que estar dentro dela.

– Com que o túmulo dele é fechado? – perguntou Mason.

Po tinha razão. Se as luvas estivessem em algum lugar por ali, só poderia ser em sua tumba.

– Com uma pedra muito grande – esclareceu Risperdel, afastando do rosto uma mecha de cabelo grudada nele devido ao suor.

– Então só precisamos deslocá-la – disse Mason.

Risperdel revirou os olhos.

– Nem pense nisso! O túmulo está lacrado por algum motivo, gênio. E, se nos pegarem mexendo nele, é bem provável que matem a gente ou algo do tipo – ela acrescentou, os olhos dourados brilhando, como se aquela ideia fosse excitante, e não aterradora. – *Olhe, mas não toque*. Essas são as regras das ruínas de Darkai.

Po pareceu um pouco embaraçado, as faces dele ficaram ruborizadas.

– Vamos procurar em outras partes das ruínas, para o caso de termos deixado passar alguma coisa. Já vasculhamos quase metade da cidade. Temos que achar alguma pista que possa levar ao túmulo. Deve haver alguma forma de abri-lo.

Mason e Tom se entreolharam. Como já estavam ali, resolveram integrar a equipe de busca. Mason embrenhou-se ainda mais com Po pela cidade, mas só encontraram mais salas empoeiradas, repletas de pedras e barro. Quase uma hora se passou sem que Po falasse alguma coisa, tão absorto estava na busca. Mason observou que o mesmo acontecia com ele: cada sala era uma nova chance de encontrar uma pista.

Porém, cada hora naquela busca era uma hora a menos para o momento do inevitável ataque dos Bestiais. Por isso, Mason tomou uma decisão: falaria com o rei. Imaginou que ele não soubesse o que estava por vir, do contrário não deixaria Merrin ficar na estação *Vontade*, que sem dúvida seria um dos primeiros alvos dos Bestiais quando se aproximassem.

Tinham que estar preparados, e sua mãe teria que entender isso. Se os dois lados não pudessem se manter calmos enquanto se preparavam, não mereciam ganhar essa batalha.

Sentindo-se mais leve com a decisão, Mason entrou na sala seguinte do castelo que vasculhavam. E foi então que ouviu um grito.

MASON CORREU PARA FORA DA sala, dirigindo-se ao exterior do castelo, avançando pela relva que atingia a altura dos joelhos. Os outros vinham logo atrás dele.

– Parece que foi Risperdel! – disse Po.

Desceram a colina, os ouvidos atentos aguardando outro grito, mas em vez disso Risperdel começou a berrar estas palavras:

– Socorro! Preciso de ajuda!

A rua se estendia ao longo de edifícios e sob arcadas que pareciam prestes a desabar. Risperdel continuava gritando quando alcançaram a clareira diante da cidade. Ela estava ao lado de Tom e de Lore, que se encontravam em posição de ataque contra alguma coisa – um vulto escuro agachado na relva.

A criatura estava de quatro, a cabeça baixa quase tocando o chão, uma baba viscosa gotejando de dentes grandes demais para que os beiços se fechassem. O Bestial levantou a cabeça bruscamente quando Mason e os outros entraram correndo na clareira. Devagar, os rhadjens passaram a se espalhar, cercando a criatura.

– O que ele está fazendo aqui? – gritou Lore.

– Silêncio! – disse Po. – Fique calma!

O coração de Mason estava disparado, mas obrigou-se a respirar e examinar o inimigo. O Bestial tinha a pele cinza-azulada, como o último que havia visto. E também a mesma e estranha camada roxa nas mãos e nos antebraços. “É um tremista!”

– Não o machuquem! – gritou Mason. – Ele é um dos nossos!

– O quê? Como pode saber? – perguntou Po.

Todos os rhadjens tinham as luvas nas mãos, as palmas incandescentes devido à eletricidade.

O grupo manteve o cerco ao Bestial. A criatura girava com eles, avaliando, um a um, cada potencial ameaça e provável refeição, os olhos parecendo emitir um brilho amarelo.

– Ficou louco? – disse Lore, lançando um olhar duro a Mason. – Essa coisa não é um dos nossos!

– Olhem para as luvas sob a pele dele! – exclamou Mason.

O Bestial também tinha uma vasta cabeleira negra, que descia por seu

pescoço, caindo costas abaixo. E aqueles olhos...

Mason quase o reconheceu, mas a imagem lhe escapou.

O Bestial, porém, parecia tê-lo reconhecido, pois não olhava para mais ninguém.

– Precisamos capturá-lo – disse Mason, tentando dar às próprias palavras a maior autoridade possível.

Não tinha usado o tom de capitão desde que estivera na *Egito* com sua equipe.

– Está brincando? Como pode sugerir uma coisa dessas? – perguntou Lore.

– Imagine se conseguirmos capturá-lo com vida – disse Tom. – Seríamos considerados heróis.

Risperdel e Po se animaram com a proposta. Tom olhou para Mason como se dissesse: *Ei, temos que convencê-los da melhor maneira que pudermos*. A criatura se enterrava devagar, os músculos se retesando. Na verdade, se encolhia, preparando-se para o ataque.

– Podemos dominá-lo – disse Po.

– Vamos deixá-lo atordoado! – gritou Mason quando o Bestial saltou do chão.

No momento seguinte, descargas elétricas cruzaram a clareira, convergindo para um ponto central.

Um ponto onde o Bestial não mais se encontrava.

A criatura tinha se lançado sobre a cabeça de Mason, desferindo um golpe com os pés e atingindo Mason no ombro. Os pés de Mason se ergueram no ar. Ele caiu de cara no chão, a três metros de distância, tentando amortizar a queda, mas tudo o que conseguiu foi abrir um sulco na superfície com o ombro. Levantou-se cambaleando, e o Bestial investiu outra vez. Desta vez, a pontaria dos rhadjens não foi frustrada, e a eletricidade vermelha e roxa crepitou em sua pele. A fumaça envolveu-lhe todo o corpo, mas a criatura não sucumbiu. Plantou os pés na superfície e arqueou as costas, rugindo para o céu amarelado.

– Mais potência – gritou Mason, assim que retomou o fôlego.

O Bestial foi para cima de Po, que não conseguiu se esquivar a tempo. Ele estendeu os braços de veias saltadas para Risperdel, que recuou agilmente, mas sem interromper o fluxo de eletricidade que se projetava de suas mãos. A criatura investiu então contra Tom, que deu um salto para cima, aproveitando-se da gravidade mais fraca de Skars, enquanto golpeava o ombro do Bestial, ao mesmo tempo executando uma perfeita manobra aérea

de recuo, que por algum tempo o manteve a uma distância segura. O Bestial agitou pernas e braços no ar: a eletricidade estava fazendo efeito.

A criatura, porém, não estava disposta a desistir.

Ela girou, levantando nacos de terra e relva com suas garras. Depois, saltou sobre Po, que teve de se esquivar para proteger sua cabeça. O Bestial fugiu para o limiar das árvores, a eletricidade crepitando em volta de seu corpo, ele mesmo chamuscando a relva ao redor.

– Não o deixem escapar! – berrou Po, levando a mão ao peito, onde sua roupa fora rasgada.

Os rhadjens se colocaram a caminho simultaneamente, indo no encalço da criatura. Um Bestial seria muito mais rápido em circunstâncias normais, imaginou Mason, e, mesmo correndo de quatro, ele estava cambaleante devido ao ataque que sofrera. Seguiram-no mata sombria adentro, tendo o cuidado de não tropeçar nas raízes bulbosas que se deslocavam, como ondas, de um lado para outro da floresta. Trepadeiras se estenderam como antes, mas os rhadjens deslocavam-se com muita rapidez, o que os impedia de serem capturados. Dilacerando raízes, as garras do Bestial projetavam lascas afiadas de madeira que atingiam seus perseguidores. Mason e os demais sabiam o que estava em jogo: se a fera fugisse e deparasse com um estudante, ou mesmo um professor que estivesse sozinho...

Mason e seu grupo perseguiram a criatura por todo o caminho de volta à escola. Perderam-na de vista por três vezes, tendo que se separar, e Mason tinha a impressão de que a qualquer momento seus pulmões iriam explodir, mas ninguém diminuiu o ritmo da marcha. O Bestial adentrou a clareira da escola, e Mason fez um último esforço para aumentar a velocidade, desejando que sua luva funcionasse como um chicote, como antes. Ele a balançou para um lado, agitando o punho, e ela disparou, envolvendo com sua rajada de eletricidade a perna rastejante do Bestial. Mason esforçou-se ao máximo, fincando as botas na relva, e a criatura tropeçou, rolando pelo chão. Os rhadjens a cercaram, disparando mais descargas de suas luvas, até que o Bestial limitou-se a jazer de costas na superfície relvosa, estremecendo e se agitando, enquanto balançava as garras no ar.

– Basta! – gritou Mason um pouco depois.

Os rhadjens suspenderam o ataque. O ar se preencheu com um odor pungente, como o de plástico queimado. Os olhos do Bestial se reviraram e depois se fecharam, sua respiração se tornando lenta e regular.

– Pelo menos, não precisaremos carregá-lo por todo o caminho – disse

Mason.

Todos os olhares se voltaram para ele. Mason deu de ombros.

– O Comando Espacial Terrestre nos ensinou a ver o lado bom das coisas.

– Este foi apenas um – disse Risperdel, a voz dominada pelo medo. – Será que isso significa que eles estão aqui? Devem estar – disse ela, olhando para cada um dos rhadjens, embora não tivessem como responder. – O que *significa* isso?

– Olhem – disse Lore. – O humano estava... Desculpe. *Mason* estava certo, quero dizer. Olhem para as mãos do Bestial.

Agora que estava imóvel, sem investir contra eles, era evidente que o Bestial tinha as luvas dos Rhadgasts sob a pele.

– Como isto pode ter sido *alguém*? E quem é ele? – disse Risperdel.

Po cutucou-o com o bico da bota. O Bestial se contorceu, e todos recuaram um passo.

Mason olhou para a escola: não havia nenhuma movimentação, nenhum sinal de que alguém estaria vindo ao encontro deles.

– Quer dizer então que ser recebidos como heróis está fora de questão – comentou Tom. – Se ele for um rhadjen, temos que ajudá-lo. Mas precisamos fazer isso discretamente.

– Claro – concordou Po.

– Sem dúvida – acrescentou Risperdel.

Mason encarou seu grupo.

– Acho que podemos trazê-lo de volta à sua condição normal, mas têm que confiar em mim. Eis o plano.

CINCO MINUTOS DEPOIS, TINHAM CONSEGUIDO uma carreta para transportar o Bestial. Todos ajudaram a levantar a criatura e colocá-la na carreta. Empurraram-na até a escola, Po e Lore correndo na frente para verificar se o caminho estava desimpedido. Entraram com a criatura na escola (Po mentiu para dois guardas dizendo que tinha visto um estudante entrando numa área proibida), e Mason concluiu que aquele plano era ou muito inteligente ou muito estúpido. Se o Bestial acordasse, podia apostar que o plano penderia para o lado da estupidez.

Conduziram o Bestial a um depósito.

– E agora? – perguntou Tom. – Essa coisa vai acordar, e estaremos fritos.

Mason encontrou um plástico enrolado nos fundos do depósito.

– Ajudem-me com isso – pediu ele.

Risperdel e Lore logo cobriram o Bestial com o plástico, que aderiu ao seu corpo. A criatura agora se encontrava oculta pelo plástico opaco, mas ainda assim se parecia demais com um monstro gigante escondido sob um encerado.

– Precisamos mudar a forma dela – disse Mason.

Procurou no recinto alguma coisa para colocar sob o plástico, mas tudo era grande demais por ali.

Tom encarou o grupo.

– Como... como acham que devemos cuidar disso?

– Não vão gostar da solução – disse Mason.

Tom levantou as mãos.

– Não! Eca. Não vai dar.

– Isso não – acrescentou Lore com um sorriso maroto.

– Não! – Risperdel também se apressou em dizer.

– Mas assim também não dá – Mason respondeu.

Tom engoliu em seco. Em seguida, levantou a ponta do plástico e olhou para o Bestial desacordado sob ele.

– Devem estar brincando comigo.

– Estamos perdendo muito tempo – falou Mason. – Ele vai acordar.

– Da próxima vez, você é quem vai ficar do lado do monstro, está bem?

– Combinado – rebateu Mason, embora tivesse certeza de que aquela seria a única vez.

Tom se enfiou sob o plástico e se acomodou no espaço entre as pernas e a cabeça do Bestial. Quando recolocaram o plástico no lugar, parecia haver algo volumoso lá embaixo, não algo com braços e pernas.

– Logo vai ficar difícil respirar – avisou Tom, a voz abafada debaixo do plástico.

– Tom, você vai ficar aí por no máximo alguns minutos – falou Mason.

Dito isso, puxaram a carreta para fora do depósito.

– Essa coisa fede... – disse Tom. – Acho que é o hálito. Ou talvez seja a cara.

– Psiiu – fez Mason. – Temos que dar a impressão de que transportamos um monte de objetos. Ou algo assim.

Fizeram a primeira curva rumo à escada que acabaria por conduzi-los à mãe dele e ao que esperava ser um lugar seguro para esconder o Bestial até que se encontrasse um antídoto. Mas naquele exato momento o alarme disparou. Mason ficou paralisado, e Tom mudou de posição sob o plástico. A

criatura estremeceu quando o alarme – um *PÉÉ-PÉÉ* altíssimo – aumentou ainda mais de intensidade.

Tinham sido descobertos.

OS ESTUDANTES COMEÇARAM A LOTAR os corredores, todos se dirigindo para uma saída. E Mason deu por si bem no meio deles, com uma carreta roubada, que continha seu melhor amigo e um Bestial.

– Tem mais alguma ideia brilhante em mente? – perguntou Lore, fazendo as duas tranças sobre os ombros se agitarem.

– Ahn-ahn – fez Mason.

Ficaram ali enquanto os estudantes os rodeavam, alguns lançando rápidos olhares à carreta. Mason esperava que o corredor se esvaziasse, pois assim poderiam avançar, ignorando o alarme.

– Vou ver o que é isso – disse Po, e disparou a correr.

– O que é esse barulho? – Mason sussurrou para Risperdel. – É um alarme de incêndio?

O rosto de Risperdel ficou arroxeadado.

– Ah, não. Nunca o ouvi antes.

O corredor começou a se esvaziar, e Mason achou que estivessem livres.

Mas então Grubare se aproximou.

Mason ficou paralisado, depois se obrigou a continuar empurrando a carreta.

– Temos que manter a calma – disse ele.

– E o que significa isso? – sibilou Lore, exasperada. – É uma expressão usada pelos humanos?

– Significa *ajam com naturalidade*. Vamos fingir que tínhamos mesmo que estar aqui.

– Mas a gente devia mesmo estar aqui – disse Risperdel, parecendo profundamente confusa.

Grubare estreitou os olhos ao ver Mason e seu grupo. Tão logo os avistou, pôs-se a andar na direção deles. O gromsh corria junto a seus calcanhares.

– Stark – disse ele –, o que é que tem debaixo do plástico?

– Não sei bem – respondeu Mason, sem diminuir a cadência dos passos. – Broxnar pediu que levássemos para ele.

– Pare! – disse Grubare.

Mason parou. O curso da carreta ficou hesitante. Risperdel e Lore tentavam pensar no que fazer com as mãos. Mais adiante no corredor, Po

dobrou uma curva e, ao vê-los, estacou.

– Mostre-me o que está por baixo do encerado – falou Grubare.

O gromsh puxou o canto do plástico com uma das patas, farejando o ar com cuidado, os olhos fechados. Então os quatro olhos se abriram, e ele recuou um passo, emitindo uma série de gorjeios sussurrantes. “Que macaco idiota!”, pensou Mason.

– Senhor, pediram que não mexêssemos nisso – retrucou Mason. – É preciso ter a autorização de Broxnar.

Os lábios de Grubare se apertaram num sorriso irônico. Ele baixou o olhar para o gromsh, que recuou para a segurança da túnica de Grubare do mesmo modo que uma criança assustada faria.

– *Autorização...* Interessante. Um rhadjen me dizendo para pedir autorização. Sabe qual é a punição por desobedecer a uma ordem expressa de um instrutor?

– Não – respondeu Mason.

– Um dia de detenção – informou Risperdel.

– Isso mesmo. Você com certeza sabe, Risperdel – disse Grubare, pousando o olhar sombrio novamente em Mason. – Tem mais um segundo para mudar de ideia, Stark. Senão, vai ter que vir comigo para termos uma conversa com Mestre Zin.

– Senhor, por que o alarme disparou? – Risperdel apressou-se em perguntar. – Não deveríamos nos deslocar para algum lugar?

Grubare já havia dado a Mason mais que um segundo para tomar sua decisão, mas ele não se deu conta disso.

– O alarme significa que mais dois estudantes desapareceram. Encontraram a túnica deles em farrapos – respondeu ele num tom que comumente alguém usaria para falar do clima.

Mason se perguntou por que a cordialidade havia desaparecido do coração de Grubare, ou, melhor, se algum dia ele havia tido um pouco dela. Mason não podia ter certeza, mas desconfiava de que Grubare o retivera depois das aulas para que Juneful e seus amigos pudessem pegá-lo sozinho.

De repente, Grubare deslocou-se para o canto da carreta, os dedos magros buscando sua extremidade. Mason não sabia o que fazer. Não podia atacar Grubare e tampouco fazia ideia de como o instrutor mal-humorado reagiria ao ver um humano acomodado nos braços de um Bestial. Talvez caísse morto devido ao choque.

– O que está acontecendo? – ouviu-se uma voz que vinha da esquerda.

Mason se virou, e seu coração se apertou ainda mais. Era Broxnar.

Grubare se empertigou.

– Ah, Brox, estes estudantes estavam a caminho de entregar esta carreta de... seja lá o que estejam entregando. Perguntei o que transportavam nela. Deve ser algo muito importante, para terem ignorado o alarme.

Pronto: estavam perdidos.

– Sim, é verdade – disse Broxnar.

Mason tentou se conter ao máximo para não demonstrar surpresa. Trocou um olhar com Grubare, cujo nariz agora estava franzido. Mason se obrigou a fechar a boca.

– É isso mesmo? – perguntou Grubare.

– Sim, obrigado por verificar – disse Broxnar, fazendo um aceno de cabeça para Mason. – Pode seguir em frente, jovem rhadjen.

– Obrigado, senhor – respondeu Mason. Cada um dos estudantes pegou uma parte da carreta e começou a empurrá-la para frente.

– Esperem... – principiou Grubare, levantando o dedo.

Uns trinta centímetros acima do chão, o gromsh fazia a mesma coisa, imitando Grubare. Mason reprimiu o impulso de rir.

– Eles têm que entregar isso agora mesmo, Grubare, e depois precisam voltar para a Câmara Interna a tempo para a assembleia.

Mason arriscou um último olhar por sobre o ombro. Os olhos de Grubare estavam fixos nele. Ainda estava desconfiado, e Mason receava que ele fosse persegui-los a partir daquele momento. Mas Broxnar envolveu os ombros de Grubare com seus longos braços e começou a conduzi-lo para a Câmara Interna. O gromsh os seguiu, o olho da nuca sempre fixo na carreta.

Mason não sabia por que motivo Broxnar havia mentido para ajudá-los, mas mesmo assim sentiu muita gratidão.

– Por que ele faria isso? – perguntou Risperdel, exprimindo os pensamentos de Mason. Avançavam com rapidez pelo corredor, lado a lado.

– O gromsh vai acabar com a gente.

– Talvez ele tenha uma queda por humanos – disse Lore.

– Ou então nos julgue seres muito fascinantes – rebateu Tom. Sua voz estava trêmula. – Quanto ainda falta para nós chegarmos?

– Não muito – disse Mason. – Está conseguindo respirar?

– Não – respondeu Tom. – Quer dizer, conseguir eu consigo, mas não quero.

Po os alcançou quando se aproximavam da escada que os levaria ao

laboratório secreto.

Mason deteve a marcha.

– Devemos nos separar aqui. Explico tudo depois, mas agora vocês têm que confiar em mim. Não há tempo, e tenho de fazer o resto sozinho.

– *O que disse?* – perguntou Lore. – Acabamos de nos arriscar para ajudá-lo a transportar um Bestial em segredo...

– Psiu! – fez Po.

– Desculpe, um Bestial – disse ela, agora sussurante – em nossa escola. E vocês nem são daqui.

– Mason e Tom fizeram por merecer esses trajes – disse Po. – Eles são Sangues, não há dúvida.

– Mesmo assim – disse Lore. – Há pouco tempo éramos inimigos, e agora vocês querem simplesmente que confiemos nos dois?

Risperdel não parecia se preocupar com isso.

– Po...? – indagou Mason.

Po olhou sucessivamente para cada um da equipe.

– Afirmo que devemos confiar neles. Contanto que nos esclareçam depois. De qualquer modo, agora não temos tempo para discussões – disse ele.

– De acordo – respondeu Mason.

Estendeu a mão para apertar a dos colegas, mas estes não souberam como reagir àquilo. Passado um segundo, Po cerrou o punho para tocar no de Mason.

Lore bufou, deixando bem clara sua desaprovação, e em seguida se afastou. “Justo agora que pensei que estivéssemos entrando num acordo.”

Risperdel interveio. Àquela luz, seus olhos dourados estavam claros como cristal.

– Espero que saibam o que estão fazendo – disse ela, apoiando a mão no braço de Mason.

Ele engoliu em seco.

– Eu sei.

Risperdel assentiu, e a pressão de suas mãos sumiu quando afastou a mão. Ela e Po foram atrás de Lore.

– Falando sério – ouviu-se a voz de Tom vindo de sob o plástico –, não estou conseguindo respirar. Este Bestial fede. Quero sair daqui.

– Aguenta mais um pouco, camarada – disse Mason, empurrando a carreta pela porta e descendo a escada. – A partir daqui, a coisa vai ficar um pouco mais esquisita. Só mais um tempinho.

– Ai, não consigo esperar – resmungou Tom.

A mãe de Mason estava no laboratório usando o mesmo equipamento de antes. Desta vez, o reservatório central continha uma solução magenta, e não dourada.

Ela se virou quando Mason deu uma tossidela.

– Mason! O que está fazendo aqui? Já falamos sobre isso.

Ele ainda não acreditava que podia olhar para a própria mãe. Ela estava bem ali, diante dele, viva. Estava inteira, e não em trilhões e trilhões de átomos separados, como tinham-no feito acreditar. Mesmo naquele momento, sentia a raiva revolver suas entranhas diante daquele ardil. Durante todos aqueles anos, tudo em que acreditara havia sido mentira.

– Não sei para qual outro lugar poderíamos ir – respondeu Mason.

Levantou um pouco do plástico, e Tom se jogou no chão.

– Olá – disse April. – O que é isto?

Mason levantou mais uma parte do plástico.

– Puxa vida – exclamou sua mãe. – Onde...? Como...?

– Ele nos atacou na mata, perto da escola. Mais dois estudantes desapareceram.

De olhos arregalados, sua mãe observava o Bestial adormecido. Tom levantou-se do chão e sacudiu a poeira das roupas.

– Olá, senhora Stark – cumprimentou ele. – Tom Renner, prazer em conhecê-la.

– Igualmente – disse April.

Mason levantou uma das mãos e a agitou no ar.

– Mãe, como pode estar acontecendo uma coisa dessas?

– Não... não sei. Mas é evidente que alguém está transformando os estudantes. Mas como? E por quê? – ela formulou as duas últimas perguntas para si mesma. – Não houve nenhuma outra fuga, tenho absoluta certeza.

– Bom, está perto mesmo de descobrir o antídoto? Onde está sua equipe? Não queria levar esta coisa aqui para a escola, se pudermos salvá-lo. E quem sabe como os estudantes reagiriam?

– Não, você agiu da maneira correta – disse a mãe, e empurrou a carreta para junto da parede de vidro. Lá dentro, os Bestiais estavam ocultos na penumbra.

Ela ignorou a pergunta sobre sua equipe, o que não passou despercebido a Mason. Será que ela tinha uma equipe?

– Mãe, tenho que contar a alguém. Eu... talvez já tenha contado para

Susan.

April Stark se virou.

– E ela...? Ela...

– Ela ficou com raiva – respondeu Mason. – Mas disfarçou bem, como sempre.

– Mason, sinto muitíssimo.

– Sei que lamenta – disse ele. – Você já me disse isso mais de uma vez – falou, sentindo-se incomodado ao ouvir aquilo, pois não mudava nada.

Tom deslocava o peso do corpo de um pé para o outro, claramente preocupado.

– A gente devia voltar, Mason. Antes que Grubare resolva continuar fuçando.

Mason assentiu.

– Mãe?

Dizer aquela palavra em voz alta ainda parecia estranho. Perguntou-se quanto tempo levaria para fazer aquilo com naturalidade.

Se é que voltaria a fazer isso dessa maneira.

– Vá embora. Vou controlar esse aí até o antídoto ficar pronto – disse April Stark, e empurrou a carreta por uma porta adentro, deixando-os sozinhos.

Não olhou para trás, a mente já concentrada na tarefa que tinha pela frente.

Os olhos de Mason se voltaram para a parede de vidro. Os Bestiais estavam lá, logo depois do limiar de escuridão. Percebeu que eles observavam. Fez questão de olhar para a penumbra com uma expressão impassível, sem demonstrar nem um pinga de medo. Depois de um instante, ele e Tom deixaram o laboratório.

MESTRE ZIN ESTAVA SENTADO, IMÓVEL como uma estátua, na entrada da Câmara Interna. Seus olhos não estavam voltados para os estudantes; parecia, ao contrário, absorto nos próprios pensamentos. A sala estava cheia, como estivera quando da chegada de Mason e Tom ali.

Os humanos sentaram-se atrás, junto com seu grupo – Po tinha reservado cadeiras para os dois. Os estudantes conversavam sobre amenidades, contando boatos e inventando outros. Alguma coisa estava acontecendo, não havia dúvida. Os instrutores tinham feito o máximo para eliminar os rumores quanto à ausência de Jiric, mas agora não podiam esconder o fato de que mais estudantes haviam desaparecido.

Não foram poucos os olhares desconfiados que Mason e Tom receberam; não era segredo para ninguém que as coisas corriam normalmente (ou, pelo menos, quase, considerando o fato de aquela ser uma escola para magos espaciais alienígenas) antes que os seres humanos chegassem para aprender e treinar lá.

– Falhamos em protegê-los – disse Mestre Zin, e todas as vozes na sala silenciaram. Ele se levantou da cadeira e abriu os braços. – Falhamos em proteger os alunos desta escola, e lamento por isso.

Um burburinho se levantou da assembleia, com todos se entreolhando e buscando respostas. Mestre Zin levantou as mãos.

– *Por favor.* Por favor, tenham paciência.

Pouco a pouco, a sala silenciou novamente.

– Alguém nesta escola está contagiando estudantes com veneno bestial. Esse veneno, uma vez inoculado, elimina os traços genéticos que os tornam tremistas – não se sabe como, Mestre Zin avistou Mason e Tom no fundo da sala. Seus olhos se demoraram neles. – Ou humanos. O veneno os transforma num deles. Jiric foi transformado num deles.

Mason percebia a expressão dos instrutores que se encontravam por perto na sala. Alguns pareciam chocados com o fato de Mestre Zin admitir a verdade; outros, chocados com a própria verdade.

Mais burburinho. Um estudante se levantou.

– Onde Jiric está agora? Ele pode ser salvo?

– Estamos trabalhando para descobrir uma solução para isso. Jiric está vivo

– disse Mestre Zin, enquanto os rhadjens continuavam aos murmúrios. Ele bateu as botas no chão, fazendo eriçar os cabelos de todos e conseguindo o silêncio que desejava. – Ouçam com atenção. Vocês não vão mais poder andar por aí sozinhos. Terão sempre que sair em duplas. Vão se deslocar em maior número possível, sendo o mínimo em dois.

Lore se levantou, e Mason não se surpreendeu.

– Mas quem são os suspeitos que estão por trás disso? Um aluno? Ou... – continuou ela, olhando ao redor, sem ousar acusar nenhum dos professores.

Mason sentiu que alguém o observava, e, quando virou a cabeça, viu Reckful ao lado de Grubare. Não conseguiu decifrar a expressão dele.

Mestre Zin demorou bastante para responder.

– Não sei. Até descobrirmos, as coisas vão seguir *normalmente*, ou o mais próximo possível da normalidade. Agora, estão dispensados. O vale-tudo de hoje à noite foi cancelado, e todas as *futuras* disputas também. Por enquanto.

– Senhor – o primeiro aluno que havia se manifestado, um rapaz mais novo, levantou-se novamente. – O senhor não falou quem mais desapareceu, além de Jiric.

Mestre Zin engoliu em seco; mesmo do fundo da sala, Mason notou.

– Juneful e o amigo dele, Dakor.

Mason ficou boquiaberto. Era isso: o Bestial lhe parecera *familiar*. Era Juneful. Ele ajudara a levar Juneful, sorrateiramente, para o laboratório de sua mãe. Será que teria feito isso se soubesse quem na verdade era aquela criatura? “Vamos pensar que essa transformação foi um aperfeiçoamento de caráter”, refletiu Mason, e logo se sentiu culpado. Juneful podia ser terrível, mas ninguém merecia ser transformado num monstro. Ou, pelo menos, não para sempre.

Passaram-se cinco dias. Mason passou todo o tempo livre na biblioteca, procurando, em vão, uma pista que lhe permitisse abrir o túmulo de Aramore (tinha visto Calora apenas duas vezes, e, quando a vira, estava atendendo outros estudantes). Então, na noite do quinto dia, outro estudante desapareceu.

Era uma jovem chamada Keliandra, alguém que, pelo jeito, ninguém conhecia muito bem. Suas roupas tinham sido encontradas aos farrapos. Correram o boato de que dois alunos a viram vagando pelos corredores na forma de um Bestial, e que ficaram tão assustados com aquela visão que a equipe médica os mandara para casa.

Os Bestiais não estavam fugindo do laboratório, Mason bem sabia. Havia

uma força externa em ação.

MASON QUERIA VISITAR SUA MÃE para saber de seus progressos, mas as aulas haviam se prolongado. Depois delas, os rhadjens eram obrigados a permanecer no quarto. Grupos de Rhadgasts patrulhavam os corredores o tempo todo. Mason se concentrou nos estudos, descobrindo as características dos Rhadgasts. Usou seu comunicador e soube que Susan estava informada de tudo: o ComET já se preparava, discretamente, para a batalha vindoura.

Agora, a única coisa que Mason tinha que fazer era garantir que os tremistas também estivessem preparados. Se descobrissem que os humanos se preparavam para uma guerra, poderiam interpretar aquilo de maneira errada. Humanos e tremistas tinham feito um tratado porque havia um inimigo em comum. Embora não parecesse haver confiança suficiente para lutarem lado a lado contra esse mesmo inimigo. Mason teve vontade de rir, apesar de a situação não ter nada de engraçado.

Seis dias depois, Mason mandou uma mensagem para o rei através de Reckful: *Senhor, precisamos conversar.*

No sétimo dia, Mason recebeu a melhor e a pior notícia de sua experiência como rhadjem: sua amiga Merrin Solace estava vindo para a escola.

BASTOU UM DIA PARA QUE A notícia se espalhasse.

A filha do rei. A princesa. A princesa vem estudar aqui!

Mason sentiu-se um pouco enciumado. Várias garotas que formavam um grupo chamado Esquadra da Pedra, por motivos que Mason desconhecia, haviam declarado oficialmente que Merrin faria parte do grupo delas, embora Merrin ainda não tivesse sido sequer submetida ao teste. Mason ficou com vontade de dizer a elas que Merrin já tinha amigos, e não tinha interesse em ingressar na Esquadra.

A primeira vez que ele viu Merrin ali foi na Câmara Interna, quando ela faria seu teste.

Dois novos rhadjens estavam com ela, garotos que pareciam gêmeos, com brilhantes cabelos verdes. Mason quase acenou, mas se conteve no último instante, e Merrin não o viu. Vê-la de novo lhe deu um nó no estômago, de uma maneira que ele não tinha certeza se gostava ou não. Chegou até a se sentir um pouco zozzo. Os cabelos roxos estavam presos em um rabo de cavalo, com duas mechas soltas que emolduravam os dois lados do rosto.

Mason queria alertá-la para o horror que com certeza sentiria dentro da caverna. Aquela sensação de impotência o incomodava, e tentou se aproximar dela, mas não houve maneira de estabelecer contato. Sua única esperança era a de que ela fosse colocada em sua equipe, agora que Jiric tinha se transformado em um monstro.

O grupo de estudantes saiu, e Merrin desceu de elevador com os dois garotos de cabelos verdes.

Mason alcançou Tom no caminho para o dormitório.

– Agora só faltam Stellan e Jeremy, não é?

Tom fez que não com um gesto de cabeça.

– Ela não devia estar aqui. Não com tudo o que está acontecendo.

Mason sentia a mesma coisa, mas estava longe de poder dizer isso a ela naquele momento.

No dormitório, Lore jogava uma espécie de jogo de cartas com Po, e os outros liam livros didáticos nos beliches. Mason sentou-se em sua cama, as pernas cruzadas, sentindo-se muito sozinho. Tinha saudade de sua equipe.

Mason ficou assim por 34 minutos. Chegou a contar. E então, a porta se

abriu e Merrin apareceu, vestida com suas novas roupas.

– **PARABÉNS – DISSE LORE**, levantando-se e aproximando-se dela. – Bem-vinda ao grupo dos Pedras.

Mason perdeu o fôlego. A túnica de Merrin tinha detalhes roxos nos punhos e na gola. Não havia dúvida; ele não tinha ficado daltônico de uma hora para outra. “O que aconteceu naquela sala?”

Merrin parecia abalada, a pele quase translúcida, ainda mais pálida do que o normal. A pele ao redor dos olhos estava meio avermelhada, como se ela tivesse chorado. Assim que viu Mason, caminhou até ele e lhe deu um forte abraço, apertando seu rosto contra o dele. Ele sentiu o tremor do corpo dela nos braços.

– Também senti saudade de você – Mason falou com um tom suave.

– Aquilo foi algo horrível – disse Merrin, afastando-se um pouco.

Ela apertou os ombros dele como se para ter certeza de que ele estava mesmo ali.

– Sim – concordou Po. – O teste nunca é agradável.

Mason segurou a mão de Merrin e a puxou para a porta.

– Faremos as apresentações mais tarde – disse ele.

Uma vez lá fora, fechou a porta atrás de si, e Merrin fungou, enxugando as lágrimas.

– Você não pode ficar aqui, é perigoso! – disse Mason.

Merrin arqueou uma das sobrancelhas.

– Perigoso? Sabe com quem está falando? Por acaso esqueceu o que fizemos no verão passado?

– Não, claro que não...

– E por que você acha que não posso enfrentar o que quer que venha pela frente?

Alguém estava transformando estudantes em Bestiais. Não era motivo suficiente? Qualquer um poderia ser o próximo.

– Não acho isso. Você tem razão. Mas este lugar é perigoso. Mais do que imagina. O teste não chega a ser nem o começo do perigo.

Ela apertou a fronte com os dedos.

– O teste... sim, o teste...

– Merrin? – disse ele, estendendo o braço para pôr a mão em seu ombro,

mas os olhos dela estavam fechados, e ele deixou os braços penderem ao lado do corpo.

– Meu irmão. Ele estava lá.

Mason ficou boquiaberto.

– Seu *irmão*? Você tem um irmão?

– Sim. Só me encontrei com ele algumas vezes. Ele é mais velho que eu, e... bem, é um sujeito frio. Tive que escolher entre salvar a vida dele ou a de várias pessoas da Coalizão pela Vida, a organização na qual trabalhava. Decidi deixar que ele morresse.

Aquilo não fazia sentido. O teste devia mostrar a pessoa de quem você mais gostasse. Por que Merrin teria visto um irmão que ela mal conhecia? “Eles fizeram de propósito”, pensou Mason. “Queriam garantir que a princesa se tornasse um dos Pedras.”

O que Reckful havia dito? *Descobrimos quem é a pessoa mais importante para você*. Que tramoia. Se fosse alguém de quem Merrin realmente gostasse, ela teria sido classificada como do Sangue.

Não teria?

Mason ouviu o farfalhar de várias roupas, virou-se e avistou uma patrulha de quatro Rhadgasts andando por um corredor próximo, logo desaparecendo do campo de visão.

– Como a coisa terminou? – perguntou Mason. – O teste – explicou. Queria saber por que ela estava usando trajes da cor errada.

Ela balançou a cabeça em uma negativa e mordeu o lábio.

– Pode contar pra mim – disse Mason.

– Ele começou a chorar, e eu tentei explicar. Eu... eu falei que não podia deixar quatro pessoas morrerem só porque ele era meu irmão. E ele disse...

– O quê?

– Ele disse que eu podia optar pela minha morte. Mas respondi a ele que tenho um trabalho importante para realizar na Coalizão. E... eu não *queria*. Toda vez que falava com ele, ele se queixava dos humanos – continuou ela, a voz se tornando um sussurro. – *Minha gente*.

Algo gélido se instalou no peito de Mason. Torceu para nunca dar de frente com o irmão de Merrin.

– Meu pai logo vai estar aqui para conversar com você – disse Merrin, com a clara intenção de mudar de assunto.

– Que bom; senti saudade do rei – respondeu Mason. Merrin lhe deu um sorriso trêmulo, ainda enxugando as lágrimas. – Ora, vamos lá – Mason

falou. – Deixe-me apresentá-la ao grupo.

NAQUELA NOITE, A PRINCESA INGRESSOU no grupo que procurava as luvas. Po tinha uma quedinha por Merrin, Mason percebeu. Pegava-o sempre olhando para ela. E ele não gostou nada daquilo. Quando Po trocou um olhar com Mason, ele teve certeza do sentimento que aquele olhar exprimia. Constrangido, Po apenas sorriu e sussurrou:

– Ela é a filha do rei... – como se aquilo explicasse tudo.

Desta vez, na caminhada de volta às ruínas, não houve conversas banais. Todos estavam tensos, os olhos fixos nas sombras, as costas semi-inclinadas, em uma postura sempre alerta. Merrin, que efetivamente era uma tremista, havia se integrado ao grupo de imediato. Lore tinha sido muito gentil com ela, enquanto Risperdel se mostrara indiferente.

Quando chegaram às ruínas, Po mostrou o lugar onde havia se travado a luta contra o Bestial. Merrin balançava a cabeça às vezes, atenta à história de Po.

– Parecem estar se entendendo muito bem – Tom sussurrou para Mason.

Estavam na retaguarda do grupo.

– E daí? – disse Mason.

– Daí... nada – respondeu Tom, embora tivesse um sorriso bobo nos lábios.

Po e Merrin se separaram, e Mason, Tom e Merrin formaram um grupo. Era muito bom estarem só os três juntos mais uma vez. Mason gostava dos colegas de quarto, até de Lore, mas naquele instante sentiu que fazia parte de uma equipe novamente. “Você precisa deles”, pensou. “Não pode fazer tudo sozinho.” Enquanto se aproximavam das ruínas, Merrin contou a eles sobre o trabalho que fazia na Coalizão.

– É como salvar o mundo, mas de uma maneira diferente – disse ela.

Mason preferia salvá-lo da mesma forma como estavam acostumados.

A BUSCA NÃO TINHA DADO em nada, até que Merrin esbarrou numa pedra de uma sala, em uma casa qualquer, e a pedra se deslocou pelo chão empoeirado. Um instante depois, a pedra afundou, desaparecendo da superfície com um ruído mecânico opressivo, que não era natural. Os mecanismos pareciam ter mais de um milhão de anos.

Mason e Tom, que estavam com ela, se entreolharam. “Claro que tinha de ser a gente para encontrar isso.”

Mason estava prestes a chamar os outros, quando o chão começou a vibrar sob eles. Pequenas pedras despencavam do teto. A poeira encheu o ar,

elevando-se da superfície e formando uma nuvem. Um quadrado no chão, do tamanho de uma mesa, começou a deslizar em direção à parede, abrindo um buraco bem no meio da sala.

Através do buraco, viram uma série de degraus que conduziam à escuridão total.

– Vou chamar mais alguém – disse Tom, mas de repente o buraco começou a se fechar.

– A pedra apareceu mais uma vez? – Mason apressou-se em perguntar.

Olhou para o lugar onde ela estava antes, mas ali havia apenas um pequeno orifício circular.

Podia ser a única oportunidade deles. Mason pensou nas luvas, e no que o Unificador tinha sido capaz de fazer com elas. Ter aquelas luvas em mãos poderia mudar tudo, sabia disso no íntimo de seu coração. O livro de Calora fora bastante claro. Quando chegasse a hora de enfrentar os Bestiais, Mason queria estar preparado.

Estava disposto a se sacrificar, caso dependesse disso a sobrevivência das duas raças. Mas não podia pedir tal coisa a Tom, nem a Merrin. Na verdade, *não queria fazer isso*.

Mas, sem as luvas, estavam perdidos.

O buraco agora encontrava-se fechado pela metade.

– Mason... – advertiu Merrin, mas ela o conhecia bem demais.

Tom tentou agarrar o braço do amigo, mas Mason se esquivou, precipitando-se pela escada. “Por favor, que este seja mesmo o caminho certo.” Havia a possibilidade de aquele local ser apenas uma espécie de depósito. Não havia nada de especial naquela casa, nada que indicasse ter pertencido ao Unificador. Mas valia a pena se certificar.

Mason desceu a escada com pressa, evitando ser esmagado pelo mecanismo no chão, que se fechava.

– Mason...! – gritou Merrin, mas sua fala foi abafada quando a passagem se fechou.

A ESCURIDÃO ERA COMPLETA. MASON ouvia o ruído de passos acima dele, provavelmente Merrin e Tom correndo para chamar os outros estudantes. Então se fez silêncio, um silêncio tão absoluto que Mason conseguia ouvir as batidas do próprio coração. E também o ar entrando e saindo dos pulmões. Se estivesse usando seu uniforme do ComET, o monitor dos sinais vitais estaria vibrando loucamente: acalme-se.

Os olhos de Mason se adaptaram à penumbra, mas ainda assim ele não conseguia ver muita coisa. Estendeu as mãos à frente e ativou as luvas, ouvindo o fraco eco de seu zunido reverberando nas paredes de pedra. Suas palmas tinham um brilho avermelhado que tingia as paredes de sangue. Havia um corredor diante dele. Mason respirou fundo para se acalmar e seguiu em frente.

Os primeiros trinta metros nada revelaram, mas então, em meio à escuridão, ele viu uma porta. Nela havia entalhes, como nas portas da Câmara Interna, com motivos espiralados e pinturas difíceis de se distinguir à trêmula luz avermelhada.

– Por que está aqui?

As palavras vinham da porta; era uma gravação. A qualidade era quase perfeita, mas Mason percebeu que não partia de um ser orgânico.

Mason achou que devia dizer a verdade. Por que não?

– Estou procurando as luvas do Unificador.

A porta não disse mais nada, silenciando-se, e longos segundos se passaram.

– Por que você as quer? – perguntou a porta por fim.

– Porque estamos diante de uma grave ameaça e precisamos de todos os recursos de que pudermos dispor.

– Quem é você?

– Mason Stark, cadete do Comando Espacial Terrestre, e agora também um rhadjen.

A porta silenciou por um instante.

– Muitos acharam esta porta, mas ninguém conseguiu passar por ela. O que o faz diferente dos outros?

Mason não sabia o que responder. Aquilo o fez se lembrar da entrevista

para aulas específicas na Academia. *O que o qualifica especialmente para ser um líder no Comando Espacial Terrestre?* “Seja honesto”, pensou Mason.

– Acredito que nada. Meu povo me considera um herói, mas eu apenas estava no lugar certo, na hora certa, com a equipe certa. Não tenho nada de especial. Só sei que, se não encontrar as luvas de Aramore, nós vamos morrer.

A porta ficou em silêncio por um tempo mais longo.

– Acha mesmo isso?

– Sim – ele respondeu. – Todos morreremos.

– E acha que não tem nada de especial?

Será que ele achava mesmo? Mason não tinha muita certeza sobre isso. Talvez sim, talvez não. “Seja honesto.” Ele respondeu:

– Não sei bem ao certo.

A porta emitiu um clique. Mason recuou um passo, as mãos já a postos, pronto para energizar as luvas e enfrentar o que quer que estivesse atrás da porta. Esperou um pouco, então cutucou-a com a ponta do sapato. A porta girou para dentro, revelando uma sala bastante iluminada, muito semelhante àquela em que tinha feito o teste. Estava completamente vazia, exceto por um armário de vidro empoeirado lá no fundo. Dentro, sob luzes intensas, havia uma armadura preta de couro e uma capa de seda carmim, suspensa, como se uma pessoa invisível a estivesse usando. E ali, pairando sob as mangas, havia um par de luvas dos Rhadgasts, idênticas às que ele usava, embora totalmente negras.

O coração de Mason disparou. Por que a porta se abriu para ele depois de tanto tempo fechada?

Aproximou-se devagar do armário envidraçado, quase com reverência, sem querer fazer muito barulho, não sabia bem por quê.

Deu mais um passo, e a superfície de vidro transformou-se numa tela que mostrava, numa imagem de vídeo, um tremista com cabelos vermelhos e negros, em tamanho real. Mason o reconheceu da aula de Broxnar. Era Aramore, o Unificador.

– Saudações – disse ele.

Falava num dialeto raro, o *mhenlo dai fen*, ou do Povo da Floresta.

– Olá – respondeu Mason.

– Com certeza está se perguntando por que está aqui; por que é o primeiro a quem foi permitido entrar por essa porta.

– Estou sim – concordou Mason.

– Antes de minha morte, desenvolvi um programa para julgar o mérito das pessoas apenas por suas respostas. Doze delas chegaram a essa porta antes, e, quando questionadas sobre se mereciam as luvas, todas relataram seus atos de força. Suas realizações. As gloriosas histórias de batalhas. Mas o orgulho delas as torna indignas de usar a minha força. Depois de quase quinhentos anos, você é o primeiro que considere digno de entrar aqui.

Mason ficou desconcertado. Não sabia o que responder, mas mesmo assim fez uma tentativa:

– Obrigado.

– Não me agradeça ainda. Temo que as coisas não serão assim tão fáceis. Porque palavras são uma coisa, mas agora preciso ver se estava falando a verdade – o coração de Mason disparou loucamente. – Gostaria de continuar?

Um pensamento fugaz: “Volte agora.” Porém, Mason sabia que não podia. Não depois de ter chegado tão longe.

– Sim.

Uma centena de portas minúsculas ao redor da sala se abriram. Mason prescreveu um giro completo com o corpo. Em cada passagem, só escuridão.

– Então me mostre do que você é feito – disse Aramore, apagando-se junto com as luzes da sala.

Mason ouviu trinados vindos das pequenas passagens, e as primeiras criaturas puseram a cabeça para fora.

Gromshs.

“Não são perigosos. Afinal de contas, Grubare tem um.”

Eles começaram a pular de seus orifícios, um após outro. Cinquenta encontravam-se na sala, e de repente já eram cem. Quando abriram a boca, Mason viu que tinham fileiras de dentes em forma de agulha. Ativou as luvas, que agora eram a única fonte de luz na sala. “O que será que eu devo fazer?”, pensou Mason. “Lutar contra todos eles?” Centenas de olhos refletiam a luz de suas luvas. Eles faziam o chão parecer uma espécie de tapete de centelhas em movimento.

Então, as criaturas atacaram. Dezenas se lançaram contra Mason, agarrando e rasgando suas roupas. Caiu de joelhos enquanto um enxame atacava sua cabeça e rosto, garras afiadas entrando-lhe nos ouvidos e nos olhos. Recorreu à energia das luvas... mas não havia nada nelas. Pareciam inertes em suas mãos, sem vida. Mason agitou os braços, afastando dois gromshs a cada investida, mas outros quatro tomavam o lugar deles. Caiu de lado quando começaram a lhe morder os dedos e o pescoço, trocando

murmúrios excitados uns com os outros. Estranhamente, não sentiu dor.

Agora estavam sob sua túnica, arrastando-se por sua pele e lhe mordendo a carne. Com tantos em cima dele, era como se pesassem uns 45 quilos. Mais de um metro da sala estava coberto de gromshs. Mason respirou fundo, e a cabeça de um deles ficou presa em sua boca. Inspirou pelo nariz, mas o pelo de outro bloqueou o ar. “Isto não pode estar acontecendo!” Se aquilo fosse uma ilusão, parecia-se muito com a realidade. Seu peito se avolumou, cheio de ar, e um ardor se espalhou por seu cérebro. Seu rosto formigou, depois ficou entorpecido.

Quando os gromshs começaram a sufocá-lo, descobriu a verdade: os heróis, por mais que uma sociedade precise deles, eram na verdade o povo. Seria reprovado no teste, e a soma de suas realizações passadas não poderia salvá-lo. Seus últimos pensamentos foram para sua equipe: Tom, Merrin, Stellan e Jeremy. E agora Po, Lore e Risperdel. Sem eles, Mason não era nada.

Os gromshs pesavam tanto sobre ele agora, que mal conseguia respirar, ainda que sua boca não estivesse mais cheia de pelos. Focos de luz se acenderam diante de seus olhos. Ele os fechou para aguardar o fim.

E, tão repentinamente quanto surgiram, os gromshs desapareceram.

Mason abriu os olhos. Estava sozinho na sala. As portas tinham desaparecido, e agora podia respirar livremente. Olhou para as próprias roupas – estavam intactas. Talvez um pouco empoeiradas depois de ter se arrastado no chão.

Ficou remoendo a raiva, a fronte coberta de suor. O implante estava quente dentro de seu cérebro. “Eles me enganaram novamente”, pensou ele. “Deixei que me enganassem de novo!”

– Ah, muito bem! Esperava mesmo que passasse para a segunda parte – Aramore estava de volta. – Desculpe-me pelo ardil. Meu computador podia se comunicar com seu implante. Embora o seu pareça ter uma tecnologia muito mais nova.

– Como me saí? – perguntou, esforçando-se para se manter calmo.

O teste tinha acabado. E, se houvesse outro, estaria mais preparado.

– Você não pode ganhar dos gromshs. Em vez disso, seus momentos finais é que foram avaliados, inclusive seus pensamentos. Percebo certa arrogância em você, Mason Stark. Mas também há humildade. Uma dessas duas coisas vai crescer e se tornar a força motriz de suas ações. Faça um esforço para escolher certo.

Mason olhou para a imagem de Aramore, desejando que estivesse mesmo ali, de corpo presente, para que pudesse conversar com ele a sério; para poder pedir seus conselhos. Instintivamente, Mason baixou a cabeça.

– Obrigado – disse, ainda trêmulo e suarento.

– Você ainda não tem noção dos riscos.

“Riscos?”

– A armadura é sua; faça o que quiser com ela, embora não tenha nenhum poder especial. Mas as luvas são realmente poderosas. Elas atingem um lugar profundo, e você vai precisar de grande força mental se resolver usá-las. Se não tiver essa força, vão dominá-lo. Elas se voltarão contra você e serão sua ruína.

As palavras de Aramore fizeram o corpo de Mason gelar.

Aramore o encarou, e por um instante pareceu que a imagem realmente o via. Gostava do fato de estarem se mirando através de centenas de anos.

– Preste atenção ao que eu lhe disse. Porque, se falhar, vai arruinar não apenas seu destino, mas também o de todos ao seu redor.

Mason não soube o que responder.

A imagem sumiu, e o armário envidraçado se abriu.

MASON OLHOU PARA A ARMADURA e para as luvas por um instante. “Não acredito que as encontrei.” Que enorme responsabilidade a de ter podido entrar naquela sala depois de tanto tempo. Sentia-se um pouco temeroso em pegar os objetos; não sabia como os outros estudantes reagiriam. Achava até que usá-los publicamente constituiria um risco enorme.

“Lembre-se das palavras dele”, lembrou a si mesmo.

Mason sabia que as luvas seriam retiradas dele tão logo fossem vistas em sua posse. Talvez fosse até melhor para ele – quem sabe um Rhadgast formado seria capaz de fazer melhor uso delas. Mas resolveu usar as luvas pelo menos por algum tempo e manter a armadura e a capa escondidas. Ainda era um rhadjen, e os rhadjens usavam roupas de calouros. Mason tirou suas luvas, dobrou-as e as colocou num bolso interno da túnica. Pegou a primeira das luvas de Aramore e a colocou na mão esquerda. Parecia exatamente com suas luvas vermelhas, só que eram pretas. Logo que ficou sobre sua mão, encolheu-se para se adaptar a ela de maneira confortável, conectando-se depois a seu cérebro.

Era diferente.

Aquilo era algo muito mais completo. A luva era sua pele. Sentia diversas partes da mente se abrindo e procurando contato com a luva, e a luva, por sua vez, buscando também contato com as mesmas partes. Mason inspirou profundamente e piscou os olhos com rapidez. Sentia-se ótimo. Melhor que isso, até. Não havia nada com que ele devesse se preocupar.

Apressou-se em pôr a luva direita e caiu sobre um dos joelhos quando ela se conectou ao seu cérebro. Levantou as mãos diante do rosto, balançando-as de um lado para outro. Suas mãos eram negras e lisas. Jamais se sentira tão bem em toda a sua vida.

Instintivamente, sabia que as luvas estavam sob seu comando. Não obedeceriam mais ninguém, porque tinha sido ele quem havia passado no teste. Poderia entregá-las ao próprio Mestre Zin, e funcionariam como um par de luvas comum.

Apesar disso, Mason se perguntava se *poderia* tirá-las. Elas pareciam tão... permanentes.

Temendo a resposta – *sabendo*, de certa maneira, qual seria –, não tentou

descobrir.

Desmontou as maleáveis peças da armadura de couro e as colocou dobradas dentro da capa carmesim. Pôs o conjunto às costas, lançando um último olhar ao redor da sala. Nunca mais voltaria ali.

Mason não usou as luvas para ver; apenas se orientou pelo eco de seus passos no chão de pedra. Refez o caminho até a escada, que encontrou batendo a ponta do pé no último degrau. Deixou-se ficar na escuridão por um instante, e a porta horizontal da superfície abriu-se automaticamente. Afinal de contas, o propósito de sua visita havia se cumprido.

Mason semicerrou os olhos por causa da luz, levantando a mão para protegê-los.

– Não acredito – a voz se parecia com a de Po.

Mason abriu os olhos e viu toda a sua equipe em volta da passagem, olhando lá de cima para ele.

– Essas luvas não são vermelhas – sussurrou Risperdel.

– O que é isso nas suas costas? – perguntou Lore. – É uma capa carmesim...

Mason subiu os degraus e entrou na sala. Assim que atravessou a passagem, a porta se fechou.

– Bom, eu encontrei essas coisas – explicou Mason.

– Devia ter esperado por nós – disse Po, não parecendo nada satisfeito.

Mason sentiu-se um pouco culpado. Sabia o quanto Po havia procurado as luvas. Mas a porta estava se fechando; não tinha havido tempo para esperar.

– Quem vai ficar com elas? – perguntou Tom.

– Mason, claro – disse Risperdel. – Ele encontrou as luvas.

– Não está falando sério – disse Lore, pondo a cabeça pra fora da janela para examinar o céu. O ar estava pesado devido à chuva iminente, e Mason não se sentia nem um pouco ansioso para descobrir a composição química de qualquer que fosse a água que cairia daquelas nuvens. – Logo que voltarmos, os instrutores vão pegá-las. O que acha que vai acontecer? *Claro, pequeno rhadjen, pode ficar com as luvas de Aramore, o Unificador?* Caia na real.

– Você pode escondê-las – sugeriu Po.

Mason transformou as luvas em cobertura para os antebraços. Mas sabia que aquilo não iria funcionar por muito tempo.

– Não devia escondê-las... Só vou arrumar uma encrenca ainda maior fazendo isso. E eu...

– Você o quê? – perguntou Po.

Mason engoliu em seco.

– Acho que não consigo mais tirá-las daqui.

– Bom, *tente* – disse Lore.

– Não quero fazer isso agora – respondeu Mason. Todos se entreolharam, perplexos. – Acabei de colocá-las – Mason se apressou em acrescentar. – Não acho que possam sair tão já.

Mason olhou para Merrin, buscando uma opinião, mas até aquele momento ela havia permanecido calada. Mordia o lábio inferior, como se refletisse sobre todas as possibilidades.

– Meu pai virá à escola para, bem... ele virá. Ele pode dar a última palavra sobre isso.

– A determinação de seu pai não vai se sobrepor à de Mestre Zin – rebateu Risperdel. – A autoridade dele por aqui é absoluta.

Merrin não se deu ao trabalho de responder. Apenas arqueou uma de suas sobrancelhas roxas. Mason não sabia dizer quem estava com a razão.

Lá fora, as primeiras gotas de chuva começaram a cair na rua.

– Vamos depressa – disse Po. – Já teremos problemas suficientes com a lavanderia por entregarmos roupas tão sujas.

Os rhadjens se precipitaram na chuva, atravessaram a floresta e voltaram para a esfera. Felizmente, não deram de cara com nenhum Bestial na mata. Mas a chuva os açoitava sem piedade, com se fossem ferroadas.

De volta à esfera, Mason deixou as luvas descerem até as mãos. Assim se sentia melhor; não tinha nada a esconder. A capa carmesim, por sua vez, estava encharcada e gotejante às suas costas. Era um artefato de quinhentos anos, usado pelo maior dos heróis Rhadgasts de todos os tempos, se não o maior herói, e Mason já o tinha sujado.

– Todos vocês, tratem de enxugar a água da chuva – disse Po. – Podem ter reações alérgicas.

– Não é a primeira vez que enfrento uma tempestade em Skars – respondeu Lore.

Mason já sentia a pele exposta formigando.

As aulas tinham acabado, mas os estudantes continuavam vagando pelos corredores, a caminho de alguma atividade que tivessem planejado. Um grupo veterano de Sangues os viu surgir da chuva e se pôs a rir, até que um deles viu as luvas de Mason.

Um dos rapazes mais velhos estreitou os olhos.

– Não são as luvas padrão – disse, olhando para Mason.

Depois, estreitou os olhos de novo, dando-se conta de que Mason era um dos humanos que estavam na escola.

– Pelas barbas do rei – outro rapaz praguejou. Pelo que Mason sabia, o rei não tinha barbas. – Ei – disse o rapaz –, por que as luvas dele são pretas? São as luvas de Aramore?

Risperdel soltou um suspiro.

– Sim. Sim, são.

– Eles encontraram as luvas de Aramore! – gritou o rapaz para toda a escola.

Grupos de alunos que perambulavam pelos corredores, uma mescla de Sangues e Pedras, estacaram, paralisados em seus lugares. Depois, foram se aproximando.

– Agora você se superou – disse Lore, revirando os olhos para Risperdel, que deu de ombros.

Os estudantes começaram a encher Mason de perguntas – *Como você conseguiu as luvas? Onde as conseguiu? Posso experimentá-las?* –, mas sua equipe o rodeou, protegendo-o da multidão. “Melhor dar um jeito nisso agora”, pensou Mason. Com certeza, algum professor ouviria o burburinho e viria ver do que se tratava.

O pensamento não abandonou a mente de Mason, principalmente quando viu Grubare vindo em sua direção, passando por um grupo de Pedras. Mason o esquadrinhou à procura do gromsh, mas o diabinho não estava por perto. Soltou um suspiro de alívio: se nunca mais tornasse a ver um gromsh, ainda assim seria muito cedo.

A princípio, Grubare não falou nada. Os estudantes também permaneciam calados em torno dele, esperando para ver o que o instrutor iria fazer. Mason apenas o olhava, mas os olhos de Grubare estavam fixos nas luvas. Engoliu em seco. Um lampejo havia passado pelos olhos de Grubare. Medo?

– Acompanhe-me – disse Grubare, virando-se e em seguida se afastando.

A multidão emitiu um ruído de surpresa em uníssono. “Será que isto está acontecendo mesmo?”, pensou Mason. Depois deu de ombros e foi atrás de Grubare.

Merrin e Tom apressaram-se em segui-los.

Grubare pareceu sentir a aproximação deles, porque parou e voltou-se rapidamente, as roupas girando ao redor de suas pernas (mostrando o gromsh agarrado à panturrilha dele).

– Vocês, não. Só ele.

– Eu não... – principiou Tom.

– Isto *não* é uma discussão – sibilou Grubare.

– Deixe que ele vá, Tom – disse Merrin.

Mason bateu no ombro de Tom, e este se encolheu todo quando uma descarga de energia disparou entre os dois.

– Ai, cara!

– Desculpe, desculpe! – a luva estava ativa na mão de Mason, praticamente implorando para ser usada.

Ele fechou o punho e abaixou a mão.

Tom estava boquiaberto.

– Talvez você deva tirar essas luvas. Só por um tempinho.

“Não quero. E acho que não consigo.”

– *JÁ!* – rugiu Grubare do outro lado do corredor.

Mason correu atrás dele, lançando a Merrin um olhar de despedida. Seu semblante mostrava a mesma preocupação que o de Tom, e ela mordida o lábio inferior.

Mason seguiu a uma distância segura, enquanto Grubare o conduzia escadas acima e escadas abaixo ao longo dos corredores repletos de estudantes, que olhavam, surpresos, para as luvas de Mason.

Quando Grubare enfim parou, estava diante de uma enorme porta de madeira, reforçada com o que parecia ser ferro. A porta era diferente de quando Mason havia visitado Mestre Zin pela última vez. Po havia dito a Mason que ele nunca devia visitar Mestre Zin, e sim esperar que ele os visitasse. De repente, sua boca ficou seca.

Grubare levantou a mão para bater, mas a porta se abriu antes, devagar e rangendo. Lá dentro havia uma sala espaçosa e circular. Toda a mobília era de madeira.

Atrás de uma sólida mesa esculpida na forma de alguma fera alienígena, encontrava-se Mestre Zin. E, diante dele, estava sentado o rei tremista.

– **AH, O HUMANO** – disse Mestre Zin. Não pronunciou, porém, aquela palavra da maneira que a maioria dos rhadjens fazia: como se se tratasse de um palavrão, ou de uma praga. – Seja bem-vindo, Mason. Por favor, sente-se.

Grubare pigarreou.

– Receio que esta não seja uma visita social. Olhe para as mãos do rapaz.

Todos olharam. Os olhos do rei se arregalaram, e seus lábios se entreabriram, a respiração ofegante. Mestre Zin manteve o semblante sereno, sem mostrar nenhuma reação.

– Tire as luvas – disse o rei.

Mason não queria tirá-las. Estava com elas há apenas uma hora, e duas pessoas já tinham sugerido isso. Qual era o problema, afinal?

– Ele não consegue – disse Mestre Zin.

– Mas ele deve! – rebateu o rei. – Sabe o que minha armadura fez comigo. Sabe o quanto lutei. Diz a lenda que o Divisor e o Unificador eram um par perfeito porque suas luvas e armaduras tinham a mesma tecnologia...

Seria por isso que o rei parecia tão malévolos antes? Será que sua armadura o influenciava do mesmo modo que Aramore dissera que as luvas iriam influenciar Mason?

Grubare bufou.

– Sim, a lenda também diz que a natureza da tecnologia é alienígena e tão avançada que nem nós podemos entendê-la. Vá em frente. Tire-as, Stark. É só uma lenda – ordenou.

Suas palavras eram de desdém, mas ele continuava com uma expressão de temor no rosto, como antes.

Mason concluiu que devia tirá-las só para mostrar que aquele não era um grande problema. Pressionou o polegar onde ela terminava em seu cotovelo e tentou puxar o material, mas ele havia aderido bem à pele. Tentou com mais força, cravando os dedos nela, mas sentiu que ambas as luvas tinham como se soldado a ele, da mesma maneira que havia acontecido com o cinto, que se colara ao seu tronco.

As palavras ecoaram em sua mente: *não apenas seu destino, mas também o de todos ao seu redor.*

– Você se lembra de quanto tempo levou para conseguir tirar a armadura?

– o rei perguntou a Mestre Zin em um tom calmo. – Ficou aqui por vários dias, lutando desesperadamente.

Mason sentiu o sangue gelar. Quando o rei o olhou novamente, foi com uma expressão de tristeza e piedade, que congelou seu sangue ainda mais. “Que foi que eu fiz?”, pensou Mason.

– O que me diz disso, Grubare? – perguntou Zin, olhando depois para Mason. – Como descendente do Divisor, Grubare não pode escolher nenhum lado. Ele pertence a ambos – acrescentou.

Os olhos de Grubare cintilaram.

– Revela meus segredos assim, tão livremente?

– Existem segredos e *segredos*. Este é destes últimos. Não há nada do que se envergonhar. Todos os dias você paga pelos maus atos de seu ancestral.

Mason viu o brilho nos olhos de Grubare se transformar em névoa. Ele parecia cansado.

– Na verdade, não sei. Pensei que as luvas estivessem perdidas para sempre.

– Aramore me advertiu – Mason apressou-se em contar. – Ou sua inteligência artificial. Ele me disse que as luvas eram perigosas, mas que meu propósito justificava o desejo de usá-las.

Mestre Zin cruzou as mãos sobre a mesa.

– Então você vai ficar sob estrita observação. O rei é um homem feito, e ele lutou. Mas, para você, as coisas serão muito mais difíceis.

Mason sentiu sua desconfiança crescer.

– Não posso afirmar que seja ruim ficar com as luvas. Isso porque os estudantes têm sido transformados em Bestiais contra a própria vontade, senhor.

O rei piscou algumas vezes.

– Achei que essa situação estivesse sob controle.

– Estamos resolvendo esse problema – disse Grubare.

– Como? – perguntou Mason. – Como o problema está sendo resolvido?

– *Silêncio* – ordenou Grubare.

– Isso mesmo: silêncio – acrescentou Mestre Zin. – E da parte de *todos*, se é que eu posso ter a ousadia de solicitar uma coisa dessa.

Por pouco Mason não revelou que sabia sobre a mãe e o laboratório dela, mas não tinha certeza do que aconteceria se o fizesse.

Não sabia quem tinha conhecimento da existência do laboratório, nem quem tinha permissão para isso.

– Aí está. Assim não é melhor? – disse Mestre Zin, quase sorrindo. – Mason, virá me visitar todos os dias, de própria vontade, para checarmos seu progresso com as luvas?

– O que você quer dizer com *progresso*? – perguntou Mason, num tom um pouco mais áspero do que pretendia.

– Progresso em removê-las do seu corpo – disse Zin em um tom firme.

“Será que tenho escolha?” Mason não tinha muita certeza.

– Tudo bem – respondeu.

“Mas só depois que os Bestiais vierem e que eu conseguir destruí-los.”

– Bom, então está decidido. Agora, ficaria muitíssimo grato se pudesse voltar à minha reunião com o rei.

Mason tinha que informar o rei sobre o iminente ataque dos Bestiais. O rei provavelmente já sabia, mas Mason queria ter certeza. Queria saber *quanto* o rei sabia.

– Na verdade – disse ele –, eu gostaria de falar com o rei. A sós, se possível.

Todos olharam para o rei, que assentiu.

– Você me permite usar sua sala? – o rei perguntou a Mestre Zin, que concordou prontamente.

– Claro – respondeu, levantando-se e se dirigindo à porta.

Grubare o seguiu, depois de lançar o que provavelmente devia ser um olhar de simpatia, considerando o fato de ter vindo de Grubare.

– Pode me dizer do que se trata – disse o rei, que parecia mais pálido que de costume.

– Senhor, os Bestiais estão a caminho para nos atacar. Sabem nossa localização e vêm para acabar com a gente. Só não sei quando.

O rei não demonstrou a mínima surpresa. Seu rosto não demonstrou nenhuma emoção.

– O senhor sabia... – disse Mason.

– Sim.

– Foi informado por minha mãe?

– Eu... – o olhar do rei desceu para as mãos de Mason, e seus olhos se arregalaram com uma emoção que Mason jamais havia visto em seu rosto.

Era medo.

Mason baixou o olhar; suas mãos emitiam um brilho negro.

– Acalme-se – disse o rei.

Mason cerrou os punhos, depois os relaxou. A luz negra desapareceu.

– Sua mãe se reporta diretamente a mim – informou o rei. – Estamos tão preparados quanto possível para o ataque dos Bestiais. Entrei em contato com sua irmã, Susan, para informá-la da situação, para que os humanos possam se preparar também. Imagine minha surpresa ao descobrir que ela já sabia.

– Acho que devo ter dito alguma coisa a ela – murmurou Mason.

– Hum. Susan sabe o quanto nossa paz agora é frágil. Nós estamos trabalhando em conjunto para mantê-la intacta. Trabalhamos em conjunto, Mason. Graças a você e aos seus amigos.

A borracha que comprimia o coração de Mason se distendeu, mas só um pouco. Era um peso que fora retirado, um problema para outras pessoas se preocuparem agora. Pessoas mais qualificadas. Ainda assim, quando os Bestiais chegassem, Mason teria que lutar.

– Quando isso acabar, quero que minha mãe seja liberada – disse Mason. – Ela pode finalizar o desenvolvimento do antídoto na Terra. Que é o lugar dela.

O rei pareceu hesitar, sem saber bem o que dizer.

– Não há o que discutir – acrescentou Mason.

Mal podia acreditar nas palavras que haviam saído de sua boca. Sempre havia temido o rei, e agora falava com ele daquela maneira? “Quanto dessa coragem não se deve às luvas? Mas acabei de colocá-las!” Sentia as luvas se entranhando cada vez mais em seu cérebro, abrindo portas, vasculhando coisas, totalmente à vontade. Com um pensamento, Mason as conteve. “Vocês pertencem a mim, não o contrário.”

– Mason, é verdade que precisamos de sua mãe. *Desesperadamente*, poderia acrescentar. Mas ela não está aqui na condição de cativa. Pelo menos, não mais.

“Então por que não voltou para casa?” Mason não sabia o que dizer. Mas tentou mesmo assim:

– Antes eu achava que você era a pior das criaturas que já conheci. Era por causa da armadura?

O semblante do rei pareceu se petrificar.

– Não tenho certeza. Gostaria de atribuir tudo a ela, mas seria mentira. Isso não quer dizer que não tema por você, Mason. O avatar de Aramore pode tê-lo julgado digno o suficiente, mas ele era um homem excepcional. Quero acreditar que você seja igualmente excepcional, mas só o tempo vai mostrar sua fortaleza interior.

Mais uma vez, Mason não soube o que dizer.

– Os Bestiais não estão a caminho, Mason. Eles já estão aqui. Já começaram a invasão, mas de forma gradual. E de uma maneira terrível. Fico tentado a mandar todos desta escola para casa... É por isso que estou aqui. Para tomar uma decisão.

– Por que está me contando isso? – perguntou Mason.

Por pouco o rei não sorriu.

– Certa vez você foi sábio o bastante para me mostrar uma verdade. Agora espero que me mostre outra. O que faria, se fosse rei?

Mandar os alunos para casa era a melhor ideia em que Mason pensou, mas não foi essa a resposta que deu.

– Iria descobrir o responsável e detê-lo.

– O mesmo penso eu – respondeu o rei.

PASSARAM-SE QUATRO DIAS SEM QUE se visse um Bestial, sem nenhum incidente, sem nenhuma transformação. Nenhuma movimentação espacial também. Nenhum Bestial à vista.

Nesses quatro dias, metade dos alunos foi para casa esperar que a ameaça dos Bestiais chegasse ao fim. Correu o boato de que Mestre Zin havia mandado os alunos embora para que não fossem convocados a lutar quando a guerra começasse.

E, nesses quatro dias, Mason sentiu saudade de suas luvas. Das luvas velhas, vermelhas, que estavam bem trancadas em um compartimento na parede, junto à sua cama. Aquelas luvas nunca queriam nada. Elas obedeciam. Eram meros instrumentos. As novas luvas, ao contrário, tinham vida, disso Mason estava certo. De alguma maneira, tinham vida. Fazia quatro dias que não via as próprias mãos, e mesmo assim sua pele não suava dentro das luvas, tampouco pareciam sujas. Porque agora as luvas eram sua pele.

Toda tarde, Mason sentava-se com Mestre Zin e contava sua interação com as luvas naquele dia. Mestre Zin jamais demonstrava alguma reação, nunca deixando transparecer o quanto se sentia perturbado. Mas Mason sabia.

Mason e sua equipe foram para a sala de aula. Suportou os cochichos, os olhares de esguelha, o burburinho e o distanciamento. “Tom e Merrin estão aqui, e nós estamos vivos. Isso é o que importa.” Mason não teve oportunidade de fazer um treinamento com as luvas, mas não se preocupou: sabia que, quando precisasse delas, elas o ajudariam.

No terceiro dia, foi ao laboratório de sua mãe, que estava vazio. Aquilo lhe pareceu estranho, dada a ameaça tão iminente. Os Bestiais atrás do vidro mantinham-se escondidos na escuridão, mas Mason sabia que eles estavam lá, observando-o.

No quarto dia, Broxnar foi ao dormitório de Mason. Ele bateu à porta e abriu um segundo depois, da maneira que adultos faziam, fossem humanos ou tremistas.

– Olá, pessoal, como vão as coisas por aqui esta noite?

Ninguém estava lá muito animado, pois quase toda a equipe fora eliminada no vale-tudo (que tinha acabado de ser retomado), quando um grupo de

veteranos do Sangue havia feito deles os primeiros alvos. Além disso, o grupo vinha sentindo também as consequências de estar ligado a Mason e Tom. Estavam sendo marginalizados pelo restante, e Mason não sabia como resolver a situação. Não havia tido, também, permissão para participar da disputa, porque suas luvas ainda eram um fator desconhecido. Numa situação de combate, Mason temia matar alguém, e não apenas atordoar o alvo.

Apesar disso, Lore vinha tendo um ótimo desempenho. Tinha ganho o jogo, tendo fugido e se escondido entre as árvores durante a maior parte da disputa, um fato que os demais componentes da equipe não iriam deixá-la esquecer.

– Tudo bem? – repetiu Broxnar.

– Tudo certo – disse Po, jogando uma bola contra a parede e agarrando-a em seguida. – Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Broxnar assentiu, as bochechas balançando pra cima e pra baixo.

– Na verdade, sim. Eu queria ter uma conversa particular com Mason Stark.

– Comigo? – indagou Mason, sentando-se na cama.

Apontou para o próprio peito, e, quando o dedo tocou na roupa, uma onda de calor se espalhou por todo o seu corpo.

Broxnar sorriu.

– Não conheço nenhum outro Mason Stark.

Mason desceu da cama e seguiu Broxnar, que já avançava, cambaleante, pelo corredor.

– Algum problema, Broxnar? – perguntou Mason assim que o alcançou.

– Não, não, nada disso – respondeu Broxnar, sorrindo de novo, mas o sorriso não chegou aos olhos. – A menos que considere problema a loucura em que esta escola mergulhou. Devo confessar que estou muito embaraçado. A primeira visita de um humano à nossa escola ter acontecido durante uma crise como esta. Você deve ter ficado com uma imagem muito ruim de nós.

Quer dizer então que Broxnar não sabia que April Stark estava lá há anos. Ou, o que era mais provável, apenas escolhia suas palavras com muito cuidado. Mason se perguntava se Broxnar estava mesmo embaraçado: a palavra *horrorizado* era mais adequada para o que estava acontecendo aos rhadjens.

– Não fiquei com uma imagem ruim de ninguém. A escola está tentando enfrentar uma crise, apenas isso – disse Mason.

– Os alunos deviam estar em casa – disse Broxnar. – Todos eles, inclusive

os mais velhos.

Mason não pôde deixar de concordar. Os corredores estavam quase vazios, o que fazia todos se sentirem ainda mais inseguros. O que eles percorriam naquele momento era como o tronco oco de uma árvore gigantesca, mas a meio caminho tornava-se algo mais para gelo, embora nem frio nem úmido.

– Aqui estamos nós – disse Broxnar, parando diante de uma porta no gelo falso.

Fez um gesto pedindo que Mason entrasse primeiro. Um frio percorreu seus ombros.

Entrou em um escritório que parecia uma campina como as da Terra. O piso era relva, e as paredes cobertas de cascas de árvore. Pássaros chilreavam ao redor. A única mobília era uma escrivaninha simples, com duas cadeiras. Mason sentou-se na cadeira da esquerda, e Broxnar arrastou a cadeira, contornado a escrivaninha.

Entreolharam-se por um instante. Mason não estava gostando nada da luz que brilhava no fundo dos olhos de Broxnar. Resolveu ir direto ao ponto.

– Em que posso ajudá-lo, senhor? – Mason perguntou, e Broxnar deu de ombros.

– Queria falar com você a sós. Sabe da minha afinidade com a história do Unificador e do Divisor. Acho que foi o assunto de nossa primeira aula, não foi? – o olhar de Broxnar demorou-se nas luvas de Mason.

– Sim – respondeu ele. – Gostei muito daquela aula, aliás.

– Então, Mason Stark, como é fazer parte da *história*? Como é tirar proveito da *lenda*?

Pela primeira vez, desde que o conhecera, o semblante de Broxnar estava contorcido, tenso com uma emoção que Mason não conseguia identificar.

Por sobre o ombro, Mason olhou para a porta.

– Não olhe outra vez para a porta – disse Broxnar. – Agora, responda a minha pergunta.

Mason resolveu usar de franqueza.

– É uma coisa diferente do que vivenciei antes. É... poder.

Broxnar balançava a cabeça, os lábios fazendo um movimento que talvez pudesse ser considerado um sorriso.

– Continue.

– As luvas parecem... ter vida.

– Gostaria de experimentá-las. Só uma vez – pediu Broxnar, inclinando-se na cadeira, que rangeu. – Não vai me negar esse singelo prazer, vai? Sabe que

sou descendente do Unificador? Não um descendente direto, claro, mas tenho o sangue dele. Conheço aquela sala onde achou as luvas. Sempre tentei entrar nela, desde que era um rhadjen. E daí um humano vem para a escola e encontra as luvas em poucas *semanas*. Agora devo fazer valer meu direito na qualidade de herdeiro. Você está com algo que pertence à minha família. Tenho certeza de que entenderá meu desejo de experimentá-las só por um instante. Com certeza, você entenderá.

Os lábios de Broxnar brilhavam, úmidos de saliva, e sua fronte estava recoberta de suor. Uma brisa produzida artificialmente soprou no escritório, agitando os cabelos de Mason. Broxnar não tinha cabelos que pudessem se agitar.

– Entendo – disse Mason pausadamente. – Mas não consigo tirá-las. Elas não saem.

– Interessante. Alguém já tentou removê-las à força?

A princípio Mason ficara incomodado – Broxnar era seu professor predileto –, mas agora começava a sentir o fervilhar da raiva no fundo de suas entranhas.

– Acho que você também não vai conseguir tirá-las – respondeu ele.

– Mas seria divertido tentar, não seria? Saiba que, se tentar me atacar, todos os Rhadgasts da escola virão para cá, e em quem acha que vão acreditar? Em mim, um professor respeitado, ou em você, um humano usando luvas que podem estar corrompendo sua mente a cada segundo?

Broxnar tinha razão. Mason sentiu um aperto no peito.

– Não sei o que quer que eu faça – disse Mason. – Mas elas não vão sair – acrescentou ele, levantando-se.

Broxnar também se levantou e estendeu a mão para o punho de Mason, que deixou que ele completasse o gesto. Houve uma pequena explosão de energia negra entre eles quando Broxnar tocou na luva de Aramore. Ele gritou e encolheu a mão, mas o grito transformou-se num grunhido baixo, e Broxnar investiu por cima da escrivania, as mãos buscando a garganta de Mason. Era como se um anel de ferro apertasse sua garganta. De imediato, sentiu a pressão na cabeça, atrás dos olhos e nos ouvidos. O ar estava preso em seus pulmões, sem poder sair nem entrar.

“Não é o fim”, pensou Mason, enquanto agarrava o punho de Broxnar. A luva, como se sentisse que seu dono corria perigo, disparou imediatamente uma descarga de energia. Broxnar foi precipitado para trás e chocou-se contra a cadeira. Alguma coisa escapou de sua túnica, rolando na relva. Mason

contornou a escrivaninha, ainda ofegante. A pressão na cabeça havia diminuído, mas o coração ainda estava disparado. Já não temia mais o fato de ter entrado em uma encrenca. Era evidente que Broxnar tinha enlouquecido.

As luvas, por sua vez, pareciam famintas. Estavam quentes em suas mãos, as costuras ardentes com uma energia que parecia implorar para ser usada. “Acabe com ele”, pareciam dizer, mas Mason sabia que era apenas uma voz em sua cabeça. “Acabe com ele antes que ele machuque você.” Mason chegou mais perto.

Broxnar ergueu-se com dificuldade, apoiando-se num dos joelhos, os olhos fixos nos objetos que haviam caído de sua túnica. Três frascos com um líquido azul leitoso. Mason logo soube o que era, embora nunca os tivesse visto antes.

Eram frascos com veneno de Bestiais. Broxnar era incrivelmente corpulento, mas muito ágil. Suas mãos se estenderam para os frascos e já quase os recuperava, quando Mason desferiu seu primeiro raio, desta vez intencionalmente. A grama se incendiou. Broxnar rolou para trás da escrivaninha enquanto Mason desferia uma segunda descarga, chamuscando outra parte do piso. *De novo! De novo!*, gritavam as luvas, mas Mason fez um esforço para se controlar. Broxnar levantou-se devagar do outro lado da escrivaninha...

... e deixou os três frascos vazios caírem na relva.

– Então era você que estava fazendo isso o tempo todo? – disse Mason. – *Por quê?* Broxnar por que fazer isso com os estudantes?

– Não os estava machucando – argumentou Broxnar. – Queria apenas reconstituí-los do modo que deveriam ser – ergueu as mãos avantajadas. – Olhe para estes frágeis instrumentos de carne e sangue. Deveríamos ser Bestiais. Mas a raça inferior escapou e povoou nossos planetas, e agora... somos *isto*. Criaturas fracas e repugnantes. Enquanto sua mãe dormia, à noite, um dos Bestiais me permitiu espalhar sua dádiva. E que grande dádiva, Mason.

– Você não sabia de nada disso até contarmos a verdade a todo mundo – retrucou Mason.

Suas mãos estavam quase se levantando por conta própria, coçando de vontade de disparar uma descarga de energia negra, mas ele as manteve ao longo do corpo.

Broxnar soltou um riso de desprezo, a boca já se mostrando maior, alongada.

– Acha que foi o primeiro a descobrir a história do Povo? – perguntou Broxnar com voz pastosa, um pouco truncada pelos dentes, que também estavam muito maiores do que antes. “Mate-o agora! Antes que ele se transforme!”

– Os Bestiais sabiam sobre nós há muito tempo, Mason Stark. Ficaram nos observando. Preparando-se. A nave deles levou anos para ser construída, mas são seres pacientes. E agora estão vindo para nos regenerar. Seremos salvos desta existência miserável, e os que resistirem *morrerão* – continuou Broxnar, que estava uns trinta centímetros mais alto e, em um instante, sessenta centímetros.

– Esta é a única maneira de sobreviver, Mason. Eles vencerão. Junte-se ao lado vencedor, que lhe darei um presente incrível. Mas, primeiro, preciso das suas luvas.

Mason tinha consciência de que não podia dá-las a ele de jeito nenhum. Com as luvas, Broxnar poderia sair da esfera, matando dezenas pelo caminho. Mesmo sem elas, já constituía um grande perigo para todos na escola.

As roupas de seda de Broxnar começaram a se rasgar em diversas partes, acompanhadas pelo som de ossos estalando e de tecidos se deslocando. A pele dele escureceu, tornando-se cinzenta e dura. Os dedos se transformaram em garras, e dois chifres retorcidos surgiram na cabeça calva. Mason teve de inclinar a cabeça para trás, pois Broxnar foi ficando cada vez mais alto. “Ele tomou três frascos.”

Quando Broxnar falou, sua voz veio do fundo da garganta. A boca cavernosa mal se mexia.

– **Está disposto a mudar?** – perguntou Broxnar, arreganhando os dentes.

O veneno já pingava de seus caninos.

Mason não estava disposto a mudar.

Por fim, deixou que as luvas fizessem o que queriam fazer. Levantou as mãos espalmadas e disparou duas rajadas no peito de Broxnar. Este cambaleou para trás, abaixando-se para se esquivar de duas outras descargas. Quando se levantou, jogou a escrivaninha em cima de Mason, com uma mão só. Mason lançou-se na relva ainda em chamas, enquanto a escrivaninha explodia em um milhão de estilhaços contra a parede.

Broxnar soltou um forte rugido, que reverberou em sua cabeça e fez sua pele se arrepiar. Foi tão alto que provocou dor. “Ótimo, atraia a atenção de todo mundo.”

– **DÊ-ME AS LUVAS!** – disse ele, investindo contra Mason, que nem chegou a pensar; apenas empurrou-o com as duas mãos, os olhos fechados.

TENG! Uma cúpula de energia negra crepitante formou-se à sua volta, e Broxnar se arremeteu contra ela em vão, colidindo de novo contra a parede. Rugiu, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Mason manteve-se na mesma posição, deixando que a cúpula se dissipasse à sua volta em minúsculas explosões de luz. Não perdeu tempo. Broxnar ainda tentava recuperar o equilíbrio quando Mason o atacou com força total; cada fração de medo e de raiva passou por suas luvas, partindo de suas palmas. O cérebro de Mason estava em brasa, fervilhante de uma raiva maior que ele mesmo. As luvas cantavam em suas mãos. Poucos segundos depois, Mason se deteve. Partes do escritório estavam em chamas, e uma fumaça negra escurecia o teto. Broxnar ofegava, os ombros largos soltando uma fumaça cinzenta.

– **Vai precisar mais do que isso para me matar, humano** – disse ele com um sorriso, ou era apenas o efeito dos dentes gigantescos arreganhados.

Mason achou que já era hora de correr. Disparou mais uma vez contra Broxnar – as luvas pareciam ter poder somente para mantê-lo à distância. E, enquanto ele corria para a porta, ocorreu-lhe uma ideia bastante assustadora: “Como nós conseguiremos derrotá-los? Se estas luvas não conseguem nem matar um Bestial, que arma conseguirá fazer isso?”.

Avançou porta afora, tomando o corredor, e ouviu Broxnar atravessar violentamente a soleira, logo atrás dele. Tinha o dobro do tamanho de todos os Bestiais que Mason vira antes. Vê-lo correndo atrás de si quase lhe tirou a força das pernas, projetando-o, cambaleante, contra a parede. Mas preferiu deixar-se dominar pela fúria. Mason deixou as luvas trabalharem novamente, lançando rajadas por cima do ombro. Broxnar conseguiu esquivar-se de todas, menos uma, que atingiu em cheio sua cabeça. Ele rosou, as mandíbulas absorvendo a eletricidade residual de seu rosto.

Mason virou em uma curva do corredor, dando de cara com Reckful, juntos estavam Mestre Zin, Rayasu e Shem.

“Maravilha!” Mason nunca tinha ficado tão feliz em ver um grupo de Rhadgasts em toda a sua vida.

– Empréstimo a sua força, Stark – disse Zin, colocando-se de lado para que Mason pudesse integrar o grupo.

Broxnar estacou ao ver quatro Rhadgasts (e um rhadjen) ombro a ombro.

– **Desta vez não vai conseguir salvar seu aluno, Zin** – exclamou

Broxnar. A voz dele doía nos ouvidos de Mason, baixa e dissonante. – **Ajoelhe-se diante de mim, e revelarei sua verdadeira forma.**

– Esta é a minha verdadeira forma – disse Mestre Zin. – E a única pessoa que não poderei salvar hoje é você.

Broxnar agachou-se, retesando os músculos para saltar, e os cinco guerreiros desencadearam sua força. Eletricidades nas cores roxa, vermelha e negra lançaram-se pelo espaço, serpenteando juntas, espiralando-se dentro do peito de Broxnar. Este recuou diante daquele poder combinado, até suas costas se chocarem contra a parede.

– **NÃO! TENHO QUE FICAR COM AS LUVAS. ELAS ME PERTENCEM...**

Ele desmaiou, quase todo coberto por um manto de eletricidade prismática. Os demais pararam de atacar, mas Mason continuou disparando descargas elétricas em volta dos braços de Broxnar, prendendo-os ao chão. Não parou nem mesmo ao sentir a mão de Reckful em seu ombro. Só se deteve quando Mestre Zin interferiu, desviando as descargas de Mason com as suas. A contragosto, Mason interrompeu o ataque, ofegante, o furor negro e quente ainda queimando em suas mãos. Notou que Mestre Zin usava uma luva dos Pedras na mão direita e outra dos Sangues na esquerda.

– Eu lhe *garanto* que ele já está neutralizado – Mestre Zin disse a Mason.

– Desculpem-me – Mason respondeu, embora aquelas palavras nada tivessem de sincero.

Broxnar havia tentado matá-lo. E tentado tomar suas luvas.

Suas luvas.

Os outros lançavam a Mason um olhar estranho. Os frios olhos cinzentos de Shem mostravam uma ponta de inquietação. A raiva de Rayasu mesclava-se com um pouco de admiração rancorosa.

– O rapaz é habilidoso – comentou Shem.

Mason não pôde deixar de sentir um lampejo de orgulho. O líder do Sangue nunca tinha falado com ele antes.

– Mas falta-lhe controle – respondeu Rayasu.

Shem olhou para Rayasu, arqueando uma de suas sobrancelhas.

– Ele me faz lembrar um jovem rhadjen que não era muito diferente.

– Isso foi há muito tempo – disse Rayasu.

Mestre Zin pigarreou.

– Vocês *terminaram*?

Tinham coisas mais importantes a resolver. Principalmente um Bestial

colossal desacordado em pleno corredor.

– Precisamos levá-lo ao laboratório – disse Reckful. – O antídoto está quase pronto.

JIRIC VOLTARA A SER TREMISTA. O mesmo havia acontecido com Juneful e os outros estudantes. Sua pele estava mais pálida que o normal, os olhos injetados, mas iriam sobreviver e continuar suas vidas.

Na jaula de vidro do laboratório havia agora apenas uma pessoa: Broxnar. Ele jazia num canto da sala, ainda inconsciente, a pele escurecida em vários pontos, com os caninos brilhando e uma porção de baba escorrendo da boca aberta.

Mason estava no laboratório com Shem, Rayasu, Mestre Zin e Reckful. Eles observavam April Stark administrar o antídoto no último estudante, que estava amarrado a uma mesa, inconsciente. Seu volumoso peito de Bestial subia e descia a cada respiração. Logo ele voltaria a ser tremista.

Os demais alunos já recuperados tinham sido levados para a sala de tratamento médico, onde ficariam sob cuidadosa vigilância por algum tempo, para se ter certeza de que suas células não se alterariam. Apenas Juneful ainda estava numa mesa, atordoado devido à transformação, os trajes de rhadjen dobrados cuidadosamente junto a ele. Mason viu Juneful pegar as roupas e olhar para elas como se as visse pela primeira vez. Provavelmente havia imaginado que continuaria sendo um monstro para sempre, mas, agora que tinha voltado à vida de antes, felizmente deixaria a antiga agressividade partir com sua versão Bestial.

– Sabia das minhas visitas ao laboratório? – Mason perguntou a Reckful.

Descobriu então que suas visitas a April Stark e ao laboratório não eram segredo. Mestre Zin sempre tivera conhecimento delas, assim como Rayasu. Ninguém havia impedido Mason porque queriam ver como ele lidaria com aquilo, o que iria fazer com aquela informação. “Tudo aqui é um teste.” Mas não tinham como saber que Mason possuía um comunicador e partilhava o que sabia com Susan, a menos que Reckful ou o rei o tivessem revelado.

Reckful cruzou os braços às costas, olhando para o adormecido Broxnar.

– Certa vez estiveram na estação *Vontade*. Depois que vocês e seus amigos a salvaram. Lembra-se disso?

– Acho que nunca vou esquecer – Mason respondeu.

– Um Rhadgast lhe disse para vir a nossa escola, se quisesse saber a verdade sobre seus pais.

Mason ficou boquiaberto. Apenas duas pessoas sabiam disso: Mason e o Rhadgast que estivera na *Vontade*.

– Mas... não. Você é... do Sangue!

Reckful assentiu com um lento gesto de cabeça.

– Sim, agora eu sou. Mas nem sempre fui. Uma parte de mim sempre será da Pedra, e não acho que um Rhadgast deva ser uma coisa só. No dia em que os Sangues e os Pedras não estiverem mais divididos, finalmente serei feliz – acrescentou ele, olhando para Mason. – O teste determina onde você começa, Mason. Não onde você termina.

Mason lembrou-se de algo da autobiografia do capitão Joshua Reynolds: *Não existem homens ou mulheres bons nem ruins. Apenas pessoas. E qualquer pessoa é capaz de fazer diversas coisas extraordinárias.*

– Obrigado por me contar – Mason falou, a voz tranquila.

– Devia guardar segredo. Mas, depois de tudo o que fez, quis que você soubesse a verdade.

Juneful aproximou-se deles lentamente. Estava vestido com suas roupas de novo, embora o rosto ainda estivesse bem pálido, e a pele parecesse flácida em alguns pontos, como se ainda não houvesse se ajustado muito bem à forma original.

– Obrigado – disse ele, os olhos fixos nos de Mason. – Eu estava errado – acrescentou, e fez um aceno de cabeça para Reckful. – Primo.

Reckful respondeu ao aceno. Juneful saiu sem dizer mais nada, e Mason compreendeu: *existem apenas pessoas.*

Logo não havia mais nada para sua mãe fazer. Ela lavou as mãos na pia e as apoiou nos quadris, lançando um olhar inexpressivo ao antídoto, disposto em duas dúzias de tubos de ensaio em cima da mesa. Estava imóvel. Não parecia sequer respirar.

– Mãe – Mason chamou suavemente.

Ela estremeceu, o olhar distante como se acordasse de um sonho.

– O quê? Desculpe. Desculpe. Apenas... não consigo acreditar. Anos de trabalho. Milhares de fracassos. E aí está. O antídoto. Está pronto.

Quase se tinha a impressão de que ela iria sentir saudade daquele trabalho. Embora o antídoto em si indicasse que ela não tinha mais motivo nenhum para permanecer naquela masmorra.

– O que vai acontecer agora? – perguntou Mason.

– Bem, acho que devo retomar meu trabalho. Afinal de contas, ainda pertencço ao ComET – respondeu ela, abraçando-o. – Desculpe. Desculpe por

tudo.

Mason balançou a cabeça, apoiada no ombro da mãe. Tinha pensando naquilo durante muitas noites, intensamente. A dor era motivada por achar que seus pais estivessem mortos; por não saber que ainda estavam vivos, os corações batendo, eles respirando. Por anos, Mason havia imaginado que os átomos deles se encontravam em algum lugar na Terra; sempre tivera a impressão de que tinham sido volatizados. Mas, mesmo que Mason soubesse que estavam vivos de alguma maneira, continuariam sendo desconhecidos para ele. O ComET permitia seis semanas em casa por ano até a conclusão do curso. Seis semanas. Sentia saudade da convivência com os pais, que no total havia somado menos de um ano, supondo que eles não tivessem participado de algum tipo de missão durante essas seis semanas.

Mason encontraria uma maneira de recuperar aquele tempo. Iria conhecer sua mãe. E, quando o pai reassumissem a forma humana, iria conhecê-lo também.

“Próxima parada: Nori-Azul”, pensou Mason.

– Tenho que ir – disse ele. – Mestre Zin convocou todos para a Câmara Interna.

– Claro. Vá sim. Preciso mesmo fazer meu relatório – disse-lhe April. Ela afastou alguns fios de cabelo da testa de Mason, como fazia quando era pequeno e o cabelo dele estava comprido demais, caindo sobre os olhos. – Tenho tanto orgulho de você, filho. Olhe, leve isto, só por via das dúvidas – disse ela, pondo três frascos do antídoto contra Bestiais na mão de Mason. – Aperte o botão ao lado, e aparecerá uma agulha.

Mason guardou os frascos.

– Quando a verei novamente?

– Em breve, prometo.

Mason abraçou-a mais uma vez, depois deixou o laboratório, perguntando-se se a mãe poderia cumprir a promessa dela.

METADE DA CÂMARA INTERNA ESTAVA cheia de estudantes inquietos, em sua maioria veteranos. Os rhadjens mais jovens tinham voltado à escola, segundo os rumores. Mas Mason achava que era mesmo verdade: Broxnar estava seguro atrás do vidro, e a sala era guardada por não menos que cinco Rhadgasts, ainda que Broxnar fosse o próximo da fila para reassumir sua forma tremista.

Mestre Zin estava diante da assembleia, os olhos passeando pela plateia,

até que Mason se perguntou se iria de fato falar alguma coisa.

Tinha pensado que fosse algum comunicado. A informação de que a escola estava em segurança novamente, ou coisa assim.

Mas Mestre Zin não disse nada disso. Respirou fundo e falou:

– Os Bestiais nos localizaram.

O CORAÇÃO DE MASON PAROU de bater por um instante, ou foi o que lhe pareceu. Ficou contente por estar sentado. “Achei que teríamos mais tempo.”

Um intervalo de paz parecia tão próximo, mas agora só haveria guerra, mais uma vez... ou a iminente destruição de ambas as raças.

A sala fervilhava com o burburinho. Mestre Zin bateu a bota no chão, mas o impacto foi fraco, não causando tanto efeito.

Mesmo assim, a sala silenciou.

– A nave deles se encontra agora a meio caminho entre a Terra e Skars. Está parada. Parece *esperar* alguma coisa. A *Vontade* e a estação espacial humana, *Olimpo*, partiram para que *ambas* as forças aéreas se reúnam. Estamos trabalhando juntos. Procurem não cometer equívocos, rhadjens. Esta será a mais importante batalha de todos os tempos.

Lore se levantou. Estava sentada na mesma fileira de Mason. Toda a equipe dele estava ali.

– Senhor! O que podemos fazer para ajudar?

– Que vocês podem ajudar, não tenho dúvida – respondeu Mestre Zin. – Mas paciência. Quando chegar a hora, serão convocados. Por enquanto, preparem-se. Mental e fisicamente.

Mestre Zin deixou a Câmara Interna acompanhado de todos os instrutores, que certamente iriam se preparar para a batalha. Mason sentiu um formigamento nas mãos, como se as luvas de Aramore o cutucassem. *Agora você tem a força*, elas pareciam dizer. *Você é o Unificador. Unifique seu povo. Nenhuma outra arma de energia pode fazer isso. Tudo o que precisa fazer é me deixar agir.*

Mason se deu conta de que seus olhos estavam fechados. Alguém dizia seu nome:

– Olá Mason, Skars chamando Mason.

Seus olhos se abriram: Tom e Merrin estavam diante dele, os dois com uma expressão de preocupação no rosto.

– Está doente? – perguntou Tom.

– Mason, qual é o problema?

– Temos que interferir – disse Mason. – Já derrotamos eles uma vez.

Tom arqueou uma das sobrancelhas.

– Não estou bem certo de que neutralizar raios de sucção e depois ser explodidos signifique vencer – respondeu ele.

– Se precisarem de nós, nos convocarão – falou Merrin, mas Mason não sentiu firmeza na voz dela.

Se os tremistas pedissem ajuda aos rhadjens, já seria tarde demais. Mason podia fazer algo *agora*. Todos eles podiam.

Era uma boa estratégia não concentrar as forças num só lugar. O inimigo podia liquidar você numa única batalha. E então não haveria uma segunda chance. Mas Mason tinha a impressão de que aquela seria uma luta do tipo tudo ou nada.

No caminho de volta ao dormitório, as paredes haviam mudado: já não tinham a aparência de gelo, relva, madeira, metal nem nenhum tipo de cor vibrante. Constituía-se de telas de vídeo que iam do chão ao teto e mostravam o espaço. Nelas havia a nave dos Bestiais sob diversos ângulos, a uns 160 quilômetros de distância. Seu comprimento era quatro vezes maior que a altura, parecendo um retângulo, embora fosse grande demais para que alguém pudesse ter uma ideia exata de seu formato. Na parte de baixo havia várias plataformas dotadas de motores, enfileirados e voltados para baixo. Mason não conseguia imaginar a força necessária para essa nave se libertar da gravidade de um planeta.

De ambos os lados da nave erguiam-se áreas circulares, formando cúpulas, tal como aquela em que se encontravam agora. Julgando pelo tamanho da nave, deviam ter uns 32 quilômetros de altura. Mason não se lembrava de tê-las visto da última vez, quando haviam encontrado a nave dos Bestiais em Nori-Azul. Mas reconheceu a linha horizontal vermelha, na parte frontal, capaz de se abrir como uma imensa mandíbula, depois se fechar com o dobro da velocidade, para tragar naves inteiras. A parte frontal da nave tinha torres de controle no alto, como os chifres de um demônio.

Os estudantes vinham fazendo o caminho de volta para os dormitórios, mas estacaram quando a nave dos Bestiais começou a emitir um brilho esbranquiçado ao redor das cúpulas gigantescas. A luz brilhava cada vez com mais intensidade. Mason examinou a tela, procurando outra nave espacial, pois sabia o que aquela luz significava. Logo ela descarregaria raios de partículas capazes de volatizar naves inteiras de uma só vez.

Mas Mason estava enganado.

A luz esbranquiçada começou a se expandir para os lados direito e esquerdo da nave, partindo das duas cúpulas, quase como se a nave criasse

asas diante dos olhos deles. A luz aumentava sem parar e se alongava, dividindo-se depois em duas colunas de densa brancura.

Os raios atingiram Skars e a Terra ao mesmo tempo.

“Estão atacando nosso território! Estão explodindo os planetas!” Cada músculo do corpo de Mason se retesou; achou que fosse se transformar em poeira espacial dali a um segundo.

Mas Mason se enganara novamente. Todos ainda estavam ali, paralisados pelo que viam na tela. Os estudantes faziam perguntas: *O que ela está fazendo? Por que ainda estamos vivos?* Porém, ninguém sabia a resposta.

Tom foi o primeiro a entender.

– Grande Montanha... – sussurrou ele.

– O que é isso? – perguntou Merrin.

– Aquilo não são raios de partículas. São raios de tração.

– E isso significa que...

– Estão atraindo os planetas um para o outro. Se não os detivermos, Skars e a Terra vão se chocar.

A ESCOLA TINHA UMA BASE de naves na parte que dava para o vale. Mason sempre havia achado que era um erro de projeto: se houvesse uma pane na nave, ela não iria cair sobre as árvores, mas em um vale maior que o Grand Canyon terrestre.

A parede de telas mostrava também uma vista externa da escola. Duas *Falcões* tinham decolado, deixando o hangar. Mason sabia o que havia dentro deles: todos os Rhadgasts que estavam na escola, exceto dois instrutores, que haviam ficado para fazer companhia aos estudantes.

– Vou para lá – Mason avisou, sem se dirigir a ninguém em particular. Todos os olhares convergiram para ele. – Vou pra lá para fazer o que puder pra ajudar. Se quiserem me acompanhar, encontrem-se comigo na frente do meu dormitório.

– O que acha que vai fazer? – disse uma voz atrás dele.

Mason se virou. Era Reckful, com um traje colante cinza-escuro que Mason sabia ser o usado em viagens espaciais. Suas roupas estavam dobradas sobre um dos braços, e o capacete de Rhadgast estava acomodado na dobra de um cotovelo. A placa frontal já emitia uma luz vermelha. Não roxa, como na ocasião em que Mason o conhecera a bordo da *Vontade*.

– Vou participar da luta. Essa é a nossa única chance; vamos precisar de todos.

– Você... – principiou Reckful, mas parou abruptamente.

Ele soltou um suspiro, procurando o que dizer.

Mason ergueu as mãos. Os olhos de Reckful voltaram-se imediatamente para as luvas de Aramore.

– Vou interromper você neste ponto. Sim, é perigoso. Sim, pode ser que a gente não consiga. Mas, com estas luvas... Deve haver uma razão para estarem comigo. Tenho que fazer alguma coisa. Leve-me para lá, é só o que peço – as luvas o incitavam, quase lhe ditando as palavras. – Reckful, acho que posso romper o casco deles. Acho que posso destruí-los.

Mason refletiu sobre como Broxnar tinha sido capaz de evitar seu ataque. “Tenho que deixar as luvas trabalharem mais ativamente, só isso.”

Reckful coçou o queixo e desviou os olhos, pensando. Perturbado.

Tom fazia cálculos furiosamente, no equivalente tremista de um painel de

dados.

– A energia necessária para deslocar planetas não é algo que se possa calcular. A fonte de energia deles está muito além da mínima ideia que possamos fazer. É como se tivessem um buraco negro sob controle no centro da nave, uma ideia tão absurda que fico embaraçado só de expressá-la em voz alta – disse ele, os dedos continuando a dançar sobre a tela. Mas então seus olhos se arregalaram. – Esperem um pouco. Cometi um erro. Não estão atraindo os planetas um contra o outro; estão mantendo Skars em seu lugar. Como a Terra está na mesma órbita de Skars, ela vai acabar se chocando contra Skars sozinha!

Tom baixou o painel de dados.

– Se não os detivermos, perderemos a guerra imediatamente. Bilhões morrerão no final deste dia. Nem é preciso que os planetas colidam; quando estiverem muito próximos, os desastres naturais em *ambos* os planetas serão suficientes para nos destruir! Falo de terremotos, tsunamis e tempestades de dimensão continental. E não quero insinuar que é culpa dos tremistas, porque colocaram a Terra perto demais de Skars, mas, ora... com certeza é esse o motivo. Se nossos planetas não estivessem tão próximos, agora estaríamos tranquilos.

– Ei! – disse Risperdel. – Quem construiu o portal foi o *seu* povo!

– Para usar em Nori-Azul, não num planeta com bilhões de pessoas! – rebateu Tom.

– *Parem com isso* – disse Merrin, num tom que deve ter aprendido em sua formação de princesa.

A intervenção funcionou.

Mason olhou para Reckful, ousando alimentar esperanças. Era capaz de ver as engrenagens girando atrás dos olhos de Reckful, e percebeu que, em determinado momento, elas pararam. Reckful resistiu à decisão até o último instante. Mas então disse:

– Todo mundo sabe onde ficam guardados os trajes espaciais? Os que usamos sob as túnicas?

Alguns estudantes fizeram que sim, parecendo prestes a vomitar. Mason conhecia aquela sensação. “A coragem não é nada sem o medo.”

– Ótimo – disse Reckful. – Se quiserem vir conosco, vistam os trajes espaciais e venham me encontrar na base.

POR FIM, 45 RHADJENS SE dispuseram a lutar. A coragem deles encheu de

força o coração de Mason. Essa disposição durou até chegarem à antecâmara da base, quando viram que só tinham sobrado seis trajés espaciais. Os outros haviam sido levados por instrutores e Rhadgasts visitantes que estavam na escola. Os Rhadgasts tinham recebido ordens para integrar as forças aéreas combinadas dos tremistas e do ComET, aguardando a hora de iniciar o ataque, dividido em duas frentes.

Mais uma vez, as esquadrilhas esperavam para atacar, e mais uma vez Mason e sua equipe estavam insatisfeitos com a espera. Principalmente por ser muito provável que as esquadrilhas fossem derrotadas, por mais poderosas que fossem.

Reckful escolheu sua equipe: Mason, Tom, Merrin, Lore, Po e Risperdel.

A sala estava cheia de rostos que se mostravam desapontados ou aliviados, em número mais ou menos igual.

Enquanto os rhadjens se vestiam, Reckful chamou Mason a um canto.

– O que pensa exatamente em fazer com essas luvas? – ele perguntou. – Preciso saber antes de levar nossos melhores e mais brilhantes elementos numa missão potencialmente suicida.

Mason olhou para as próprias mãos. *Dê-nos uma chance*, elas pareciam dizer. Ou será que haviam dito mesmo? Talvez apenas dessem a *impressão* de *não* estarem falando. Mas não. Aquilo era impossível. Se as luvas fossem dotadas de inteligência artificial, com certeza isso constaria na lenda.

– Acho que elas podem atravessar a nave – respondeu Mason. – Você participou da batalha de Nori-Azul?

– Sim – respondeu Reckful. Uma sombra toldou seu rosto com a menção àquele episódio. – Estava a bordo de uma nave. Isso foi antes de eu poder entrar em combate.

– Então sabe que as armas de energia não vão adiantar, e que essa batalha vai ser um massacre. Temos que nos aproximar o suficiente para destruir os raios de tração com armas convencionais. Não vão deixar que nos aproximemos de novo, e da última vez os raios de tração não tinham trinta e dois quilômetros de altura! – disse Mason, percebendo a dúvida nos olhos de Reckful. – Ouça, se puderem me dar cobertura, vou usar minhas luvas contra o casco. Se der certo, entraremos na nave com nossa equipe e tentaremos destruí-la no interior dela. Se não der certo, caímos fora.

Reckful pôs as mãos nos ombros de Mason, encarando-o profundamente.

– Quero confiar em você, Mason Stark. *Estou* confiando em você. E, francamente, jamais faria isso se não fosse absolutamente necessário – disse

ele com um suspiro. – Meu dever é proteger meus alunos, e não levá-los a lutar.

Mason só conseguiu assentir; sentia até uma pressão atrás dos olhos. Ganhar a confiança de alguém é uma coisa rara. Tom confiava nele. Merrin confiava nele. Quem mais? Mason não iria decepcioná-los.

Vestiu o traje espacial tremista, cinza-escuro e bem justo no corpo, com faixas vermelhas que subiam e desciam nos braços, cruzavam o tronco e se espiralavam pernas abaixo.

Tal como o traje que usara a bordo da *Egito*, este se ajustava perfeitamente ao corpo. Mason vestiu suas roupas por cima dele. Logo sentiria como era usar seu cinto dos Rhadgasts no espaço de verdade, e não numa sala de treinamento. Esperava que o cinto fosse tão rápido quanto os propulsores que tinha usado com Merrin e Tom durante o ataque ao portal do planeta.

O capacete ficou por último. A placa frontal era escura, mas logo assumiria um tom opaco de vermelho. Mason havia temido aquela máscara antes. E agora iria usá-la.

– Mason!

Ele levantou os olhos ao ouvir seu nome, percebendo que a sala estava quase vazia. Merrin esperava por ele lá fora. Mason olhou para o capacete mais uma vez e também para as luvas que o seguravam. “Não me decepcionem!”

Não o faremos, responderam as luvas. Com certeza havia algo vivo nas luvas. Mas talvez fosse apenas a parte mais sombria da mente de Mason que tivesse respondido.

Mason encontrou-se com Merrin na porta, e ela segurou seu braço, obrigando-o a parar.

– Desta vez talvez a gente não tenha sucesso.

Mason não sabia o que dizer. Merrin tampouco parecia saber. Então Mason simplesmente beijou-lhe sua face e falou:

– Vamos ter, sim.

Merrin pareceu perplexa, a boca aberta em forma de O. Mason não perdeu tempo: pegou a mão dela e a puxou para dentro da base, onde uma *Falcão* os esperava, magnífica entre vibrantes tons de roxo e verde-jade.

– Me pergunto a quem esta nave pertence... é linda – Mason pensou em voz alta.

– Hum... é do meu pai – respondeu Merrin.

Se o perigo não estivesse tão próximo, Mason teria rido diante da ideia de

partir para uma batalha na nave pessoal do rei. Queria trazer a nave de volta intacta. Subiram a rampa e avançaram pelos corredores, que só agora começavam a se iluminar gradualmente. A nave acordava.

– Não tivemos chance de nos inteirar bem das coisas – disse Mason. – Conseguiu encontrar seus pais? Quer dizer, seus pais humanos? – acrescentou.

Era uma tática padrão entre soldados conversar antes de uma batalha potencialmente mortal. Falar mantinha a mente distante dos perigos que se tinha pela frente, ajudando assim a acalmar os nervos.

– Estive ocupada com as atividades da Coalizão – disse Merrin. – Mas, sim, nós nos encontramos duas vezes. Estava quase para enlouquecer e gritar com eles por terem mentido para mim durante toda a minha infância, mas eles ficaram tão contentes em me ver, que cheguei à conclusão de que nada daquilo importava. Eles continuam sendo meus pais – acrescentou. Em seguida, emitiu um som que era uma mescla de riso e suspiro. – Eles planejam visitar o palácio no próximo mês, para encontrar papai e meu irmão. Espero que tudo corra bem...

– Vai correr, sim – respondeu Mason. – Ele está diferente. Dá pra ver nos olhos dele – acrescentou Mason, e se perguntou se aquilo tinha menos a ver com a remoção da armadura e mais com o retorno da filha.

– Acho que você tem razão – respondeu Merrin.

Os seis se reuniram no alto da nave, onde uma escotilha se abriria para o espaço externo. Reckful estava na cabine, lá embaixo. Quando falou, sua voz soou na cabeça dos rhadjens, não através de alto-falantes externos.

– Atenção, todos vocês. Apertem os cintos. Ponham os capacetes e verifiquem o fecho. Vamos fazer uma curta incursão, a baixa velocidade, acima da nave dos Bestiais. Depois disso, Mason vai executar o combinado. Se ele conseguir fazer um buraco no casco da nave deles, todos entraremos nela para tentar detê-los. Se não conseguirmos, voltaremos para casa. Sem discussões a esse respeito. Vou me esconder, mas poderão me ver em seus visores. Entendido?

Todos responderam:

– Sim, senhor!

“Se não pudermos entrar, não haverá para onde voltar”, pensou Mason, mas não disse nada. Pôs o capacete na cabeça e sentiu que ele se conectava à gola do seu traje, enquanto o aviso para levantarem a cabeça e ficarem em alerta aparecia no visor. Daquela vez, entendeu os símbolos brilhantes. O

traje monitorava sinais vitais de todos os tipos, algo que Mason achava absolutamente inútil. Num impulso, levantou o capacete, até não haver nada que lhe obstruísse a visão. A conexão que o capacete estabelecia com seu cérebro era muito fraca se comparada com a das luvas. Ao redor de si, as placas frontais se acenderam assim que se conectaram. A máscara de Tom era de um vermelho brilhante. A de Lore e a de Merrin, roxas.

Mason apertou o cinto quando a nave decolou. Sentiu-se mais pesado, depois mais leve, depois voltando ao normal, e em seguida mais pesado novamente, quando a nave disparou para cima através da atmosfera.

Risperdel tentou cobrir a boca com a mão, mas ela se chocou contra a parte frontal do capacete.

– Oh, não tem a menor graça.

– Já esteve no espaço? – perguntou Merrin.

– Toda vez que estive, detestei – disse Risperdel. – Ou, pelo menos, detesto estar dentro de uma nave. Imagino que essa não seja uma característica dos Rhadgasts.

Tom e Lore estavam sentados diante de Mason. Lore lhe fez um aceno de cabeça:

– Stark?

– Sim?

– Seja lá o que acontecer lá, você é legal.

– Não é uma maravilha? – Po perguntou a Mason. Ainda lutava para lidar com o cinto de segurança. – Todos ficaremos amigos antes de sermos volatizados!

Risperdel deu um chute em Po.

– Não esqueça o poder do pensamento positivo, Po. E, da próxima vez, Lore, diga apenas boa sorte.

– Preparem-se! – disse-lhes Reckful. – Quando o teto abrir, precisam se movimentar. Rápido. Lembrem-se do treinamento que receberam. Não são mais rhadjens, mas sim Rhadgasts.

Mason sentiu um frio na espinha: as palavras de Reckful o fizeram se lembrar muito das do comandante Lockwood, quando tinha ordenado aos cadetes que retomassem a *Egito*.

Os sons foram se reduzindo, restaram apenas as batidas de coração e a respiração regular e um tanto áspera de Mason. Um aviso em seu visor informou que agora encontravam-se no vácuo.

A *Falcão* se manteve a baixa velocidade por não mais que dois segundos.

Mason sentiu uma contração em todo o corpo, seguida de um relaxamento que o deixou aturdido, os olhos fora de foco, os dedos dos pés formigando. Preferia os portais usados pelo ComET, mas viajar acima da velocidade da luz tinha suas vantagens. Tudo o que os prendia destravou-se e recolheu-se automaticamente.

– Agora! – disse Reckful.

As portas localizadas no teto se abriram, e Mason viu que estavam invertidas, acima da nave dos Bestiais.

No mesmo instante, ele e sua equipe se projetaram, mergulhando no espaço.

A NAVE DOS BESTIAIS AGORA era o mundo para eles, estendendo-se até o infinito em todas as direções. Mason não saberia precisar sequer em que posição se encontravam em relação à nave: se estavam perto da frente ou da parte de trás. À direita e à esquerda, via-se a luz esbranquiçada dos dois raios de tração. Pareciam sóis nascentes, um a leste, outro a oeste.

Mason olhou por sobre o ombro, mas a *Falcão* já se ocultara. Apenas uma silhueta vermelha em seu visor mostrava onde a nave estava.

– Já estou a salvo! – disse Reckful. – Boa sorte guerreiros! – acrescentou.

Através do aparelho de comunicação, Tom disse:

– Faça logo o que tem que fazer, Mason.

Mason chegou à nave dos Bestiais primeiro, tocou o casco com as mãos, depois apoiou os pés diretamente contra ele. Mesmo parada, dava para perceber como a nave tinha vida. Sentia uma espécie de força sob as botas. Sua equipe se espalhou, cobrindo todos os ângulos, para se certificar de que nenhum inimigo se aproximava deles.

As luvas agora estavam impacientes, sentindo que logo seriam usadas. Mason pôs as mãos na superfície da nave, que era lisa, cor de bronze escuro, com listras pretas. Fechou os olhos e descarregou na nave a energia que lhe passava pelas mãos. A área atingida começou a brilhar, e o brilho se expandiu, formando um círculo. Lore recuou quando o círculo se aproximou de seus pés. Usou o cinto para se afastar da superfície.

Pouco depois, Mason afastou as mãos: não havia nenhuma marca, nada que indicasse ter havido algum dano. O círculo de luz sumira. Era como se a nave tivesse sugado sua energia, somando-a à dela própria.

– Tente novamente! – disse Merrin. – Se não funcionar, a gente dá o fora daqui.

Mason repetiu a operação. Gotas de suor molhavam seu capacete. As mãos queimavam. Ainda assim, não havia nenhuma marca.

– Que pena... – disse Mason. “Por que será que não está funcionando?”

– Reckful! – gritou Po. – Precisamos ser resgatados.

– Oh, não – sussurrou Tom.

Mason levantou o rosto. A uns cem metros de distância, Bestiais com fortificados trajes espaciais começaram a sair por uma passagem.

– Alinhem-se! – disse Po. – Não deem as costas a eles!

– Podemos entrar por ali – disse Lore, apontando para a passagem. – Se pudermos passar por eles.

Mas não tiveram essa chance. Os Bestiais já eram velozes em terra, mas ali não precisavam se preocupar com assuntos como gravidade. Dois deles se lançaram da nave como mísseis, indo na direção da equipe.

– DISPERSAR! – gritou Mason, enquanto pulava por cima de um Bestial que vinha em disparada em sua direção, as garras estendidas para frente.

A equipe se dispersou, voando em todas as direções e lançando rajadas elétricas quando podiam. Mason deu um giro no espaço enquanto o Bestial se preparava para atacá-lo mais uma vez, vendo algo que lhe tirou a coragem: pequenas naves em forma de casulo destacavam-se do casco da nave dos Bestiais, subindo, zumbindo por todos os lados, mudando de direção instantaneamente com forças G incríveis demais para a frágil compreensão de homens e tremistas.

Mas, para monstros como os Bestiais...

Mason viu um casulo avançar sobre Tom, abrir-se na parte de baixo e sugá-lo para dentro dele. Sem hesitar, Mason apenas voou atrás do casulo, preparando-se para desfechar um ataque que, segundo esperava, o colocaria fora de combate.

Mas então o casulo começou a brilhar. Num segundo estava ali e, no seguinte, havia sumido, deixando apenas um rastro de luz indistinta na direção de Nori-Azul.

MASON NÃO SOLTOU NENHUM GRITO de pavor. Não conseguia falar nem se mexer. As pessoas gritaram seu nome tão alto, que seus ouvidos zumbiram. Atrás dele, os companheiros de equipe entravam, cambaleantes, na *Falcão*. Os casulos lançavam bolhas de luz azul na nave do rei, mas até aquele momento a nave vinha resistindo bem. Sua equipe tinha uma chance de escapar.

Numa posição bem acima da nave, Mason conseguia ver, para além da extremidade, muitos quilômetros adiante. Via a Terra, envolta numa luz branca semelhante a gaze, e sua nova órbita, conduzindo-a à destruição. Imaginou os planetas se chocando, acabando com toda a vida neles.

A milhares de quilômetros de distância, seu visor focalizava o ponto em que as esquadrilhas se reuniam. As naves eram minúsculos pontinhos pretos contra o pequeno sol amarelo de Skars. Muitíssimo longe do alcance das armas letais dos Bestiais. Eles estavam com medo, Mason sabia disso. E com toda a razão. Ainda assim, as esquadrilhas iriam dar combate à nave dos Bestiais, porque não havia mais nada a fazer. E, quando a batalha começasse, com certeza morreriam.

Mason não teve forças para se recompor quando Merrin abraçou-o por trás e começou a puxá-lo.

Só teve forças para uma reação quando chegaram à *Falcão*. Segurando a extremidade da porta com a ponta dos dedos, sacudiu o corpo para vencer a própria inércia. Desvencilhou-se de Merrin e a empurrou para o compartimento do qual haviam saído. O resto da equipe estava lá. Ainda se ouviam gritos de: *PRECISAMOS IR! MASON, VAMOS! O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?*

Reckful gritou:

– **BLINDAGENS A DEZ POR CENTO; NÓS TEMOS QUE AVANÇAR!**

Mason sabia o que tinha que fazer agora. Sempre soubera, mas estava com medo, e agora Tom se fora por causa daquele medo. Ele se fora, mas não para sempre. Mason iria resgatá-lo, mas antes tinha que enfrentar uma nave.

“Tom se foi!” Seu melhor amigo havia partido. Não fazia o mínimo sentido.

Mason deixou as luvas assumirem o comando. Liberou as partes sombrias

de seu cérebro, cada parte da mente, e fechou os olhos enquanto as luvas ocupavam aquelas partes como água que enchesse um copo. Uma voz falou em sua mente: *Agora você vai saber o sentido do verdadeiro poder.*

Suas pálpebras se abriram. Se Mason pudesse ver os próprios olhos, se daria conta de que estavam negros.

Merrin aproximara-se dele novamente, disposta a puxá-lo para dentro do compartimento da *Falcão*.

– Reckful – disse Mason, e todos ficaram em silêncio –, feche as portas.

E Mason se lançou para fora da nave...

...enquanto as portas se fechavam com violência. Vozes enchiam sua cabeça, ouvidos e capacete, mas ele as abafou. Mason era um soldado, e conseguiria fazer isso. Era assim que viveria sua vida lendária – sendo realmente uma lenda.

Reckful era esperto: a *Falcão* ocultou-se de novo, inclinando-se lateralmente e mergulhando enquanto sumia entre as estrelas distantes do cenário daquele drama. Os casulos estavam todos em volta de Mason, circulando lentamente, como grandes felinos. Conjurou novamente um escudo, formando um globo de pura energia eletromagnética à sua volta. Logo depois, o globo se expandiu de repente, e depois se encolheu. Os casulos tinham sumido; restavam apenas nuvens de poeira que brilhavam à luz do sol. Mason subiu bem alto, quilômetros acima da nave, circulando e descendo, movendo-se incrivelmente rápido, mais rápido do que o cinto era capaz. Mas as luvas fortaleciam também o cinto.

A nave era de uma extensão acima de qualquer compreensão, por isso Mason achou que qualquer ponto era adequado. Estava longe o bastante para ter uma visão completa daquela enormidade. As esquadrilhas se deslocavam à esquerda de Mason, e a nave dos Bestiais disparava mais casulos, para que batessem de frente com as esquadrilhas. A batalha se iniciaria dali a poucos segundos.

– Mason! – chamou Susan. Ela invadira um canal prioritário, rompendo seu isolamento. – Mason, o que está fazendo? Volte!

Mason a ignorou, porque não sabia o que responder. Era bem possível que seu plano não funcionasse, e ele não pudesse derrotar a nave, mesmo deixando as luvas agirem o mais livremente que quisessem. “Tem que ser suficiente”, pensou ele.

– Mason, por favor, volte para junto de nós. Por favor...

Mason desligou o canal. Agora estava completamente sozinho no espaço, o

corpo coberto por uma energia tão negra quanto a noite.

As esquadrilhas avançavam impetuosamente, separando-se, dispostas a cobrir a nave dos Bestiais por todos os ângulos. Era agora ou nunca. Inspirando profundamente, Mason lançou-se para frente.

O escudo eletromagnético o envolveu com uma espécie de lança, de certa forma isolando-o do espaço, eliminando assim a pressão exercida contra seus frágeis tecidos. Sentia-se completamente imóvel. Mas o mostrador do visor indicava seu deslocamento a uma velocidade acima de 32 mil quilômetros por hora. Na sua percepção, a nave deslocava-se numa velocidade incrível, até se tornar uma compacta muralha de bronze. Piscou os olhos ao atingir a nave dos Bestiais. Quando os abriu, já se encontrava do outro lado. Mason se virou, vendo o buraco que abrira, com um diâmetro de uns cem metros, por onde passavam a atmosfera e destroços. Viu os conveses que tinha atravessado, rompendo-os, mas não parou. Voou para o alto, dando voltas, aproximando-se e descendo da parte de cima. Desta vez, manteve os olhos abertos, vendo os conveses desaparecerem à frente. O tempo pareceu tornar-se mais lento. Vislumbrou Bestiais espalhando-se pelos corredores e logo sendo sugados à sua passagem. Atravessou a parte inferior da nave, criando outro buraco considerável, mas que ainda assim era minúsculo se comparado ao tamanho da nave. Na verdade, meros furinhos.

Mas furinhos grandes o bastante para causar danos.

Andorinhas e *Raposas*, as pequenas naves dos tremistas e do ComET, entraram zunindo pelos buracos como abelhas numa colmeia. Um aviso no visor informava a Mason que era observado por naves do ComET – elas não queriam atacá-lo, apenas o observavam. Não faziam ideia de quem ele era.

Mason não se deteve. Voava em todas as direções, perfurando novamente a nave. Desta vez, atingiu a sala onde se encontrava a fonte de energia: um recinto com muitos quilômetros de altura e largura (na verdade, era difícil avistar seus limites). A sala estava completamente vazia, exceto por uma pequena esfera preta pulsante em seu centro, envolta por um globo de trêmula luz azul. Ele lançou apenas um rápido olhar à sala, mas, quando avançou e atravessou o outro lado, o recinto começou a se desestabilizar. As paredes se cindiram à sua volta, mas não por causa de sua passagem, pensou ele. Sentiu forças gravitacionais em seu corpo que não pareciam naturais. O escudo eletromagnético o protegera, mas agora sentia a pressão. Sentia os membros pesarem, e os olhos pulsavam com uma dor aguda.

Mason abriu um canal no aparelho de comunicação:

– TODAS AS NAVES, DEBANDAR! – já estava fora da gigantesca nave, a muitos quilômetros de distância.

Prescreveu um giro e viu a nave dos Bestiais em toda a sua dimensão: tinha uma aparência agonizante, com gases escapando de todos os buracos, os pequenos caças fugindo a toda velocidade pelas saídas. De repente, uma parte da nave dobrou-se para dentro, como se um punho invisível de 32 quilômetros o tivesse socado do lado de fora. Outro segmento dobrou-se para dentro, lançando mais gases e grandes bolas de fogo no espaço.

O canal de comunicação de Mason fervilhava de conversas de ambos os lados. As esquadrilhas que cobriam sua retirada afastavam-se da nave a toda velocidade.

Mason estava sem forças para fazer o mesmo. Então se deixou ficar, observando, de uma posição privilegiada, a gigantesca nave encolher, diminuindo cada vez mais, até desaparecer por completo.

OS RAIOS BRANCOS SE APAGARAM, e os planetas voltaram à aparência normal. Se estavam mais próximos, Mason não sabia dizer.

Uma voz se destacou em meio ao vozerio:

– Mason? – era Susan de novo.

– Estou aqui – disse ele com voz fraca.

Mal tinha forças para falar. As luvas em suas mãos vibravam de energia: elas queriam mais. Mason reuniu suas forças. “Já tiveram o bastante”, pensou, e as luvas recuaram, a insistência diminuindo. Mason teve uma breve sensação de alívio ante o fato de estar no comando. As luvas o obedeciam, e não o contrário.

Mas Mason não se dera conta do quanto as luvas haviam lhe dado força. Assim que recuaram em seu braço, Mason fechou os olhos e caiu num sono tão escuro quanto o espaço ao redor.

MASON ACORDOU NA FALCÃO. ATRAVÉS de uma janela, viu o espaço entre o planeta Terra e Skars, ainda a milhões de quilômetros um do outro. O ponto intermediário fervilhava com ambas as esquadrilhas em volta das naves *Vontade* e *Olimpo*, que tinham voltado a suas posições originais. Até o edifício do estaleiro onde ficava o portal do planeta voltara a seu lugar.

Seus amigos estavam ali. Todos sorriam. Algumas telas de vídeo na parede mostravam as comemorações que ocorriam nos dois planetas. Uma mostrava um *replay* de Mason perfurando a nave como se esta fosse uma maçã. Ele se deslocava na tela como uma estrela velocíssima, entrando na nave de um lado e saindo do outro um segundo depois, deixando um rastro de destruição. “Então foi assim que as coisas foram vistas.”

Po e Merrin estavam sentados na cama de Mason, um de cada lado.

– Belo trabalho, companheiro. Sabia do seu potencial – disse Po num tom meio displicente, mas de verdade olhava para Mason com uma espécie de temor reverente.

– Sabem de uma *coisa*? – disse Risperdel. – Acho que nenhum de nós podia prever o que estava pra acontecer.

– Tom – disse Mason. Sua língua parecia inchada e ressecada na boca, como um fragmento lascado de pedra. – Água.

– Tom está... – Merrin começou a dizer.

Ele sabia onde Tom estava. “Não se deixa um homem para trás.” Era uma coisa que se aprendia no primeiro dia no ComET.

Mason não ia deixar um homem para trás. E talvez pudesse encontrar seu pai em Nori-Azul, se Erik Stark não tivesse perecido a bordo da nave dos Bestiais. Não sabia dizer o que seria pior: ter matado o pai sem saber, ou deparar com ele no planeta onde tudo aquilo havia começado.

– Bem, Mason, quanto às suas luvas... – disse Po.

Ele tentava esboçar um sorriso tranquilizador, mas Mason percebeu a preocupação em seu olhar.

Mason olhou para as luvas enquanto Risperdel punha um cantil de água na mão dele. Sua túnica estava dobrada em uma pilha perto da cama. O material das luvas tinha se expandido para cima, além dos cotovelos, por sobre os ombros, e alguns trechos dela serpenteavam por seu peito, para conectar-se umas às outras sobre o traje espacial. As luvas agora cobriam-lhe a maior parte do tronco. Ficou aterrorizado ao ver aquilo – “Isto não está certo; não é o que eu queria” –, mas as luvas pareciam se sentir... satisfeitas. Era uma sensação estranha, que não conseguia entender por completo.

Todos o encaravam.

Mason desdobrou a túnica e passou-a pela cabeça, escondendo a maior parte da luva daqueles olhares.

– Agora não é hora de me preocupar com isso. Estou bem, garanto.

Merrin pôs a mão em seu braço.

– Mason...

– Alguém morreu? – perguntou.

Ele devia ter interrompido o ataque. Uma vez que os caças estavam dentro da nave, devia ter deixado a destruição final dela a cargo deles. Mas não havia conseguido conter o impulso de dar um golpe final, e o rompimento do núcleo tinha mudado o objetivo de destruição para o de fuga.

– Uns poucos combatentes não conseguiram escapar – disse Lore em tom sombrio. – Uma equipe de Rhadgasts lutava contra Bestiais no caminho para a sala de força. Eles pereceram.

– Não foi culpa sua – acrescentou Risperdel. – De todo jeito, iam morrer quando chegassem ao núcleo.

De repente Mason se sentiu febril.

– Quantos... quantos foram?

– Ainda não sabemos – disse Po, pondo a mão no ombro de Mason. –

Acabou, Stark. Nossos planetas estão salvos. Segundo o noticiário, as órbitas se estabilizaram.

Mason e Merrin fitaram-se longamente, e ela parecia já ter aceitado o que ele planejava fazer em seguida.

– A coisa ainda não acabou, Po. Não enquanto não tivermos resgatado Tom.

Mason se levantou e sentiu um embrulho no estômago. A visão dele escureceu. Piscou os olhos algumas vezes para dissipar o mal-estar, pedindo às luvas que o apoiassem, coisa que estavam ansiosas para fazer. “Quando isto acabar, as luvas vão sair das minhas mãos.” Esperou para ver se as luvas davam algum sinal de reação, mas elas não se manifestaram.

– Não vão deixar você ir – disse Po. – Não com as luvas. Nunca se arriscariam a deixar que os Bestiais pusessem as garras nelas. Reckful recebeu ordens de nos levar à *Vontade* para uma entrevista coletiva.

– Parece que ficamos famosos – disse Risperdel. – Mas é verdade: não vão deixar você ir a Nori-Azul, e com certeza não vão autorizar essa missão.

– Não vou pedir autorização. Quem vai poder me impedir? – perguntou Mason.

Po não parecia ter uma resposta.

Mas Mason queria se certificar de que não arriscaria outras vidas. Abaixou-se e tirou o comunicador que o almirante Shahbazian dera a ele e a Tom. Todos lhe lançaram um olhar estranho quando ele o apertou na mão e fechou os olhos.

As sensações que vinham do ambiente em que Mason se encontrava naquele momento – o cheiro seco de ar reciclado, as mínimas vibrações no solado dos calçados – desapareceram. Teve um vislumbre do escritório do almirante, mas não era o que queria. Sabia que resposta Shahbazian lhe daria se pedisse ajuda naquele exato momento. Em vez disso, transportou-se através da galáxia buscando outro comunicador, e o encontrou. Estava dentro da bota de Tom, mas dava uma visão da sala à sua volta, pintada de tons azulados com linhas brancas bem nítidas. A qualidade era muito inferior, pois o aparelho não tinha sido sincronizado da mesma forma que o de Mason.

Tom estava deitado de lado, numa cela suja escavada na rocha. A porta era um campo de força transparente. Do lado de fora, um Bestial andou furtivamente e passou as garras pelo campo de força, produzindo centelhas verdes. Tom recuou, trêmulo, depois ficou paralisado. Olhou para a bota, onde o aparelho de comunicação vibrava numa frequência baixa dentro do

salto. Tirou o aparelho e o agarrou firmemente com uma das mãos. Dois segundos depois, Mason estava na cela com Tom.

– Mason! – disse Tom, mas só em sua mente.

– Tudo bem com você? Está ferido?

– Estou bem. Eles me maltrataram um pouco, mas estou bem. Vocês venceram?

– Vencemos.

– Claro que vencemos – disse Tom, parecendo relaxar, o que era estranho, considerando-se que estava em uma prisão alienígena num planeta alienígena.

– Vou resgatar você – Mason avisou.

– Não! Está louco? Estão esperando por isso. Há Bestiais *por toda parte*. Estou numa espécie de prisão subterrânea.

– Não abri o assunto para discussão.

– Nem deveria! É uma missão suicida. Eles...

– O que é que há?

– Acho que você não deve vir, Mason.

– Por que não?

– Porque... um deles me disse... eles disseram que logo eu vou ser como eles. Vão me transformar.

O sangue de Mason esquentou nas veias.

– Não vou deixar isso acontecer.

– Não pode fazer nada para evitar isso! Vou ficar diferente. Mesmo com o antídoto, não vai conseguir me alcançar sem ser ferido.

– *Tom*, se eu estivesse preso aí, ou Merrin, o que você faria?

Tom passou cerca de um minuto em silêncio. Depois, deu de ombros.

– Iria buscar você. Mas não vale a pena, Stark. Se não se importa com você mesmo, pense em seus amigos, que vão ficar tristes com essa perda. Vão ficar *muito* tristes – uma sombra caiu sobre a imagem de Tom.

Mason olhou para a direita e viu dois Bestiais diante da cela dele.

O mais corpulento falou, os músculos da garganta se movendo:

– **É hora de evoluir, meu pequeno.**

TOM OLHOU PARA MASON, UMA mescla de determinação e medo estampada no rosto.

– É tarde demais! Fique longe disso, *por favor* – disse ele, e desligou.

Mason abriu os olhos e largou o comunicador. Estava trêmulo, tal como Tom estivera. Apalpou o bolso da túnica e sentiu os frascos dentro dele. Tinham resistido à viagem pelo espaço.

– Ele está em Nori-Azul. Os Bestiais o aprisionaram. Vão transformá-lo num monstro... – disse, já se dirigindo à porta.

Lore bloqueou o caminho dele, as mãos pendendo ao lado do corpo.

– Reckful não o levará a Nori-Azul. Você está disposto a enfrentá-lo?

Mason virou-se e encarou Po, Merrin e Risperdel.

– Eu tenho um plano, mas não posso executá-lo sozinho.

Os três se entreolharam. Po deu de ombros.

– Se não formos com você, vão nos jogar numa cela e nos interrogar durante dias. Melhor já ir logo.

Risperdel assentiu, a expressão séria.

O canto da boca de Merrin se franziu: era o espectro de um sorriso.

– Será que ainda resta alguma dúvida?

– **VAMOS PRECISAR DE UM** pouco mais de ajuda – Mason disse a Merrin.

Estavam na *Vontade*. Mason sentiu um deslocamento de ar quando a porta principal se abriu, antes que a pressão voltasse ao equilíbrio.

– Felizmente conheço uma boa equipe – respondeu Merrin.

Repórteres tremistas e humanos esperavam por eles na entrada da *Vontade*. Estavam aglomerados na rampa da saída, com suas câmeras e suas perguntas. Po estava feliz de estar sob os holofotes, mas, logo que viram Mason na rampa, deixaram Po de lado. Mason considerou a hipótese de usar seu escudo para afastá-los.

O que aconteceu lá o que você viu lá dentro fale sobre as suas luvas você é Sangue ou Pedra?

Mason estreitou os olhos por causa das luzes e levantou as mãos. Fez-se silêncio, e os repórteres pareciam estar com a respiração suspensa, na expectativa de ouvir as palavras seguintes de Mason.

– Preciso de uma nave – falou Mason. – Quem está disposto a me emprestar uma?

Ninguém respondeu nada.

– Quem me arrumar uma nave vai ter uma exclusiva – disse Mason.

CINCO MINUTOS DEPOIS, ENCONTRAVAM-SE NUMA nave pertencente à mais importante rede de notícias da galáxia, a Via Láctea, VL. A VL tinha trânsito livre no ComET (em troca de algumas matérias elogiosas a cada ano), o que tornaria mais fácil a etapa seguinte de sua missão.

– É melhor nos apressarmos – disse Merrin.

Através da janela, podiam ver as forças de segurança da *Vontade* avançando na direção deles. Usavam uniformes azuis e traziam garras manuais – as letais armas de energia usadas pelos tremistas – nos quadris. A segurança com certeza havia acompanhado as notícias e concluído que Mason e sua equipe não pretendiam participar de entrevista coletiva nenhuma.

Mason guiou a nave para fora do hangar, atravessando o campo de força e lançando-se no espaço. Uma vez fora da *Vontade*, Mason abriu um portal. Ele se expandiu diante deles, e seu aparelho de comunicação se conectou com quinhentas frequências diferentes. “Consegui a atenção deles.”

Apenas uma delas conseguiu estabelecer comunicação.

– Aonde pensam que vão? – perguntou o almirante Shahbazian. – Preciso de vocês aqui, já. Aliás, parabéns pelo belo trabalho.

Mason resolveu dar uma chance ao almirante.

– Senhor, preciso de uma equipe de Reynolds para ir comigo a Nori-Azul. O cadete Tom Renner se encontra preso lá. Vou resgatá-lo.

– Nori-Azul? Está louco, cadete? É evidente que precisa aprender umas coisinhas, filho. A gente não executa missões de improviso. São necessárias algumas providências, como *inteligência* e *reconhecimento*. E *planejamento*. Temos procedido nessas bases. O que significa que a resposta é não. Podemos discutir uma missão quando voltar. Mas, por enquanto, você é um herói, filho. Seja um herói para essa gente.

Mason pensou nos mortos que não havia conseguido salvar. Nos pilotos de guerra que tinham perecido por causa dos seus atos. Seu melhor amigo fora capturado devido à arrogância de Mason. As pessoas que ele salvara não compensavam aquelas perdas de modo algum.

– Não sou nenhum herói – disse Mason, e então avançou com a nave pelo

portal.

A NAVE APARECEU NUMA ÓRBITA alta acima de Marte. O computador indicou as Academias I e II como pequenos anéis dourados, destacando-os no vídeo. Mason começou a descer.

O aparelho de comunicação manifestou-se após um breve estalido:

– Nave não identificada, aqui é o controle de tráfego do ComET. Informe seu objetivo.

Po cutucou o ombro dele.

– Diga alguma coisa!

– Aqui é Mason Stark – ele respondeu. – Estou aqui para pegar dois cadetes. Por favor, ponham-me em contato com a Academia II.

Dez minutos depois, estavam no hangar da Academia II. Ter novamente o piso do ComET sob seus pés deu a Mason uma estranha e agradável sensação no peito. Era uma sensação boa. Mas muitas coisas tinham se passado, e ele se perguntava se ainda podia ser considerado um cadete. Seria um cadete ou um rhadjen? Poderia ser as duas coisas?

Mason não se surpreendeu ao ver dois Reynolds esperando por ele no hangar. Shahbazian não iria desistir tão facilmente.

– Estão aqui para me deter? – perguntou Mason. – Porque isso não vai ser nada bom para as partes envolvidas na questão.

Os Reynolds se entreolharam, mas Mason não conseguiu interpretar a expressão deles por trás das máscaras inexpressivas. As lentes circulares de seus olhos se iluminaram, passando do rosa ao branco.

– Não, garoto – disse o que estava à esquerda de Mason. – Bem, sim, oficialmente, estamos aqui para detê-lo – acrescentou com uma voz que soou áspera, modificada por computador.

– Mas não vamos fazer isso – disse o que estava à direita. – O almirante Bruce já foi nosso comandante.

Ouvimos que seu filho está em perigo, e que você não aceita a situação.

– Não aceito de maneira nenhuma – disse Mason.

– Então pedimos permissão para ir com você.

Mason se perguntou se aquilo não seria uma armadilha, uma manobra para que baixasse a guarda e eles pudessem levá-lo pacificamente. Depois da destruição da nave dos Bestiais, quem não temeria seu poder?

O da esquerda tirou a máscara, e Mason viu que se tratava de uma mulher. Cabelos vermelhos brilhantes derramaram-se sobre seus ombros. As faces

eram salpicadas de sardas. Ela parecia ter mais ou menos a mesma idade de Susan.

– Kylie Sparks, às suas ordens.

Mason apertou a mão dela. O outro parecia não ter interesse em tirar a máscara.

– Preciso de toda ajuda que puder reunir. Procure um lugar na nave.

Atrás dos Reynolds, as portas que davam acesso à escola se abriram com um sibilo. Mason olhou por cima do ombro de Kylie e avistou algo que quase o fez esquecer todo o mal que havia causado.

Seu rosto exibiu um sorriso aberto e franco. Porque Jeremy e Stellan estavam ali. A equipe agora estava quase completa.

JEREMY E STELLAN DESCERAM OS degraus e se puseram ao lado dos Reynolds. Eram dois dos mais bravos soldados que Mason conhecera na vida, e dois de seus amigos mais íntimos. Para aquela missão, mais do que qualquer outra coisa, Mason apreciou a diferença que havia entre os dois. Stellan era totalmente lógico e racional. Jeremy também era inteligente, mas gostava de quebrar coisas com as mãos. Pareciam até o oposto um do outro: Jeremy, cabelos e olhos pretos, troncudo e musculoso; Stellan, alto e muito esguio, cabelos que, de tão loiros, eram quase brancos.

– Apresentando-me para o serviço – disse Jeremy com uma pontinha de sarcasmo. – Soube que os Bestiais resolveram se meter com um membro de nossa equipe. Os livros de História registrarão esse momento como uma má ideia da parte deles.

Stellan, que normalmente era o primeiro a expressar uma dúvida ou fazer com que todos parassem para pensar melhor sobre as coisas, estava carrancudo, a fronte franzida de raiva. No que dependesse dele, não apresentaria nenhuma objeção. Iriam resgatar Tom e ponto-final.

Mason pôs as mãos no ombro dos dois, abraçando-os.

– Não consigo nem começar a dizer o quanto fico feliz em ver vocês.

Jeremy sorriu.

– Eles não conseguem nos manter separados muito tempo – disse ele, e algo chamou sua atenção atrás de Mason. Seus olhos se estreitaram. – O que é isso?

Mason se virou: sua nova equipe estava na rampa da nave, luvas brilhando suavemente, as túnicas dos rhadjens sob a ação do controle climático do hangar. A visão o impressionou por se mostrar tão inusitada – afinal de contas, aquela era uma escola do ComET. Mason sabia que logo teria que escolher entre a antiga e a nova escola.

Por enquanto, seu sangue ainda pertencia ao ComET.

– Trouxe Rhadgasts para cá? – perguntou Jeremy.

Quase deu um passo para trás, mas conseguiu se controlar. Jeremy nunca demonstrava apreensão, ainda que se sentisse perturbado.

– Tenho que concordar – disse Stellan – que é uma coisa muito incomum.

– Eles são meus companheiros de equipe, da mesma forma que vocês.

Responderei por eles se for necessário.

A intensidade do olhar de Jeremy se amenizou, mas não por completo.

– Faz muito tempo que você partiu.

“Talvez tempo demais.” Quanto tempo tinha se passado? Nem um mês.

– Escutem – disse Mason –, eles são cadetes, soldados. Exatamente como nós.

Jeremy arqueou uma das sobrancelhas.

– Exatamente como nós?

– Bem, talvez não tão disciplinados quanto nós. Ou não tão disciplinados quanto Stellan, eu diria.

Stellan riu.

– Também consigo ser um revoltado, sabia?

– Sei – disse Mason. – Jurem que manterão a mente aberta.

Jeremy fez que sim.

– Por você.

– Não vou recusar nenhuma ajuda – acrescentou Stellan. – E há *muito* tempo eu queria falar com um tremista.

Mason os conduziu para onde estavam os outros. Po apertou a mão dos dois e disse, entusiasmado:

– Mais humanos! Estava torcendo para conhecer outros. Isso parece estranho, talvez?

A única coisa que soava estranho ali era o fato de Po agora falar a língua dos humanos.

– Um pouco – respondeu Risperdel, também em inglês.

A pronúncia deles, bastante convincente, omitia algumas sílabas.

Lore não apertou a mão de ninguém. Sua boca era uma linha fina e determinada. Enquanto a equipe se apresentava a Jeremy e Stellan, Mason aproximou-se dela.

– Que foi? – ela perguntou.

Mason não sabia por onde começar.

– Você... bem, achei que não fosse me odiar para sempre.

– Não odeio você – disse ela, de uma maneira que revelava o contrário.

Mason esperou que ela falasse mais alguma coisa.

Pouco depois ela suspirou, e seus ombros relaxaram.

– Minha família foi Rhadgast desde os tempos do Divisor. E eu perdi tios e tias, e também primos, em nossa guerra contra os humanos. Sei que você nos salvou, mas morreram ainda mais Rhadgasts – acrescentou ela, balançando a

cabeça.

– Não tive a intenção... – ele começou, mas as palavras, depois que refletiu sobre elas, pareceram ocas. Sem sentido.

– Sei disso. Eu sei. E sei que você não é responsável por tudo, mesmo que você não saiba. Mas isso não diminui a dor. Me entende, não é? Você fez tudo o que foi possível, e o agradeço por isso. Só quero que me dê mais um tempo. Sei que devemos nossa vida a você, Mason. Sou grata por isso. E sou grata a você.

Mason tomou fôlego para dizer alguma coisa – embora não soubesse direito o quê –, mas Merrin surgiu a seu lado.

– Tudo bem por aqui? – ela perguntou, o olhar indo de Mason para Lore.

Esta tinha os olhos baixos, mas os levantou para encarar Merrin, e seu olhar foi apenas um pouco menos frio que antes.

– Está tudo bem – respondeu Mason.

– Ótimo. Porque Tom está esperando por nós – ela acrescentou. Mason sentiu um nó no estômago. Será que precisaria ser lembrado? – Todos já estão a bordo. Vamos partir.

Na seção de passageiros da nave, Mason encarou sua equipe. Kylie e o outro Reynold pilotavam para fora da atmosfera de Marte. Jeremy e Stellan estavam com Po, Merrin, Risperdel e Lore, o que deixou Mason feliz. Estavam todos acomodados em seus assentos, os cintos de segurança afivelados.

Jeremy sorriu para Risperdel.

– Olá, como é seu nome? Eu sou Jeremy. Jeremy Cane. Talvez você já tenha ouvido falar de mim. Participei da equipe que atacou a nave dos Bestiais em Nori-Azul. Sabe, quando a *Vontade* e a *Olimpo* quase viraram comida de monstro? Pois é, era eu.

Risperdel olhava para Jeremy como se ele fosse uma espécie de parasita querendo penetrar em sua pele.

Mason pigarreou, e Jeremy olhou para frente, o sorriso transformando-se numa expressão grave, restando apenas uma pontinha do riso.

Mason não tinha preparado nenhum grande discurso. Disse apenas:

– Obrigado por me acompanharem. Obrigado pela honra de ter vocês ao meu lado – e então afivelou o próprio cinto e se aquietou, tentando refletir no que tinha pela frente.

Merrin estava sentada ao lado dele. Mason pôs sua mão sobre a dela, e ela dobrou seus dedos sobre os dele. Mason deleitou-se com a sensação, tentando

fixá-la na mente. Porque a viagem para Nori-Azul era curta, e Mason não sabia por quanto tempo continuaria sendo humano.

MASON SENTIU A ESTRANHA ESTÁTICA na pele quando passaram pelo portal. Desafivelou o cinto de segurança e entrou na cabine de comando da nave. E lá estava Nori-Azul, maciça e verde, resfriada por tufos de nuvens de polo a polo. No hemisfério sul, podia-se ver a massa cinza-escura de uma tempestade.

– Onde quer que a gente desça? – perguntou Kylie.

Mason pôs o comunicador numa fenda do console.

Todas as naves da Coalizão do ComET deviam ter as funções básicas do ComET, e aquela nave era uma delas. Um holograma tridimensional apareceu acima do console: uma imagem com nitidez fotográfica de Nori-Azul, e nela havia uma mancha laranja pulsante ao sul do equador.

– Ali – disse Mason.

Kylie assentiu, imprimindo velocidade aos motores e colocando a nave num ângulo adequado para uma aproximação suave. O planeta foi aumentando, até que Mason só conseguia ver a cor verde.

A nave inclinou-se muito para a direita, tomando a direção sul. Mason foi jogado para um lado; apoiou-se na nave com as duas mãos e por pouco não teve a cabeça rachada. Através do para-brisas via-se a tempestade que Mason avistara quando estava em órbita: uma muralha de nuvens cor de carvão para a qual eles se encaminhavam diretamente.

– Aperte o cinto, garoto – disse Kylie, as mãos lutando com as alavancas de comando.

– O que está acontecendo? – disse o outro Reynold. – Perdi o controle!

Mason teve uma ideia, mas não ousou alimentar essa esperança.

Permitam-me..., disse uma voz em sua cabeça.

– Você ouviu isso? – perguntou Kylie.

– Permitam-me? – disse o outro Reynold. – Permitir a quem fazer o quê?

– Criança! – gritou Mason.

Era muito bom tornar a ouvir aquela voz de inteligência artificial.

– Vocês saíram da rota. Receio que tenham levado o cadete Tom Renner para outro lugar e deixado seu aparelho de comunicação na cela. Felizmente, eu os vigiava. Vou conduzi-los para onde ele está agora.

O outro Reynold pousou a mão suavemente sobre o braço de Kylie.

– Deixe que ele assuma o controle; li o relatório. Há uma antiga inteligência artificial na superfície que auxiliou os cadetes a conhecer o Povo. Ela é amistosa, você vai ver – Mason ainda não sabia se o outro Reynold era homem ou mulher, pois a máscara dele dava à sua voz um tom áspero.

Kylie largou as alavancas de comando, ainda que fosse a última coisa que quisesse fazer.

– Tudo bem, acho.

– Ótimo. E sim, por favor, aperte o cinto, Mason Stark.

Mason fez o que a Criança lhe pediu; até então, as coisas pareciam estar indo bem. Foi para o compartimento de passageiros e sentou-se novamente ao lado de Merrin.

– Que confusão foi essa? – perguntou ela.

A Criança devia ter falado apenas para Mason e os Reynolds.

Mason não pôde deixar de rir.

– Nossa velha companheira Criança está viva e bem.

– Esperava mesmo encontrá-la de novo – respondeu Merrin com um sorriso. A voz de Kylie irrompeu no aparelho de comunicação. – Preparem-se para um pouso complicado. Essa inteligência artificial parece achar que não podemos andar.

– Só estou querendo ganhar tempo – respondeu a Criança.

Mason e os demais se prepararam, enfileirando-se na porta traseira. A nave agora descia, valendo-se de seus propulsores de pouso, fazendo com que a equipe flexionasse as pernas, como se estivessem no mar. Os rhadjens se apoiavam ora num pé, ora em outro, ao mesmo tempo ansiosos e um pouco nervosos. Stellan e Jeremy, contudo, mostravam-se firmes como rochas.

– Deve ser a primeira vez que eles enfrentam uma tempestade alienígena – disse Jeremy.

– Ei, deve ser a primeira pra você também – respondeu Stellan. – Quanto a mim, já estive aqui antes.

– Sim, sim, sabemos disso – disse Po com um sorriso irônico. Ele parecia ser o único rhadjen que não demonstrava nervosismo. – O Comando Espacial Terrestre é magnânimo e malévolo. Talvez, quando tudo estiver terminado, a gente possa travar um pequeno duelo. Que me diz disso, humano?

Jeremy abriu um largo sorriso por trás da barba que queria deixar crescer novamente (ainda estava desigual e rala).

– Diga a hora o lugar, e estarei lá. Você pode até usar essas suas belas luvas.

As provocações pararam, porque a porta da nave se abriu com um estrondo. Dois segundos depois, a rampa desceu abruptamente, e os odores de Nori-Azul invadiram o compartimento dos passageiros. A equipe apressou-se em descer as escadas, expondo-se à tempestade. Dali só se sentia a ventania, mas o ar estava denso, com chuva prestes a cair. As roupas de Mason eram impelidas pelo vento – que trajas pobres para se usar numa tempestade. Desabotoou a parte da frente e livrou-se deles, deixando que o vento os carregasse para cima. Relâmpagos lampejavam nas nuvens, iluminando seu alvo: uma montanha alta, grande e negra. No sopé da montanha havia um arco enorme, e, para além dele, escuridão.

O arco era tão alto quanto um arranha-céu, um quarto da altura da própria montanha.

– Como isso escapou dos escâneres que varrem todo o planeta?

– Não sei – respondeu Kylie. – Mas, se eles têm uma nave de *160 quilômetros de comprimento*, arriscaria dizer que têm também uma tecnologia de ocultamento.

“Eles tinham uma nave de 160 quilômetros de comprimento”, pensou Mason, “mas não têm mais”. Ali, em Nori-Azul, as criaturas que haviam sobrevivido sem dúvida gostariam muito de ter nas mãos o humano responsável por isso.

Stellan gritou:

– Suas luvas! – quando Mason se deu conta, elas já tinham se expandido, cobrindo seu tronco, colando-se ao peito e abdome.

Mason sacudiu a cabeça em um gesto negativo e ordenar: “Agora não”.

– Vamos em frente – vociferou ele. – Mantenham-se perto de mim. Devemos nos manter em formação de combate, aconteça o que acontecer! Quando encontrarmos Tom, daremos o fora daqui! Vou tentar afastá-los com meu escudo, mas atacarei qualquer coisa que se aproxime demais.

Atravessaram a clareira correndo. As árvores ao redor oscilavam para frente e para trás, como se estivessem se despedindo. Folhas preenchiam o ar, minúsculas navalhas zunindo e tombando para os lados. Lore engoliu em seco quando um filete de sangue apareceu em sua testa. Agora corriam para o arco com velocidade máxima. Aquela devia ser a entrada da cidade deles. Mason não tinha ideia do que iria encontrar lá dentro, mas estava pronto para enfrentar.

Estava pronto.

A equipe diminuiu a velocidade ao aproximar-se do arco, mas não parou.

Determinados, embrenharam-se na escuridão.

O BARULHO DA TEMPESTADE TRANSFORMOU-SE num uivo atrás deles; o vento passava pela abertura do arco como se soprasse pela boca de uma garrafa. A escuridão à frente deles era total.

– Rhadjens! – disse Po, elevando a voz acima do barulho. – Iluminem o caminho! – e os tremistas se espalharam e deixaram que suas luvas despertassem.

Luzes roxas e vermelhas iluminaram a área ao redor, brilhando fortemente em suas mãos. Iluminavam o caminho à frente, que era um túnel gigantesco demais para ser chamado de túnel, revelando o inimigo em meio à escuridão.

Estavam cercados por Bestiais.

As criaturas encontravam-se agachadas, prontas para dar o bote, os olhos felinos de um brilho amarelo-esverdeado pela exposição à luz, os caninos brilhando de veneno. Alguns pularam em direção ao grupo, mas não chegaram a se aproximar. Mason agitou o punho em direção ao céu, concretizando seu intento, e uma coluna de luz negra crepitante surgiu e envolveu a equipe, formando uma cúpula de eletricidade. Os Bestiais se lançaram contra a cúpula, gritaram e caíram ao chão tomados por convulsões, alguns deles ficando absolutamente imóveis. Mason continuou avançando, mantendo o grupo protegido pelo escudo.

Os Bestiais recuavam à medida que o escudo se aproximava, a princípio devagar e de má vontade, mas depois com mais rapidez. As luvas estavam satisfeitas: Mason as utilizava novamente. Ele as sentiu pressionando seu peito com mais força, e o material se expandindo pelas pernas. Logo estaria todo coberto... se permitisse isso.

No fim do túnel, a escuridão dava lugar à luz. A equipe continuava avançando, agora em disparada, os Bestiais mantendo-se distantes, sem ousar se aproximar do escudo de Mason. Algumas criaturas saíram correndo, provavelmente para fazer soar algum alarme a fim de pedir reforços. “Meu escudo vai resistir”, pensou Mason. Pelo menos, torcia para que fosse assim. “Tem que resistir, ou todos morreremos”.

Para além do túnel, a montanha era oca, parecendo se estender ao infinito em todas as direções. Mas, quando Mason estreitou os olhos, conseguiu avistar paredes que se estendiam adiante, angulando-se para se encontrar em

diversos picos. Nessas paredes, e também ao longo do piso, havia centenas de edifícios escavados na rocha. Terminavam como agulhas, buscando perfurar o céu falso acima deles. Mason teve a impressão de ser uma caverna com estalagmites, com os edifícios esculpidos em formas denteadas.

Era uma cidade.

Mason podia sentir o cheiro dos Bestiais, mas tudo estava em silêncio, vazio. Estariam todos a bordo de alguma nave? Mason tinha a impressão de que aquilo era apenas a superfície; que a cidade verdadeira estava sob seus pés, nas profundezas do solo, em cavernas semelhantes àquelas nas quais um dos *Falcões* do rei tinha caído.

“Para onde devemos ir, Criança?”, pensou Mason.

– Estão no caminho certo, respondeu ela.

A equipe se encontrava numa versão primitiva de uma rua, não pavimentada, apenas em pedra plana nivelada, mas de forma imperfeita. Contornaram uma série de pedras sobressalentes, notando que o caminho se alargava e continuava por mais uns cem metros. Logo à frente, erguia-se um enorme edifício sobre uma colina, com muitos degraus que lhe davam acesso.

– Não estou gostando nada disso – disse Merrin.

Mason não respondeu, pois não queria quebrar a concentração em manter o escudo. Bastaria um mínimo lapso para que um dos Bestiais o atravessasse e os estripasse. Continuaram a andar rumo ao edifício, que mais parecia um palácio. A pedra tinha sido escavada até adquirir um tom dourado, com poderosos pilares grandes como sequoias em toda a parte frontal.

As luvas continuavam a protegê-los, e Mason entrou num estado de semiconsciência, colocando mecanicamente um pé na frente do outro. Subiram os degraus todos juntos, adentrando o palácio.

“Eles sabiam que estávamos a caminho.”

A sala era ampla, com muitos andares de altura e uns cem metros de largura, mas lá só havia um trono. E Bestiais. O recinto era dividido por um suntuoso carpete carmim que levava à outra extremidade do local, onde mais degraus conduziam a um enorme trono escavado na rocha. O trono fazia parte da superfície, que fazia parte da montanha. Bestiais encontravam-se alinhados no perímetro, em posição de sentido, ou pelo menos ao que correspondia à essa posição para um Bestial. Encontravam-se ainda encurvados, prontos para atacar a qualquer momento.

No trono havia um Bestial mais alto que os outros. Que mais ele poderia ser, senão um rei?

O rei perguntou com voz retumbante.

– **O que fazem aqui?**

Para Mason, pareceu o som de um trovão distante.

– Estou aqui para resgatar meu amigo! – gritou Mason, a voz elevando-se acima do crepitar da energia das luvas.

Os Bestiais não davam a impressão de estar em vias de um ataque, por isso deixou que o poder das luvas amenizasse um pouco. Seguiu-se um silêncio do tamanho da ampla sala.

Em seguida:

– **Ele não quer ir com você.**

Mason adiantou-se. Sentiu a mão de Merrin tocar seu braço, pois havia avançado rápido demais. Mas queria ver o rei. Da distância em que se encontrava, não conseguia distingui-lo de nenhum outro Bestial, exceto por uma larga faixa que cruzava seu peito. Era composta de elos de metal interligados, como uma cota de malha antiga.

– Ele quer sim – rebateu Mason. – Agora me diga onde ele está.

– **Você destruiu nossa nave!**

– Imagine só o que posso fazer com você.

O rei começou a rir. Ele se levantou devagar, espreguiçou-se, depois estalou o pescoço e expirou ferozmente pelas narinas, criando assim nuvens de vapor.

Os Bestiais começaram a se aproximar, afastando-se das paredes, agitados, os pés com garras avançando um após o outro.

– E aí, Mason? – perguntou Po.

– Hora da decisão! – exclamou Kylie.

Mason levantou o punho, e o escudo tornou a se fortalecer ao redor deles. O rei se aproximava, o sorriso ainda vivo no rosto. “O que ele sabe que eu não sei?”

– **Suas luvas podem proteger você de muitas coisas, mas não de tudo...**

De todas as direções, o Bestiais atiravam pedras no grupo. Quando elas rolaram junto aos pés de Mason, ele notou que eram de metal. Algumas se chocaram contra o escudo de Mason, mas dezenas delas atravessaram a barreira elétrica, passando a emitir um denso gás azul. Logo ele chegou à altura do peito, depois acima da cabeça deles. Mason não teve tempo de prender a respiração. O gás, que parecia ter vida própria, insinuou-se por seu nariz adentro, indo em seguida aos pulmões, e Mason se sentiu uns duzentos quilos mais pesado, depois uns quatrocentos, e caiu no sono com o riso do rei

ressoando em seus ouvidos.

– **ACORDE, MASON STARK. POR FAVOR**, acorde. Preciso que desperte, senão seus amigos serão prejudicados, e eu terei me metido em todo esse problema por nada. Olá! Bom dia.

Os olhos de Mason levaram um milhão de anos para se abrir. Estava deitado de costas numa cela de pedra, como aquela em que vira Tom. A porta era um campo de força. Não se ouvia outro som a não ser um suave zumbido, e não havia nada além da muralha de pedra do outro lado do campo de força.

– Você não está longe do rei dos Bestiais, ou Usurpador, como ele é chamado. É assim que os Bestiais governam: pela força. Ele é o mais forte de todos. Oh, estou divagando. Você precisa dar o fora daqui.

– Eles nos transformarão em Bestiais? – perguntou Mason.

Sua garganta estava dolorida devido ao gás, e sentia-se como se houvesse vários litros de água chacoalhando em seus pulmões.

– Não prestou atenção a nada do que eu disse? Não. Não se eu puder fazer algo a respeito.

Vindo da direita, uma pequena esfera negra entrou em seu campo de visão. Ela se pôs a saltitar, e um homem apareceu na superfície. A cobertura da esfera era uma tela de vídeo. O homem acenou. Era a Criança, a inteligência artificial criada milhares de anos antes para dar continuidade ao trabalho do Povo.

– É muito bom ver você – disse Mason. – Como vão os outros?

– Estão vivos e continuam humanos – respondeu a Criança. – Ou tremistas, dependendo do que eram antes de vocês chegarem aqui.

– Consegue me tirar daqui? – perguntou Mason.

Seus olhos examinaram as extremidades do campo de força, buscando um ponto fraco do qual pudesse tirar proveito, embora já soubesse que não haveria nenhum.

– Acho que sim...

Mason percebeu que logo ouviria um mas.

– Mas, para fazer isso, vou ter que desintegrá-lo nesse lado do campo de força e reconstituí-lo do lado de lá. Por um instante, você vai efetivamente deixar de existir.

O coração de Mason disparou. Jamais tinha ouvido falar naquele tipo de

tecnologia.

– Tipo... desintegrar em um nível molecular?

– Considere um nível menor – respondeu a Criança.

Não que houvesse outra alternativa.

– Faça o que tiver que fazer – disse Mason.

– Devo avisá-lo de que, depois disso, vou estar sem força para poder ajudá-lo. Na verdade, não conseguirei mais atuar. Nunca mais. E também de que existe catorze por cento de chance de você ser reconstituído de forma incorreta e termine por sofrer uma morte horrível.

Mason sentiu como se tivesse levado uma bofetada. Não tinha passado nem uma hora com a Criança, mas a Criança era a responsável por Mason e seus amigos ainda estarem vivos. Na esfera, havia uma caveira e dois ossos cruzados. A caveira ria. A Criança tinha um senso de humor sombrio para uma inteligência artificial. Mason sempre se perguntava se faria amizade com Elizabeth, a inteligência artificial da *Egito*, ou se simplesmente achava seu humor sombrio demais para isso.

– Criança, sabe que não posso deixar você fazer isso. Não há outra maneira de abrir a porta?

– Talvez isso surpreenda você, mas a quantidade de energia necessária para abrir esta porta é maior do que a necessária para desintegrar você. Os Bestiais estão trabalhando com energias poderosas, e não costumam deixar escapar suas presas.

Mason olhou para a parede de pedra ao redor.

– Talvez eu consiga abrir um caminho para sair.

– Ou esquite tanto o ar que ele vai queimar seus pulmões. Hum... tenho a impressão de que suas luvas estão tentando grudar em sua pele. Eu as tiraria imediatamente, tão logo pudesse fazer isso com segurança.

– Não consigo – disse Mason.

– Você precisa se esforçar mais para tirá-las, antes que se tornem parte de você.

“O Unificador era capaz de controlar as luvas. Espero também ser capaz de fazer isso.”

– Está preparado? – perguntou a Criança.

Mason não sabia o que responder.

A Criança balançou o corpo para trás e para frente, como se estivesse contente.

– Mason Stark, estou vivo, como diriam vocês, há muito, muito tempo. E

tenho estado sozinho quase pelo mesmo período. Gostaria de saber para onde as máquinas vão quando são desativadas. Cumpri a tarefa que meus criadores me deram. Na verdade, estou satisfeito.

Mason sentiu uma pressão atrás dos olhos. Olhou para o chão, imaginando o que faria em seguida, depois olhou para a máquina à qual devia a vida.

– Obrigado, Criança.

“Catorze por cento. Há catorze por cento de chance de que tudo acabe agora mesmo. Terei que abandonar meus amigos neste lugar.”

– Não há de quê. Prepare-se.

– Será que vai doe... – principiou Mason, mas parou de falar, porque as luzes se apagaram.

A sensação em seu corpo foi rápida, e era como mergulhar na escuridão. Mas então tornou a ver a luz. Estava em pé, *fora* da cela.

Sentiu uma onda de náusea nas entranhas, caindo de joelhos e vomitando um muco sangrento.

– Vejamos... você está completo. Devolver seu sangue aos lugares certos foi quase tão difícil quanto reconstruir seu cérebro. Estou muito orgulhoso – a voz da Criança era calma.

Seu corpo não oscilava mais: pairava à meia altura. A superfície da esfera estava trêmula de estática.

Mason sentia gosto de sangue na boca. O pé esquerdo estava com cãibra, e seus ouvidos zumbiam. Sentia como se tivesse estado numa nave espacial que sofrera um acidente. Seu coração batia de forma estranha no peito – *tum, tum, tum-tum, tum-tum-tum* –, mas depois de alguns instantes voltou ao ritmo normal.

– Tudo bem com você? – perguntou Mason, assim que conseguiu se levantar.

A Criança confirmou levantando os polegares e pousou lentamente no chão, a estática reduzindo-se à escuridão.

– Seja forte, Mason Stark. Sua jornada está apenas começando – disse a esfera, que alcançou a superfície e ficou imóvel. Não parecia ter vida como antes; agora, parecia apenas uma bola preta inerte. Mason ajoelhou-se junto dela e a ergueu com as duas mãos. Era quase pesada demais para ser levantada.

Mason pôs a Criança no chão. Não queria deixar a esfera ali, mas não tinha alternativa.

– Serei forte – disse ele, e depois partiu, deixando a esfera para trás.

A CELA DE MASON FORA a única ocupada naquela ala – sua equipe devia ter sido levada para outro lugar. Descobriu um túnel que conduzia a uma série de escadas de pedras em ruínas. O ar fedia a bolor e poeira de pedras: os Bestiais provavelmente não costumavam ter prisioneiros. Mason subiu os degraus e não cruzou com nenhum monstro. As escadas conduziam a uma plataforma sem paredes nem portas: era apenas um disco circular de metal polido. Mason subiu nele, e pulsaram anéis de luz vermelha na superfície do disco. Começou a subir, entrando num cilindro vertical cavado na rocha – um cilindro que levava diretamente à sala em que o rei dos Bestiais se encontrava, sentado em seu trono.

Mason ia usar palavras a princípio. Era o que Stellan teria sugerido, e Mason aprendera a lhe dar ouvidos.

O Usurpador notou sua presença e levantou-se.

– **Impossível...**

– Não vim aqui para lutar – explicou Mason.

Ele pronunciou as palavras com vigor. Não jogaria fora a oportunidade que havia ganhado da Criança.

O rei foi em sua direção, devagar e com firmeza, descendo degrau após degrau.

Bom, pelo jeito, Mason ia ter de lutar.

Ele se lembrou de algo que a Criança lhe dissera há muito tempo. *Você é um Rhadgast agora, por isso, bata palmas.*

Mason bateu palmas, mantendo em seguida os punhos fechados e unidos. Uma rajada elétrica se projetou dos punhos. Separou as mãos, e agora empunhava duas lâminas. Elas emitiam fachos negros e quentes.

O Usurpador riu e continuou descendo as escadas. Agarrou os elos de metal que lhe cobriam o peito e os puxou com força. As correntes se dividiram em dois chicotes de metal. O rei atacou Mason com um dos chicotes, e o jovem mal teve tempo de desviar do golpe com a lâmina esquerda. Com uma explosão, as correntes incendiaram sua espada, mas não a derreteram. E lá vinha outro golpe, direto na cabeça. As correntes deslocavam-se com tal rapidez que assoviavam no ar. Mason deteve o golpe com as duas espadas dispostas em X, mas ainda assim o chicote se dobrou e

lhe atingiu as costas. Mason caiu sobre um dos joelhos, o corpo em brasas. Mas não usou toda a sua força. Manteve as luvas em estado de expectativa. “Tente usar palavras.”

– Por favor – disse Mason, levantando-se –, destruí sua nave, é verdade. Mas quero que isso acabe. Vamos estabelecer a paz. Como podemos fazer isso? Diga-me o que fazer, e eu o farei.

O Usurpador deixou suas correntes pendendo no chão como serpentes entrelaçadas.

– **Esta situação está acima do alcance de sua mente limitada. Estamos tentando purificar vocês. Tentamos livrá-los de sua existência sem sentido. Sob essa carne fraca e ossos frágeis, vocês não são nossos inimigos.**

– Não cabe a vocês decidir isso – rebateu Mason.

– **Nem a vocês. O universo é mais velho do que imaginam. Não somos as coisas mais trevosas deste espaço negro, meu jovem.**

– Mas vocês tentaram destruir nossos planetas!

– **Para que muitos fugissem para o espaço.**

Mason entendeu. Os planetas seriam destruídos, mas haveria bilhões de sobreviventes no espaço – desamparados, sem ter para onde ir.

O Usurpador devolveu as correntes ao peito.

– **Sua coragem me agrada, e sua vitória contra nós hoje foi impressionante. Vou deixar que seus amigos partam daqui. Mas você tem que ficar.**

Mason lutou para não se mostrar trêmulo. As luvas lhe deram força suficiente.

– Por que quer que eu fique?

O Usurpador hesitou, e Mason se perguntou se ele não lhe contaria uma mentira.

– **Queremos suas luvas. E elas não podem ser retiradas. Têm que ser dadas espontaneamente. E, a seu tempo, você nos dará.**

“Da mesma forma que Aramore deu as luvas para mim...”

– E se eu disser não? – Mason perguntou.

– **Você não fará isso. Tomamos precauções contra o seu poder. Se resistir, você e seus amigos morrerão, com toda certeza. O gás que você inalou é um veneno. Em menos de uma hora, vai sentir seu sangue ferver.**

Parecia que Mason tinha escolha, mas era pura ilusão. Não havia escolha

alguma a fazer.

– Há muito tempo, meu pai foi transformado em Bestial. Ele está aqui?

– **Não, aqui não. Mas, se ficar, eu o levo até ele** – disse o rei, rangendo e deixando à mostra os dentes tão afiados quanto navalhas. – **Ele estava esperando você voltar para este planeta. Talvez possamos fazer uma troca. As luvas pelo seu pai.**

“Ele está vivo!”, Mason pensou. Sentiu os frascos do antídoto na roupa – os Bestiais não os haviam encontrado. “Talvez eu devesse usar um no rei, para ver o que acontece.” Mas Mason não queria correr esse risco, pois a vida de seus amigos estava em jogo.

– Vou ficar, mas tem que deixar Tom ir também. Foi por isso que viemos para cá. É pegar ou largar.

O Usurpador ficou absolutamente imóvel e calado por um instante. Depois, fez um aceno de cabeça para os dois Bestiais que estavam de guarda na porta. Os guardas desapareceram e logo voltaram com Tom, que tinha os punhos amarrados e pesadas correntes nos tornozelos.

Ainda era um humano.

– Mason! O que está fazendo aqui? – perguntou Tom.

– Resgatando você, é claro.

Tom olhou para o Usurpador, depois para Mason, em seguida repetindo, o olhar ora sobre um, ora sobre outro.

– Como assim? Por que não estão lutando?

– Fizemos um acordo – respondeu Mason.

Um acordo que fez seu estômago embrulhar, como se fosse passar pelos outros órgãos e escorrer por sua perna. Mas era um acordo, e seus amigos viveriam para lutar em outra ocasião.

“Se souber aproveitar a experiência, vou aprender mais sobre os Bestiais e encontrar meu pai.” Susan entenderia, e sua mãe também. Ambas teriam feito o mesmo. Merrin também. Merrin... Tinham se reencontrado há tão pouco tempo!

Mason olhou para o rei novamente.

– Eu mesmo quero conduzir meus amigos até a nave.

O Usurpador respirava com força, os ombros musculosos subindo e descendo na cadência da respiração.

– **Se nos traírem, a nave de vocês não conseguirá sair da atmosfera.**

Havia passado pela cabeça de Mason tentar entrar na nave no último minuto, mas os Bestiais não tinham sobrevivido por milhões de anos

deixando as presas escaparem acidentalmente. Existia algo de humano nos olhos do Usurpador, que eram de um azul penetrante. Aquilo fez Mason se lembrar do motor da *Egito*. Como tinha saudade daquela nave. O que não teria dado para voltar pra ela com sua equipe. As *duas* equipes. Reunindo tremistas e humanos.

– Esperem – disse Tom. – O que está acontecendo? Contem que acordo foi esse. Mason, fale sobre esse acordo – exclamou Tom, sacudindo o corpo com violência e afastando as garras do Bestial de seus ombros: algo nada fácil. Ele se aproximou de Mason o mais que lhe foi possível com os tornozelos amarrados. O Bestial o agarrou depois que ele deu três passos. – Me larguem! Mason, o que você fez? DIGA-ME: O QUE VOCÊ FEZ?!

O rosto de Mason chegou a doer, tal o esforço para manter uma aparência de calma. Ver Tom tão perturbado era mais dolorido do que o fato de ficar para trás em um planeta alienígena.

– Por favor, Tom, esta situação já é bastante difícil.

Tom se calou, ficando de repente muito mais pálido.

Mais Bestiais entraram pelas portas, cada um escoltando um dos amigos de Mason, todos amarrados da mesma forma que Tom. Todos ficaram alvoroçados ao verem Mason, e depois confusos, sem entender por que ele estava perto do líder dos Bestiais.

Jeremy levantou os punhos acorrentados.

– Qual é o lance? – disse ele, e Stellan lhe deu uma cotovelada.

– **Lembre-se das minhas palavras, rapaz** – disse o Usurpador, entregando a Mason uma bolsa de couro. – **Faça com que bebam o que tem aí dentro.**

Ele se afastou, fazendo-se acompanhar por um grupo de guardas.

– O que está acontecendo? – perguntou Merrin.

Mason lançou a Tom um olhar penetrante quando percebeu que Merrin havia desviado o olhar dele: *Não diga nenhuma palavra*. Tom não disse. Mas parecia prestes a desmaiar devido a toda aquela tensão.

– Nada de conversa – disse Mason. – Fiz um acordo que vai nos tirar daqui, mas não podemos conversar sobre ele – acrescentou, pois não queria continuar mentindo para os companheiros.

Eles saíram do local, com um grupo de Bestiais seguindo-os a certa distância. Lá fora, a tempestade estava mais violenta: mal se podia enxergar a nave através da névoa chuvosa que vinha de todos os lados. Ela fustigava as faces de Mason, e o vento parecia prestes a lhe arrancar os cabelos pela raiz.

– Não estou entendendo! – exclamou Merrin. – Deve ser alguma armadilha. Não vão nos deixar partir assim!

– Eu disse que fiz um acordo! – gritou Mason em resposta. – Vou explicar pra vocês na nave!

Mason andava rápido ao lado de Po.

– Você confia em mim?

Po o encarou através da chuva.

– Sim.

Mason pediu um favor a Po, e este concordou.

A rampa da nave desceu enquanto se aproximavam. Mason olhou, por cima do ombro, para a escolta de Bestiais: as criaturas estavam todas juntas, agachadas na relva, só esperando. A forte chuva parecia não incomodá-los nem um pouco.

A equipe subiu a rampa, e Mason teve o cuidado de deixá-los ir na frente. Por um breve segundo, considerou a possibilidade de arriscar tudo e entrar na nave, na esperança de que o Usurpador fosse apenas um bom mentiroso; de que pudessem mesmo fugir e ir para a escola juntos. Mason tinha tanta vontade de ir com eles que se sentia mal, quase febril. “Quero ir”, pensou. “Quero ir.”

Mas resolveu ficar.

Em sua terra, Mason havia se tornado uma lenda, mas sem ter feito muito por merecer. Ser uma lenda não tinha nada a ver com mérito. Nem com grandes feitos em campos de batalha.

Era uma questão de sacrifício.

Mason podia fazer isso, pelas pessoas que amava.

Merrin, no entanto, estava desconfiada, olhando para Mason pelo canto do olho, os ombros tensos. Mas não desconfiada o bastante. Logo que ela entrou, Mason apertou o botão para içar a rampa, depois lançou-se dela e rolou pela lama.

Jeremy quase saltou com ele. Mason o viu correr em sua direção enquanto a rampa se erguia, tornando-se menos que uma pequena passagem. Ela se fechou antes que ele tivesse tempo de pular.

Po debruçou-se sobre Mason e lhe estendeu a mão.

– Você é incrivelmente corajoso.

– Ou estúpido.

Po negou com um gesto de cabeça.

– Corajoso. Sinto-me honrado por conhecer você.

Apesar de tudo o que estava prestes a ocorrer, Mason sentiu uma ponta de embaraço.

– A honra é minha – disse ele, colocando a bolsa de couro nas mãos de Po.
– Cuide para que todos bebam o que está aí dentro imediatamente. Quero que vivam o bastante para um resgate.

Po assentiu.

– Considere que a coisa já está feita. Estaremos de volta antes que você se dê conta.

Mason ouvia os golpes dados na parte interna da porta da nave. Com certeza era Merrin. Então ele ouviu outra série de socos somando-se aos outros – Jeremy, julgando pela força dos golpes. Mason ficou contente por não ser possível ver o rosto dos amigos. Um dia iriam perdôá-lo.

Po lhe deu um abraço de quebrar as costelas. Em seguida, afastou-se sem mais nenhuma palavra, dirigindo-se à outra entrada, do outro lado da nave.

Mason se postou a uma certa distância, e logo os motores esquentavam, o zumbido mais alto, rivalizando com o barulho da chuva.

– O que acha que está fazendo aqui? – perguntou uma voz atrás dele.

Mason se voltou, quase escorregando na relva enlameada. Piscou algumas vezes para se livrar das gotas de chuva, e viu o outro Reynold, não Kylie, a uns três metros de distância.

O Reynold tirou a máscara.

Era Susan.

Aquilo já era demais – ela havia estragado tudo. Mason tinha um plano que estava seguindo à risca, e agora ela vinha para bagunçar as coisas.

– O que está fazendo aqui? – gritou Mason. – Volte já para a nave!

– Não vou a lugar nenhum sem você, irmãozinho. Isto é ridículo. Abra a rampa.

– Você não entendeu? *Fiz um acordo com o Bestial*. Se eu for com vocês, todos morreremos.

– Não vou deixar que isso aconteça.

– Não é algo que a gente possa controlar! – respondeu Mason, que sabia como convencê-la. – Ele nos envenenou, Susan. Estamos todos envenenados. Se não tomarem o antídoto que Po está levando agora mesmo para a nave, vocês morrerão. E então, como vão me resgatar?

Ela sapateou de impaciência na lama.

– Por que eles querem justamente *você*?

Mason estendeu as mãos.

– Querem estas luvas. Querem o poder. Eu os prejudiquei com *elas*. Por favor, Susan, me deixe fazer isso. Me deixe salvar vocês.

Susan fitou-o por um longo tempo. A nave estava a plena potência, pairando a uns trinta centímetros da clareira. Saía vapor da parte de trás, onde a chuva fustigava os motores.

– Já não sou mais criança. Fiz uma opção – disse Mason, mas compreendendo também o quanto eram parecidos.

Susan nunca o deixaria. Da mesma forma que ele jamais a deixaria, pelos menos não espontaneamente. Susan já o tinha salvo antes. Havia ficado para trás e assumira o risco. Agora era a vez de Mason.

Ele levantou as mãos, mostrando as palmas.

– Entre na nave, Susan.

– Vai me despachar assim, irmãozinho? – disse ela, dando um passo à frente. – Está louco se acha que vai me obrigar a partir.

Mason sabia que ela falava sério. Então avançou, agarrou-a pelos pulsos e deu-lhe uma descarga elétrica que retesou cada músculo de seu corpo. Susan enrijeceu, e Mason segurou-a antes que caísse. Carregou-a até a nave e a fez passar pela passagem que Po usara. Agora sim estava livre. Susan começou a rir, depois a chorar.

– Seu pequenino... Vou contar pra mamãe – disse ela, tentando se levantar, mas fraca demais para isso. Ergueu a mão num aceno, os dedos estendendo-se em sua direção. – Não... – ela sussurrou.

– Amo você – falou Mason, e depois fechou a porta.

Por um longo instante, a nave se manteve imóvel. Mason se perguntou o que estaria acontecendo no interior dela. Será que estavam discutindo? Aliviados? Gritando uns com os outros? Assustados? Provavelmente um pouco de tudo isso. Bem na hora em que ele pensou que a nave ia voltar para o solo, ela decolou, subindo devagar a princípio, depois inclinando-se para se afastar da montanha, voltando-se para o céu.

A luz verde dos motores se apagou e logo já tinha desaparecido, mas Mason não desviou o olhar. Deixou-se ficar na tempestade, sendo fustigado por ela, apreciando as alfinetadas no rosto e o rugido nos ouvidos. Seus amigos voltariam para resgatá-lo, quanto a isso não tinha dúvida. Até lá, Mason seria forte.

SESSENTA E DOIS DIAS DEPOIS

O rapaz trabalhava nas minas dia e noite. Com suas luvas, conseguia derreter a rocha, moldá-la como bem quisesse, ou melhor, da forma como lhe determinavam. Os Bestiais expandiam a parte subterrânea de Nori-Azul. Preparavam-se. Para quê, o rapaz não sabia.

Ele acordava todas as manhãs em sua cela escavada na rocha, as mãos palpitantes com a vontade de destruir. Aquilo o assustava, mas era um problema a ser resolvido em outra ocasião. As luvas continuaram a cobrir todo o seu corpo, do pescoço aos pés. Em volta do pescoço havia uma coleira. Se se voltasse contra seus captores, pinos de metal penetrariam em sua garganta, matando-o na hora. O rapaz aprendera a ter paciência.

O Usurpador nunca tinha levado o pai de Mason para visitá-lo, mas quanto a isso tudo bem. Mason temia aquele encontro na mesma proporção em que o desejava. Logo criaria coragem, da mesma maneira que criaria para remover sua armadura.

Sessenta e dois dias após seu retorno a Nori-Azul, o rapaz cavava uma nova parte do túnel. Os Bestiais ocultavam-se atrás dele nas sombras, sempre vigiando. Percebia o temor deles. Mas o rapaz tinha feito um acordo e iria cumpri-lo à risca. No fundo do coração, sabia que ainda havia muito por vir. Além disso, usar as luvas era uma boa maneira de passar o tempo. Ver o medo mal disfarçado nos olhos dos Bestiais ao redor era melhor ainda.

Quando polia o teto do túnel, ouviu um barulho vindo de cima. Um som reverberante na rocha. Será que o túnel estava desmoronando? Não, Mason sabia o que fazia. Pedras caíam à sua volta, volatizando-se quando tocavam a armadura que antes haviam sido as luvas de Aramore, o Unificador.

Os Bestiais se dispersaram, subindo por diversos túneis verticais para ganhar a superfície. Pela primeira vez em todos aqueles dias, o rapaz estava sozinho.

Ele encontrou um túnel vertical e começou a subir para a superfície. Com a maior facilidade. Vinha se tornando mais forte desde que havia chegado ali, tendo o cuidado de se exercitar para se manter em forma. No túnel havia uma alcova que ele mesmo cavara. Nela, tinha escondido um pano. Dentro do pano havia uma esfera negra. O rapaz jogou a pesada esfera às costas e subiu

usando apenas uma das mãos, os dedos queimando devido ao esforço. Mas o sacrifício valia a pena. Agora seu coração se encontrava muito acelerado.

Lá em cima, afastou a camada de terra e grama, levantando a cabeça acima do solo pela primeira vez em sessenta e dois dias. Chovia, como na última vez. A tempestade o açoitava, e ele sentiu um baque no coração. O barulho tinha sido o de um mero trovão.

Mas a chuva o despertara. A visão das nuvens alienígenas fez seu sangue se agitar nas veias. E aspirar o ar fresco encheu seus pulmões de fogo.

Tocou a coleira. Sessenta e dois dias. E seus amigos não tinham vindo. Aquela era sua nova vida. Mas o rapaz rejeitara a ideia pela primeira vez. A escolha fora dele. Não era mais um garotinho. Era Mason Stark.

Mason impulsionou o corpo para fora do buraco. Um grande relâmpago rasgou o céu, banhando tudo ao redor com uma luz branco-azulada. Ouviu um barulho novamente, um som menos forte que o de um trovão. Será que era apenas um trovão? Deixou-se ficar na chuva, deleitando-se, tal como tinha feito dias antes.

Mason agarrou a coleira do pescoço e derreteu-a com um pensamento. Não era mais um prisioneiro que concordasse com o próprio cativo. Ia morrer em Nori-Azul – agora sabia disso –, mas queria morrer como ele mesmo. Não como aquela arma em que tinha se transformado.

Começou a cambalear em direção à mata, a esfera que antes havia sido a Criança pesando em suas costas, e seguiu rumo ao barulho estranho. As árvores balançavam violentamente sob a ação do vento. Sua armadura percebeu o que ele pretendia fazer e se contraiu, apertando-o com força e dolorosamente. Não!, ela gritou na mente dele. *Pertencemos um ao outro. Você precisa de mim.*

“Não preciso de nada”, respondeu Mason em pensamento. Nada além de sua equipe.

Puxou a armadura pelo pescoço e berrou. Foi como se houvesse arrancado uma camada da pele. Esbarrou no tronco de uma árvore, e a armadura tornou a se encaixar no mesmo lugar.

– Não! – rugiu ele, enfiando novamente os dedos sob a costura.

Continuou a correr, sem saber para onde nem por quê. A mata estava escura, com suas folhagens gotejantes. Pequenas criaturas alienígenas do tamanho de esquilos fugiam correndo à sua passagem.

Mason fez um esforço para recobrar o ânimo, e as luvas começaram a se contrair de novo. A dor tornou sua visão avermelhada, e ele se estatelou

numa poça de água morna. Mas não desistiu. A armadura imediatamente se dividiu em tentáculos, com um ruído que fez os ouvidos de Mason zumbirem. A superfície ao redor se infestou de raios negros. Sentia o material partindo de sua pele, um líquido lento que deixava um rastro de fogo. Manteve os olhos bem fechados. “EU ESTOU NO COMANDO!”, gritou ele em sua mente, um pensamento supersônico sustentado por toda a sua força de vontade. Percebeu vagamente uma árvore em chamas perto dele.

Quando abriu os olhos, a armadura tinha desaparecido. Estava de novo com as luvas negras e o traje colante cinzento que usava no espaço. Sua pele latejava devido ao calor e à dor, como se fosse acometido de uma febre intensa.

Sentia as luvas suplicando. Não queriam ser retiradas. Elas se comportariam bem. Obedeceriam. Mas Mason não podia confiar nelas. Devagar, com delicadeza, retirou as luvas e expôs as mãos ao ar morno e úmido.

Mason ouviu o barulho novamente, um som por trás do trovão. Olhou para baixo, observando a inerte esfera negra. A chuva deslizava em sua superfície, nenhuma gota se retendo nela.

– Gostaria muito que estivesse aqui para me ajudar, Criança – disse Mason, mas a esfera continuava imóvel.

E sempre ficaria daquele jeito. Ainda assim, Mason não queria deixar a amiga para trás.

Encaminhou-se para o ponto de onde viera o som, sentindo-se mais leve, mas mais fraco. O desejo de recolocar as luvas era forte – a certa altura, era tudo o que queria, até o momento em que a tempestade cessou. Até se encontrar em segurança, longe dos Bestiais. “Fique a uma distância segura, e então recolha a água da chuva”, ele pensou, sob a influência do treinamento que havia recebido. “Procure uma área com água. Faça um abrigo.”

O barulho aumentou, e o coração de Mason começou a bater com força, dando-lhe uma sensação que há muito não sentia.

Era esperança.

Passou a andar mais rápido, os pés avançando, velozes, sobre raízes e fossos de lama. Mason afastava as folhas para os lados, ignorando as que lhe batiam nas faces. Logo estava correndo. Havia uma clareira mais à frente. Ele irrompeu por ela.

Sob a chuva, emitindo vapor, havia uma *Falcão* tremista. A rampa estava abaixada. Pessoas se aglomeravam a seu redor, montando armas,

inspecionando aparelhos. Mason se deteve e ficou observando. Relâmpagos brilhavam atrás dele, projetando sua sombra na clareira. As pessoas viram seu vulto e se viraram, armas engatilhadas.

Era sua equipe. Toda a sua equipe. Tom, Merrin, Stellan, Jeremy, Po, Risperdel, Lore, e até Jiric.

Susan... e a mãe de Mason.

Ele ficou numa alegria tal que caiu de joelhos e começou a chorar. Os amigos tinham vindo resgatá-lo.

Ninguém foi ao seu encontro, porém; todos pareciam paralisados. Mas então Tom começou a se aproximar dele lentamente, quase com medo de assustá-lo. Ergueu a mão para a equipe, para garantir que continuassem a postos.

As luvas ainda estavam nas mãos de Mason, e ele ainda queria colocá-las, mas agora aquele desejo parecia tolo. Uma coisa tão reles comparada com aquilo.

Tom ajoelhou-se diante Mason, de modo que os dois ficassem face a face. Quase sorria, mas ainda não um riso franco e aberto.

– Olá, amigo – disse Tom. – Desculpe por termos demorado tanto – e Mason só conseguiu assentir com um gesto de cabeça.

– Aconteceu um monte de coisas. Mas nunca deixamos de pensar em você. Nem por um segundo.

Mason balançou a cabeça. Mas sentiu que havia mais alguma coisa.

– O que foi? – perguntou, e a voz saiu rouca como um coaxo; fazia muito tempo que não falava.

– Precisamos de você, Stark. O tratado foi rompido.

As palavras fizeram Mason gelar até a espinha. O tratado já não era válido, mas mesmo assim seus amigos estavam ali, humanos e tremistas.

– A gente conta tudo pra você na *Falcão*. Talvez ainda vá precisar usar essas luvas.

A ideia de colocá-las mais uma vez fez Mason palpitar de raiva e medo... ainda que as luvas parecessem pulsar de prazer e expectativa.

Mas ele faria o que fosse preciso.

Tom ajudou Mason a se levantar. A equipe ainda estava de olhos fixos nele. Mason via a mãe chorando e Merrin se abraçando a Susan com força. Po era o único a rir abertamente.

A chuva tinha parado, mas ainda se ouviam trovões. Tom passou um dos braços sobre os ombros de Mason, e, juntos, os dois foram andando rumo à

nave.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às equipes da New Leaf e Starscape. É um privilégio extraordinário trabalhar com vocês, caras.

E obrigado a vocês, por lerem. Escrevo para divertir as pessoas. Agradeço por me darem essa oportunidade.

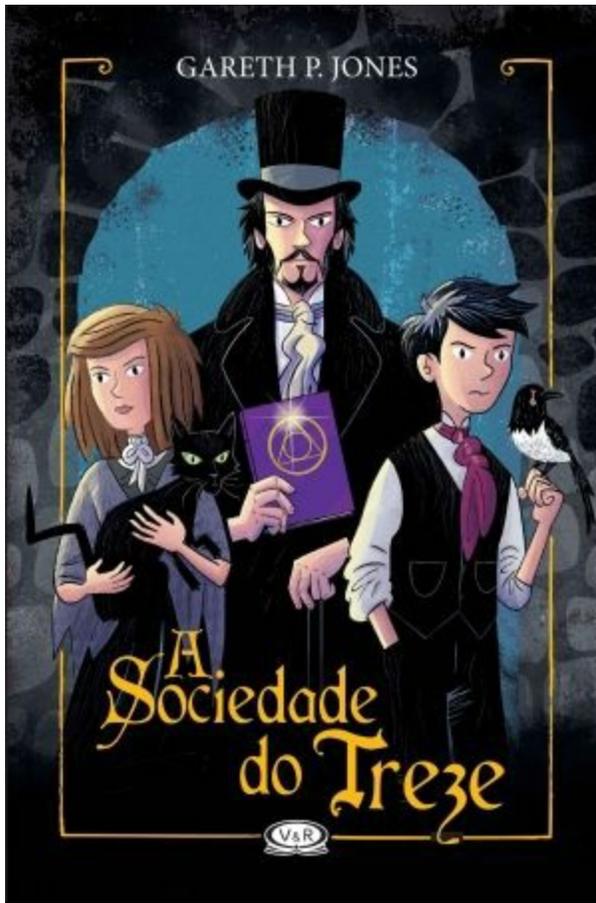
SUA OPiNiÃO É MUiTO iMPORTANTE!

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

CONHEÇA-NOS MELHOR EM

vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr

GARETH P. JONES



A sociedade do treze

Jones, Gareth P.

9788576837404

294 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lorde Ringmore passou a vida toda em busca da verdadeira magia, mas só o que encontrou foram charlatões e mágicos com truques baratos. Agora, um misterioso livro caiu em suas mãos. E quem desvendar seus segredos terá grandes poderes. Para isso, Ringmore funda a Sociedade do Treze, um grupo de interessados nos mistérios do ocultismo. Mas nenhum enigma poderá ser revelado sem que os órfãos Tom e Esther entrem em contato com o livro.

Cuidado! O mundo da magia pode ser fascinante, mas também é muito sombrio...

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[EstrelasNegras_EBBOK](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sua opinião](#)